

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIENCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO - FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DA INFORMAÇÃO – PPGINFO**

KHATERIM PESSOA FERREIRA

**NOVA BIBLIOTECONOMIA NO PENSAR E AGIR DE BIBLIOTECÁRIOS
ESCOLARES EM FLORIANÓPOLIS (SC)**

**FLORIANÓPOLIS
2024**

KHATERIM PESSOA FERREIRA

**NOVA BIBLIOTECONOMIA NO PENSAR E AGIR DE BIBLIOTECÁRIOS
ESCOLARES EM FLORIANÓPOLIS (SC)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestra em Gestão de Unidades de Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, do Centro de Ciências Humanas e da Educação – Faed, da Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Fioravante

FLORIANÓPOLIS

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da Biblioteca Universitária
Udesc, com os dados fornecidos pela autora**

Ferreira, Khaterim Pessoa
Nova Biblioteconomia no pensar e agir de bibliotecários
escolares em Florianópolis (SC) / Khaterim Pessoa
Ferreira. -- 2024.
216 p.

Orientadora: Eliane Fioravante
Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de
Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação,
Programa de Pós-Graduação Profissional em Gestão de
Unidades de Informação, Florianópolis, 2024.

1. Nova Biblioteconomia. 2. Biblioteca Escolar. 3.
Bibliotecário. 4. Discurso do Sujeito Coletivo. 5.
Representações Sociais. I. Fioravante, Eliane. II.
Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de
Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-
Graduação Profissional em Gestão de Unidades de Informação.
III. Título.

KHATERIM PESSOA FERREIRA

**NOVA BIBLIOTECONOMIA NO PENSAR E AGIR DE BIBLIOTECÁRIOS
ESCOLARES EM FLORIANÓPOLIS (SC)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestra em Gestão de Unidades de Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, do Centro de Ciências Humanas e da Educação – Faed, da Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Fioravante

BANCA EXAMINADORA

Dra. Eliane Fioravante
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membros:
Dr. Jorge Moisés Kroll do Prado
Universidade do Estado de Santa Catarina

Dra. Emanuelle Geórgia do Amaral Ferreira
Faculdade IPERMIG

Florianópolis, 17 de Outubro de 2024.

Dedico este trabalho a mim mesma, pois apesar de todos os obstáculos, nunca desisti da única coisa que ninguém pode me tirar: o conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Norbert Elias entende que o social é um "entrelaçamento incessante e irredutível de seres individuais". Essa frase ficou marcada em mim, pois já entendia que somos feitos de trocas com os outros. Quem somos, o que acreditamos e o que nos molda como indivíduos vem desses entrelaçamentos. Na minha vida, felizmente, tenho muitas pessoas que me moldaram e fazem parte deste momento até aqui.

Começo agradecendo à minha família, em especial aos meus avós Iara, Carlos e Ivonete; ao meu pai Luciano e à minha madrasta Carla, à minha tia Bruna e aos meus irmãos mais próximos Karoline, Anderson, Lucas e Eli. Sei que, mesmo que não compreendam minhas pesquisas, vocês me apoiam e me dão suporte da melhor forma que podem. Também agradeço aos meus sobrinhos tão amados, Gabriela, Pedro e Vitória, que ainda são pequenos demais para terem noção do quanto eu os amo.

Aos meus dois melhores amigos, Juliane e Leonardo, por tudo que só vocês sabem que fizeram por mim. A distância física não tira nem uma vírgula do quanto importante vocês dois são e agradeço imensamente por ter vocês comigo.

Aos meus amigos Lucas Mendes, Fernando, Camilla, Marina, Lucas "Mong", Arianne, Amanda, Thomas, Sabrina e Ignês, por estarem na minha vida de formas tão específicas e especiais. Amo vocês. Agradeço também as "bibliomigas" Kariane, Morena e Keitty, pelos conselhos tão preciosos nesta caminhada.

Agradeço à toda minha turma do mestrado, que me foi um bote salva vidas em meio ao caos. Menção honrosa a Juliana, minha dupla; e ao Diogo, Deborah, Giovanna, Milene, Michelle, Fabiana e Gabriel, o grupo revoltado menos revoltado que já tive. Não mudaria nenhuma das brincadeiras, reclamações e dúvidas que dividimos. Guardarei vocês comigo.

Agradeço ao professor José Cláudio, o qual chamo carinhosamente de "chefinho", que ao longo de 10 anos vem sendo muito mais que um professor, e sim como se fosse parte da minha família. Foi por seu incentivo que cheguei ao mestrado e seu apoio nesses anos foi e é essencial. *Lifelong Learning, baby.*

Agradeço, ao professor Jorge e a professora Emanuelle, que integram a minha banca, por serem minhas referências acadêmicas e profissionais, mas também por serem as pessoas que são. Também agradeço as professoras Keitty e Fernanda que são, para mim, iguais exemplos de profissionais, há anos.

Agradeço ao PPGInfo e seus professores que, em sua maioria, foram meus professores também na graduação, pelo carinho e acolhida nesse percurso.

Por último, mas não menos importante, agradeço à minha orientadora, professora Eliane Fioravante, por ter estado comigo durante esses dois anos e dois meses, resultando nesta pesquisa que me é tão encantadora.

"If you believe in nothing else, just keep believing in yourself. There will be times of trouble, It's gonna hurt like hell. This much I know, all ends well" (Alter Bridge)

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo investigar as ações e o que pensam bibliotecários escolares que atuam em Florianópolis, tanto na Rede Municipal de Ensino quanto na rede privada, a fim de identificar indícios no atuar e pensar desses profissionais alinhados aos princípios da Nova Biblioteconomia. Na fundamentação teórica e conceitual, se aborda conceitos do Construcionismo social de Berger e Luckmann; sobre relações sociais a partir de Elias; Biblioteconomia contemporânea; Nova Biblioteconomia e biblioteca escolar. A pesquisa se caracteriza como bibliográfica, exploratória, básica e qualitativa, tendo como apporte metodológico a Teoria das Representações Sociais de Moscovici. Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário e um roteiro de entrevista. Para análise e tratamento dos dados das entrevistas, adotou-se a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo, obtendo como resultados uma representação social de biblioteca escolar; sobre atuação do bibliotecário, desafios e desejos; a biblioteca como espaço de conversa; a importância da experiência; a falta de biblioteca escolar na formação em Biblioteconomia; entendimento sobre comunidade, e entendimento sobre Nova Biblioteconomia. A partir do discurso do sujeito coletivo “bibliotecários escolares situados em Florianópolis” sobre Nova Biblioteconomia, chegou-se à seguinte conclusão: não se pratica a Nova Biblioteconomia, mas se está no caminho para uma Biblioteconomia mais voltada ao social e à comunidade, com bibliotecários mais proativos e participantes. Por fim, tem-se como proposta de produto desta dissertação desenvolvida em programa de mestrado profissional uma formação, com o objetivo de apresentar a pesquisa e difundir os pressupostos da Nova Biblioteconomia aos bibliotecários participantes e não participantes da pesquisa, e demais interessados.

Palavras-chave: Nova Biblioteconomia; Biblioteca Escolar; Bibliotecário. Discurso do Sujeito Coletivo; Representações Sociais.

ABSTRACT

The research aims to investigate the actions and perceptions of school librarians working in Florianópolis, both in the Municipal Education Network and the private sector, in order to identify signs of alignment in their actions and thinking with the principles of New Librarianship. The theoretical and conceptual foundation discusses Berger and Luckmann's Social Constructionism, Elias's perspectives on social relations, contemporary Librarianship, New Librarianship, and school libraries. This study is characterized as bibliographic, exploratory, basic, and qualitative, with Moscovici's Theory of Social Representations serving as the methodological framework. Data collection involved a questionnaire and an interview guide. The Collective Subject Discourse technique was used for analyzing and processing the interview data, revealing social representations of the school library; the role of the librarian, their challenges and aspirations; the library as a space for dialogue; the importance of experience; the lack of school libraries in Librarianship training programs; perceptions of community, and understanding of New Librarianship. Based on the collective subject discourse of "school librarians in Florianópolis" regarding New Librarianship, the study concludes that while New Librarianship is not yet practiced, there is a movement towards a more socially and community-oriented librarianship, with librarians becoming more proactive and engaged. Finally, the proposed product of this dissertation developed in a professional master's program is training, with the objective of presenting the research and disseminating the assumptions of the New Librarianship to librarians participating and not participating in the research, and other interested parties.

Keywords: New Librarianship; School Library; Librarian; Collective Subject Discourse; Social Representations.

RESUMEN

La investigación tiene como objetivo investigar la sacciones y lo que piensan los bibliotecarios escolares que actúan en Florianópolis, tanto en la Red de Educación Municipal como en la red privada, con el fin de identificar signos en la sacciones y pensamientos de estos profesionales alineados con los principios de la Nueva Bibliotecología. En la fundamentación teórica y conceptual se abordan conceptos provenientes del construcciónismo social de Berger y Luckmann; sobre las relaciones sociales desde Elías e na delante; Biblioteconomía contemporánea; Nueva Bibliotecología y biblioteca escolar. La investigación se caracteriza por ser bibliográfica, exploratoria, básica y cualitativa, utilizando como soporte metodológico la Teoría de las Representaciones Sociales de Moscovici. Para la recolección de datos se utilizó un cuestionario y una guía de entrevista. Para el análisis y procesamiento de los datos de las entrevistas se adoptó la técnica del Discurso del Sujeto Colectivo, obteniendo como resultados una representación social de una biblioteca escolar; sobre el papel, los desafíos y los deseos del bibliotecario; la biblioteca como espacio de conversación; la importancia de la experiencia; la falta de una biblioteca escolar en la formación de Bibliotecología; comprensión sobre la comunidad y comprensión sobre la Nueva Bibliotecología. Del discurso del sujeto colectivo “bibliotecarios escolares ubicados en Florianópolis” sobre la Nueva Bibliotecología, se llegó a la siguiente conclusión: La Nueva Bibliotecología no se practica, pero estamos en el camino hacia una Bibliotecología más enfocada a lo social y a lo comunitario, con bibliotecarios más proactivos y participativos. Finalmente, el producto propuesto de esta tesis es desarrollada en un programa de maestría profesional es la capacitación, con el objetivo de presentar la investigación y difundir los supuestos de la Nueva Bibliotecología a los bibliotecarios participantes y no participantes de la investigación, y otras partes interesadas.

Palabras clave: Nueva Bibliotecología; Biblioteca Escolar; Bibliotecario; Discurso del Sujeto Colectivo; Representaciones Sociales.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AC	Ancoragens
BE	Biblioteca Escolar
CAAE	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação
CBBB	Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação
CEDEP	Centro de Estudos de Dewey e Pragmatismo
CEP	Comitê de Ética em Pesquisas
CEP/UDESC	Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos da Universidade do Estado de Santa Catarina
CFB	Conselho Federal de Biblioteconomia
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CONEP	Comitê Nacional de Ética em Pesquisa
CRB	Conselho Regional de Biblioteconomia
DBI	Departamento de Biblioteconomia
DSC	Discurso do Sujeito Coletivo
E-Ch	Expressões-chave
FEBAB	Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições
GAEBE	Gerência de Avaliação e Estatísticas Educacionais
IAD	Instrumento de Análise de Discurso
IC	Ideias Centrais
NB	Nova Biblioteconomia
PPGInfo	Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação
RMEF	Rede Municipal de Ensino de Florianópolis
SNBE	Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TDIC	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação
TRS	Teoria das Representações Sociais
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	PROBLEMA DE PESQUISA	16
1.2	OBJETIVOS	16
1.3	JUSTIFICATIVA	17
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E CONCEITUAL	24
2.1	CONSTRUCIONISMO SOCIAL.....	24
2.1.1	Realidade, conhecimento e mundo da vida	25
2.1.2	Esquemas tipificadores na interação social	27
2.1.3	Interiorização, socialização e exteriorização	28
2.2	SOCIEDADE: UM ENTRELAÇAR INCESSANTE E IRREDUTÍVEL DE SERES INDIVIDUAIS	30
2.4	BIBLIOTECONOMIA CONTEMPORÂNEA E SEU VIÉS SOCIAL	35
2.5	NOVA BIBLIOTECONOMIA: BIBLIOTECAS PROATIVAS, COLABORATIVAS E TRANSFORMADORAS.....	40
2.6	BIBLIOTECA ESCOLAR	45
2.6.1	Universalização da biblioteca escolar no Brasil.....	48
2.6.2	Biblioteca como espaço de pertencimento.....	49
2.6.3	A biblioteca escolar e o bibliotecário escolar na Nova Biblioteconomia	51
3	METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA.....	55
3.1	TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	56
3.2	CAMPO DA PESQUISA, ESCOLAS E PARTICIPANTES	58
3.4	PRECEITOS ÉTICOS	60
3.5	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	61
3.6	TESTAGEM DOS INSTRUMENTOS	62
3.7	A TÉCNICA DO DSC PARA TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS	63
3.8	COLETA DE DADOS E APLICAÇÃO DA TÉCNICA DO DSC	68
4	RESULTADOS DA PESQUISA	71
4.1	NOTA SOBRE A COLETA DE DADOS.....	71
4.2	O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO “BIBLIOTECÁRIOS ESCOLARES SITUADOS EM FLORIANÓPOLIS” SOBRE NOVA BIBLIOTECONOMIA	72
4.3	ANÁLISE DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO.....	80
4.3.1	Biblioteca Escolar: uma representação social	81

4.3.2 Biblioteca Escolar: espaço de conversa e da comunidade	83
4.3.3 Bibliotecário Escolar: apoio, mediação, interação e parceria	86
4.3.4 Bibliotecário Escolar: desafios para atuar e desejos para melhorar	89
4.3.5 A “Experiência conta”	91
4.3.6 “Eu caí na biblioteca escolar, meio que de cabeça”	92
4.3.7 Comunidade: eu, ele/s, nós	94
4.3.8 Nova Biblioteconomia: repensar a Biblioteconomia	96
4.4 ANÁLISE DOS DADOS DOS QUESTIONÁRIOS	97
4.5 PRODUTO DO MESTRADO PROFISSIONAL.....	100
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS	107
APÊNDICE A – PERGUNTAS DE ENTREVISTA	113
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO (QUADRO SITUACIONAL: BIBLIOTECÁRIO/A, BIBLIOTECA E ESCOLA)	114
APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	117
APÊNDICE D – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 1 – IAD 1: QUADRO DE IDENTIFICAÇÃO DAS E-CH E IC	154
APÊNDICE E – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2 – IAD 2: QUADRO DOS GRUPAMENTOS DAS E-CH POR IC	194
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	214
ANEXO B – CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES	216

1 INTRODUÇÃO

As bibliotecas e suas práticas têm sua existência marcada há milênios; remonta à época da invenção da escrita e início das primeiras cidades. Espaços que mais tarde se tornariam bibliotecas foram aparecendo e, após o Renascimento, começou a surgir efetivamente o que poderia ser chamado de conhecimento teórico da área. Criam-se tratados e manuais voltados às instituições de guarda de obras e conservação de materiais (Araújo, 2017).

A Revolução Francesa (1789-1799) deflagrou mudanças em vários aspectos da sociedade e transformou as bibliotecas drasticamente. Surge o conceito de "biblioteca nacional", com um caráter público, formada por grandes coleções em um processo de aquisição e acumulação de acervos, reforçando uma natureza custodial. A ciência moderna foi se consolidando, o campo das humanidades entendido como ciência e colaborando para o processo de constituição científica da Biblioteconomia (Araújo, 2017).

Ao longo do século XX, novas pesquisas em diferentes países, gradualmente, transformaram a área, impactando no surgimento de abordagens contemporâneas problematizando as bibliotecas. A sociedade contemporânea passa a ter acesso mais amplo à informação. Apesar disso, esse acesso não transforma seus membros em pessoas mais críticas. Há estudos da área da Biblioteconomia que se preocupam com essas deficiências e buscam contribuir para superá-las (Araújo, 2017).

Em síntese e ainda segundo Araújo (2017), historicamente as ciências da documentação e da informação tiveram que lidar com três desafios relacionados aos documentos: a) guarda e preservação; b) organização e análise; e c) promover o acesso. Contudo, surge um novo desafio: como promover o uso efetivo do conhecimento que está sendo mais amplamente disponibilizado? E a partir disso, segundo esse autor, formas de atuação específicas do bibliotecário, nas bibliotecas, passaram a ser estudadas. Primeiro, buscou-se conhecer o sentido da ação do bibliotecário como orientador de leituras; depois, com a biblioteca sendo mais que uma coleção de livros e, então, o conceito de mediação sofreu uma mudança, enfatizada no diálogo das equipes da biblioteca com os usuários. A biblioteca passa a ser um meio para entendimento do conhecimento, não apenas um instrumento para encontrá-lo. As novas tecnologias impulsionaram ainda mais a atenção sobre tais necessidades (Araújo, 2017).

Essas ações passam a contribuir com um novo olhar da área: o de dar uma atenção maior aos usuários, vindo para contribuir à mudança de ação do bibliotecário, se desdobrando em novas competências e formação. A biblioteca passa a mudar suas ênfases no atendimento, na organização, nos serviços, atividades e espaço físico, pensando em algo além de disponibilizar a informação ao usuário. A envolver os usuários com a biblioteca, mas também o bibliotecário com a comunidade onde a biblioteca está inserida, numa relação mais intensa; e é o que propõe a Nova Biblioteconomia (NB) defendida por David Lankes.

A NB é um movimento intelectual contemporâneo, voltado para a comunidade e o conhecimento que é construído coletivamente entre os usuários da biblioteca. Lankes (2011; 2016a; 2016b) vê a biblioteca como uma plataforma que facilita a sua comunidade a criar e compartilhar conhecimento, defendendo a necessidade de mudança de foco da missão e serviços da biblioteca, onde as atividades e as ações dos bibliotecários passem de artefatos que produzem a aprendizagem (por exemplo, livros e documentos) para a aprendizagem em si. A partir disso, quando se pensa em aprendizagem na educação básica, em qual local de atuação biblioteconômica se pensa? Na biblioteca escolar.

Ottonicar, Castro Filho e Sala (2019) e Pajeú e Almeida (2020) entendem a biblioteca escolar como um importante instrumento de ensino-aprendizagem, a qual serve de via de acesso para toda a sua comunidade transformar informação em conhecimento. Ela se apresenta como uma instituição responsável em estimular o lado crítico e questionador das pessoas da sua comunidade e ao uso adequado da biblioteca escolar, ajudando o estudante a aprender a realizar pesquisas e buscar e encontrar respostas às suas indagações, expandindo seus horizontes e formando uma visão crítica do mundo que o cerca, a partir da comunidade à qual faz parte.

Entretanto, muito do que é feito por bibliotecários em bibliotecas escolares não é ensinado plenamente pelas faculdades. Com a falta do tema biblioteca escolar como apoio no currículo, há impacto no início da atuação em biblioteca escolar, quando o trabalho desses profissionais por vezes é intuitivo ao procurar atender a sua comunidade da melhor forma possível. Pensando nisto e perante a inquietação pessoal desta pesquisadora, chegou-se a um problema.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Compreende-se que os conceitos que fundamentam a Nova Biblioteconomia de Lankes não só têm potencial para contribuir no repensar a Biblioteconomia escolar no Brasil, a partir de suas propostas de desenvolvimento do aprendizado, possibilitando atividades de maior impacto para a comunidade escolar, como também procurar indícios desses conceitos nas práticas cotidianas de bibliotecários escolares. A partir disso, apresente pesquisa tem como pergunta: quais ações de bibliotecários escolares, de instituições públicas e privadas localizadas em Florianópolis, se aproximam da Nova Biblioteconomia?

1.2 OBJETIVOS

O objetivo geral da pesquisa é investigar se nas ações realizadas por bibliotecários escolares atuantes em Florianópolis há indícios de alinhamento aos princípios da Nova Biblioteconomia. Ou seja, se há um movimento que reflete em um novo pensar e fazer Biblioteconomia escolar, percebendo de forma mais ampla a comunidade. Na busca deste objetivo, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- a) Conhecer as ações de bibliotecários escolares de Florianópolis relacionadas à sua comunidade;
- b) Identificar pressupostos da Nova Biblioteconomia no pensar e agir desses bibliotecários;
- c) Propor uma formação para bibliotecários, sobre a temática investigada, partindo de demandas expressas nos discursos dos bibliotecários participantes da pesquisa.

Quanto ao objetivo específico “c” cabe esclarecer que, em se tratando de pesquisa de mestrado profissional, torna-se obrigatório a apresentação de um produto final fruto da pesquisa, uma contribuição para o mercado profissional em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Com base nas teorias utilizadas nesta pesquisa, esse produto não foi pensado a priori. Ele foi elaborado a partir das necessidades/demandas apontadas nos dados discursivos coletados dos participantes da pesquisa, consolidados em um discurso do sujeito coletivo.

1.3 JUSTIFICATIVA

Esta seção é apresentada em quatro tópicos: início do envolvimento da pesquisadora com a biblioteca escolar quando na educação básica; vida acadêmica na Biblioteconomia e o desenvolvimento do interesse pela biblioteca escolar; atuação profissional em biblioteca escolar; e escolha da temática biblioteca escolar no mestrado profissional em Gestão da Informação e a sua contribuição na formação acadêmica e na atuação profissional.

Cabe esclarecer que, no que se refere especificamente à justificativa pessoal, faz-se uso da linguagem na primeira pessoa do singular.

Vida na escola e a biblioteca:

Minha vida literária começou em 2002, aos 6 anos, quando li meu primeiro livro, “A pequena sereia”. Um clássico da literatura Infantil, fui introduzida à prática de leitura através de uma adaptação da obra de Hans Christian Andersen. O livro que originalmente pertencia a minha tia e me foi repassado por ela. O li e reli tantas vezes que praticamente o decorei, enquanto em outros livros lia gaguejando.

A minha escolarização básica deu-se na escola Gentil Mathias da Silva, da rede pública do município de Florianópolis, no bairro Ingleses, onde tive acesso a uma biblioteca simples e foi lá que comecei a ler outros livros. Nessa biblioteca, lembro-me do incentivo recebido da professora responsável pelo espaço para que eu lesse mais e mais. No início da adolescência, ao ler livros de fantasia, me perdia em mundos com criaturas mágicas e sobrenaturais. Nessa fase, comecei a ler livros pelo computador que tínhamos em casa, o que facilitava o acesso, pois a condição financeira de minha família não permitia a compra de livros. Na escola os livros que desejava ler, nem sempre conseguia na pequena biblioteca da escola, ou por não ter livros mais atuais ou por serem poucos e muito disputados.

No final do Ensino Fundamental II, mais ou menos entre os anos de 2009 e 2010, decidi que seria escritora e a faculdade que eu faria. Mas, nas férias, antes de eu iniciar o Ensino Médio em uma nova escola, conheci um bibliotecário, parente da minha, então, madrasta, e me encantei com a possibilidade de trabalhar com livros. Decidi que faria Biblioteconomia na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Em 2013 conclui o Ensino Médio e no ano seguinte, 2014, ingressei nesse curso e nessa universidade.

Vida acadêmica e biblioteca escolar:

Na primeira fase do curso, comecei a trabalhar com o professor José Claudio Morelli Matos na pesquisa "Dewey e Dennett: as concepções de comunicação e de mente no contexto da Filosofia da Educação". Com isso "conheci" John Dewey¹ e passei a ter interesse pelas teorias e conceitos desse filósofo e pedagogo norte-americano, especialmente nos conceitos de sociedade e de aprendizagem ao longo da vida.

Entre 2014 e 2018, ainda sob orientação do professor José Cláudio, realizei pesquisas sobre Letramento Informacional e, desde então, distingo Letramento informacional e Competência Informacional sob a perspectiva de pesquisadores brasileiros como Campello, Gasque e Cunha. O primeiro mais voltado à educação básica e, desde cedo, para o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes. O segundo, mais voltado ao adulto e às tecnologias.

Em 2016, em evento da faculdade, conheci o livro "*Expect More: melhores bibliotecas para um mundo complexo*", de David Lankes, traduzido pelo bibliotecário Jorge do Prado. O conceito de Nova Biblioteconomia é trazido nesse livro e me identifiquei com a definição contemporânea de biblioteca apresentada pelo autor, sendo mais voltada para a comunidade e menos aos livros/acervo. Nessa perspectiva, Lankes defende que os bibliotecários podem e devem inovar, "fazer[em] mais", estando atentos às demandas da comunidade e não apenas no oferecimento de material informacional.

Segundo Lankes (2016a, p. 169):

Se você espera mais - se espera que sua biblioteca seja sua porta-voz na complexa infraestrutura do conhecimento, se espera que seja o centro de aprendizado e inovação, se espera que ela o ajude a criar conhecimento e não simplesmente lhe de fácil acesso ao trabalho de outras pessoas [...] se espera que ela o inspire, desafie-o, provoque-o, porém sempre respeitando mais você do que os meio que tem, você espera uma biblioteca excelente.

Do encantamento pelo que defende esse autor, decidi usar esse livro no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), "Consonâncias entre John Dewey e David

¹John Dewey (1859-1952), filósofo e pedagogo estadunidense, considerado um dos três fundadores do movimento chamado Pragmatismo. Dewey defendia pragmatismo ao conciliar aspectos teóricos e práticos da aprendizagem, com maior ênfase nas experiências, como um processo ativo e contínuo de criação e conexão de saberes, entre ensino e a prática cotidiana do indivíduo, razão pela qual Dewey é tido como um dos principais representantes do Movimento da Educação Progressista (Medeiros, 2020; CEDEP, 2017).

Lankes: um estudo da noção de democracia e sua relação com a ‘Nova Biblioteconomia’”², que defendi em 2017. Como o título sugere, exploro nesse trabalho uma mescla de conceitos de David Lankes e de John Dewey. Desde então, continuo interessada pelo que defendem esses autores, em especial Lankes com a Nova Biblioteconomia. Disso advém o desejo de conhecer e explorar, ainda mais, na pesquisa de mestrado desenvolvida no PPGInfo, os pontos centrais dessa teoria, os direcionando para bibliotecas e bibliotecários de instituições escolares.

Desde a graduação, percebi que esse tipo de biblioteca, a escolar, é visto como um lugar de pouco reconhecimento, inclusive para os acadêmicos de Biblioteconomia; um lugar de atuação profissional onde qualquer trabalho será pouco valorizado. Não é à toa de que esse é um lugar que poucos formandos querem estar.

Mas, com o desejo de mudar o mundo, com as boas memórias de infância relacionadas à biblioteca escolar e com o incentivo da professora Maria Emilia Ganzarolli Martins, nas disciplinas de literatura infantil e biblioteca escolar oferecidas na graduação, me interessei pela biblioteca escolar. Quando chegou à época do estágio obrigatório, pedi para que fosse em uma biblioteca escolar. Formada, surgiu a oportunidade de atuar em uma biblioteca escolar. Resolvi experimentar e passei a entender que cada escola e biblioteca são únicas e que os desafios têm diferentes graus de dificuldade.

Experiência profissional em biblioteca escolar:

Quando ingressei no mestrado, atuava em uma das unidades de uma escola particular localizada em Florianópolis. Permaneci ali de 2018 até o início de 2024, sendo a única bibliotecária da escola e a única funcionária da biblioteca. Essa escola se coloca como um lugar de diálogo, debate, estímulo aos saberes e o seu compartilhamento. É constituída por cinco unidades localizadas em quatro bairros de Florianópolis.

Passei a atuar nessa biblioteca para substituir uma bibliotecária que se interessava pouco por contação de histórias, algo muito requisitado pela escola e devido ao interesse e a uma pequena experiência, fui contratada.

Nos primeiros dias fui acompanhada pela bibliotecária que fui substituir. Quando percebi a permanência das cortinas da biblioteca serem mantidas fechadas,

² Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000048/00004850.pdf>. Acesso em: 1 out. 2024.

passei a tê-las abertas. O ambiente mudou e as crianças passaram a procurar mais a biblioteca. Outra coisa que me foi natural— e posteriormente soube que até então não acontecia— foi me apresentar às turmas; conversar com os alunos. Na biblioteca escolar, atuei muito com minhas próprias percepções e intuição, pois não me sentia preparada para enfrentar os diferentes desafios que surgiam no dia a dia da escola e da biblioteca escolar apenas pela minha formação na graduação. Nessa escola, o público da biblioteca se concentra em alunos do Infantil 1 (faixa etária entre um e dois anos) até o Ensino Médio. Como atividade central, contei muitas histórias para os alunos do Infantil até o 5º ano do Fundamental. Em conjunto com professores do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, trabalhei em projetos e sempre participei das atividades escolares, como festas, datas comemorativas, concursos etc.

A contação de histórias era oferecida toda semana, quando os alunos iam à biblioteca para a troca de livros de literatura, intercalando a contação entre as turmas de alunos do Infantil e do Fundamental I. Para o Ensino Médio, pelo menos uma vez no ano, proferia palestras, em sala de aula, sobre trabalhos acadêmicos e normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

A maior parte do acervo da biblioteca era composta por literatura, pois a centralidade da biblioteca era voltada ao incentivo à leitura. A escola disponibiliza e utiliza variados meios tecnológicos para pesquisa em sala de aula e espaços *makers* e, por consequência, a biblioteca não auxilia os estudantes com materiais e bibliografia para estudos e pesquisas.

Com isso, fui descobrindo o que gostavam de ler e fazer. Naquele momento inicial, não havia na biblioteca um sistema para cadastro dos livros e empréstimo. Para o empréstimo, se usava uma planilha e, a partir disso, acabei decorando nome e sobrenome da maioria dos alunos. Muitos deles se afeiçoaram a mim, passando a ir sempre na biblioteca conversar comigo e passar um tempo naquele espaço. Muitos alunos e pais que eu tinha relação próxima, ainda mantêm comigo por redes sociais, mesmo eu tendo saído da escola.

Recém-formada, estava com muitas ideias de como atuar profissionalmente, mas o curto período letivo de 2018 – pois ingressei na escola no final de agosto – me levou a focar mais em atender as turmas e em contar histórias – assim, acabei aprendendo a ser contadora enquanto praticava a contação – e o trabalho técnico deixei de lado.

Permaneci nesta biblioteca por quase seis anos. Apesar do pouco investimento no acervo e de alguns estudantes do Ensino Médio ainda verem a biblioteca e a mim sem muita consideração, eu segui adiante. Aos poucos, com a prática, fui melhorando a atividade de contação de história e meu trabalho foi reconhecido pela maioria da comunidade escolar. Pais e alunos me elogiavam e reconheciaram o esforço empreendido para entregar um bom trabalho. Minha presença nos eventos escolares era cobrada pelos alunos. A biblioteca escolar é o lugar ideal para ensinar o letramento Informacional para as crianças e incentivar a aprendizagem ao longo da vida. Por esta razão, deve-se mostrar a relevância da biblioteca escolar na vida e formação das pessoas.

Contribuição acadêmica e profissional da pesquisa:

O conhecimento de todas as áreas tem se modificado ao longo dos anos. No caso da Biblioteconomia, entre outros aspectos, o foco em disponibilizar informação ao usuário continua sendo discutido. Isso faz com que novas formações e atuações profissionais sejam necessárias, cada vez mais conectadas à cultura e às diferentes necessidades da comunidade.

Com a pesquisa aqui apresentada e defendida, buscou-se identificar fundamentos da Nova Biblioteconomia em atividades realizadas por bibliotecários escolares de instituições de ensino, públicas e particulares, localizadas em Florianópolis, entrevistando os profissionais. São três as razões que determinaram a escolha de bibliotecários de escolas, nos âmbitos público e privado, localizadas em Florianópolis como participantes desta pesquisa: a) pelo fato da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (RMEF) ser referência no estado de Santa Catarina no que diz respeito à presença de biblioteca e de bibliotecário em todas as escolas; b) pela atuação da pesquisadora em escola da rede privada de ensino; c) pela pesquisadora residir em Florianópolis e ter vínculo com a cidade.

A obra de David Lankes é recente no Brasil. Há apenas uma tradução dela realizada pela Febab em 2016. Por conta disso, pode-se afirmar ser Lankes pouco explorado no país. Entendo que seus princípios merecem ser discutidos, contribuindo para que bibliotecários e docentes de Biblioteconomia reflitam sobre tais princípios, repensem sobre práticas profissionais e serviços oferecidos nas bibliotecas e sobre o ensino de Biblioteconomia, podendo trazer algo diferente e inovador para a Biblioteconomia Brasileira.

Com esta pesquisa, espera-se contribuir para que o conceito de Nova Biblioteconomia, proposto por Lankes, possa ser conhecido por bibliotecários de diferentes áreas de atuação e por acadêmicos, para que se pense uma nova maneira de entender a Biblioteconomia e a sua disseminação. Entendo que sua discussão deve ser ampliada para que a Nova Biblioteconomia nos faça repensar sobre a velha Biblioteconomia, centrada no tratamento e na organização da informação, enquanto se aguarda pelo usuário na biblioteca. Uma Nova Biblioteconomia é possível de termos na prática. Será que alguns sinais dela estão sendo gestados no fazer diário de bibliotecários? Para obter algumas respostas, nesta pesquisa o interesse é ouvir bibliotecários escolares que atuam em Florianópolis.

Entende-se que a relevância desta pesquisa consiste em conhecer se os conceitos de Lankes na Nova Biblioteconomia estão presentes nas ações de bibliotecários escolares, ou melhor, no seu dia a dia. Será que, mesmo essa teoria sendo nova no Brasil, os bibliotecários escolares expressam ações e representações de uma Nova Biblioteconomia? Ou seja, mais voltada às pessoas que integram a comunidade escolar do que ao acervo e a biblioteca em si? Os bibliotecários têm ficado presos ao espaço da biblioteca ou circulado por toda a escola, interagindo com a comunidade escolar? Como ações como essas têm repercutido na representação de biblioteca escolar para os bibliotecários que atuam nela?

Lankes (2016a, p. 64, grifo nosso) defende que a biblioteca pode ser usada na formação de competências para desde cedo formar cidadãos críticos e ativos, sendo que as "bibliotecas devem ser *do povo, não para o povo*", devendo o bibliotecário fazer seu trabalho essencialmente para tornar uma comunidade melhor, o que nos remete ao ambiente escolar e, portanto, à sua biblioteca.

Lankes (2016a, p. 43) entende que "uma verdadeira democracia requer participação de uma sociedade bem informada. A principal missão das bibliotecas, públicas ou de qualquer outro tipo, é criar cidadão ativos e informados". Pensando nisso, acredita-se que a Nova Biblioteconomia possa fazer diferença, principalmente, na Biblioteconomia escolar.

Por fim, como contribuição acadêmica e profissional, acredita-se que a presente pesquisa poderá contribuir para despertar o interesse de pesquisadores da Ciência da Informação e da Biblioteconomia, de docentes de Biblioteconomia, de bibliotecários e outros pesquisadores, docentes e profissionais da Educação Básica, para colocarem em prática uma nova forma de lidar e fazer a Biblioteconomia,

especificamente a Biblioteconomia Escolar. Dito isto, propõe-se que, partindo do ambiente da biblioteca escolar da Educação Básica e seu uso o bibliotecário deve interagir com a comunidade para melhor servi-la, conforme proposto por David Lankes, pensando e fazendo cada vez mais para a construção do conhecimento.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E CONCEITUAL

Para entender a pesquisa, alguns tópicos conceituais e teóricos precisam ser discutidos para o seu desenvolvimento. Nesta seção, encontram-se Berger e Luckmann e o construcionismo social; Norbert Elias e as relações sociais; Biblioteconomia contemporânea; Nova Biblioteconomia de Lankes; e Biblioteca Escolar.

A relevância das teorias e conceitos desses autores se encontra onde todos entendem o conhecimento, como também as interações que levam ao conhecimento dos indivíduos como algo social, sendo uma construção de relação mútua entre as pessoas dentro de uma sociedade. Se relaciona também com a Teoria das Representações Sociais que faz parte da metodologia pretendida. Assim, para entender melhor os caminhos da pesquisa, é importante compreender os tópicos acima citados. Eles serão abordados com mais profundidade a seguir.

2.1 CONSTRUCIONISMO SOCIAL

Em 1966, Peter Berger (1929-2017) e Thomas Luckmann (1927-2016) publicaram “A construção social da realidade”, obra a qual discorrem sobre as bases da construção de um conhecimento sociológico consistente, sendo as premissas básicas da sociologia do conhecimento.

Berger, vienense, por conta do nazismo migrou com a família para Israel, Inglaterra, e Estados Unidos. Luckmann, eslovêno, emigrou para os Estados Unidos com 23 anos. Ambos estudaram Filosofia e Sociologia, sendo colegas na *New School for Social Research* de Nova York, tendo formação teórica liberal-humanista (Moreira, 2022).

Para Berger e Luckmann, o ponto de vista que a sociologia do conhecimento trata é da análise da construção social da realidade. Para os autores, o sujeito atribui coerência e sentido às experiências. A partir das experiências/vivências segue o processo de internalização das instituições sociais e do mundo objetivado. As mentalidades e visões que se tem do mundo tem três funções: cognitiva, normativa e afetiva (Moreira, 2022; Berger; Luckmann, 2004).

Nessa teoria construcionista, os autores integram elementos da sociologia compreensiva de Max Weber e adotam os sentidos subjetivos que Weber usa em sua

teoria de ação social. Os pressupostos antropológicos de Berger e Luckmann são influenciados por Karl Marx, entre outros autores. De Durkheim, associam a concepção da natureza da realidade social, com algumas modificações feitas ao colocar perspectiva dialética que se derivou de Marx; de Weber, usam a constituição da realidade social mediante significados subjetivos (Berger; Luckmann, 2004).

Para os autores Berger e Luckmann, o equilíbrio do mundo e da realidade – aquilo que dá coerência e sentido – é algo frágil e que precisa passar por constante reafirmação. O conhecimento dos homens orientará suas ações no mundo e é por isso que o conhecimento deve estar no centro do processo de construção social da realidade. O conhecimento não vai ser visto como teoria, ideias ou teorias científicas, mas como o conhecimento que afeta o cotidiano na forma de ver, interpretar e viver do indivíduo (Moreira, 2022).

Os autores entendem que a sociologia do conhecimento trata da multiplicidade empírica do conhecimento nas sociedades e dos processos pelos quais ele é estabelecido socialmente como realidade. Ela deve-se ocupar com tudo aquilo que passa por conhecimento na sociedade, independente da validação desse conhecimento. A sociologia do conhecimento, portanto, trata das relações entre o pensamento humano e o contexto social no qual elas aparecem e vai constituir o foco sociológico onde se determina a existência do pensamento enquanto tal (Berger; Luckmann, 2004).

O que os autores sugeriram foi uma redefinição de longo alcance da sociologia do conhecimento de forma mais ampla do que tinham visto dela até aquele momento. O estudo do processo de construção social da realidade é tarefa base para a sociologia do conhecimento, se houver relação entre todo o conhecimento e o contexto social do qual ele surgiu (Berger; Luckmann, 2004; Moreira, 2022).

2.1.1 Realidade, conhecimento e mundo da vida

Para Berger e Luckmann, a realidade é socialmente construída e a sociologia do conhecimento deve fazer a análise do processo em que isso ocorre. Os autores definem realidade como “uma quantidade pertencente a fenômenos que reconhecemos terem um ser independente de nossa própria volição” e o conceito de conhecimento como “a certeza de que os fenômenos são reais e possuem características específicas” (Berger; Luckmann, 2004, p.11).

Essa compreensão de redefinição necessária da sociologia do conhecimento, reconhece vir dos estudos de Alfred Schutz, já que Schutz concentrou sua estrutura do mundo do sentido comum da vida cotidiana. Essa redefinição proposta por eles colocaria a sociologia do conhecimento no centro da teoria sociológica (Berger; Luckmann, 2004).

A vida cotidiana se mostra como uma realidade interpretada pelos homens e é subjetivamente cheia de sentidos; que formará um mundo coerente, o qual os teóricos anteriormente citados fizeram como a realidade de sua fonte de estudo (Berger; Luckmann, 2004).

O mundo da vida é tomado por uma realidade que é vista por seus membros como certa, com uma conduta que é subjetivamente cheia de sentido e que imprimem em suas vidas. O mundo que se cria no pensamento e na ação dos homens se torna real para eles. Berger e Luckmann passaram a defender que o método da análise fenomenológica, descritivo e empírico, é mais conveniente para esclarecer os fundamentos da vida cotidiana. Essa análise é feita da experiência subjetiva da vida cotidiana, tirando qualquer hipótese causal ou genética e de afirmações relativas ao ser desses fenômenos.

A consciência sempre acaba dirigida para objetos, os quais apresentam-se com diferentes realidades. Entre as múltiplas realidades há a realidade por excelência, denominada realidade da vida cotidiana. De posição privilegiada e, por isso, designada como a realidade principal. Costuma impor a consciência de maneira mais intensa, firma e urgente (Berger; Luckmann, 2004).

Os autores falam que o indivíduo vive dentro de uma teia de relações humanas, ordenadas por meio do vocabulário. A linguagem marca as coordenadas da vida social e enche de objetos significativos. A zona da sua vida cotidiana vai ser acessível a sua manipulação corporal e o mundo ao meu alcance, o qual atua para sua modificação e o mundo do trabalho, estarão contidos nela. A atenção a esse mundo é determinada pelo que se faz, fez ou planeja fazer nele, se tornando por excelência o mundo daquele indivíduo (Berger; Luckmann, 2004).

A realidade da vida cotidiana apresenta-se como um mundo intersubjetivo, o qual o indivíduo participa junto a outros. Essa intersubjetividade vai diferenciar o que é a vida cotidiana das outras realidades que se tem consciência (Berger; Luckmann, 2004).

2.1.2 Esquemas tipificadores na interação social

Em uma situação face a face, o indivíduo apreende o outro em um momento partilhado pelos dois e esse outro também vai apreender sobre o indivíduo nessa situação. Essa apreensão que se faz do outro é feita por meio de esquemas tipificadores e todas as tipificações afetam de forma contínua a interação. As realidades da vida cotidiana contêm esses esquemas que formam os modos como se lida com eles. Para Berger e Luckmann, a realidade social é apreendida através dessas tipificações e o conjunto delas e o padrão de interações sugerem ao indivíduo a sua percepção da estrutura social (Berger; Luckmann, 2004; Moreira, 2022).

Moreira (2022), a partir da obra de Berger e Luckmann, comenta que o mundo cotidiano é cheio de sinais e símbolos que fazem parte do acervo de conhecimento que é transmitido de uma geração a outra. Sendo assim, a linguagem é apreendida como algo externo e prévio ao indivíduo, mas a qual ele se apropria e se identifica, ao ponto de entender o mundo. A realidade do cotidiano é tão forte, pelo fato da linguagem permitir comunicação, interação e confirmação das experiências com as outras pessoas.

Assim, se constrói uma realidade significativa comum que se baseia nas experiências e ações de cada um dos indivíduos, sendo esse o centro do processo de construção social da realidade. A linguagem vai tipificar e organizar as experiências e estabelecer e permitir ultrapassar temporalidades, espaços e níveis da realidade (Moreira, 2022).

Portanto, a realidade social da vida cotidiana é apreendida de forma contínua pelas tipificações, tornando-se anônimas à medida em que se distanciam da situação face a face. Além disso, os indivíduos não se relacionam apenas com conhecidos e em situações face a face, mas também com seus “predecessores” e “sucessores”, respectivamente, aqueles que fizeram e farão parte de sua história e da sua sociedade. A estrutura social será a soma dessas tipificações e dos padrões comuns de interação que se estabelecem por meio delas. A estrutura social é um elemento essencial da realidade da vida cotidiana (Berger; Luckmann, 2004).

2.1.3 Interiorização, socialização e exteriorização

Berger e Luckmann entendem que a realidade é socialmente definida e sempre indivíduos e grupos de indivíduos vão servir como definidores para essa realidade. Sendo a realidade objetiva e subjetiva ao mesmo tempo, as compreensões teóricas relativas a ela devem conter esses aspectos (Berger; Luckmann, 2004).

O indivíduo nasce já fazendo parte da sociedade e com uma predisposição para a socialização. Consequentemente, na vida de cada indivíduo existirá uma sequência temporal da qual é induzido a fazer parte. O processo da construção de sua realidade vai incluir a exteriorização, objetivação e interiorização. Elas se misturam, apesar de a interiorização vir primeiro cronologicamente. Assim, se faz início o processo de interiorização, também chamada de interpretação imediata de um acontecido objetivo com sentido, que manifesta processos subjetivos de outros e se torna subjetivo para o indivíduo inicial. A interiorização constitui a base primeiro da compreensão dos semelhantes e segundo da apreensão do mundo como uma realidade social com sentido (Berger; Luckmann, 2004; Moreira, 2022).

Essa apreensão não resulta em criação autônoma de significado por um ser isolado, mas sim com o indivíduo “assumindo” o mundo onde outros já vivem. Em sua forma mais complexa, a interiorização do indivíduo comprehende os processos subjetivos do outro e o mundo em que vive, tornando-o seu próprio. Após essa interiorização, torna-se membro da sociedade. A socialização “pode assim ser definida como a ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela” (Berger; Luckmann, 2004, p. 175).

A socialização tem dois tipos: primária e secundária. A primária é a primeira socialização, a que todo indivíduo passa na infância e junto à família, a qual o faz se tornar e se sentir membro da sociedade. A secundária introduz o ser já socializado em outros setores do mundo objetivo. Isso ocorre com o seu ingresso na educação formal, ou seja, escolar e, na sequência, por exemplo, em um curso profissionalizante, numa universidade e no mercado de trabalho. A primária é base da secundária. Os autores dizem que todo indivíduo nasce em uma estrutura social objetiva onde encontra outros significativos que se encarregam da sua socialização (Berger; Luckmann, 2004).

A socialização primária causa um aprendizado não só cognoscitivo, mas também com alto grau de emoção. Berger e Luckmann acreditam que sem a ligação emocional com os outros significativos o processo de aprendizagem seria difícil, pois

absorve-se os papéis e atitudes dos outros, os interioriza e os torna seus próprios (Berger; Luckmann, 2004).

A socialização secundária é a aquisição do conhecimento de funções que são específicas sendo direta ou indiretamente envolvidas com a divisão do trabalho e, diferente da primária que é carregada de emoção, a maior parte da secundária pode deixar de lado esse tipo de identificação e seguir só com a quantidade de identificação mútua que vem da comunicação. Ela será qualquer processo que introduz o indivíduo no mundo objetivo em novos setores que não se consegue na socialização primária (Berger, Luckmman, 2004; Moreira, 2022).

A socialização nunca é total e nunca acaba definitivamente, pois há esses dois tipos que introduzem os indivíduos em mundos particulares, com regras e funcionamento próprio (Moreira, 2022). Portanto, a socialização se realiza no contexto de uma estrutura social específica e o conteúdo e medida do sucesso têm condições sociais estruturais e consequências sociais estruturais. Sendo assim,

O homem é biologicamente predestinado a construir é habitar um mundo com os outros. Este mundo torna-se para ele a realidade dominante e definitiva. Seus limites são estabelecidos pela natureza, mas, uma vez construído, este mundo atua de retorno sobre a natureza [...]. Na dialética entre a natureza e o mundo socialmente construído, o organismo humano se transforma. Nesta mesma dialética o homem produz a realidade e com isso produz a si mesmo (Berger; Luckmman, 2004, p. 240-241).

Para Berger e Luckmann, a formação do *eu* e o amadurecimento do indivíduo de forma organizada está em apertada relação com o processo de socialização. Com a exteriorização os indivíduos criam seus hábitos, padrões de comportamento e seus esquemas para interpretar a realidade social. A experiência humana é uma exteriorização que acontece de forma contínua, pois o homem precisa fornecer a ele mesmo um ambiente que seja estável para sua conduta (Berger, Luckmann, 2004).

Ao se “exteriorizar” no mundo, cria-se hábitos e padrões de conduta que serão socialmente controlados e que são institucionalizados com o tempo. Para os autores, segundo Moreira (2022, p. 21), “a sociedade só existe quando os indivíduos têm consciência dela, e que a consciência individual por sua vez é socialmente determinada”. Como a realidade subjetiva nunca se torna totalmente socializada, os processos sociais não vão transformá-la totalmente (Moreira, 2022).

Conforme Moreira (2022), Berger e Luckmann defendem que a sociologia deve ser feita em diálogo, sempre contínuo com a História e a Filosofia. Esse diálogo

também se estabelece com a Sociologia, com a Psicanálise e a Antropologia Filosófica. O mérito da Teoria do Construcionismo Social, dos autores é oferecer um aparato conceitual que seja capaz de integrar a análise de pequenos e grandes problemas, da psicologia social, das ideologias e mudanças culturais. Nessa teoria é ressaltado o poder da intervenção dos indivíduos na vida dos outros e na realidade. Dá ênfase à necessidade de legitimar os sistemas simbólicos para contribuir na compreensão de como funciona e se perpetua a produção social do conhecimento (Moreira, 2022).

Com tudo o que foi exposto, pode-se entender a “teia” de relações dos indivíduos como algo predeterminado e onde a realidade da vida se constrói a partir dos indivíduos interagindo uns com os outros, onde se vai aprender algo disso. É importante para pensar como as nossas experiências sociais afetam à nossa maneira de ver o mundo, de se entender como parte dele e como nossas ideias e pensamentos se determinam a partir do nosso meio social. Isso também pode ser visto no tópico a seguir, onde Elias fala sobre essa sociedade feita de indivíduos que se relacionam a todo momento.

2.2 SOCIEDADE: UM ENTRELAÇAR INCESSANTE E IRREDUTÍVEL DE SERES INDIVIDUAIS

Como subtítulo desta seção, faz-se uso das palavras de Norbert Elias, as quais integram a primeira citação direta do texto que segue. Para Elias, uma sociedade é constituída pelas relações e interações entre indivíduos e a individualidade é resultado desse viver em sociedade.

Elias (1897-1990), sociólogo alemão, viveu boa parte da sua vida na Inglaterra. Considerado uma das figuras de maior destaque da sociologia durante o século XX, é um dos autores que analisaram as relações sociais de forma a tentar aproximar os conceitos de indivíduo e sociedade. Preocupou-se, ao longo de todo o seu trabalho, com a necessidade de reordenar o que se entende como sociedade. Sua grande contribuição teórica foi descrever processos civilizadores em busca de compreender as sociedades como redes de interconexões (Elias, 1994; Silva, 2019).

Na obra "Sociedade dos indivíduos", Elias (1994) discorre que as sociedades são diferentes a depender do lugar ocupado pelos indivíduos. O autor explana, ainda, que há duas convicções sobre sociedade. Na primeira, as ações individuais estão no

centro de interesse, mas que qualquer fenômeno que não seja criado por indivíduos acaba se perdendo. Na segunda convicção, os aspectos que na primeira não se julgam interessantes, como estilo e formas culturais, acabam recebendo mais atenção, por isso tornam-se o centro de interesse.

Assim, segundo o autor, o que falta são modelos conceituais e uma visão global que facilite a compreensão do vivenciado diariamente, de modo que um grande número de indivíduos compõe entre si algo maior. Modelos conceituais são fundamentais para que entendamos sobre como se forma uma "sociedade" e como consegue se modificar de maneiras específicas. Tanto a sociedade quanto os indivíduos são formados conjuntamente e são igualmente desprovidos de um objetivo, mas um não pode existir sem o outro (Elias, 1994).

Aqui apresenta-se a síntese de uma pergunta feita pelo autor: como é possível a existência simultânea de várias pessoas, com suas vidas, seus atos, suas relações mútuas, dar origem a algo — no caso a sociedade — que nenhuma delas isoladamente teve motivação, ou promoveu, a acontecer? (Elias, 1994).

Desde o nascimento, o indivíduo está dentro de um complexo funcional bem estruturado e deve se moldar a esse complexo, conformar-se a ele e se desenvolver baseado nele. Suas escolhas são definidas entre funções preexistentes e limitadas. Sua liberdade dependerá do contexto em que nasce e cresce nessa rede humana, da situação dos seus pais e da escolarização que recebe. Há um contexto funcional e uma estrutura específica que o enlaça. Há funções interdependentes, que darão à sociedade seu caráter específico, criado não por indivíduos particulares, mas de uma função que foi formada e deve ser mantida em relação a outras funções. Há uma interdependência das funções individuais e há uma interdependência de função institucionais (Elias, 1994).

Essa rede de funções de indivíduos e suas relações com os outros é o que se chama "sociedade" e as estruturas são as "estruturas sociais". Para entendê-las, é preciso pensar em termo de relações e funções. O pensamento fica plenamente instrumentado para a experiência social quando fazemos isso (Elias, 1994).

Elias (1994) também apresenta que o modo como os indivíduos se portam é determinado por suas relações passadas e presentes com os outros e todo indivíduo nasce em um determinado grupo que existia antes dele. Todo indivíduo vai se constituir precisando de outros indivíduos que nasceram antes dele para que possa crescer e se desenvolver. A presença simultânea de diversos indivíduos inter-

relacionados é uma das condições básicas para a existência humana. A criança se transforma num ser mais complexo, dentro da sociedade, da sua relação com outros seres humanos.

Para Elias (1994, p. 28), "a individualidade que o ser humano acaba por desenvolver não depende apenas de sua constituição natural, mas de todo o processo de individualização" e ocorre ao se relacionar com os outros de forma mútua, em uma moldagem contínua. "Só se pode chegar a uma compreensão clara da relação entre indivíduos e sociedade quando nela se inclui o perpétuo crescimento dos indivíduos dentro da sociedade, quando se inclui o processo de individualização na teoria da sociedade" (Elias, 1994, p. 30). O autor também entende que a criança precisa ser adaptada na sociedade do convívio com outros, precisa da sociedade para se tornar adulta. Não há um começo demarcado para esse vínculo social. Assim, como a criança irá depender da mãe para se nutrir, como indivíduo ela sempre existirá na relação com os outros.

A visão de um muro intransponível entre um ser humano e todos os demais, entre os mundos interno e externo, evapora-se e é substituída pela visão de um *entrelaçamento incessante e irredutível de seres individuais*, na qual tudo o que confere a sua substância animal a qualidade de seres humanos, principalmente seu autocontrole psíquico e seu caráter individual, assume a forma que lhe é específica dentro e através de relações com os outros (Elias, 1994, p. 34-35, grifo nosso).

Isso significa que já se nasce predeterminado a estabelecer uma ordem de relação com outros e há uma mescla contínua dos seres individuais uns com os outros. As suas ideias, convicções, afetos e necessidades, vão se produzir dentro dele ao interagir com outros; coisas que se compõem como individual e se expressa na rede de relações da qual ele emergiu e na qual penetra. A maleabilidade e adaptabilidade humana é precondição para a estrutura das relações ser mais variável, sendo ela responsável pelo homem ser social e dependente dos outros (Elias, 1994).

O ser humano é ajustado para comunicar-se, mas precisa de um ajustamento social para se tornar plenamente humano. Segundo Elias (1994, p. 40), "cada criança, ao nascer, é produto de um destino que tem uma dimensão natural e uma dimensão social". Isso significa que os seres humanos serão parte de uma ordem natural, mas também de uma ordem social.

Elias explica que a história é um sistema de pressões exercidas por indivíduos sobre indivíduos. Nenhum indivíduo, por maior que seja a sua estrutura social ou

poderosa a sua vontade, consegue transgredir as leis da rede humana da qual faz parte. O que vai caracterizar seu lugar na sociedade é o quanto grande será sua margem de decisão acessível. Todo indivíduo depende da estrutura social e constelação histórica da sociedade onde vive e age (Elias, 1994).

A forma e extensão da margem de decisão acessível pode variar muito, ser maior, mas também mais elástica, porém nunca ilimitada. Isso ocorre porque o indivíduo sempre dependerá de outros. Entretanto, diferentes sociedades e diferentes fases e posições dentro delas diferenciam, em tipo e tamanho, à margem de decisão. Essa margem sempre tornará o indivíduo aliado de alguns e afastado de outros (Elias, 1994).

A individualidade vai ser uma expressão referente a maneira como essa medida e a qualidade estrutural de controle psíquico de um indivíduo tem sobre outro. "A sociedade não apenas produz o semelhante e o típico, mas também o individual" (Elias, 1994, p. 56). Isto é, o que é individual dentro do ser humano e o que é condicionamento social, na verdade, serão duas funções diferentes dos indivíduos em suas relações recíprocas e uma não pode existir sem a outra (Elias, 1994).

Para o autor,

[...] cada pessoa só é capaz de dizer 'eu' se e porque pode, ao mesmo tempo, dizer 'nós'. Até mesmo a ideia de 'eu sou' e mais ainda a ideia de 'eu penso' pressupõe a existência de outras pessoas e um convívio com elas – em suma, um grupo, uma sociedade (1994, p.57).

A sociedade não é externa aos indivíduos. No entanto, o indivíduo não pode ser visto como unicamente moldado pela sociedade. Ele também reage nela e contribui para sua construção (Elias, 1994; Peres, Przylepa, 2020).

À medida que os indivíduos crescem, se afastam ou se distanciam de outros indivíduos pertencentes a grupos que faziam parte ou eram mais próximos. Com isso a coesão e os laços diminuem ou até mesmo se rompem, impactando no seu poder de interferir ou controlar outros do grupo e de ser controlado por eles. Crescer implica na possibilidade de uma maior mobilidade espacial ou social. Com isso, o envolvimento com grupos de parentesco e comunidade local se reduz. O indivíduo necessita de maior individualidade e essa possibilidade acaba por constituir uma transformação social que vai ultrapassar o controle do indivíduo. Um processo de individualização crescente é também um processo de civilização (Elias, 1994).

Conforme Elias (1994, p. 104), "pessoas biologicamente maduras continuam socialmente imaturas", isto é, quanto mais complexa for a sociedade, maior o caminho para o indivíduo se tornar um ser individual. Isso se dá pelas exigências que aumentam, como o autocontrole consciente e o inconsciente e, igualmente, a trajetória para se tornar uma pessoa autoconfiante.

Nas comunidades mais primitivas e, consequentemente, mais unidas, os indivíduos agirão mais como "nós". Permanecer em grupo é uma questão de sobrevivência, portanto uma necessidade, o qual os indivíduos nessas comunidades não sentem vontade de agir sem a referência do grupo (Elias, 1994).

O desenvolvimento da sociedade num rumo mais elevado de individualização levará seus membros a funções mais específicas e haverá maiores chances para se sentirem realizados ou insatisfeitos, infelizes ou incomodados, estressados etc., pois

As redes de funções distintas das cadeias de ação tornaram-se sistematicamente mais longas e complexas. Um número cada vez maior de pessoas passou a viver numa crescente dependência mútua, ao mesmo tempo em que cada indivíduo foi-se diferenciando mais dos outros (Elias, 1994, p. 114).

Quanto maior é a rede de especialistas de funções distintas, mais pessoas se tornam dependentes mútuas e, deste modo, também se tornam mais ajustadas com suas funções e atividades. A mudança em direção a grandes grupos mais centralizados e específicos levou a mudanças nas relações humanas e a uma maior limitação dos impulsos e instintivos individuais, momentâneos ou não.

Então, Elias (1994, p.117) explica:

É provável que seja especialmente difícil reconhecer, nos dias atuais, que as qualidades dos seres humanos designadas por termo como 'individualidade' não são simplesmente dadas pela natureza, mas [...] no decurso de um longo processo social.

Isso significa dizer que as pessoas se tornam indivíduos por conta do processo de socialização do qual participam. Com essa diferenciação crescente na sociedade e individualização, o caráter que diferencia um indivíduo em relação aos demais é valorizado; torna-se um ideal de distinção entre seres semelhantes em essência.

A partir de Elias, passamos a compreender melhor a relação de interdependência entre indivíduo/s e desse/s com a sociedade. O autor aborda os conceitos de "indivíduo" e "sociedade" e da confusão que se costuma fazer entre os

mesmos por considerá-los como coisas distintas. Como analogia, é como se cada indivíduo fosse (e é) ligado a outro/s, não por fios, mas por laços invisíveis. Esses laços são como uma rede tecida por uma relação recíproca, mútua, sendo centrais a interdependência de funções, a interação social e a comunicação. Em sociedade, cada indivíduo deixa um pouco de si no/s outro/s. Enfim, a sociedade é um entrelaçamento incessante e irredutível de seres individuais (Elias, 1994; Peres; Przylepa, 2020).

Por fim, Elias traz a ideia de que a sociedade é uma rede de indivíduos que se relacionam entre si, para se constituírem como indivíduos, para crescerem dentro de uma ordem social. Há uma estrutura que o enlaça dentro do social e da qual ele faz parte mesmo quando se entende como ser individual. Para ser individual, precisa fazer parte do social. Assim, as ideias, pensamentos, compreensão dos indivíduos e seu lugar em certa sociedade é determinado a partir do meio social do qual fazem parte.

2.4 BIBLIOTECONOMIA CONTEMPORÂNEA E SEU VIÉS SOCIAL

A Biblioteconomia no Brasil, desde os primeiros cursos criados, teve a preparação dos profissionais tentando imprimir condições adequadas para a recuperação de documentos e informações que satisfaçam os interesses dos leitores. Naquele momento, as prioridades eram apenas na criação de um método para ordenar assuntos, na criação de uma entidade dos profissionais e em difundir ideias de técnicas bibliotecárias, pois eram baseadas nas exigências da sociedade da época. Enquanto os Estados Unidos tinham o processo criativo sobre esses processos, outros países - incluindo o Brasil - importavam deles conhecimento, seja pela falta de uma formação cultural, e/ou pela ausência de capital financeiro, e/ou até pela falta de uma tradição em formação superior. Esse conhecimento, originário dos Estados Unidos e que parte da Europa, acabou dando um viés que por muito tempo perdurou no discurso biblioteconômico brasileiro, do conhecimento descontextualizado da cultura e realidade local (Souza, 1993).

Conforme Souza (2003), o bibliotecário brasileiro, em sua intervenção social, desenvolve seu trabalho voltado à técnica, resultado direta e inquestionada da formação acadêmica advinda das técnicas norte-americanas que recebeu. O autor entende que a formação reflete em uma visão tradicional de guardião de livros, a qual

o bibliotecário não é preparado para o domínio do contexto social onde está para intervir.

Araújo (2017) entende que as técnicas e práticas que vieram dos modelos do século XX não se sustentam na realidade atual que é marcada pelas tecnologias digitais e em novas condições humanas de existência e seus processos de produzir conhecimento. Contudo, ao longo do século XX, se desenvolveu pesquisa em diferentes países que gradualmente levaram a superar este modelo e trazendo, assim, abordagens contemporâneas. Manifestos e iniciativas pediam mudanças nas bibliotecas, usando adjetivos como viva, dinâmica e ativa.

A Biblioteconomia foi levada a buscar meios de articulação com as pesquisas, conceitos e teorias das abordagens que surgiram, levando a compreender que as bibliotecas tinham determinadas funções no todo social. A sociedade contemporânea trouxe desafios para as bibliotecas que dão evidência a algumas dificuldades para as práticas realizadas na forma menos social. Recentemente, aparece a necessidade de promover o efetivo uso do conhecimento que foi organizado, armazenado e disponibilizado pelos bibliotecários todos esses anos (Araújo, 2017).

Durante muito tempo a Biblioteconomia se preocupou com a organização do conhecimento sem prestar atenção de modo mais próximo aos seus usuários, especialmente quanto à sua diversidade e inclusão e ao seu contexto. Viu-se, então, a necessidade de uma Biblioteconomia que vá de encontro com sua responsabilidade social e que entenda o quanto importante o acesso à informação pode transformar comunidades e realidades (Tanus, 2019).

A Biblioteconomia contemporânea veio privilegiar o pertencimento das comunidades no uso da biblioteca para além de livros. Um espaço onde aconteça a construção do conhecimento, se utilizando as potencialidades das tecnologias, principalmente as de informação e comunicação que se voltam a interação. Se vive um período voltado às tecnologias que, com suas inovações digitais, acabam ampliando o trabalho feito por bibliotecários nas bibliotecas. Essa Biblioteconomia contemporânea anda em conjunto com a realidade social e deve reconhecer a sua contribuição para melhorar a sociedade (Ferreira, 2024). Antes dela, primeiro ocorreu a ideia de mediação da informação por parte dos bibliotecários e as bibliotecas passaram, como explica Araújo (2017, p. 74), de lugares onde são “simples artifícios de transferência de conteúdos informacionais para se constituírem em verdadeiros dispositivos produtores de sentidos, tendo os usuários como sujeitos ativos do

processo". Ainda segundo Ferreira (2019, p. 51), "há a necessidade de a Biblioteconomia reinventar-se e voltar-se para as pessoas, não apenas para as técnicas e práticas seculares". As pessoas não precisam necessariamente ir a uma biblioteca para conseguir informação. Logo, as bibliotecas devem assumir novas funções para além de recuperar informação.

Como explica Ferreira (2024), a Biblioteconomia contemporânea tem relação com a função social, de dar ao espaço da biblioteca oportunidade de estimular a construção de conhecimento e das pessoas estarem no centro das ações. Nesse sentido, o trabalho dos bibliotecários deve ter base na parceria com as pessoas. Por isso a necessidade de haver conversa contínua entre os usuários da biblioteca, com o bibliotecário sendo um facilitador para que essa conversa ocorra. Essa Biblioteconomia acompanha, se adapta às mudanças sociais e se pauta em promover aprendizagem, participação e engajamento social. Para isso, os bibliotecários devem estar alinhados a tal ideia, para que possam oportunizar as comunidades a usarem da informação e construção de conhecimento. Para a autora, "a biblioteca enquanto instituição milenar é fundamentalmente social e juntamente com o movimento do progresso das sociedades se transmuta" (Ferreira, 2023 p. 6). Logo, a biblioteca e o bibliotecário devem refletir das mudanças na sociedade para eles próprios mudarem sua forma de entender e atender as necessidades informacionais.

Em relação às inovações tecnológicas, a autora menciona, que

Estamos no negócio do conhecimento, mas ainda vivemos na era da informação, o que implica a percepção de que o conhecimento das tecnologias digitais nos permite alcançar as comunidades e interagir com elas, além do que os meios de facilitar conversas estão cada vez mais 'se digitalizando' (Ferreira, 2024, p. 54).

Segundo Ferreira (2024), há problemáticas sociais no Brasil quanto ao acesso informacional da população. É um dos países onde as pessoas mais gastam tempo em redes sociais, mas isso não significa ser um país informado. Outro agravante é a existência de uma parcela de brasileiros extremamente pobre e sem instrução ou mesmo sem acesso a fontes de informação e mídias. O Brasil é um país grande e desigual e a informação, enquanto poder transformador, está concentrado em uma parcela muito pequena da população (Ferreira, 2024).

A sociedade contemporânea vive fenômenos emergentes intensificados como a pós verdade e as *fakes news* manipulando a realidade por meio da desinformação [...] pensar que todos têm acesso à informação conforme prediz o mundo globalizado é reforçar ainda mais o cenário de desigualdades e desinformação da contemporaneidade (Ferreira, 2024, p. 16).

Há, como expressa Tanus (2018), um distanciamento da biblioteca como local concreto e se destaca uma visão da biblioteca que ultrapassa os acervos e os registros de conhecimento e o do próprio edifício. A biblioteca precisa ser vista como um centro de aprendizagem e um espaço social, onde a interação e criação de ideias devem ocorrer. Nesse sentido, a conversa assume papel importante, pois se entende que é assim que o conhecimento é construído. A autora (2018, p. 174) defende que a Biblioteconomia não se baseia “em livros ou artefatos, mas nos processos de compreensão do comportamento e da aprendizagem” de forma a superar as ferramentas e organização da informação. Os bibliotecários têm como missão ajudar os usuários a acessarem o “mundo” da informação, como agentes ativos e participantes do processo de ser, de sujeito ou de usuário. O bibliotecário é quem realiza as atividades que terão sentido, vontade, subjetividade, dando assim vida a instituição. Os usuários e os bibliotecários vão se apropriar, transformar, comunicar e criar significados na realidade que é construída socialmente. Deste modo, se faz necessário entender as necessidades da sociedade e considerar as diferentes realidades existentes no país em seus vários âmbitos, econômico, social, cultural e não apenas na questão informacional. Vemos que há bibliotecas com acesso à internet e aparatos tecnológicos, enquanto outras ainda trabalham com fichas. Portanto, é importante que a Biblioteconomia contemporânea brasileira considere essas diferentes realidades que implica em desafios para a atuação do bibliotecário. Espera-se que esse profissional acompanhe as inovações sociais e os movimentos que evidenciem e almejam a democratização social, como conhecimento construído pela sociedade (Ferreira, 2024).

No Brasil, ainda não há consenso se o termo “nova” de Nova Biblioteconomia deva ser usado, do fazer biblioteconômico, haja vista que já se discutia no país e, em diferentes momentos, uma Biblioteconomia que se movimentava em prol das mudanças sociais. Por exemplo, quando houve movimento pela redemocratização no país, no fim da ditadura civil-militar que ocorreu entre 1964-1985, se iniciou na área uma discussão sobre o seu caráter social e de se afastar da Biblioteconomia puramente técnica. A partir desse momento eclodiu, em vários textos de

pesquisadores da área, questionamentos sobre a Biblioteconomia excludente e voltada ao acervo (Tanus, 2019; Ferreira, 2024).

A Nova Biblioteconomia vem da ideia de romper com as tradições em uma perspectiva global. Lankes convida os bibliotecários a ressignificar o impacto que a sua atuação causa à sociedade ao dar maior ênfase no conhecimento humano. Esses profissionais são facilitadores da criação de conhecimento favorecendo o acesso e criação de conhecimento, oferecendo treinamentos, aprendizagem, segurança intelectual e física e incentivando a comunidade a participar desse processo (Ferreira, 2024).

Ferreira (2024) entende a NB como uma proposta basilar para que aconteçam mudanças na área como um todo e que já havia uma manifestação em prol disso no Brasil. Contudo, a Nova Biblioteconomia oferece uma perspectiva nova, um olhar diferenciado para a Biblioteconomia praticada ao longo do tempo. A NB é resultado de um movimento de busca por uma atuação bibliotecária mais condizente com a realidade contemporânea. É preciso que a Biblioteconomia tenha seus profissionais conscientes de suas ações que são dotadas de intencionalidade e efeitos, profissionais que não são neutros, imparciais ou objetivos. Ações que sejam socialmente responsáveis, alinhadas a uma Biblioteconomia não apenas social, mas para a sociedade (Tanus, 2018). Ferreira (2019, p. 55) cita que “a sociedade hoje quer fazer parte, quer construir, escrever e expor suas ideias” e que ela quer interagir para construir conhecimento. Para isso, as bibliotecas devem se modificar, mudar sua forma de atuação. Para isso ocorrer, cabe ao bibliotecário brasileiro perceber,

De modo rápido e elucidativo, a verdadeira natureza das distintas situações que enfrenta diariamente. Algumas vezes, necessita agir como incentivador do uso de livros, como fontes de informação, diante da falta de hábito de leitura. Pode ser, ainda, o organizador de bibliotecas, empenhado na preparação técnica das coleções para melhor utilização. Outras vezes, deve atuar como documentalista ou profissional da informação, a quem compete fornecer a informação precisa ao pesquisador no momento preciso, de forma ágil e precisa (Ferreira, 2024 p. 43).

O bibliotecário está dentro de diferentes contextos, diante de mudanças que acontecem e das que estão por acontecer nas bibliotecas e em outros espaços de atuação. É o que defende Lankes com a Nova Biblioteconomia, pois é papel do bibliotecário incentivar e participar da construção de conhecimento de forma colaborativa com os diferentes membros da comunidade.

2.5 NOVA BIBLIOTECONOMIA: BIBLIOTECAS PROATIVAS, COLABORATIVAS E TRANSFORMADORAS

A Nova Biblioteconomia, proposta por R. David Lankes em seu livro “*The Atlas of the New Librarianship*” (2011), propõe construir uma Biblioteconomia que não se baseia em livros, mas na comunidade e no conhecimento. O ponto principal para o desenvolvimento desse conceito é a relação da biblioteca com a sua comunidade. Qualquer que seja a tipologia das bibliotecas, a missão delas, na Nova Biblioteconomia, é criar cidadãos ativos e informados (Lankes, 2016a; Ferreira, Araújo, 2017).

Após a participação de David Lankes na abertura do XXVI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBB) em 2015, o autor vem influenciando alguns pesquisadores brasileiros. Com destaque a Jorge do Prado, tradutor do livro “*Expect More: melhores bibliotecas para um mundo complexo*” no Brasil; e Emanuelle Ferreira, que pesquisou o autor para sua dissertação de mestrado, na sua tese intitulada “*A Nova Biblioteconomia de Lankes no contexto brasileiro*”, entre outros artigos publicados e apresentados.

Segundo Lobo e Valls (2022, p. 1), “como tantas outras profissões possuem sua responsabilidade social, contribuir com o empoderamento das comunidades por meio da facilitação do conhecimento é atribuição do bibliotecário”. Por muito tempo a Biblioteconomia teve uma visão desvinculada da sua responsabilidade social, da biblioteca como instituição social. Práticas mais recentes e produções científicas estão adotando uma postura voltada a essa responsabilidade social. Com a Nova Biblioteconomia, Lankes vem defendendo a promoção de uma atuação mais reflexiva dos bibliotecários. Propõe que os bibliotecários tenham uma visão da Biblioteconomia maior do que ferramentas e processos de organização da informação. A Nova Biblioteconomia está voltada para o aprendizado e construção de conhecimento promovido pela biblioteca, o qual o bibliotecário é peça fundamental ao promover ações que levem a essa criação de conhecimento junto à comunidade. Compreender a Biblioteconomia de uma maneira nova é possível reconhecendo o protagonismo dos membros da comunidade, aos saberes dessa comunidade e possibilitar que o conhecimento seja construído pelo conjunto de seus membros. O grande diferencial da Nova Biblioteconomia é que o conhecimento não é algo pronto para ser adquirido ou reproduzido, mas resultado de uma construção social, sendo a missão do

bibliotecário na atualidade, a facilitação para a construção de conhecimento pelos membros da comunidade (Ferreira, 2018; 2019; 2024; Lobo; Valls, 2022).

Exercer a Biblioteconomia nessa concepção pode parecer utopia, mas muito possível de ser alcançada. Ferreira (2018, p. 8) expressa que "a Nova Biblioteconomia é a Biblioteconomia que nós já conhecemos reformulada por meio do foco nas comunidades". Nela o bibliotecário exerce um protagonismo diferente.

Lankes entende que

Os bibliotecários de hoje estão utilizando as lições que aprenderam ao longo de aproximadamente três mil anos de história para construir uma Nova Biblioteconomia que não seja baseada em livros e outros artefatos, mas no conhecimento e na comunidade (2016a, p.22).

O que Lankes propõe é resultado de uma construção social. Portanto, teve a participação de muitos indivíduos ao longo da história da sociedade. Sobre as competências desse ‘novo’ bibliotecário, por conta de um novo protagonismo, diz Lankes (2016a, p.145), que “Essas competências não são desvios radicais do modo como preparamos bibliotecários durante décadas [...] Bibliotecários devem estar capacitados para um engajamento para a transformação social”.

O autor reconhece que os bibliotecários já são muito importantes, porém apenas guardar a informação não é mais suficiente em função das muitas demandas desse profissional. Lankes quer evidenciar que nenhuma habilidade ou ferramenta define o bibliotecário. Assim, deve-se dar atenção não ao modo como, nós bibliotecários, fazemos as coisas, mas o motivo pelo qual nós fomos levados a fazê-las (Ferreira; Araújo, 2017). Lankes frisa alguns conceitos por serem fundamentais para se entender a Nova Biblioteconomia: comunidade, conversa, conhecimento, facilitação e missão do bibliotecário.

Segundo o autor, comunidade refere-se a “um grupo de pessoas que se reúnem em torno de um elemento comum. Comunidades constituem locais onde as pessoas vivem e onde trabalham ou estudam”. Discorre que o futuro de uma comunidade está nas decisões e talentos dos seus membros, a razão da biblioteca existir. A comunidade é o foco da biblioteca, cuja missão é melhorar uma comunidade ao facilitar nela a criação de conhecimento. “Cabe a biblioteca ser um espaço para os membros da comunidade transformarem seu amor e paixão em algo para o bem da comunidade e/ou para seu próprio bem” (Lankes, 2016a, p.59). Para isso, as pessoas

precisam interagir, conversar. Na NB, o conhecimento vai ser um conjunto de acordos que se deriva das trocas entre pessoas que conversam (Ferreira, 2024).

Conversa, para o autor, é “uma troca de ideias em que ambas as partes são moldadas pela conversa e moldam os outros envolvidos na conversa” (Lankes, 2016a, p.98). O autor entende o aprendizado colaborativo como algo que é compartilhado entre os membros da comunidade e que “uma grande biblioteca deve provocar e inspirar conversa” (Lankes, 2016a, p.155). Para ele, o conhecimento é algo inerente ao humano; logo, o que se pode fazer é moldar as conversas que serão feitas. O conhecimento pode vir de uma conversa de pelo menos duas partes, uma sendo melhorada enquanto a outra melhora, ou as duas juntas melhorando. No livro “*The Atlas of New Librarianship*” (2011), o autor explica a relevância da conversa com a teoria da conversação de Gordon Pask³, a qual se concentra na aprendizagem do conhecimento, buscando entender, de forma ampla, como as pessoas aprendem. Essa teoria serve de base teórica à maioria dos aspectos da Nova Biblioteconomia (Lankes, 2011).

Segundo Lankes, conhecimento é

Algo intrinsecamente humano e intimamente ligado às paixões do indivíduo. Conhecimento é dinâmico, está em constante mudança, e é vivo. Ele nos leva a questionar o mundo, questionar os outros, questionar deus, questionar a realidade. Conhecimento é uma força que move a economia, as artes e deveria mover os bibliotecários em seu trabalho. O conhecimento é construído em nossas bibliotecas, nossas universidades, nossas casas, nossos bares e até em nossos carros. Conhecimento é, em uma última análise, a forma como vemos o mundo e determina como agimos (Lankes, 2016a, p.70).

Se, para Lankes, o conhecimento é algo dinâmico, deve ser essencialmente construído pelos indivíduos e pela comunidade, sendo que a biblioteca pode ser um espaço ativo para acontecer essa aprendizagem. As pessoas que aprendem são ativas e vão relacionar suas ideias às novas ideias constantemente e que o mundo vem sofrendo uma mudança que deve refletir também nas bibliotecas. Por isso, ela deve ser ativa e oferecer possibilidades para que sua comunidade aumente seu conhecimento.

³Gordon Pask (1929-1996) cientista, designer e pesquisador inglês, um dos primeiros a falar de cibernetica. Também conhecido pelo seu principal trabalho, a sua teoria da conversação sobre interação (Haque, 2007).

Dessa forma, “é necessário que todos os bibliotecários desenvolvam competências no envolvimento comunitário, na comunicação e na identificação das necessidades e aspirações da comunidade” (Ferreira, 2024, p.90). Portanto, é preciso buscar entender a comunidade na qual a biblioteca está inserida para que o bibliotecário tenha facilitada a sua atuação profissional. As bibliotecas serão o local aonde o indivíduo possa ir para ter contato com outras ideias e possa, em acréscimo, compartilhar suas ideias com outros, em um ciclo, para que aprendam colaborando e conversando (Lankes, 2016a).

Lankes entende a biblioteca como um local que ajuda a sua comunidade a se envolver em um processo ativo de aprendizagem e faz uso da seguinte metáfora:

Bibliotecas precisam ser cozinhas: espaços sociais ativos onde você mistura uma rica gama de ingrediente (informação, recursos, talentos) que se transformam num interessante composto que então pode ser compartilhado (Lankes, 2016a, p.76)

Para que isso ocorra, a biblioteca deve facilitar. Lankes expõe que para alguns, facilitar pode parecer decepcionante, mas é algo maior dentro da missão dos bibliotecários. “[...] não é não se envolver e esperar ser chamado [...] ninguém mudou o mundo esperando ser chamado. Não, é preciso esperar que a facilitação de bibliotecários e bibliotecas seja proativa, colaborativa e transformadora” (Lankes, 2016a, p.69). Lankes quer que o bibliotecário procure ser agente de mudança na sua comunidade.

Além disso, a biblioteca se expressa de quatro modos: a) fornecendo acesso; b) fornecendo capacitação; c) proporcionando um ambiente seguro; e d) despertando a motivação para aprender em comunidade. Então, o bibliotecário deve entender e trabalhar para que a biblioteca onde atua seja uma facilitadora proativa de conhecimento.

Lankes repete diversas vezes que a “missão de uma biblioteca é melhorar uma sociedade facilitando a criação de conhecimento em uma comunidade” (2016a, p.58). Em acréscimo, outra missão das bibliotecas é criar parcerias com outras áreas para expandir o impacto das bibliotecas nelas. Para isso os bibliotecários devem ajudar a formar a comunidade com uma rica e diversa equipe de atores participantes. O bibliotecário será uma mistura entre missão, meios de facilitação e valores para a sua comunidade.

No livro “*Expect More...*”, Lankes passa repetindo o que as bibliotecas devem fazer, mas esclarece: “as bibliotecas não fazem coisa alguma, são prédios ou salas” e que “o trabalho e o impacto que as bibliotecas podem trazer são resultados de pessoas. [...] o trabalho e seu impacto são resultado direto dos bibliotecários” (Lankes, 2016a, p.133). Não importa o local onde a biblioteca esteja, quem é o agente de mudança é o bibliotecário e o seu trabalho.

Apesar de uma comunidade ser um lugar melhor por ter uma biblioteca, os bibliotecários devem agregar valor a ela. Um bibliotecário deve orientar sua comunidade em um contínuo processo de mudança, o que acontece não só promovendo uma visão de mudança para ela, mas também trabalhando ativamente para que essa mudança aconteça. Para Lankes, “por um longuíssimo período, bibliotecários viam o serviço como estar sempre à disposição para servir. Você deve esperar que eles compreendam que ninguém mudou o mundo estando sempre à disposição” (Lankes, 2016a, p.146). Logo, espera-se que os bibliotecários procurem criar conversas, mudanças, sejam proativos e construam caminhos com a sua comunidade.

A comunidade será o verdadeiro “acervo” da biblioteca e “excelentes bibliotecas vêm de excelentes bibliotecários” (Lankes, 2016a, p.160). Então, para esse autor, uma biblioteca excelente deve construir vínculos entre as pessoas e o bibliotecário deve procurar maneiras de apoiar a aprendizagem dos membros da sua comunidade.

Para Ferreira (2024), no Brasil, o uso do termo Nova Biblioteconomia não é considerado novo, pois antes de o mesmo aparecer por aqui, alguns profissionais já praticavam o que se entende por NB. No contexto nacional, uma “nova” forma de fazer Biblioteconomia vem sendo enfatizada desde a década de 1980, mas sem algo amplo e que mudasse a atuação biblioteconômica no todo. Essa autora entende que a NB não é uma nova modalidade de Biblioteconomia, mas o estabelecimento de uma missão para fundamentar a prática bibliotecária e essa perspectiva foi cunhada para se repensar a Biblioteconomia e as práticas em conformidade com a realidade vivida. Entende que a contribuição de Lankes no Brasil é a de impulsionar a ação biblioteconômica e dar ressignificação à prática.

Assim, no Brasil, a Nova Biblioteconomia brasileira deve levar em conta o contexto amplo e diversificado do país e compreender que existe um caminho a ser percorrido ao se almejar integrar as bibliotecas à vida da comunidade, levando em

conta o tamanho geográfico e as particularidades de cada região. A força do bibliotecário brasileiro está em ser engajado junto com suas comunidades para transformar realidades (Ferreira, 2024).

A autora ainda explica que o contexto brasileiro trouxe novos termos para a Nova Biblioteconomia: acolhimento, território e pertencimento. Esses termos são relevantes e invocam uma compreensão da realidade social e contexto das comunidades. Ferreira (2024, p. 155) explica que as bibliotecas, por muito tempo, foram sinônimo de poder de uma parcela elitizada da população brasileira”, mas que “as bibliotecas, quando conectadas às necessidades das comunidades, têm o poder de mudar vidas e construir um futuro mais justo e equitativo para todos (Ferreira, 2024, p. 156).

Dito isto, a NB deve afetar o modo de pensar e de como os bibliotecários atuam, como esperam atender as suas comunidades, a criar laços – ou como visto antes, relações sociais – e ganharem (bibliotecas, bibliotecários e comunidades) espaço dentro da ordem social.

2.6 BIBLIOTECA ESCOLAR

A biblioteca escolar (BE) varia muito de acordo com o tipo de instituições de ensino a que são vinculadas; o tipo de ensino que é oferecido e a linha pedagógica seguida; tamanho e arquitetura do local; espaço físico; a localização; os serviços disponíveis; com o profissional atuante nela e no público atendido; etc. O seu conceito perpassa por diferentes terminologias desde a década de 1970 (Fioravante, 2021).

A presença da biblioteca na escola oferece à comunidade escolar a chance de ler e de se informar mais, saber se expressar melhor, contribui para a autonomia no uso da informação e, assim, para que estejam melhor preparadas para lidar com os desafios que serão enfrentados ao viver em sociedade. Isto exige do bibliotecário escolar muito mais que atividades técnicas, mas também atributos sociais (Fioravante, 2021; Ottonicar; Castro Filho; Sala, 2019). Portanto, essa biblioteca vai além de técnicas, empréstimos de livros e do incentivo de leitura. Ela é educacional em seu íntimo e deve disponibilizar um acervo que atenda aos interesses e necessidades de sua comunidade (Ottonicar; Castro Filho; Sala, 2019; Pajeú; Almeida, 2020).

A biblioteca escolar é o espaço responsável por estimular no usuário o seu lado mais crítico e questionador, sendo um importante instrumento de ensino-

aprendizagem; e independentemente do contexto onde esteja inserida, vai exercendo papel fundamental na formação dos alunos. Pajeú e Almeida (2020, p. 9) entendem que independentemente de sua tipologia, a biblioteca “é um organismo em crescimento, ou seja, mutável, e vai se adaptando conforme as novas necessidades informacionais que venham a surgir”. Assim, entende-se imprescindível para tornar a biblioteca funcional, a presença do bibliotecário atuando neste ambiente. Esse profissional é vital para o existir da biblioteca e deve ocupar o lugar de infoeducador⁴ para transformá-la em um centro de práticas e mediação cultural seguro e democrático, onde se promove discussões e questionamentos sociais para desenvolver seu usuário (Pajeú; Almeida, 2020).

Caldin (2005) entende que uma biblioteca escolar cativa seus leitores de duas formas: pelo seu acervo e pelo bibliotecário que nela atua. Para a mesma autora (p.163) “a qualidade do acervo encontra-se condicionada a vários fatores externos à figura do bibliotecário, mas é possível de ser contornada pela criatividade, pelo empenho e pelo senso de responsabilidade social desse profissional da informação”. Sendo assim, a autora entende que uma biblioteca, para fazer diferença, precisa de bibliotecário. Sozinha ela é apenas um local. Quem realmente pode transformar o local em uma biblioteca é o bibliotecário. O papel que desempenha a biblioteca é, na verdade, reflexo do bibliotecário que está ali, estimulando, coordenando e organizando o processo de leitura para que alunos e demais pessoas da comunidade escolar aumentem seus conhecimentos e também sua capacidade crítica e reflexiva.

Caldin (2005) também discorre que alguns bibliotecários defendem a função cultural da biblioteca escolar para além da educativa e esses se preocupam com transformar a biblioteca em um meio real de formar consciência crítica dos alunos.

O bibliotecário tem uma grande responsabilidade, pois do seu trabalho depende os resultados da unidade de informação. Um dos objetivos da BE é formar cidadãos conscientes e capazes de pensar de forma crítica e criativa e, em um mundo que muda constantemente, globalizado, onde apenas os processos tradicionais não servem mais. O bibliotecário tem que “largar seu papel passivo, de mero processador

⁴ Segundo Pajeú e Almeida (2020, p.12), é "o profissional que, além de ter domínio dos saberes informacionais, é capaz de dialogar com os agentes interessados em se tornar protagonistas da ação de mediação cultural". É uma categoria com profissionais da informação e da educação, que tem em seu papel de mediação, característica também de educador. O bibliotecário escolar é entendido como um infoeducador por dominar os saberes informacionais e ter práticas de mediação. Portanto, deve fazer a mediação entre os usuários e os instrumentos informacionais (Pajeú; Almeida, 2020).

técnico de livros e desempenhar um papel ativo: agente de mudanças sociais" (Caldin, 2005, p.164). O bibliotecário deve ser um agente de mudanças e essas mudanças começam com o seu trabalho.

Se a biblioteca é um organismo vivo e dinâmico, seus profissionais também devem ser dinâmicos. O bibliotecário vai ter contato com seus usuários e deve conhecer seus gostos, interesses e necessidades. O acervo da biblioteca deve promover formação social, intelectual cultural e crítica. O local deve ser propício para a produção de conhecimento (Caldin, 2005; Vaz, 2012).

O bibliotecário também deve estar atento aos objetivos da escola, à demanda dos alunos e ao que os professores necessitam. Deve desenvolver ações conjuntas aos professores e alunos, em uma relação dinâmica e de diálogo, com trocas de experiências e para saber assim o que o seu usuário precisa e quer. A biblioteca escolar — e consequentemente, o bibliotecário que está à frente dela— tem papel relevante na formação dos alunos por ser um instrumento que *facilita* e que provoca conhecimento neles (Vaz, 2012; Bari; Bispo; Santos, 2018).

Na sociedade da informação, a biblioteca tem o papel de promover habilidades em seus indivíduos. No que se refere às crianças, é um espaço onde têm a primeira oportunidade de acessar informação produzida pelo mundo. Sendo assim,

De acordo com o manifesto da Unesco, a biblioteca escolar deve ser um ambiente propício a desenvolver diversas habilidades nos alunos. Deve não somente promover a leitura, mas dar condições que o cidadão em formação seja capaz de olhar o mundo que o cerca de forma crítica com o intuito que este cidadão possa ser agente ativo na construção e nas mudanças do ambiente onde vive (Vaz, 2012, p. 4).

Então, a biblioteca é claramente um local relevante para o aluno e sua formação. O bibliotecário que atua nela, deve ser ativo, dinâmico, comunicativo e deve facilitar a troca de conhecimento e experiências dentro daquele ambiente. Conceituar o que é biblioteca escolar é algo difícil pois, para comprehendê-la, é preciso que a sociedade entenda a força que a biblioteca tem. Esse local deve ser entendido como parte do processo de ensino-aprendizagem dos alunos e que o modifica de forma considerável (Vaz, 2012). O problema passa de cuidar das bibliotecas para mostrar às pessoas que este espaço é essencial para criar cidadãos críticos e ativos à sociedade.

2.6.1 Universalização da biblioteca escolar no Brasil

A biblioteca escolar é vista como um espaço para promover sociabilidade entre a comunidade e mediar informação em diferentes fontes, formatos e suportes. Com o crescente aumento e variedade de informações na sociedade contemporânea, tem-se exigido mais dos alunos, que precisam estar cada vez mais preparados para lidar com o significado do conhecimento que constroem. Isso é um desafio para as escolas, um desafio também estrutural, relacionado à ausência de bibliotecas e de bibliotecário nesses espaços.

Em 2010, foi promulgada a lei 12.244 que discorre sobre a universalização das bibliotecas escolares, tanto em instituições públicas como privadas. Segundo Santos, Lima e Resende (2021), desde o surgimento das escolas públicas até o momento atual, houve políticas públicas, como decretos-lei e outras normas que garantissem a existência e manutenção de bibliotecas escolares, mas também o desinteresse de autoridades responsáveis e profissionais da educação em realizar a fiscalização e o controle sobre as execuções dessas políticas. Portanto, não há políticas públicas efetivas que falem sobre implantação, desenvolvimento e/ou avaliação de bibliotecas escolares, apesar de se saber que a existência dessas bibliotecas seja reconhecida como benéficas para a sociedade (Santos; Lima; Resende, 2021).

Segundo Santos, Lima e Resende (2021), levou quase 400 anos para a biblioteca ser entendida como um espaço de sociabilidade. Após a lei 12.244/2010 (Brasil, 2010), todas as regiões do Brasil tiveram legislações e regulamentações do ensino e de implementação ou manutenção de programas que apoiam a leitura, contudo, legislações para a biblioteca escolar não houve grandes mudanças. Concluem Santos, Lima e Resende (2021, p.22), que no Brasil “a aplicabilidade das legislações está longe de ter seu cumprimento na prática. Há muitas determinações em benefício da biblioteca escolar, e da educação em geral, que não são atendidas ao se verificar os fatos reais”. Apesar de se ter a lei, de se ter mudanças, ela ainda é insuficiente para atender a demanda de bibliotecas escolares no Brasil.

Segundo Guimarães *et al.* (2016) e Vaz (2012) a promulgação da lei 12.244/2010 cria condições para a BE se tornar um espaço de transformação para a sociedade, onde a educação de qualidade pode deixar de ser um privilégio e se tornar acessível a todos. Contudo, pode-se concluir serem necessárias mais ações para a sua efetivação.

Como visto por Farias e Britto (2019), a lei possui fragilidades no seu texto: é pouco específica, nos seus 4 artigos; o texto vago cria lacunas na interpretação e para a aplicação efetiva da lei; limita o acervo em escolas menores, sem considerar as especificidades de cada escola e da biblioteca escolar como parte do trabalho educativo da escola. Em oposição, essa lei 12.244/2010 trouxe considerável avanço para as áreas da educação e da Biblioteconomia. Após sua aprovação, há políticas de incentivo à leitura, mas que não envolvem toda a comunidade escolar para a construção e discussão na/dá biblioteca (Guimarães et al., 2016; Vaz, 2012).

Em 8 de abril de 2024, a Lei 12.244/2010 é alterada pela Lei 14.837, quando a biblioteca escolar é considerada obrigatória e necessária ao desenvolvimento do processo educativo, que deve ser espaço de estudo, lazer e encontro da comunidade. Essa lei também cria o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (SNBE) (Brasil, 2024). A lei de 2024 deixa explícito que a biblioteca escolar deve ser um espaço de estudo, encontro e de lazer para a comunidade, atendendo as suas necessidades. Além disso, o processo de universalização das bibliotecas escolares deve estar de acordo com as leis 4.084/1962 e 9.674/1998 que dispõem sobre a profissão de bibliotecário, ou seja, que a pessoa responsável pela biblioteca seja formada em Biblioteconomia. A Lei 14.837 reafirma o compromisso de incentivar e implantar bibliotecas em todas as escolas do país, sendo isto uma função básica do SNBE (Brasil, 1962; 1998; 2024).

2.6.2 Biblioteca como espaço de pertencimento

Como visto anteriormente, a biblioteca tem papel relevante na vida dos alunos. Segundo Oliveira e Cavalcante (2017), a biblioteca pode ser aliada no processo cognitivo e no desenvolvimento racional lógico do cérebro. Como espaço de diversão e entretenimento, contribui para desenvolver nas crianças um sentimento de pertencimento, que pode colaborar para que o hábito de leitura e a visita das crianças à BE seja maior pelo desejo de estar nela.

A biblioteca muitas vezes é usada como depósito das instituições ou como local de castigo, mas esse espaço pode tornar-se atraente e, assim, despertar o interesse dos alunos, que assim o considerará agradável para ler, estudar, pesquisar, mas também para passar um tempo e fazer descobertas por vontade própria. O

bibliotecário à frente dessa unidade deve transformá-la em ambiente promotor de fantasia, prazer e descontração. Para Oliveira, Cavalcante (2017, p.31).

Com a organização e um bom planejamento, o arranjo do espaço da biblioteca escolar pode ser uma ferramenta de trabalho do bibliotecário que está à frente dessa unidade informacional, despertando interesse nos seus usuários de permanência no ambiente

Sendo assim, o trabalho do bibliotecário é essencial para transformar o ambiente da biblioteca em local agradável e que motive nos frequentadores a vontade de permanecer nele, de se sentir parte dela, de ser um lugar especial para se estar.

Como dito antes, a biblioteca ajuda no desenvolvimento do processo de transformar informação em conhecimento. Também pode ser um local de pertencimento, onde cria-se vínculos “e cultivá-los ajudará a criar referências que serão a base da convivência em grupo” (Oliveira; Cavalcante, 2017, p.33). O bibliotecário deve procurar sempre possibilitar a interação do aluno com o ambiente da biblioteca de modo que ele venha se integrar ao ambiente e sentir-se parte dele. Com isso, esse usuário poderá vir a ter maior apropriação do espaço, e com maiores possibilidades de perceber o valor da biblioteca na sua vida.

Berger e Luckmann (2004) entendem que o pertencer, significa essa partilha de vivências e experiências com outros membros da comunidade, e os vínculos de afeto que se desenvolverem ainda novos, serão vinculados a fatores sociais, econômicos e culturais. O espaço da biblioteca pode contribuir para construir a identidade dos alunos. Para isso, é preciso que aconteça a exploração de todos os recursos que puder. A criação da identidade cultural da criança, determina o sentimento de pertencer, onde há criação de laços afetivos com o grupo do qual faz parte (Oliveira; Cavalcante, 2017). Assim, entendem esses autores (2017, p. 39), que “o bibliotecário ao criar um ambiente de entretenimento e aprendizagem atrativo, acolhedor e acessível para todos, livre de qualquer medo ou preconceito, despertará no usuário o interesse de permanência”. Deste modo, para que aconteça esse sentir-se pertencente à BE, é preciso que no seu trabalho de mediação o bibliotecário facilite para que o usuário saiba do potencial da biblioteca escolar e como pode ajudá-lo na sua formação humana e social (Oliveira; Cavalcante, 2017).

O bibliotecário tem papel essencial para fazer os membros da sua comunidade, entenderem o que a biblioteca tem a lhes oferecer e usar o sentimento de pertencimento criado por eles ao espaço como forma de melhorar e alavancar ele,

esperando sempre mais, esperando melhores trocas de conhecimento entre os indivíduos.

2.6.3 A biblioteca escolar e o bibliotecário escolar na Nova Biblioteconomia

Lankes (2016a) comenta que as produções sobre Biblioteconomia dão maior atenção ao conceito de informação e capacitação, mas que a biblioteca ainda é um espaço de recreação e leitura. A NB entende as bibliotecas como um espaço de aprendizado e participação social. Porém, podem apoiar-se também à leitura. Isso dependerá da sua comunidade. Sendo assim, o autor entende que um bibliotecário escolar não deve se limitar ao balcão ou à manutenção do acervo, mas ser um parceiro ativo no processo de aprendizagem.

Esse profissional deve orientar seus alunos ao aprendizado que seja “baseado em pesquisa, livre das restrições e dos limites do ‘ensino’ demasiadamente estruturado, comprovado e unilateral” (Lankes, 2016a, p.74). Ou seja, o bibliotecário deve estar ali para que o aluno aprenda de forma autônoma e livre para expor suas ideias sem medo de ser podado ou se sentir limitado de alguma forma.

O melhor desempenho de uma escola não se baseia em ter ou não uma biblioteca ou pelo tamanho que tenha o acervo desse lugar. O maior desempenho relacionado às bibliotecas escolares está ligado ao profissional qualificado atuando ali: o bibliotecário. Não apenas ser bibliotecário, mas ser comprometido, pois “precisa coensinar e trabalhar com os alunos no aprendizado” (Lankes, 2016a, p.75). Entende-se por coensinar, uma ação colaborativa entre professor e do bibliotecário para facilitar o aprendizado de seus alunos.

Lankes ainda comenta que “identificar e estimular a motivação para aprender é a forma mais importante de facilitação. Sem ela, ninguém é induzido a aprender, e os programas, serviços e atividades da biblioteca não têm nenhuma utilidade” (2016a, p.90). Além disso, para a biblioteca escolar ser um local de estudo, criação e experimentação, toda a comunidade deve estar envolvida e entender que estão todos aprendendo ao mesmo tempo.

O trabalho do bibliotecário escolar – e do bibliotecário no geral – é especializado e desafiador, por conta das diferentes especificidades de contextos, usuários, entre outros. Na escola, por exemplo, esse profissional deve saber diferenciar as necessidades de alunos e de professores, mas também diferenciar entre os tipos de

professores (Lankes, 2016a). Também deve-se saber diferenciar e entender os tipos de alunos, seja por seus gostos, seu tipo de núcleo familiar, seus interesses, seu meio social etc. Conforme Lankes (2016a, p.164),

Hoje, o trabalho da biblioteca escolar inclui cyberbullying, encontrar informações confiáveis na web, como pesquisar em bases de dados, habilidades de pesquisa, entre outras coisas. Na era do ipad, quando toda televisão nova vem com um aplicativo de facebook, esses bibliotecários têm dezoito horas por ano (meia hora por semana) para ajudar crianças a se tornar bons leitores e participantes efetivos da infraestrutura do conhecimento.

As bibliotecas escolares são lugares de aprendizado que existem dentro de lugares de aprendizado: as escolas. Apenas ter uma biblioteca não significa que os alunos terão melhor desempenho. Aliás, muitas bibliotecas escolares estão sendo fechadas, ou então continuam abertas com professores ou voluntários despreparados para ocupar o lugar do bibliotecário (Lankes, 2016b).

No Brasil, mesmo com as leis 12.244/2010 e 14.837/2024 sobre universalização das bibliotecas escolares, e as leis 4.084/1962 e 9.674/1998 que dispõem sobre a profissão de bibliotecário, ainda há bibliotecas ocupadas por pessoas não qualificadas, sem formação básica na área para estar à frente dessas instituições. É uma luta antiga, e que vem andando a passos lentos. E somado a isto, nem todos os formados na área querem e/ou tem perfil para atuar em bibliotecas escolares.

Em Santa Catarina, os bibliotecários têm buscado mostrar à sociedade a importância de um profissional formado na área atuando em bibliotecas, em especial nas escolares. Em 18 de abril de 2023, por exemplo, houve uma audiência pública com a temática "Bibliotecas escolares e públicas em Santa Catarina", presidida pela Deputada estadual Luciane Carminatti, com exposições dos presidentes do Conselho Federal de Biblioteconomia Sistema (CFB), da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições (Febab), do Conselho Regional de Biblioteconomia da 14^a Região (CRB-14), da Associação Catarinense de Bibliotecários (ACB), de coordenadores dos cursos de biblioteconomia , e outras autoridades (ALESC, 2023).

Na audiência, o bibliotecário Alzemi Machado, conselheiro da Fundação Catarinense de Cultura - Seção Museus, Bibliotecas e Arquivos, na sua fala comparou a atual situação das bibliotecas escolares, com a que as mesmas se encontravam em 1995, lendo um texto seu daquele ano, conforme segue:

Santa Catarina é um Estado que desponta no cenário nacional. Com uma economia equilibrada e diversificada, a sociedade catarinense atingiu pontos de elevado crescimento e desenvolvimento em diversos setores, em contraste com a realidade de muitos Estados da Federação. Porém, alguns setores não obtiveram a mesma sorte, ou melhor, não foram priorizados politicamente no tocante a este desenvolvimento. Refiro-me à situação em que se encontram as bibliotecas e, particularmente as bibliotecas, escolares do nosso Estado (ALESC, 2023, p. 5)

E ao concluir sua fala nessa audiência pública registra: "Sabemos que temos muitas experiências positivas de sucesso em alguns Municípios, mas acredito que, infelizmente, este título que eu dei para este pequeno artigo: 'A triste realidade das Bibliotecas e dos Bibliotecários Escolares', está bem contemporâneo"⁵ (ALESC, 2023, p.6).

Assim, apesar desse e de outros esforços, o cenário das bibliotecas escolares ainda não se modificou tanto quanto esperado e desejado pelos bibliotecários catarinenses.

Lankes explica que bibliotecários ativos em suas bibliotecas irão trabalhar com alunos e professores de forma a melhorar os resultados do aprendizado e a pensar currículos que se voltem para o letramento informacional. O autor, então, sugere aos profissionais: "quando nós, bibliotecários, realmente abraçamos o poder e as habilidades dos membros de nossa comunidade — sejam eles crianças de onze anos ou idosos de cem anos —, descobrimos que recebemos muito mais do que poderíamos esperar" (2016b, p.141, tradução própria). Ou seja, o acervo verdadeiro de uma biblioteca é a sua comunidade, e quando ela fizer parte realmente da biblioteca, quando ela se sentir inserida e pertencendo ao local, de forma que, ao transformar suas ideias pessoais em experiências trocadas com outros membros, o bibliotecário estará transformando a biblioteca em um local de aprendizagem e socialização.

Para que bibliotecas e bibliotecários sejam ativos, Lankes sugere as seguintes vias: a) do acesso; b) da criação de conhecimento; c) do ambiente; e, d) da motivação.

O acesso ao conhecimento e aos materiais é parte importante de aprender e, com isso, também parte importante das bibliotecas escolares. Contudo, o acesso tem

⁵ **Jornal da Faed:** informativo do Centro de Ciências da Educação da Udesc, Florianópolis, ano 1, n. 2, abr. 1995, p. 4. Disponível em:

<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/ordem%20alfabetica/letraJ.html>. Acesso em: 5 nov. 2024.

se tornado cada vez mais *online*. Muitos veem a internet como um obstáculo, mas essas ferramentas *online* significam que os alunos podem usar os recursos da biblioteca a qualquer momento e em qualquer lugar (Lankes, 2016b). Obviamente, a realidade do Brasil difere da realidade do país de origem da NB. Aqui, por ser um país tão grande e diverso, com a desigualdade social em muitos níveis, não há em todo o seu território acesso à internet; e em muitos locais quem tem acesso, a qualidade não é tão boa. Por isso, apesar de Lankes entender que, por parte dos bibliotecários a internet não deve ser um empecilho, para a realidade da sociedade onde muitos desses profissionais trabalham, o acesso é difícil.

Bibliotecas escolares ativas devem ajudar a facilitar acesso também às pessoas, e não só às coisas; devem servir os alunos como uma plataforma para que exponham seus trabalhos e ideias. Bibliotecários talentosos veem a internet como uma oportunidade de amplificar o conhecimento, a construção da comunidade e o seu aprendizado autêntico (Lankes, 2016b).

Sobre a criação de conhecimento, o autor entende que o poder das bibliotecas escolares não é cuidar de uma coleção de livros e mantê-la, ou de transformar a biblioteca em outra sala de aula, mas na “construção de um rico playground de recursos, pessoas e atividades e do empoderamento dos alunos para criar” (Lankes, 2016b, p.142-143, tradução própria).

Quanto ao ambiente, Lankes (2016b) esclarece que uma biblioteca pode ser ótima em qualquer lugar e independentemente de tamanho, pois a chave está em oferecer um ambiente onde há espaços reais e para ela. Esse ambiente precisa ser seguro e envolvente, onde os alunos sejam recebidos e envolvidos pelo bibliotecário e/ou sua equipe, entendendo as suas necessidades e facilitando seu aprendizadoativamente. Todas as bibliotecas escolares bem-sucedidas têm em comum: “[...] pessoas que cuidam dos alunos como um todo” (Lankes, 2016b, p. 143).

A motivação refere-se ao trabalho de incentivo aos professores para que estes sejam melhores instrutores, e se associem ao bibliotecário para o ensino de questões que exijam dos alunos um pensar mais crítico, ou às questões voltadas ao letramento informacional. Lankes (2016b, p. 143, tradução própria), enfatiza que “Tarefas melhores levam a alunos mais motivados, melhor aprendizado, professores mais felizes e melhores bibliotecas escolares”. Ou seja, para melhorar o trabalho do bibliotecário, os membros de sua comunidade devem crescer e melhorarem o seu aprendizado em conjunto, em um ciclo virtuoso.

3 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

A pesquisa científica reúne um conjunto de ações que se propõe solucionar um problema, com base em procedimentos sistemáticos e racionais (Silva; Menezes, 2005). Além disso, todo conhecimento científico-natural também será científico social, pois as interações entre as ciências naturais e sociais irão se estabelecer dentro de uma realidade social (Valentim, 2005).

A pesquisa aqui proposta se caracteriza como bibliográfica, por seu tipo de fonte e como exploratória por seus objetivos. É natureza básica, com abordagem qualitativa.

As pesquisas bibliográficas são elaboradas em cima de material já publicado decorrente de pesquisas feitas anteriormente por outros e disponíveis em livros, revistas, artigos científicos, como também material da internet. Esse tipo de pesquisa tem o intuito de pôr o pesquisador em contato direto a todo material já escrito sobre um assunto (Prodanov; Freitas, 2013; Silva; Menezes, 2005).

A pesquisa exploratória busca levantar informações sobre determinado tema mapeando as condições em que ele se manifesta e delimitando um campo de trabalho. Esse tipo de pesquisa tem finalidade de proporcionar mais informações para que se consiga fazer a delimitação do tema (Prodanov; Freitas, 2013; Severino, 2007). Silva e Menezes (2005) explicam que a pesquisa exploratória objetiva criar uma familiaridade com o problema ao criar hipóteses. Normalmente vai envolver levantamento bibliográfico, pode utilizar entrevista com pessoas que falem sobre experiências práticas relacionadas à pesquisa, e ela acontece mais com pesquisas bibliográficas e estudos de caso.

Na pesquisa de abordagem qualitativa o objetivo é verificar como as pessoas investigadas/ouvidas refletem e pensam sobre determinada experiência. Na pesquisa qualitativa, se considera que tem uma relação dinâmica acontecendo entre o mundo real e o sujeito investigado, ou seja, há um “vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode se traduzir em números” (Silva; Menezes, 2005, p. 20). Então, a pesquisa qualitativa vai tentar interpretar os fenômenos que ocorrem e atribuir significados no seu processo de pesquisa. Isso não requer o uso de técnicas estatísticas, pois a fonte para a coleta de dados vai ser o sujeito no seu ambiente natural. Ela é descritiva, pois os pesquisadores acabam por

analisar os dados de forma indutiva focando no processo e significado dos fenômenos (Silva; Menezes, 2005).

Esta pesquisa tem como aporte metodológico a Teoria das Representações Sociais.

3.1 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Serge Moscovici (1925-2014), romeno naturalizado francês, foi um estudioso da Psicologia e Psicologia Social. Em 1961, publicou sua tese principal “*La Psychanalyse, son image et son public*”, onde apresenta a Teoria das Representações Sociais (TRS). Em 1976 republicou sua obra, atualizando-a. Trata-se de uma teoria do conhecimento social contemporâneo, que se fundamenta em uma leitura sobre sistemas de comunicação social.

A obra de Moscovici insere-se também no campo da Sociologia do Conhecimento, pois esse estudioso buscou compreender como o conhecimento é produzido, e analisar seu impacto nas práticas sociais. Moscovici, juntamente a outros colegas da área, fizeram com que o estudo das representações sociais se desenvolvesse, vindo a influenciar pesquisadores há décadas, e em crescente interesse, chegando à atualidade (Camargo, 2015; Duveen, 2015; Oliveira, 2004).

As representações, com influências sociais da comunicação, constituem as realidades das vidas cotidianas e são o principal meio para estabelecer associações que nos fazem ligar uns aos outros, enquanto sujeitos sociais. O trabalho de Moscovici sobre as representações sociais deve ser visto dentro dessa ideia de construção da Psicologia Social do Conhecimento (Duveen, 2015).

Cabe mencionar que o primeiro teórico a falar em representações foi Emile Durkheim, especificamente em representações coletivas, e a designava como a especificidade do pensamento social. Durkheim entendia as representações coletivas como formas estáveis de compreensão do coletivo, tendo elas o poder de integração da sociedade como um todo (Crusoé, 2004; Duveen, 2015).

A teoria de Durkheim foi ‘esquecida’ por seus contemporâneos e recuperada por Moscovici, porém estando este mais interessado em explorar a variação e a diversidade das ideias coletivas nas sociedades modernas. Moscovici defendia que o estudo das representações individuais seria domínio da Psicologia, enquanto o das representações coletivas, da Sociologia. Assim, se retira a ideia de que a Psicologia

Social de Moscovici é uma variante da Sociologia de Durkheim (Crusoé, 2004; Duveen, 2015; Oliveira, 2004).

Moscovici entende que a TRS se preocupa fundamentalmente com a inter-relação entre sujeito e objeto e em como ocorre o processo para a construção do conhecimento, tanto individual como coletivo. A Psicologia Social seria o estudo de como e por que os indivíduos partilham conhecimento e o modo como constroem sua realidade comum e de como os indivíduos transformam as ideias em práticas (Duveen, 2015; Crusoé, 2004).

Na Psicologia Social, o conhecimento nunca será simplesmente descrição ou cópia do estado das coisas, mas sim o conhecimento produzido através de interação e da comunicação. O conhecimento vem de onde os indivíduos interagem, no mundo onde os interesses, necessidades e desejos vão encontrar expressão, satisfação ou frustração. Essa psicologia se importa com os processos pelo qual o conhecimento é gerado, transformado, e no “projeto” do mundo social (Duveen, 2015).

As relações sociais, que são estabelecidas no cotidiano dos indivíduos, são consequência de representações que são apreendidas, e possui dupla dimensão: sujeito e sociedade, e vai se situar no limite de vários conceitos tanto sociológicos como psicológicos (Crusoé, 2004).

A TRS é uma teoria que pode ser abordada em termos de produto, mas também de processo, ao passo que a representação é, ao mesmo tempo, tanto produto quanto processo de uma atividade, que faz os indivíduos reconstituírem o real e fazerem atribuições de significado a algo específico. Moscovici defende que existe um conhecimento de senso comum, que nos permite explicar algumas situações e práticas. Esse conhecimento seria um conhecimento verdadeiro (Crusóe, 2004).

Moscovici, segundo Crusoé (2004, p. 108), lembra que trabalhar com opiniões vai envolver uma escala de valores que leva a determinada ciência ser mais valorizada do que outra, razão pela qual no desenvolvimento de teorias científicas se reduz cada vez mais o papel das opiniões em sua estrutura. Em contrapartida, a TRS apresenta uma proposta de leitura do conhecimento de senso comum, se preocupando com o conteúdo das representações.

O senso comum abrange uma série de informações e impressões cheias de significado, e isso se torna um referencial indispensável. A TRS ao considerar o senso comum como conhecimento verdadeiro, permite que se explique determinadas práticas, a partir do que pensam os indivíduos, construídas das interações e

comunicação. Moscovici quis compreender como é produzido o conhecimento plural, como isso constitui e reforça grupos, interfere nas práticas dos indivíduos dentro desses grupos, e como esses indivíduos reconstituem seu pensamento (Crusoé, 2004; Oliveira, 2004).

Em termos de processo, a TRS se dá no saber como se constroem as representações, a envolver o processo formador de ancoragem e o processo formador de objetivação. A objetivação, traz o concreto de um conceito, e essa objetivação de determinado conceito ou objeto vai depender das condições culturais e dos aspectos de valor do grupo ao qual um indivíduo está inserido (Crusoé, 2004). Moscovici entende que as representações são “da natureza mesma dos grupos sociais que as criam, e sua eficácia – tanto prática como simbólica – dependeria dessa inserção” (Oliveira, 2004 p.183).

Crusoé (2004) declara que adotar referencial da TRS em pesquisas voltadas à Educação leva a assumir uma perspectiva onde se considera que as representações sociais têm papel fundamental nas relações sociais e nas práticas, e que o conhecimento de senso comum é um conhecimento legítimo, que nos leva a transformações sociais e que direciona a produção de conhecimento científico. Moscovici quis demonstrar que as representações não vêm de uma única sociedade, mas de diversas que existem dentro de uma sociedade maior, e que as ideias, mesmo que cotidianas e socio variáveis, podem ser de alguma forma universais. Elas preexistem, são de um “ambiente” social e cultural (Crusoé, 2004; Oliveira, 2004).

Assim, entende-se que as representações sociais são relevantes nas relações sociais e para a construção de conhecimento pelos indivíduos.

3.2 CAMPO DA PESQUISA, ESCOLAS E PARTICIPANTES

O campo da pesquisa foi a cidade de Florianópolis, capital de Santa Catarina. O problema de pesquisa foi investigado em escolas de ensino fundamental -privadas, e da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (RMEF) - ouvindo bibliotecários/as escolares.

Os critérios para a seleção das escolas, bibliotecas e bibliotecários participantes da pesquisa são:

- 1) Escolas de ensino da rede privada e da RMEF com o número de matrículas igual ou maior de 200 alunos, sendo quatro escolas da RMEF, e quatro escolas da

rede privada. Compreende-se que escolas com menos matrículas podem favorecer um maior envolvimento do bibliotecário com a comunidade escolar e, com isso, esse profissional tende a ter maiores facilidades para a realização de projetos, atividades, enquanto resultado de maior interação e conversa.

- 2) Escolas com bibliotecas;
- 3) Bibliotecas com profissional formado em Biblioteconomia, com CRB ativo, com atuação mínima de cinco anos na biblioteca dessa unidade escolar.

Entende-se ser cinco anos um tempo adequado para falar sobre sua experiência na comunidade escolar atual, mais detalhes sobre a escola, a biblioteca onde atua no momento da coleta de dados, e as pessoas que circundam nesses contextos. E, ainda, conforme exposto no primeiro, cinco anos é considerado tempo satisfatório para tentar (tendo conseguido ou não) trabalhar projetos/ações que o levem a pensar, refletir e falar sobre o contexto e suas práticas profissionais.

Com o não cumprimento de algum desses critérios pela escola, passou-se para a próxima da listagem de escolas (em ordem decrescente pelo número de alunos matriculados), até encontrar outra que cumprisse todos os critérios. Desta forma, chegou-se aos participantes dessa pesquisa.

Antes disso, foram feitas tentativas com os possíveis participantes da pesquisa, seguindo a listagem das escolas. Primeiramente foi tentado contato por telefone, e quando não, indo às escolas. Mesmo que atendendo os critérios estabelecidos nesta pesquisa, muitos dos possíveis participantes apresentaram algum dos seguintes impedimentos: não quiseram participar ou não estavam mais na escola (seja por aposentadoria ou por remoção recente para outra escola). Especificamente, na RMEF, a forte burocracia atrasou o contato da pesquisadora com os possíveis bibliotecários participantes. Esse processo foi mediado pela Gerência de Formação Continuada, e a coleta de dados nessa rede aconteceu em maio de 2024.

Segundo Lefèvre e Lefèvre (2005a) para os pesquisadores qualitativos, tem-se a ideia de que as opiniões ou pensamentos são qualitativos e por isso trabalha-se na ordem de profundidade e do pequeno. A geração da qualidade vai implicar em trabalhar com poucas pessoas, bem selecionadas, que irão discursar sobre o tema pesquisado de forma mais ampla e profunda.

Tratando-se aqui de uma pesquisa qualitativa, enfatizando não a quantidade, mas a qualidade dos participantes (em termos de experiência com o objetivo do

estudo) e repercutindo na qualidade dos dados discursivos, optou-se por ouvir oito profissionais - quatro da rede pública e quatro da rede privada de ensino.

3.4 PRECEITOS ÉTICOS

Os Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) precisam "considerar as condições de incerteza no desenvolvimento das pesquisas e ponderar os conflitos de maneira imparcial, sem deixar de proteger a parte mais frágil, que é quase sempre o sujeito ou a população investigados" (Araújo, 2003, p. 60). Assim, no Brasil, toda pesquisa que envolve, direta ou indiretamente, seres humanos precisa, obrigatoriamente, ser conferida por um CEP.

Os CEP são multidisciplinares, portanto, formados por pessoas das diversas áreas do conhecimento humano, e têm como objetivo preservar a integridade dos sujeitos pesquisados. Cada instituição deve criar um ou mais comitês e inscrevê-los na Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) (Araújo, 2003).

O Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos da Universidade do Estado de Santa Catarina (CEP/UDESC) é vinculado diretamente ao gabinete do reitor. Esse comitê busca disponibilizar informações e resoluções para dar suporte à submissão de projetos de pesquisa da universidade, e é aberto a pesquisadores de outras instituições. O CEP está em conformidade com outras resoluções, em destaque a Resolução 466/2012/CNS/MS/CONEP. Esta, se fundamenta em documentos internacionais. O CEP/UDESC disponibiliza informações que orientam o/a pesquisador/apara a submissão dos projetos (UDESC, 2023).

O consentimento livre e esclarecido e o termo de consentimento entram na análise do comitê, uma exigência não apenas no Brasil, sendo um dos pilares da ética nas pesquisas (Araújo, 2003). Segundo a Fundação Oswaldo Cruz

Uma pesquisa eticamente justificável precisa respeitar o participante da pesquisa em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua vulnerabilidade, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida; precisa ponderar entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos, e garantindo que danos previsíveis serão evitados; precisa ter relevância social, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária; e, finalmente, precisa ser aprovada previamente por um comitê de ética em pesquisa. (Fiocruz, 202?).

O termo de consentimento é documento obrigatório nas pesquisas envolvendo seres humanos. Nele, informações devem ser adequadamente apresentadas, de forma a ser compreendida pelo indivíduo a ser pesquisado, redigido em linguagem acessível, sendo parte do protocolo da pesquisa. O consentimento “é livre”, deixando explícito ao pesquisado que ele poderá desistir a qualquer momento da participação na pesquisa, mesmo após ter prestado depoimentos, e outras informações. O consentimento é livre, porque nada pode interferir na decisão do pesquisado de participar ou não da pesquisa. Além de manifestar seu consentimento, o pesquisado assina esse documento juntamente com o/a pesquisador/a (Araújo, 2003).

Sendo assim, integram a presente pesquisa e foram para análise e aprovação do CEP/UDESC, pelo número 77408724.5.0000.0118CAAE (Certificado de Apresentação de Apreciação Ética), os seguintes documentos: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e Consentimento para fotografias, vídeos e gravações (disponíveis, respectivamente, nos anexos A e B).

3.5 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os instrumentos de coleta de dados se constituem por levantamento de dados em pesquisa que dá relevância à descrição verbal. A coleta deve proporcionar interação entre o/a pesquisador/a e seu informante. E precisa se relacionar com o problema de pesquisa e seus pressupostos, de forma a obter respostas para se alcançar os objetivos propostos. (Prodanov; Freitas, 2013; Silva; Menezes, 2005).

Nesta pesquisa, optou-se pela entrevista realizada face a face e para a qual será adotado um roteiro de perguntas semiestruturadas e abertas (Apêndice A). Apesar de se estabelecer previamente as perguntas, estas sendo abertas deixaram os/as entrevistados/as livres para falar, favorecendo à pesquisadora a explorar amplamente as respostas, quando da análise dos dados.

Logo após a entrevista, os bibliotecários participantes responderam a um Questionário Situacional (Apêndice B) sobre dados profissionais, das bibliotecas e das escolas. O questionário servirá para obter mais informações sobre os participantes da pesquisa, sobre o local e a equipe, trazendo mais detalhes para a análise.

Para obter os nomes das escolas particulares, foi encaminhado e-mail para à Gerência de Avaliação e Estatísticas Educacionais (GAEBE), que faz parte da Secretaria de Estado da Educação (SED) de Santa Catarina, onde foi solicitado o

censo escolar de Florianópolis das escolas tanto da rede municipal quanto da rede privada. Após isso, foi feito o contato com as escolas privadas por telefone e e-mail para conferir se havia bibliotecária formada e o tempo de trabalho. Com isso se fez um novo recorte de escolas, e foi feito novamente contato perguntando o interesse em participar. Já na parte das escolas da rede municipal, foi encaminhado o projeto a Gerência de Formação e, após análise, foi liberada a pesquisa. A previsão de tempo para entrevista e questionário foi no mínimo 30min e o máximo de tempo 1h30, e houve gravação das entrevistas, para se fazer a transcrição dos áudios.

Os resultados da pesquisa serão levados a conhecimento dos participantes, os convidando para participarem do momento da defesa da dissertação, os informando por e-mail, o endereço eletrônico da dissertação na base *Pergamum* da Biblioteca Universitária da UDESC e os convidando para conhecerem o produto final desta pesquisa de mestrado profissional.

3.6 TESTAGEM DOS INSTRUMENTOS

Anterior a realização das entrevistas definitivas, o Roteiro de perguntas de entrevista (Apêndice A) e o Questionário situacional (Apêndice B) foram levados à testagem. Para isso, foi solicitada a colaboração de um bibliotecário de escola pública e um bibliotecário de escola privada, nas mesmas condições/perfis definidos para os participantes definitivos.

A testagem dos instrumentos de coleta de dados tem como função analisar a clareza das perguntas do Roteiro de Entrevista (Apêndice A) e do Questionário Situacional (Apêndice B). Esse é um cuidado necessário para que não haja ruído entre aquilo que a pesquisadora pergunta/deseja saber e aquilo que os participantes definitivos possam interpretar do que é perguntado pela pesquisadora. Após a testagem, os dois instrumentos de coleta de dados tiveram pequenas modificações

No roteiro de entrevista levado à testagem a terceira pergunta sofreu alterações deixando-a mais explícita. Na quarta pergunta houve troca de uma palavra para melhor entendimento pelo entrevistado. A sexta e sétima perguntas foram unidas em uma, modificando a escrita, mas mantendo o sentido pretendido; e uma nova pergunta sobre “comunidade” entrou no roteiro. Também as perguntas sete, oito e nove foram modificadas para deixá-las mais simples e diretas. Já a testagem do questionário resultou na inclusão da pergunta 27. Essas alterações nos instrumentos de coleta de

dados revelaram o quanto esta etapa da pesquisa é relevante para o resultado da mesma.

Evidentemente, os dados coletados na testagem não entraram na pesquisa final. Esta etapa da pesquisa serviu para avaliar as perguntas do questionário e as do roteiro de entrevista, vindo a auxiliar a pesquisadora a antever a entrada a campo, como deveria se portar no momento da coleta, se atendendo para não influenciar os participantes da pesquisa durante a coleta dos dados.

Após a coleta dos dados discursivos definitivos, os dados foram submetidos a tratamento, para posterior análise. Para essa etapa da pesquisa, os dados coletados nas oito entrevistas foram tratados pela técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), de Lefèvre e Lefèvre.

3.7 A TÉCNICA DO DSC PARA TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) é uma técnica de tabulação e organização de dados qualitativos, de natureza verbal, obtidos de depoimentos, artigos, matérias de revistas especializadas, ou não, cartas etc. Essa técnica foi desenvolvida por Fernando Lefèvre e Ana Maria Cavalcanti Lefèvre no fim dos anos 1990, fundamentada na Teoria da Representação Social (TRS). Uma pesquisa de representação social tenta resgatar o imaginário social sobre um tema. Esse imaginário com o DSC, vai aparecer na forma de um painel de discursos, o qual refletirá o pensar determinado coletivo, sobre um assunto específico. O DSC se coloca como um discurso-síntese que é elaborado com pedaços de discursos de sentidos semelhantes, por meio de procedimentos sistemáticos e padronizados que ajuda a conhecer pensamentos, crenças e afins, de um coletivo sobre determinado assunto utilizando métodos científicos (Lefèvre; Lefèvre, 2005b; Figueiredo; Chiari; Goulart, 2013).

Nas pesquisas mais quantitativas e tradicionais, o indivíduo é tratado de forma distante ou pluralizada, desconsiderando que determinados indivíduos têm um pensamento. Se o indivíduo tem um pensamento, logo, um coletivo de pessoas também adota discursos variados, ou não, de determinados temas. "O discurso do sujeito coletivo visa dar luz ao conjunto de individualidades semânticas componentes do imaginário social" (Lefèvre; Lefèvre, 2005b, p. 16) e se propõe a reconstituir um ser empírico do coletivo, que irá opinar em um discurso emitido na primeira pessoa do

singular, chamado pelos autores como o *eu sintático* (Lefèvre; Lefèvre, 2005b; Figueiredo; Chiari; Goulart, 2013).

Segundo Almeida (2005), estudar a sociedade é uma das tarefas mais complicadas para pesquisadores de trabalhos voltados a questões humanas e das ciências sociais, pois coletar dados e tratá-los, normalmente requer técnicas e procedimentos mais quantitativos, onde o material coletado às vezes são apenas números.

O DSC é uma proposta para tratamento que auxilia na análise de dados discursivos utilizada em pesquisas sociais, pois recupera as representações sociais dos sujeitos. Esse discurso expressa um sujeito que viabiliza o pensamento social. Utilizar o DSC significa se apropriar de teorias de base e princípios onde os fenômenos sociais serão considerados como a fonte dos discursos produzidos e assimilados como um pedaço do pensamento social (Lefèvre; Lefèvre, 2005; Almeida, 2005b).

No livro "O Discurso do Sujeito Coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)", Lefèvre e Lefèvre (2005b) explicam como funciona o DSC e quais os passos para a sua aplicação, deixando claro não se tratar de uma receita pronta, pois cada pesquisa tem suas características/particularidades.

Essa técnica emprega quatro figuras metodológicas para tratamento dos depoimentos: Expressões-Chave, Ideia/s Central/is, Ancoragens e Discursos do Sujeito coletivo (DSC), as quais resultam no discurso do sujeito coletivo final.

As expressões-chave (E-Ch) buscam resgatar a literalidade do depoimento obtido. São os pedaços retirados das transcrições do discurso obtido, que irão revelar a essência de cada depoimento, o conteúdo discursivo das partes em que um depoimento se divide. As E-Ch irão representar o conteúdo que remete à/as ideia/s Central/is (IC) (Lefèvre; Lefèvre, 2005b).

As IC são representadas por uma palavra ou conjunto de palavras que expressa/m de forma mais sintética, precisa e fidedigna o sentido dos discursos analisados e de cada conjunto de E-Ch. As IC não são interpretações do/a pesquisador/a para um depoimento ou conjunto de depoimentos, mas uma descrição do seu sentido. Em um discurso, pode haver mais de uma IC e sua função é individualizar um dado discurso (Lefèvre; Lefèvre, 2005b).

As Ancoragens (AC) são expressões que dão sustentação às manifestações explícitas de uma ideologia ou crença dentro do depoimento obtido. O uso das IC e as E-Ch são indispensáveis para dar sentido aos discursos e para que sejam descritos

de forma adequada. As IC têm função identificadora, e as E-Ch, função corporificadora (Lefèvre; Lefèvre, 2005b).

Segundo os autores, com o DSC busca-se

Reconstruir, com pedaços de discursos individuais, como em um quebra-cabeça, tantos discursos-sínteses quantos se julgue necessários para expressar uma dada ‘figura’, ou seja, um dado pensar ou representação social sobre um fenômeno (Lefèvre; Lefèvre, 2005b, p. 19).

Parte dos discursos em estado bruto são analisados primeiramente, em uma decomposição, na seleção de ancoragens e ideias centrais dentro dos discursos individuais. Sendo assim, a tabulação dos dados das questões será analisada na leitura das respostas, e na identificação de expressão que revele o sentido delas. Após identificar as expressões-chave, se forma as categorias. Se as respostas de depoimentos diferentes forem iguais ou equivalentes, elas podem ser reunidas, formando um DSC da/s questão/ões.

Para construir o DSC, deve-se seguir alguns princípios: coerência; posicionamento próprio; tipos de distinção entre os discursos, que podem ser dois: respostas diferentes/antagonistas ou respostas complementares; produzir uma “artificiade natural”, fazendo operações nos pedaços selecionados e tirando as particularidades para se parecer com discurso de apenas uma pessoa; encadear os discursos em forma de narrativa, numa sequência clara e coerente (Lefèvre; Lefèvre, 2005b).

Com a técnica do DSC o/a pesquisador/a tenta reconstruir o universo de representações dentro do campo pesquisado, e a matéria-prima são os discursos professados pelos sujeitos sociais, obtidos frequentemente utilizando-se entrevistas (Lefèvre; Lefèvre, 2005b).

Para a entrevista, é preciso previamente definir o perfil dos sujeitos participantes, e o pesquisador pode compor sua amostra de algumas formas: compondo pessoalmente a amostra, escolhendo todo ou boa parte dos indivíduos conforme as características que definiu; ou ter um conhecimento aprofundado desse universo a ser pesquisado. Sendo esse universo extenso, pode ser feita uma escolha intencional dos sujeitos; sendo o universo extenso e o/a pesquisador/a não o conhece, precisará de uma amostra representativa da população que pretende estudar (Lefèvre; Lefèvre, 2005b).

A elaboração do roteiro de perguntas, exigirá do/a pesquisador/a tempo, habilidade, experiência e criatividade, para que as perguntas possam responder e fazer conhecer o que se pretende investigar. De um roteiro com perguntas abertas obtém-se resposta espontâneas e menos dirigidas possíveis (Lefèvre; Lefèvre, 2005b).

Lefèvre e Lefèvre (2005b) dizem não existir uma regra definitiva de como fazer o roteiro de perguntas, porém alguns pontos são considerados centrais.

- a) Antes de formular uma pergunta, definir os objetivos que se pretende atingir;
- b) Evitar perguntas que levem o/a entrevistado/a produzir representações cognitivas, pois o/a pesquisador/a procura representações comportamentais;
- c) Evitar perguntas que contenham respostas que sejam de alguma forma induzidas;
- d) Evitar perguntas cujo objetivo é produzir reações emocionais;
- e) Evitar perguntas que impossibilitem discursos. Por exemplo, respostas do tipo “sim”, “não”, “talvez”, “quem sabe”, entre outras;
- f) Fazer perguntas adequadas à população-alvo da pesquisa;
- g) Elaborar perguntas que levem o/a entrevistado/a entender claramente o enunciado.

Todo roteiro de perguntas deve ser testado em população-piloto, ou seja, por sujeitos de perfil semelhante ou equivalente aos participantes definitivos da pesquisa. Outro cuidado relevante para a obtenção dos dados por meio de entrevista, é a preparação do ambiente (temperatura, livre de ruídos), e dos equipamentos; pois isso interferirá no físico, emocional e na compreensão ao que está sendo perguntado, e elaboração do que está sendo respondido.

Conforme Lefèvre e Lefèvre (2005b), para a elaboração do Discurso do Sujeito Coletivo, após a coleta dos dados e sua transcrição, deve-se seguir de forma rigorosa, os seguintes passos:

- a) Analisar as questões de forma isolada: as respostas da questão 1 de todos os entrevistados, depois todas da questão 2 e assim por diante, até a última questão. Para isso é feito a cópia integral de todas as respostas, em um quadro, de modelo único, para todas as respostas de cada pergunta do Roteiro de entrevista;

- b) Identificar e sublinhar as ECH das IC e, se houver, as das AC também, mas marcadas de forma diferente das ECH e IC;
- c) Identificar as IC e AC, a partir das ECH encontradas no segundo passo, e colocar essas ideias em uma tabela correspondente.
- d) Agrupar as IC e AC com sentido parecido, iguais ou complementar. Nomeia-se cada grupo com letras (A, B, C, etc.)
- e) Denominar cada grupo de letras, com uma IC que represente da melhor forma todas as ideias presentes nesse grupo.
- f) Construir o DSC de cada questão
- g) Elaborar o DSC final.

Esse passo a passo é dividido em duas etapas (e para isso adota quadro específico criado pelo/a pesquisador/a, conforme a sua necessidade, ou da demanda discursiva), definidas por Lefèvre e Lefèvre (2005a;2005b) como Instrumento de Análise de Discurso 1 (IAD 1) e Instrumento de Análise de Discurso 2 (IAD 2).

Depois, construir DSC de cada pergunta do Roteiro de Entrevista, e “construído” o DSC final, e para isso, conforme Lefèvre e Lefèvre (2005b, p.55) “é preciso ‘discursivar’ ou sequenciar as expressões-chave obedecendo a uma esquematização clássica do tipo: começo, meio e fim ou do mais geral para o menos geral e mais particular”. A “ligação” entre os trechos discursivos do DSC de cada pergunta do Roteiro de entrevista, como também a ‘ligação’ de todos os DSC, que resultará no DSC final, será feita usando conectivos, que resultará em um discurso coeso. Deve-se ficar atento para eliminar particularidades e repetições de ideias (Lefèvre; Lefèvre, 2005b).

O DSC pode ser apresentado de diversas formas e pode apresentar resultados por cada pergunta do roteiro de entrevista ou pode usar um quadro-síntese quando ocorrer mais de um discurso por questão. Depois, pode-se apresentar quadros compostos pelas IC e transformar em um ou mais discursos. O DSC aparece em itálico, para ser identificado como uma fala coletiva, porém não se usa aspas. Após expor o/s discurso/s, pode ser feito um comentário de cada dado obtido nas questões (Lefèvre; Lefèvre, 2005b).

3.8 COLETA DE DADOS E APLICAÇÃO DA TÉCNICA DO DSC

Após contato prévio com as escolas e com os bibliotecários e o aceite para participação da pesquisa, foi combinado dia e horário que seria mais conveniente para os participantes e, se possível, que a entrevista ocorresse na biblioteca, seus locais de trabalho. As entrevistas ocorreram entre três de abril e 21 de maio de 2023.

Antes de iniciar as perguntas, os entrevistados e cada um no seu momento, foram orientados a ler o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), (anexo A), quando lhe foi explicado como se procederia com a entrevista e o questionário situacional a ser respondido em seguida a entrevista. Foi indicado a eles que seria uma conversa, sem julgamento de certo e errado e sobre as gravações. O tempo das gravações das entrevistas ficaram entre 7 a 30minutos.

A captura de áudio das respostas das entrevistas foi feita por meio de aplicativo de celular e em algumas vezes, simultaneamente com gravador. O questionário estava impresso em papel e respondido a entrevista e devolvido à pesquisadora. A transcrição dos dados das entrevistas (apêndice C) foi realizada após cada entrevista, para facilitar o trabalho, pois as lembranças do momento da entrevista ainda estavam frescas na memória da pesquisadora e que poderia ajudar a identificar trechos e/ou palavras pouco audíveis. As únicas intervenções feitas pela pesquisadora se limitaram a repetição da pergunta ou parte dela, quando necessário. Como os entrevistados foram orientados de que a entrevista seria uma conversa sem julgamentos e que se interessava conhecer das vivências e experiências dos participantes, esses ficaram bastante à vontade. Isso é demonstrado nas transcrições das entrevistas, onde aparecem expressões, conjugações e vícios de linguagem de uso cotidiano de cada um dos oito participantes desta pesquisa.

Nas transcrições, adotou-se colchetes contendo três pontos – [...] – para suprimir partes que identificassem os participantes e/ou escolas e colchetes contendo informações complementares para esclarecer algo não explicitado pelo participante. Usou-se também os três pontos quando de uma pausa maior durante a fala, como se tivesse pensando sobre o assunto, para, então, dar continuidade a ideia. Também se fez uso das expressões, entre aspas: [risada], [risadinha] para registro desses gestos suscitados durante as respostas dadas. Também nas transcrições, quando os entrevistados reproduziam a fala de pessoas do seu convívio profissional para

exemplificar alguma vivência, usou-se aspas no início e final dessas falas, como uma citação, para identificá-las e diferenciá-las da fala do entrevistado.

Na transcrição, conforme mostrado no apêndice C utilizou-se como forma de individualizar as entrevistas, dos participantes, o código alfanumérico partic01, para representar o primeiro participante, partic02 para o segundo, e assim até o oitavo participante; partic08.

Concluída a etapa das transcrições, passou-se para a primeira etapa da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que consiste em identificar as expressões-chave (E-Ch) das respostas. Para isso, foi elaborado o Instrumento de Análise de Discurso 1 - IAD1 (apêndice D). O IAD1 foi organizado por 12 quadros, cada um para tratamento das respostas de cada uma das 12 perguntas do roteiro de entrevista. Cada quadro tem três colunas (entrevistados, expressões-chave e ideias centrais) e 8linhas, sendo uma para a resposta de cada participante. As respostas foram incluídas na íntegra, e as E-Ch marcadas com sublinhado. Quando numa mesma resposta foram identificadas ideias repetidas, foi considerada apenas uma E-Ch para compor o DSC.

Após identificar todas as E-Ch e suas IC, passou-se para a segunda etapa da técnica do DSC, o Instrumento de Análise de Discurso 2 (IAD2, apêndice E). Essa etapa também é composta por 12 quadros, um para cada pergunta e respectivas respostas. Contudo, nesta etapa constam apenas as E-Ch que haviam sido marcadas nos quadros da etapa do IAD1, agrupadas por ideias Centrais (IC). Sendo assim, os 12 quadros que compõem a etapa do IAD2, tem duas colunas: E-Ch, e IC de cada pergunta. A supressão das partes dos discursos (respostas) que não tem Expressões-chave (E-Ch) é marcada por reticências entre colchetes.

Com base nos agrupamentos das E-Ch nestes quadros do IAD2, iniciou-se a organização o Discurso do Sujeito Coletivo de cada uma das 12 perguntas. Assim, fazendo uso das E-Ch, agrupadas por IC, e aplicando conectores discursivos (identificados nos DSC sem itálico e com sublinhado), para dar uma fluidez aos DSCs de cada pergunta de entrevista. Até este momento, as reticências entre colchetes, indicando a supressão de palavras e/ou frases que identificasse o participante e/ou sua instituição, foram mantidas nesses DSCs, apenas para ajudar o leitor desta pesquisa, ao entendimento do caminho percorrido pela pesquisadora nas diferentes etapas da técnica de Lefèvre e Lefèvre. Um dos quadros do IAD2, especificamente o referente à pergunta 6 do roteiro de entrevista, resultou em dois DSC. Os DSC das 12

perguntas encontram-se na sequência de cada quadro do IAD2 (apêndice E). Concluídos os DSCs das perguntas, a etapa seguinte, foi a montagem do DSC final.

4 RESULTADOS DA PESQUISA

Após a coleta e tratamento dos dados obtidos com as entrevistas e os questionários, que das entrevistas resultou no Discurso do Sujeito Coletivo “bibliotecários escolares situados em Florianópolis” sobre Nova Biblioteconomia, foram feitas as análises dos dados apresentadas nesta seção.

4.1 NOTA SOBRE A COLETA DE DADOS

Nesta seção registra-se as observações da pesquisadora quando nas escolas para a coleta de dados.

De oito escolas, sete estão localizadas na principal rua do respectivo bairro, o que facilitou o acesso da pesquisadora. Quanto às bibliotecas, cinco estão localizadas na parte térrea das edificações; duas em outros andares. Em uma das escolas, não havia um único prédio, mas um conjunto de construções que se moldavam ao terreno e a biblioteca não tinha um andar específico por conta disso.

Quando na biblioteca para as entrevistas, em cinco bibliotecas foram vistos alunos usando o espaço, seja antes e até durante as entrevistas, ocasionando algumas interrupções durante a gravação, pois o bibliotecário estava sendo requisitado.

Todos os participantes apresentaram à pesquisadora a biblioteca onde atuavam. As bibliotecas são muito diferentes umas das outras, ou seja, cada comunidade é única, e cada uma tem a sua biblioteca. Todas as oito bibliotecas tinham algum tipo de espaço destinado ao público infantil, tinham livros não apenas em estantes, mas em diferentes lugares da biblioteca, e viu-se o uso do espaço, mesmo ainda cedo, com a escola mal começando o turno escolar. Algumas vezes a pesquisadora chegou ao local com maior antecedência ao horário marcado com o bibliotecário, quando por mais tempo pode observar o espaço da biblioteca sendo utilizado pelos alunos.

Durante as entrevistas, três bibliotecários demonstraram certo nervosismo, mas fez-se questão de deixar claro que não se estava ali para julgar o trabalho e ações do entrevistado, mas para ouvir e conhecer das suas experiências. Mesmo assim, uma das participantes ficou nervosa por mais tempo. Acredita-se que pelo fato de ter

sido bastante interrompida pelos alunos durante a entrevista, transparecendo sentir-se incomodada e nervosa ao responder as perguntas.

Durante o preenchimento dos questionários, foi comentado algum detalhe extra do trabalho desenvolvido pelos participantes, bem como relatos de projetos e livros novos que chegaram na biblioteca. Com todos os oito participantes, nesse momento, ocorreram conversas sobre vivências e troca de experiências, por conta da experiência anterior da pesquisadora em biblioteca escolar. Ao final de uma das oito entrevistas, o participante presentou a pesquisadora com um livro intitulado “Florianópolis: cidade da gente” de Magnólia Costa.

Todos os participantes foram agradáveis e demonstraram familiaridade com a escola, com a comunidade escolar e com a comunidade externa. Havia bibliotecários que moravam no mesmo bairro da escola. Portanto, integravam a comunidade escolar e a comunidade onde a escola está.

4.2 O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO “BIBLIOTECÁRIOS ESCOLARES SITUADOS EM FLORIANÓPOLIS” SOBRE NOVA BIBLIOTECONOMIA

O Discurso do Sujeito Coletivo “bibliotecários escolares situados em Florianópolis” sobre seu pensar/agir e possível relação com preceitos da Nova Biblioteconomia é resultado de 13 DSC correspondentes a cada uma das 12 perguntas do roteiro de entrevista (Apêndice A), aplicado aos oito bibliotecários participantes desta pesquisa. Relevante acrescentar que para a composição do DSC final, optou-se em seguir os DSCs na mesma ordem das doze perguntas. Se faz válido dizer que a pergunta “A comunidade costuma dar retorno sobre o seu trabalho? E qual a relevância deste retorno no âmbito pessoal e profissional?” teve dois DSC, mas foram incorporados ao DSC final.

Cabe esclarecer que o texto do DSC final apresenta marcações diferenciadas trazidas desde a transcrição das entrevistas até a finalização do tratamento dos dados, que resultou neste discurso de um sujeito coletivo.

Deste modo, os trechos selecionados das entrevistas – as falas propriamente ditas dos participantes – aparecem em *italíco*. Para uma leitura fluída, foi feita a supressão de palavras e frases encontradas nas transcrições das entrevistas, que pudesse identificar os participantes e suas instituições, com o uso de colchetes[...]. Inserções foram feitas, da qual são chamadas conectores, e identificadas dentro do

DSC quando sublinhadas e sem itálico. As partes que aparecem [sem itálico e entre colchetes] foram inseridas pela pesquisadora durante a transcrição das entrevistas para substituir instituições, bairro e afins, ou para esclarecer algo dito de forma implícita no discurso dos participantes. No discurso final, pode-se observar variações de gênero em algumas palavras, por exemplo: disposta, alinhado, sozinha, sozinho. E isso ocorre, pois, as pessoas participantes desta pesquisa são tanto do gênero feminino como masculino, sendo escolha de a pesquisadora mantê-las no discurso sem alterações.

Prestados esses esclarecimentos, se apresenta o discurso do sujeito coletivo “bibliotecários escolares situados em Florianópolis” a respeito do seu pensar/agir e possível relação com preceitos da Nova Biblioteconomia.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

A biblioteca escolar é a mais difícil de todas. Atende crianças, adolescentes... uma fase bem difícil. Há a faixa etária, a divisão dos livros, tem que ter carinho para com os estudantes. É a principal de todas as bibliotecas. É muito importante. É um organismo vivo dentro da escola. Os projetos, tudo que acontece, tem por base a biblioteca. É um espaço social, socializável da escola. Aonde a comunidade se encontra, há a participação das crianças, de toda a comunidade escolar, das famílias, dos professores, tudo alinhado, para o objetivo final: os estudantes. Portanto, trabalhar sozinha, isolada na escola, não funciona. Biblioteca escolar é um conjunto. Um espaço de interação, vir trocar ideias, conversar, ver os livros. Requer trabalho em conjunto com os alunos, de acordo com o interesse deles. A biblioteca tem que ser uma referência para os alunos. Ambiente que acolhe para que até os adultos tenham vontade de vir, espaço que funciona dentro da escola para atender as necessidades de professores, alunos, funcionários e pais. Deve ter acervo atualizado. Ser ambiente onde se cria à vontade da leitura nas crianças e nos adolescentes. Local de incentivo à leitura. A pesquisa, curiosidade em sala, o foco é que seja feita na biblioteca. Ela tem papel fundamental no ensino e aprendizagem, na formação dos estudantes, no consolidar conteúdos. É espaço de acesso à cultura dentro da escola e da comunidade no geral. Por isso, favorece a formação cidadã, conhecer outras realidades, ter acesso ao livro como um direito. Mas, vai além do acervo. Não é apenas local para guardar livros e fazer empréstimo, é o coração da escola. Logo,

deve permanecer aberta todo o período de aula. A minha contribuição tem sido a mediação entre as necessidades da comunidade escolar, professores, alunos, com o acervo; mas também outras formas de conhecimento que vem das demandas dos alunos. O trabalho é de apoio, levar a informação que a comunidade precisa. Ser a ponte entre o que a gente tem e a informação que eles precisam. Também, um trabalho em conjunto com os professores. Uma parceria muito importante e a visão do bibliotecário é diferente e acrescenta muito no trabalho pedagógico. Tudo que é trabalhado em sala, a gente vai intensificar essa aprendizagem. A gente tenta desvincular a nossa área do pedagógico, mas é impossível. Incentivar a leitura é função do bibliotecário, ser uma referência quando se fala em livro. A gente consegue fazer o trabalho que extrapola a barreira das paredes da sala. Isso é só possível com a presença do bibliotecário. E quando as crianças têm o contato com o bibliotecário, tem que ter uma aproximação, um carinho, porque dependem do bibliotecário para tudo. Quando você conhece a criança, o estudante, eles têm uma confiança em ti, tu conhece o perfil deles, acompanha o crescimento desde o infantil até o ensino médio. É preciso fazer com que a biblioteca seja um ambiente bom, agradável, conseguir a interação aluno, professor, porque adolescente quase não gosta de vir à biblioteca. Tem que estar chamando, tem que estar buscando, fazendo atividade. Ser referência dentro da escola, tanto para os estudantes quanto os profissionais e a comunidade. Todos que participam ativamente tendo os mesmos objetivos pode ser definido como comunidade. Um grupo de pessoas, que tem uma convivência durante bastante tempo, tem os mesmos serviços à disposição. Que divide o mesmo espaço e que tem interesses em comum. Um bairro é uma comunidade, e dentro da comunidade tem comunidades. A comunidade exterior, a comunidade do bairro, a comunidade escolar. A gente vive em comunidade; a comunidade escolar. Ela engloba os pais, professores, outros trabalhadores da escola, os alunos, bibliotecários, [funcionários da] secretaria, faxineiras... Todos focados num único objetivo: a educação. São todas as pessoas que circundam nesse ambiente, as pessoas que estão no meu entorno, em torno dessa escola. E cada um tem seu papel dentro dessa comunidade. Eu me relaciono muito bem com a comunidade. Todos me conhecem, eu conheço todo mundo, tenho boa convivência com todos, e os alunos gostam muito desse espaço, gostam bastante de mim. Todo mundo é muito simpático, atencioso. Eu procuro atender a demanda o máximo que eu posso. Minha relação com os professores... tanto professores, quanto direção, meus superiores, faz com que a biblioteca seja mais valorizada. A

comunidade escolar é a minha comunidade, também. Eu tenho uma relação para além de ser o bibliotecário da escola. Sou muito respeitado na comunidade escolar, uma referência para a comunidade no que ela é, faz parte do meu trabalho, alguém que se importa, por ser da comunidade. Sou muito importante para eles, como eles são para mim. Como uma família. Tem crianças que eu vi ser alfabetizada e hoje estão pegando literatura brasileira. Tu vai acompanhando todo esse processo. Estão sempre aqui na biblioteca. Tento ajudar no máximo os estudantes, os professores, os auxiliares, a equipe pedagógica. Usam esse espaço não só para a leitura. No intervalo é cheio de muitas crianças que vem ler, jogar, conversar... É um espaço bem aberto e acolhedor. Vou mostrando que essa biblioteca está aberta à comunidade, chamando ela. É uma biblioteca também comunitária. Eu só não gosto de ver os alunos tirados de sala de aula, ainda existe esse espaço da biblioteca para esse fim. É muito triste e a palavra castigo está implícita. A minha contribuição na construção de conhecimento vem do trabalho na biblioteca. Pela mediação, já que a biblioteca possui conhecimentos formatados e disponibilizados, mas o conhecimento está em todo lugar da escola. Fazendo atividade, conversando com os alunos, com os professores. Pesquisando, ajudando nas pesquisas. Sempre busco nas histórias trazer questões da atualidade, para refletir e deixar que os alunos façam essa parte... que é adquirir conhecimento, levando informação que estão precisando no momento. Com uma escuta atenta, conversando muito com eles, interagindo, sabendo o que gostam, querem, o que estão vendo, assistindo. Atualizando o acervo. Tornando a biblioteca um lugar atrativo, incentivando a leitura, ainda mais hoje que o hábito da leitura, é tudo. Eles têm que ter. O professor em sala de aula tem que dar conta de um currículo. Na biblioteca a gente não tem essa obrigatoriedade. A biblioteca tem potencial de reflexão através da literatura. Há a procura deles por mim, me perguntando as coisas. Então, sou importante para eles. Mostrando que [a biblioteca] é de todo mundo, que podem ocupar esse espaço. É estar sempre aberto, para todas as atividades de sala, de pesquisa da escola, olhando para o todo. A gente está sempre alinhado a fazer projetos, ano passado foi o ano que eles mais leram. E teve "troca" [de informações sobre livros e as leituras] com a comunidade. A gente faz um bom trabalho para a comunidade. Dos professores eu tenho retorno quando entro em contato e quero fazer uma atividade, eles me apoiam. Depois me dão retorno se as crianças gostaram ou não. Sempre tem um feedback da direção, também tem a comunidade dos pais das crianças. Olham muito nosso trabalho, e sempre dando um feedback, positivo ou

negativo. Nossos professores fazem questão de vir nos horários que eles têm, os estudantes abordam a gente nos corredores, o retorno deles é muito legal. Os estudantes não são avaliados pela aula da biblioteca, a biblioteca é para vir. Um momento de fruição, de prazer, de leitura. Os pais ficam surpresos quando sabem que podem fazer parte desse espaço, dão retorno, nos reconhecem. Todo dia eu tenho essa troca com a comunidade. No mercado, na padaria... tenho esse retorno direto. Na escola, tenho ótima relação com os professores para acessar o ambiente da biblioteca, os pais vêm buscar livros para os filhos. Dá uma satisfação profissional muito grande e pessoal. A minha abordagem é essa, tem essa relação de pertencimento com a escola e com a comunidade. Quando a gente tem um objetivo e alcança, fico super feliz. A minha satisfação é no atendimento aos estudantes, estar com eles constantemente, trabalhando, atendendo. O reconhecimento por eu estar aqui nesse ambiente, é importante. E esse retorno me estimula a continuar e fazer mais. Anos atrás eu tive feedbacks, uma questão da direção para saber o clima organizacional, entre professores, alunos e tudo mais. Nesse último ano não observei isso, mas existia um retorno. Não é sempre, mas eu percebo pelos pais dos alunos quando a biblioteca é comunicada, do aluno que atrasou livros e outras situações. Pais me comunicam de história que contei que as crianças chegaram em casa falando e da importância de levar o livro. O retorno da escola não é muito. Às vezes, eu sinto essa necessidade de um reconhecimento maior, mas sempre tem, por parte dos alunos, dos pais, e da escola. É interessante na questão profissional saber que o seu trabalho, a tua presença na biblioteca, na escola, faz sentido para a comunidade, porque financeiro, não é tão relevante. Tem que superar cada ano o número de empréstimo, se as crianças estão lendo mesmo, o que está sendo feito, e a parceria com os professores. Aqui, o desafio pessoal é não entrar em rotinas, né? Se reinventar, criar coisas, chamar a atenção dos alunos pra coisas que estão mais no dia a dia, de formas diferentes. Sempre buscar me atualizar, não me acomodar, que não me enquadre, não fique só no meu espaço pensando na minha caixinha, é olhar o que está se pedindo hoje em dia, o que os estudantes estão querendo consumir. Outro desafio é a cultura de que a biblioteca é espaço que posso deixar o aluno que está incomodando [em sala]. O celular, as redes sociais, computador, a competição entre o tecnológico e a leitura, que fez com que se perdessem nesse caminho, da concentração, e a luta agora é essa. Eles voltaram da pandemia, todos tem celular. Trazer o aluno para o momento presente, para o livro. Estão muito vinculados à

eletrônicos. Às vezes eles estão com o celular no joguinho, tenho que puxar para o ler. Tem aquisição de livros, que o número não é o quanto gostaria. A questão financeira, os livros são muito caros, e a gente precisa de livros em inglês que são extremamente caros. Espaço físico, é o maior desafio. A escola cresceu muito rápido, não tem uma sala maior, tem turmas que são grandes, impossível de trazer. Problemas de estrutura, ter uma biblioteca bem pequena, e um acervo bem grande. Um desafio principalmente depois da pandemia, é a reconquista dos leitores, perdi muitos. Aqueles que eram mais difíceis de conquistar, não gostavam de ler, tinham uma resistência maior, voltaram com uma maior ainda, e o reaprender para não perder o contato com os estudantes. Quando estava começando a carreira, era muito jovem, não sabia o que era trabalhar em biblioteca escolar. Minha formação não tinha dado conta disso, e quando eu cheguei era totalmente diferente do que eu trabalhava, não frequentavam tanto. Eu fui conquistando eles, porque não entravam. Fico conversando com a coordenação, com a diretoria, passo o que gostaria que fosse feito. Eles têm consciência das coisas e isso é importante para tomarem as providências. Para que possam perceber que o espaço da biblioteca vai além de pesquisa no computador, nos livros... é um ambiente para a comunidade socializar. A escola me dá abertura, possibilidade, tenho autonomia, em relação ao acervo, o que fazer, o que tirar. A direção, deixa bem aberto esse processo de criar, inovar, deixa os professores, o bibliotecário, bem livres, para apresentar ideias, fazer. Pedem que informem, mas sempre apoiam. Cada ano você pode mudar, melhorar. A coordenação é muito fácil de lidar. A gente tem acesso a eles, a relação interpessoal é muito boa e faz com que o nosso trabalho flua melhor. A verba destinada à compra de livros criou um acervo legal. Parceria se não tem, não consegue trabalhar, desenvolver, fazer projeto. Nossa grupo de trabalho é muito bom, os professores são engajados, querem participar. Eu não tenho medo de trabalhar nenhuma das obras que eu trabalho. Isso facilita na minha interação, minha comunicação tanto com os professores quanto com os alunos. Eu tive auxiliar na biblioteca, contribuiu bastante. E o tempo que eu estou nessa escola. A experiência conta. Tenho aspirações. Algumas, não possíveis de [serem] concretizadas. Aspirações mais pessoais, crescer como profissional, oferecer um bom trabalho para os professores e para os nossos alunos, principalmente. Espaço físico. Quero fazer uma biblioteca bem maior, mais acessível. Outra é a parte individual de estudo, quem quer estudar, tem mais dificuldade, precisa desse lugarzinho silencioso. Que ela fosse bem maior. A biblioteca não comporta mais a

quantidade de alunos que a gente tem. Apesar de ser um espaço acolhedor, não é mais tão aconchegante. Já ampliaram, já tive propostas de espaços novos, mas é bem úmido. Então inviável. A biblioteca era bem pequeninha. A escola está crescendo muito. A ideia é ampliar, fazer novas atividades, comprar novos livros. Queria que ampliasse, porque o acervo é bom, é crescente. Todo ano tenho que fazer remanejamento de livros, é uma loucura me desfazer, e geralmente eles procuram no ano seguinte. É incrível. Então, esse processo todo, de acervo, de retirada, do que colocar, é um processo difícil. Eu gostaria de ter puff, almofada, tapete, ter a biblioteca mais acessível, um acervo mais visual para eles olharem. Conseguir uma auxiliar para a biblioteca, porque estou muito sozinho, é legal ter outra pessoa. Voltar com os clubes que tinha, que não consegui mais fazer, pois eu não tenho ninguém para fazer todo trabalho mais manual da biblioteca. O sonho que está começando, que é a informatização, deixar computadores à disposição para pesquisa. Que continue o trabalho comunitário, gostaria de atingir muito mais do que eu atinjo, com as famílias e que essa biblioteca fosse referência cultural na comunidade. “Nova Biblioteconomia”, penso numa Biblioteconomia renovada, que não seja tão voltada à técnica, aos códigos, pensar mais nos espaços, nas pessoas que frequentam esses espaços. Um olhar mais social, mais voltado para as pessoas. Numa biblioteca diferenciada, mais humanizada. Você conhecer cada um, tratar com carinho, uma aproximação diferente, perguntar, responder, rir, se importar, contar o que está sentindo. Não é tratar o usuário como um número, só mais um usuário, só mais um empréstimo, é conversa, dar sugestões de livros, perguntar depois. Acredito que a biblioteca, [a] Nova Biblioteca é como se fosse uma família. Uma nova forma de ver o profissional bibliotecário, mas eu acho que é sobre a atuação do bibliotecário dentro da biblioteca. Um posicionamento. Perceber que se as bibliotecas ficarem paradas guardando seus livros, ela, vai ficar bem esquecidinha. Precisa desse olhar da cultura, abranger mais do que ser apenas guarda. Ou eu acredito que seja voltada para à tecnologia. Seria aprender a lidar com esse novo mercado que está se abrindo no sentido de diversificação de plataformas de livros, pegar um kindle, ou algo do gênero. No sentido, biblioteca escolar, uma Nova Biblioteconomia seria essa nova adaptação, para uma nova plataforma. A gente está sempre buscando essa Nova Biblioteconomia, eu estou muito curiosa, para mim é uma novidade. A biblioteca escolar pode ser proativa, colaborativa e transformadora sendo um lugar aconchegante, onde o jovem, adolescente queira vir, independente se o livro é digital,

impresso, que ele goste de estar ali. Fazer com que a biblioteca seja um lugar acolhedor, que todos se sintam à vontade para vir, sem obrigação de ler, mas ao longo do tempo, vão usar esse espaço para leitura. Transformando ela num espaço social, sociável, porque é um espaço que cresce, que é dinâmico, tem potencial lúdico. É muito importante a gente conquistar o hábito da leitura. Não adianta forçar alguém, tem que ter a vontade de ler. É preciso fazer com que as crianças gostem, porque é difícil, criança gostar da leitura. É preciso transformar, fazer essa mudança, nesse espaço de apoio pedagógico para o processo educacional. Biblioteca tem que ser um ponto de apoio, de referência, eu tenho que apoiar os projetos que acontecem na escola e disponibilizar materiais, acervo, informação para que funcione. Tem que ser uma referência. Que tenham acesso e que aqui tenha material de interesse para todos. Nem sempre terá, mas através de uma conversa, deve-se chegar a um consenso. Quando precisam de algum material específico, se eu não tenho aqui, eu busco em outro lugar, até em outras bibliotecas. A biblioteca escolar é proativa no sentido de correr atrás de coisas, de atividades que possa desenvolver com os alunos. Colaborativa é ser parceira, estar sempre disposta a ajudar, colaborar com as atividades em geral, dos professores e alunos, com a sociedade também, sempre participando de tudo. Ter as parcerias, os projetos, mais não só a biblioteca enquanto livro. Posso ter milhares de ideias, mas se não tiver um suporte que sustente, elas não serão concretizadas. Sendo acessível a comunidade no geral, buscar parcerias não apenas dentro da escola, mas com autores, com universidades. Acho que esse trabalho da forma como eu desenvolvo, consigo alcançar todos esses quesitos. Procuro sempre me atualizar de tudo, fico conversando muito com eles e acompanho eles do infantil até saírem da escola. Para ser mais proativo, o espaço da biblioteca, o profissional bibliotecário deve estar observando as demandas. Incentivar o estudante, a comunidade a buscar informação. Colocar neles essa vontade de não parar. E a biblioteca escolar tem um grande potencial que às vezes não é explorado. É culpa lá da base da formação que não mostra esse potencial. Se tivesse esse olhar na formação, acho que formaríamos profissionais muito mais proativos. É muito legal revisitar o seu próprio trabalho. A gente acaba tendo um aporte, vai gravando histórias e coisas, consegue ter relação com os estudantes. Entrei muito verde na escola, sem conhecer uma de verdade. Foi muito difícil esse momento de adaptação. Eu cai na biblioteca escolar, meio que de cabeça. Eu fiz [nome universidade], e não separa biblioteca escolar, é tudo junto. Me formei e sempre trabalhei em biblioteca escolar. A

parte infantil, contação de história, essa parte lúdica, fui aprendendo sozinha. Fiz alguns cursos, de contação de história, de biblioterapia, e procuro estar sempre me atualizando. Não é fácil, sabe? Biblioteca escolar, só vivendo isso. É a gente está passando por uma transformação muito grande, principalmente na questão da pesquisa e no uso do espaço da biblioteca. O bibliotecário tem que ir se atualizando e também ler muito, bastante literatura, para conversar com eles, os estudantes, sobre os livros de interesse, ver os livros mais vendidos, o que tem de novo, alguma notícia, e sempre procurando melhorar enquanto profissional. Tento fazer esse espaço cada vez mais atuante dentro da escola. Fazer [a biblioteca] um organismo vivo. Não adianta ter uma biblioteca com acervo bom, se ninguém tem acesso. As portas sempre abertas, para que venham jogar, conversar, ler... é fundamental. Essa função, de incentivar a leitura, transformar o seu ambiente, tornar ele agradável, é para que as crianças tenham os livros que gostam, e analisar o que a criança quer. Eu acho que quando a gente consegue pegar crianças na fase inicial da leitura e fazer com que elas peguem esse gostinho, vai ter um adolescente, um jovem que gosta de ler. É uma profissão bonita, eu faço diferença na vida de algumas pessoas da comunidade escolar. É maravilhoso. Eu gosto muito da Biblioteconomia, apesar de ter ressalvas com relação ao salário, ao fato de não ter um sindicato, da classe não ser tão unida. Tem alguns problemas aí a serem resolvidos nesse sentido. Mas, a biblioteca escolar é um ambiente extremamente ativo, dá inúmeras possibilidades para o profissional bibliotecário atuar. Se a escola te dá liberdade, e você ser proativo, basta o profissional ter criatividade, querer realmente atuar. É uma experiência bem interessante.

4.3 ANÁLISE DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Apesar de os oito entrevistados afirmarem desconhecer o que é Nova Biblioteconomia, mas ao mesmo tempo a relacionando a algo contemporâneo, no sentido de uma Biblioteconomia diferente da apreendida na sua formação acadêmica, pode-se perceber no Discurso do Sujeito Coletivo, no pensar/agir de bibliotecários escolares no seu cotidiano profissional, certa conexão com o pensamento de David Lankes. O Discurso do Sujeito Coletivo “bibliotecários escolares situados em Florianópolis” indica essas conexões, que serão destacadas e analisadas a seguir.

Nesta análise também estão incluídos alguns pequenos trechos de discursos individuais, similares ao que foi selecionado para a formação do Discurso do Sujeito Coletivo, para reforçar uma ideia expressa no DSC.

4.3.1 Biblioteca Escolar: uma representação social

Conhecer como pensam e agem bibliotecários escolares que atuam em Florianópolis, é fundamental para identificar se há ou não, nesse pensar e agir, indicativos de uma nova forma de fazer Biblioteconomia menos técnica, que não esteja presa ao tratamento do acervo e ao empréstimo. Então, primeiro buscamos explorar o que entendem por biblioteca escolar.

No discurso do sujeito coletivo biblioteca escolar “é *um organismo vivo dentro da escola. Os projetos, tudo que acontece, tem por base a biblioteca*” (Trecho do DSC). O Participante 7, na pergunta 9, por exemplo, expressa que “não existe escola, escola como a gente tem, sem a biblioteca escolar”. Fica claro a relevância dada à biblioteca escolar pelos profissionais entrevistados.

Lankes, cita que o conhecimento é algo dinâmico e vivo, portanto, está em constante mudança, sendo necessário entender o conhecimento como algo construído pelos membros da comunidade. A participação da biblioteca na vida dos membros da comunidade é que possibilita a construção de relevância dada à biblioteca por seus membros (Lankes, 2016a), e com isso vai sendo construída no ambiente escolar uma representação social de biblioteca escolar.

As representações sociais são construídas e adquiridas, da interação entre indivíduos em contextos sociais. Os sujeitos sociais são influenciados por vários aspectos da vida cotidiana (Duveen, 2015; Jodelet, 2009).

As representações sociais, como dito por Jodelet (2009, p.697),

Permite acessar os significados que os sujeitos, individuais ou coletivos, atribuem a um objeto localizado no seu meio social e material, e examinar como os significados são articulados à sua sensibilidade, seus interesses, seus desejos, suas emoções e ao funcionamento cognitivo.

Assim, a presença da biblioteca no contexto escolar é relevante pois é onde acontecerão troca e interações significativas entre sujeitos sociais, neste caso os membros da comunidade escolar, criando um significado para esse lugar. Quando

tem relevância nas atividades realizadas pela comunidade, essa biblioteca está, de alguma forma, participando e colaborando com a construção de conhecimento, tanto individual como coletiva. Essa atuação da biblioteca é reforçada no seguinte trecho do DSC:

Tento fazer esse espaço cada vez mais atuante dentro da escola. Fazer [a biblioteca] um organismo vivo. Não adianta ter uma biblioteca com acervo bom, se ninguém tem acesso. As portas sempre abertas, para que venham jogar, conversar, ler... é fundamental.

Além de ampliar a ideia de uma biblioteca como algo vivo, este trecho indica um entendimento de biblioteca escolar como espaço que deve estar disponível, com a porta mantida aberta, para a comunidade usufruir dela para diferentes necessidades, até para encontrar alguém, conversar, jogar, e não apenas quando se precisa de informação oriunda do acervo. Além da porta ser mantida aberta, o ambiente físico ser acolhedor é entendido também como fundamental para que os membros da comunidade queiram frequentá-la, conforme é dito pelo sujeito coletivo que

A biblioteca escolar pode ser proativa, colaborativa e transformadora *sendo um lugar aconchegante, onde o jovem, adolescente queira vir, independente se o livro é digital, impresso, que ele goste de estar ali. Fazer com que a biblioteca seja um lugar acolhedor, que todos se sintam à vontade para vir, sem obrigação de ler, [...] transformando ela num espaço social, sociável, porque é um espaço que cresce, que é dinâmico, tem potencial lúdico* (Trecho do DSC).

Novamente é reforçada a ideia de a biblioteca escolar ser um lugar sociável e dinâmico. Outro conceito presente dentro da fundamentação desta pesquisa é o construcionismo social, onde os indivíduos se prendem em uma "teia" de relações, e dentro dela existe algo predeterminado, onde a realidade da vida é construída a partir da interação entre indivíduos, aprendendo e reaprendendo continuamente a partir dessas interações. A realidade da vida cotidiana, se apresenta em um mundo onde o indivíduo participa em interação com outros, portanto, as ações dos sujeitos e suas experiências estão no centro do processo de construção da realidade (Berger, Luckmann, 2004; Moreira, 2022). Deste modo, para construir uma realidade social, de novo, é preciso que aconteça interação, conversa.

Biblioteca escolar é associada à ambiente promotor de leitura. Para Lankes (2016a, p. 59) “ficção é tão importante quanto a não ficção para o aprendizado e a

construção de conhecimento” e que “bibliotecas ainda podem ser espaços de recreação e do desenvolvimento da leitura”. A biblioteca escolar vai ser um espaço voltado à leitura. Com a ajuda dela o estudante vai aprender a ler, a escrever e a formar seu consciente. Associada à espaço de recreação e lazer, o participante 2 (pergunta 9) acredita que o indivíduo dessa comunidade “tem que ir ali, [na biblioteca] [...] escutar o que ele quer escutar, [...] ficar porque ele quer um ambiente mais tranquilo só para sentar, usa o fone de ouvido, escuta a música dele no silencioso”. Assim, registra-se que a biblioteca deve ser um espaço para além da leitura, ser um espaço agradável e sociável, e não apenas para buscar e encontrar livros. Tudo isso exigirá do bibliotecário diferentes atribuições, competências e entendimento do seu papel para melhor aproveitamento do potencial desse espaço na formação e na vida dos membros da comunidade escolar.

Na biblioteca escolar, o bibliotecário tem que entender os gostos, nível de conhecimento, necessidades dos usuários e selecionar, encontrar, adquirir e oferecer o melhor material para eles.

A biblioteca escolar é um ambiente extremamente ativo, dá inúmeras possibilidades para o profissional bibliotecário atuar. Se a escola te dá liberdade, e você ser proativo, basta o profissional ter criatividade, querer realmente atuar. É uma experiência bem interessante (Trecho do DSC).

Aqui se identifica a necessidade do profissional ser proativo e que ajude na mediação entre os estudantes e toda a comunidade escolar. Ser proativo, segundo o sujeito coletivo, depende unicamente do bibliotecário escolar.

\4.3.2 Biblioteca Escolar: espaço de conversa e da comunidade

Lankes entende que as bibliotecas devem ser plataformas para criar e compartilhar conhecimento. Ademais,

*A biblioteca deveria ser um lugar aonde ir, seja fisicamente, seja *on-line*, para ajudar a ter contato com outras ideias e compartilhar suas ideias com outros. É assim, que as comunidades aprendem: colaborando e conversando (Lankes, 2016a, p.77).*

Para Lankes, a biblioteca deve ser um espaço de socialização de ideias e dos membros da comunidade para que ela possa, através das conversas, compartilhar ideias e construir conhecimento com outros membros. Como explicado anteriormente

sobre as representações sociais e construcionismo social, a construção de conhecimento acontecerá a partir da interação e comunicação entre os indivíduos. Então, a biblioteca vai ser este local onde esses sujeitos sociais devem se encontrar e fazerem trocas, para que possam construir conhecimento. Sobre isso, o sujeito coletivo, expressa que:

Trabalhar sozinha, isolada na escola, não funciona. Biblioteca escolar é um conjunto. Um espaço de interação, vir trocar ideias, conversar, ver os livros. Requer trabalho em conjunto com os alunos, de acordo com o interesse deles (Trecho do DSC).

Em acréscimo, o sujeito coletivo entende a biblioteca como

Espaço de acesso à cultura dentro da escola e da comunidade no geral. Por isso, favorece a formação cidadã, conhecer outras realidades, ter acesso ao livro como um direito. Mas, vai além do acervo. Não é apenas local para guardar livros e fazer empréstimo, é o coração da escola (Trecho do DSC).

Logo, o sujeito coletivo expressa algo alinhado ao que Lankes preconiza, de que biblioteca não é apenas o prédio e o acervo. Além disso, o sujeito coletivo entende que “é preciso fazer com que a biblioteca seja um ambiente bom, agradável, conseguir a interação aluno, professor” (Trecho do DSC). Para Lankes (2016a), os bibliotecários devem “falar a língua” da sua comunidade, ou seja, se comunicar e entender o que os membros dessa comunidade falam, sentem, precisam. Também, entende o autor, que os profissionais precisam estar capacitados para haver engajamento que leve a transformação social. O sujeito coletivo tem claro, mesmo sem conhecer os preceitos da Nova Biblioteconomia, que a biblioteca escolar é um espaço sociável para a sua comunidade, portanto, havendo nela troca, conversa, interação e do bibliotecário estar participando desse processo.

A imbricação dos conceitos de membro e de comunidade aparece no discurso do sujeito coletivo, e nos remete às concepções de Lankes

A comunidade escolar é a minha comunidade, também. Eu tenho uma relação para além de ser o bibliotecário da escola. Sou muito respeitado na comunidade escolar, uma referência para a comunidade no que ela é, faz parte do meu trabalho, alguém que se importa, por ser da comunidade (Trecho do DSC).

Isto é, os membros são a comunidade. Acrescenta-se que a expressão “por ser da comunidade” está ancorada também no fato de o sujeito coletivo residir no bairro

onde a escola está localizada. Então, nesse particular, o conceito de comunidade extrapola os muros da instituição de ensino onde a biblioteca está inserida. O sujeito coletivo complementa que a biblioteca não é apenas escolar, mas também comunitária, como o são as bibliotecas da rede municipal de Florianópolis. Neste caso a comunidade ao entorno da escola, encontra na biblioteca um profissional morador do bairro, o que demonstra fortalecer o vínculo pessoal e profissional com a comunidade. Portanto, vemos aqui os conceitos de membro e de comunidade ampliados para além do espaço escolar.

Usam esse espaço não só para a leitura. No intervalo é cheio de muitas crianças que vem ler, jogar, conversar... É um espaço bem aberto e acolhedor. Vou mostrando que essa biblioteca está aberta à comunidade, chamando ela. É uma biblioteca também comunitária (Trecho do DSC).

O discurso do sujeito coletivo, ainda destaca que o trabalho do bibliotecário escolar é feito “mostrando que [a biblioteca] é de todo mundo, e que todos podem ocupar esse espaço, que está sempre aberto, para todas as atividades de sala, de pesquisa da escola, olhando para o todo (Trecho do DSC). Ainda, que nas suas atividades “teve ‘troca’ [de informações sobre livros e as leituras] com a comunidade” (Trecho do DSC), esse sujeito coletivo percebe que na realização do seu trabalho ele é proativo, parceiro e tem ajudado na interação entre os membros da comunidade escolar da qual faz parte. Almeja que com o seu trabalho é “para que possam perceber que o espaço da biblioteca vai além de pesquisa no computador, nos livros... é um ambiente para a comunidade socializar” (Trecho do DSC). Acrescenta ter como aspiração que a biblioteca “continue o trabalho comunitário, gostaria de atingir muito mais do que eu atinjo, com as famílias e que essa biblioteca fosse referência cultural na comunidade” (Trecho do DSC).

Conforme Lankes (2016b) todas as bibliotecas escolares de sucesso têm uma coisa em comum: pessoas cuidando dos estudantes. A biblioteca escolar deve ser um lugar onde os estudantes – assim como os demais integrantes da comunidade escolar – sejam recebidos e envolvidos pelo bibliotecário, profissional que entenda as suas necessidades e que facilite, de formaativa, a sua aprendizagem.

Para Lankes, dessa forma, o bibliotecário vai conseguir “estabelecer um clima de participação, disposição para correr riscos, aceitação de aprendizado ‘bagunçado’ e indagação” e que, através disso, “podemos criar conversas que, por sua vez, criam

bibliotecas escolares responsivas e orgânicas" (2016b, p. 142, tradução nossa). Vemos nas passagens dos trechos analisados do discurso do sujeito coletivo, comprometimento com a sua comunidade.

4.3.3 Bibliotecário Escolar: apoio, mediação, interação e parceria

Bibliotecário escolar não pode apenas esperar que as demandas apareçam. Ele deve criar demandas a partir do que vê na comunidade e do que participa com seus membros. Como? Saindo da biblioteca, circular pela escola, interagindo com outros profissionais e alunos entre outros, para saber de suas necessidades, o que precisam e/ou desejam.

E isso não é obtido apenas disponibilizando um bom acervo, mas conversando com a comunidade, percebendo o que eles querem, transformando a biblioteca em lugar promotor da troca de ideias e conhecimento entre os membros da comunidade na qual a biblioteca está inserida.

Referindo-se à biblioteca que teve na escola, em resposta à pergunta 10, o participante 2diz "quando eu estudei, era um lugar muito silencioso, não poderia ter barulho, não tinha muito contato, nem conversa. Era uma coisa mais fria". Aos poucos, essa realidade tem sido modificada, como revela o Discurso do Sujeito Coletivo, e há dos bibliotecários, esforço para que a biblioteca saia da situação citada, e venha a ser espaço mais e mais sociável.

Para Lankes, "um bom bibliotecário escolar não é um balonista nem se limita a manutenção de um acervo, mas de ser um parceiro ativo no processo de aprendizagem" (2016a, p. 74). No discurso do sujeito coletivo "bibliotecários escolares situados em Florianópolis", há passagens identificadas com essa visão de Lankes:

O trabalho é de apoio, levar a informação que a comunidade precisa. Ser a ponte entre o que a gente tem e a informação que eles precisam. Também, um trabalho em conjunto com os professores. Uma parceria muito importante e a visão do bibliotecário é diferente e acrescenta muito no trabalho pedagógico. Tudo que é trabalhado em sala, a gente vai intensificar essa aprendizagem (Trecho do DSC).

E, como o sujeito coletivo faz isso acontecer?

Fazendo atividade, conversando com os alunos, com os professores. Pesquisando, ajudando nas pesquisas. Sempre busco nas histórias trazer questões da atualidade, para refletir e deixar que os alunos façam essa

parte... que é adquirir conhecimento, levando informação que estão precisando no momento. Com uma escuta atenta, conversando muito com eles, interagindo, sabendo o que gostam, querem, o que estão vendo, assistindo. Atualizando o acervo. Tornando a biblioteca um lugar atrativo (Trecho do DSC).

Atuando na escola, o sujeito coletivo entende ser impossível permanecer todo o tempo na biblioteca. O ambiente escolar é dinâmico e biblioteca e bibliotecário devem representá-lo, quer dizer, também serem dinâmicos. A comunicação e a interação com a comunidade onde o bibliotecário atua é algo valioso, essencial para que a biblioteca seja explorada de forma integral e mais ampla. Em um dos trechos do DSC, há uma menção de que o bibliotecário “*tem essa relação de pertencimento com a escola e com a comunidade*”, ampliando a concepção de comunidade para além do âmbito profissional, mas por se sentir, e sendo, um morador do bairro onde está localizada a escola.

Segundo Lankes (2016a, p. 143), deve-se “esperar que os bibliotecários construam acervos vivos de que a comunidade necessita e garantam a disponibilidade desses recursos para toda a comunidade”. Por acervo vivo, Lankes entende uma série de artefatos ou objetos úteis para uso na vida cotidiana dos membros da comunidade, como por exemplo: varas de pesca, se há rios próximo, e as pessoas costumam pescar; câmeras; impressoras; modelos de partes do corpo humano para uso em aulas de anatomia etc. Contudo, no discurso do sujeito coletivo, não encontramos materiais para empréstimo nesse nível.

Tem que ser uma referência. Que tenham acesso e que aqui tenha material de interesse para todos. Nem sempre terá, mas através de uma conversa, deve-se chegar a um consenso. Quando precisam de algum material específico, se eu não tenho aqui, eu busco em outro lugar, até em outras bibliotecas (Trecho do DSC).

Nessa citação “materiais” refere-se aos itens convencionais do acervo de uma biblioteca. Mas há um compromisso não verbal em ir atrás e atender a essas demandas, se identificadas.

O discurso do sujeito coletivo também expressa que biblioteca e bibliotecário deverão trabalhar “*sendo acessível a comunidade no geral, buscar parcerias não apenas dentro da escola, mas com autores, com universidades*” (Trecho do DSC). Complementando tal entendimento, o participante 6, respondendo à pergunta 8, diz que “se você não tem parceria, o professor não vem. Se o professor não vim, tu não

cria vínculo com o aluno". Respondendo à pergunta 8, o participante 5, vai além: "sempre podemos crescer, desenvolver projetos, fazer mais atividades, atingir mais, formar mais leitores... é uma busca", e que "gostaria de... atingir mais. De... abranger mais". Aqui, o sujeito coletivo, expressa desejo por trabalhar interagindo, conversando, provocando e facilitando a parceria e a troca de conhecimento entre e com os membros da comunidade, não se limitando aos que se encontram no ambiente escolar, mas também com pessoas da comunidade externa à escola.

Defende Lankes (2016a, p. 157), que "bibliotecas ruins buscam construir conexões entre itens, e grandes bibliotecas constroem vínculos entre pessoas". Segundo o autor "o trabalho e o impacto que as bibliotecas podem trazer são resultados de pessoas. [...]. O trabalho e seu impacto são resultado direto dos bibliotecários" (Lankes, 2016a, p.133). Portanto, o bibliotecário escolar deve estar constantemente se atualizando e conversando com a sua comunidade.

Nas palavras de Lankes, o bibliotecário deve ser um facilitador. Ele pode fazer isso ao identificar motivos e ao incentivar os membros da comunidade, quando desejam aprender algo. Pode mostrar para os alunos, seus pais ou qualquer pessoa da comunidade que eles são parte do processo para a aprendizagem de algo novo. Para isso, se espera que bibliotecários sejam bons comunicadores, e saibam como facilitar aos seus membros essas questões (Lankes, 2016a). De acordo com David Lankes

Bibliotecários escolares ativos, [...], trabalham com alunos e professores para aprimorar os resultados de aprendizado existentes [...]. Quando fazem seu trabalho com excelência, eles criam oportunidades participativas para os alunos assumirem o controle de sua aprendizagem (2016b, p.138, tradução nossa).

O sujeito coletivo revela compreender que desempenha suas funções conversando, observando e acompanhando o processo de desenvolvimento dos estudantes, e que isso o ajuda a perceber ou identificar demandas para atuar em conexão com a realidade.

Procuro sempre me atualizar de tudo, fico conversando muito com eles e acompanho eles do infantil até saírem da escola. Para ser mais proativo, o espaço da biblioteca, o profissional bibliotecário deve estar observando as demandas. Incentivar o estudante, a comunidade a buscar informação (Trecho do DSC).

Em suma, o discurso do sujeito coletivo caminha para o que defende Lankes, para que o bibliotecário facilite a construção de conhecimento na sua comunidade, pois o retorno da comunidade “*me estimula a continuar e fazer mais*” (Trecho do DSC).

4.3.4 Bibliotecário Escolar: desafios para atuar e desejos para melhorar

Os desafios pelos quais o sujeito coletivo diz passar, evidencia o que o trabalho em biblioteca escolar requer do bibliotecário escolar. Deste modo, é possível identificar no DSC algumas barreiras ou desafios para a realização do trabalho desse profissional.

A primeira barreira relaciona-se ao espaço físico. Esse é o maior desafio. Portanto, “*quero fazer uma biblioteca bem maior, mais acessível [...] que ela fosse bem maior. A biblioteca não comporta mais a quantidade de alunos que a gente tem*” (Trecho do DSC). Os profissionais entrevistados sabem da importância da biblioteca ser um lugar acolhedor para o estudante, e veem a falta de espaço como empecilho maior. Contudo, Lankes expõe que uma biblioteca excelente deve suprir as necessidades da sua comunidade, pouco importando o tamanho do acervo e do espaço dessa biblioteca (Lankes, 2016a). Por outro lado, entende-se que na biblioteca escolar, o espaço físico acaba sendo relevante, e na sua maioria, os gestores de escolas entendem esse espaço apenas para atendimento de turmas, leitura e guarda de livros. E mais do que isso, no Brasil são pouquíssimas as escolas que têm bibliotecas, e muito menos as que têm bibliotecário. Portanto, os desafios não são poucos para quem atua em biblioteca escolar. Conversar e convencer os gestores e donos de escolas é um deles.

Vemos no discurso do sujeito coletivo o bibliotecário ser compreendido como uma “peça” crucial para o bom funcionamento e a boa utilização da biblioteca pela comunidade. Portanto, atualizar-se é compreendido como fundamental.

Aqui, o desafio pessoal é não entrar em rotinas, né? Se reinventar, criar coisas, chamar a atenção dos alunos pra coisas que estão mais no dia a dia, de formas diferentes. Sempre buscar me atualizar, não me acomodar, que não me enquadre, não fique só no meu espaço pensando na minha caixinha (Trecho do DSC).

Mas há desafios a enfrentar como a necessidade de amparo; como poder contar com um auxiliar, alguém com quem contar para atender às demandas, e outras

coisas que aqui designamos como complementares, as quais refletem no trabalho do bibliotecário escolar.

Gostaria de ter puff, almofada, tapete, ter a biblioteca mais acessível, um acervo mais visual para eles olharem. Conseguir uma auxiliar para a biblioteca, porque estou muito sozinho, é legal ter outra pessoa. Voltar com os clubes que tinha, que não consegui mais fazer, pois eu não tenho ninguém para fazer todo trabalho mais manual da biblioteca (Trecho do DSC).

O desafio de faltar tempo, até pela inexistência de equipe para atender as demandas deste espaço, torna o trabalho do bibliotecário escolar complexo. A “equipe” composta apenas por um bibliotecário é muito comum na realidade brasileira. Poucos bibliotecários contam com um auxiliar ou com um estagiário. O sujeito coletivo coloca-se à disposição de sua comunidade, atendê-la e ao mesmo tempo buscar e mostrar ser esse lugar de uso coletivo. Preocupa-se em estar sempre inovando, procurando oferecer novas atividades, novas formas de chamar a comunidade para a biblioteca, apesar da falta de uma equipe maior, e de auxílio. Lankes (2016a) entende a biblioteca como um local onde deve acontecer troca entre seus membros, que ela seja um lugar apropriado para que isso ocorra. Mas o uso do espaço também depende do quanto acolhedor e acessível ele é para a sua comunidade, a fim de seus membros sentirem vontade de estar e usufruírem desse ambiente. O bibliotecário pode facilitar a troca entre esses membros, seja conversando, seja ao utilizarem o espaço da biblioteca para leitura, ou uma outra atividade.

Sobre o incentivo à leitura, um dos focos da biblioteca escolar, diz o sujeito coletivo que após pandemia o desafio tem sido o de reconquistar os leitores.

Um desafio principalmente depois da pandemia, é a reconquista dos leitores, perdi muitos. Aqueles que eram mais difíceis de conquistar, não gostavam de ler, tinham uma resistência maior, voltaram com uma maior ainda, e o reaprender para não perder o contato com os estudantes (Trecho do DSC).

A biblioteca escolar está associada à ideia promotora do incentivo à leitura. Com a pandemia da Covid-19, o distanciamento social, reforçou de forma exponencial o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) na vida em sociedade. Conforme, expressa o sujeito coletivo. Isso refletiu fortemente no comportamento dos estudantes, permanecendo muito tempo conectados, até mesmo para continuarem os estudos de modo remoto, o que gerou distanciamento da leitura e do estudo no formato convencional. Este desafio não tem uma solução pronta, visto

que a situação pandêmica é recente e ainda é cedo para perceber os seus efeitos a longo prazo. Fica uma questão a ser trabalhada pelos bibliotecários escolares, visto que muitas escolas brasileiras não têm suporte tecnológico adequado e suficiente para auxiliar o trabalho que poderia ser feito.

4.3.5 A “Experiência conta”

Vemos no discurso do sujeito coletivo que o tempo de atuação, a experiência profissional, é muito relevante: “*o tempo que eu estou nessa escola. A experiência conta*” (Trecho do DSC). Os anos de atuação profissional geram ganho por meio da experiência que gera aprendizado. Haverá um ganho, pois o profissional irá interagir mais e conhecerá melhor a comunidade e seus membros, e poderá ter mais abertura para trocar e propor atividades.

Mesmo atendendo professores e pais, o público maior da biblioteca escolar são crianças e adolescentes, e o sujeito coletivo entende ser preciso conquistar respeito e atenção deles. Afinal: “*quando você conhece a criança, o estudante, eles têm uma confiança em ti, tu conhece o perfil deles, acompanha o crescimento desde o infantil até o ensino médio*” [...] “*tu vai acompanhando todo esse processo*” (Trecho do DSC). Entende o sujeito coletivo, que a confiança da comunidade, em especial dos alunos, é fundamental. Primeiro, para se sentirem mais abertos a expressar suas opiniões e gostos – o que ajudará o bibliotecário a saber como atender e suprir as suas necessidades; e segundo, porque os alunos precisam se sentir à vontade com esse profissional para que as trocas e conversas fluam. Com o tempo, também a comunidade vai conhecendo o bibliotecário. Desse modo, conversa e experiências partilhadas, favorecem a construção da relação entre profissional e demais membros da comunidade. Assim, o convívio do bibliotecário com a comunidade escolar por muitos anos, ajudará nas interações e nas conversas, sendo para a Nova Biblioteconomia, um princípio básico para construir conhecimento. Também, é expresso que “a gente não pode ficar só com a experiência, se acomodar com ela, mas ela é importante” (Partic05, pergunta 8).

4.3.6 “Eu caí na biblioteca escolar, meio que de cabeça”

No discurso do sujeito coletivo, percebe-se existir percepção de falta do tema biblioteca escolar na formação em Biblioteconomia pois, “*quando estava começando a carreira, era muito jovem, não sabia o que era trabalhar em biblioteca escolar. Minha formação não tinha dado conta disso*” (Trecho do DSC, grifo nosso):

Entrei muito verde na escola, sem conhecer uma de verdade. Foi muito difícil esse momento de adaptação. Eu cai na biblioteca escolar, meio que de cabeça. Eu fiz [nome universidade], e não separa biblioteca escolar, é tudo junto. Me formei e sempre trabalhei em biblioteca escolar. A parte infantil, contação de história, essa parte lúdica, fui aprendendo sozinha (Trecho do DSC, grifo nosso).

Essa carência na formação do bibliotecário, revela certo desconhecimento da instituição formadora quanto ao potencial desse espaço de formação básica, para a comunidade escolar, para a sociedade, e para a atuação do próprio bibliotecário,

A biblioteca escolar tem um grande potencial que às vezes não é explorado. É culpa lá da base da formação que não mostra esse potencial. Se tivesse esse olhar na formação, acho que formaríamos profissionais muito mais proativos (Trecho do DSC).

Essas passagens do DSC revelam que o acadêmico de Biblioteconomia não foi contemplado de forma suficiente com questões relativas à biblioteca escolar e que sente falta ao atuar. Assim, muito do trabalho que o sujeito coletivo realiza é resultado de esforço pessoal e experiência profissional. Ao responder à pergunta 10, o participante 5, acrescenta: “eu me formei lá atrás, e a biblioteca escolar era uma [...] disciplina optativa. Então eu fiz [...] uma disciplina só de biblioteca escolar, não tinha nem noção”.

Sobre a temática biblioteca escolar nos currículos de Biblioteconomia no Brasil, Diorio (2015) e Moro *et al.* (2015) observaram esse tipo de biblioteca sendo tratada de forma transversal, junto a outros tipos de biblioteca, e em discussões generalizadas que não abordam aspectos relevantes sobre biblioteca escolar, e assim não dão conta de seus pormenores. Diorio (2015), ao analisar o currículo de 37 escolas de Biblioteconomia brasileiras, constata que apenas sete oferecem disciplinas sobre biblioteca escolar de forma obrigatória, e cinco têm em disciplinas optativas. A autora considera isto uma lacuna na formação de bibliotecários, e com um agravante, pois

para o cumprimento da Lei 12.244/2010, os bibliotecários não tem formação adequada para ocuparem bibliotecas escolares, conforme prevê as leis 12.244/2010 e 14.387/2024 (Brasil, 2010; Brasil, 2024).

Posteriormente, Santos e Resende (2021) ao analisarem 19 instituições de ensino que tinham cursos de Biblioteconomia, constataram que 15 desses cursos tinham em seus currículos 19 disciplinas específicas sobre as temáticas: biblioteca escolar, letramento informacional, competência informacional ou pesquisa escolar. Porém, as disciplinas específicas sobre biblioteca escolar e obrigatórias, eram apenas três. Com isso, as autoras concluem que os cursos atingem um nível mínimo de preparo para o bibliotecário atuar em biblioteca escolar. É o que vemos sendo exposto pelo participante 7, ao ser perguntado "como a biblioteca escolar pode ser proativa, colaborativa e transformadora?"

A gente tem um déficit na formação, [...] a biblioteca escolar, a biblioteca pública, é muito patinho feio da Biblioteconomia. Ninguém dá bola, ninguém quer... não tem recurso público investido, não se tem leis efetivas que sejam cumpridas na biblioteca escolar (partic07, pergunta 11).

A formação do bibliotecário no contexto norte-americano, é assim descrita por Lankes (2016a, p. 133): “há três caminhos básicos para se tornar bibliotecário: você pode ser contratado como um, você pode estudar para ser um ou você nasceu para ser um”. Ou seja, você pode ser contratado para trabalhar em uma biblioteca mesmo não sendo capacitado para isto, você pode estudar, ou você simplesmente pode nascer possuindo “a mesma missão, o mesmo conjunto de habilidades e a mesma perspectiva de serviços que a profissão possui” (Lankes, 2016a, p. 140).

Nos Estados Unidos, diferentemente do Brasil, o nível para se formar bibliotecário é mestrado em Biblioteconomia e ciência da informação. Então, não apenas no Brasil, mas até mesmo nos Estados Unidos, há pessoas não formadas em Biblioteconomia à frente de uma biblioteca escolar. Aqui no Brasil, os bibliotecários reivindicam que as bibliotecas sejam cuidadas por pessoas formadas na área. E, com a Lei 12.244/2010, portanto há catorze anos, reivindica-se bibliotecas e bibliotecários em escolas públicas e privadas.

E essa luta já está enraizada na cabeça do bibliotecário, principalmente aquele que atua em escola de educação básica. É o que vemos na resposta à pergunta 2,

apresentada pelo participante 7 sobre a contribuição do bibliotecário na escola. Sem esse profissional a biblioteca

É só uma sala cheia de livros, né? Uma biblioteca quando não tem o bibliotecário ali. Pode ter até outros profissionais, mas esses profissionais, por não terem a formação, por não terem o entendimento, vão ser os profissionais responsáveis por emprestar livro (partic07, pergunta 2).

Logo, a presença do bacharel em Biblioteconomia, em uma biblioteca, é vista pelo participante 7 como essencial para uma biblioteca cumprir seu papel na construção de conhecimento em conjunto com a comunidade, e não ser apenas de emprestador de livros. Apesar de aparentemente não ver problema em bibliotecários não formados atuando em bibliotecas, Lankes (2016a), sugere que profissionais formados estejam a frente delas.

Bibliotecários formados são preparados para trabalhar, têm um profundo conhecimento da área e habilidades imediatamente úteis. São especialistas não só nas atividades do cotidiano de uma biblioteca, mas têm habilidades largamente aplicáveis e uma ampla visão de mundo para, nos momentos difíceis, ajudar a comunidade (Lankes, 2016a, p. 137).

Mas, o autor alerta que

Bibliotecários graduados (e os professores que os ensinam) ficam presos ao paradigma reducionista. Muitas vezes, os bibliotecários graduados utilizam a abordagem reducionista para descartar ou ignorar inovações e boas ideias que vêm de fora de sua especialização. Você deve esperar mais [dos bibliotecários] (Lankes, 2016a, p.140).

Assim, entende-se que bibliotecários devem estar abertos e serem flexíveis, aproveitando-se das ideias que surgem em suas comunidades para fazer um trabalho melhor. E que os cursos e professores de Biblioteconomia estejam abertos para pensar a formação de bibliotecários mais flexíveis.

4.3.7 Comunidade: eu, ele/s, nós

Para Lankes “comunidades são grupos de pessoas que se reúnem em torno de alguma variável em comum. Essa variável pode ser o local onde vivem, a escola onde estudam, a organização onde trabalham, e por aí vai” (2016a, p. 115). Além

disso, o autor entende que as bibliotecas ainda não fazem parte de todas as comunidades. Porém, onde ela faz parte, essa biblioteca precisa ter uma voz, traduzida em ações, na melhoria da comunidade, devendo ser uma plataforma comunitária para criar e compartilhar conhecimento (Lankes, 2016a).

Para Lankes, o acervo e o prédio sozinhos não constroem conhecimento, as pessoas sim. Por conta disso o autor dá relevância a atuação do bibliotecário nas comunidades, e de interagir de forma intensa com os demais membros dela.

Elias (1994) entende a sociedade construída pelas relações e interações entre indivíduos. Para o autor, o indivíduo vive dentro de um complexo funcional estruturado, e sua liberdade depende de onde ele nasceu e cresceu, da situação da sua família, da sua escolarização, etc. A sociedade é feita de indivíduos e suas relações com outros, do qual o autor chama de rede de funções, e estas são preexistentes e limitadas. Há uma estrutura que enlaça este indivíduo dentro do social. O indivíduo desde seu nascimento está envolvido em um complexo funcional bem estruturado, onde há uma interdependência das funções tanto individuais quanto institucionais.

Para o sujeito coletivo “*todos que participam ativamente tendo os mesmos objetivos pode ser definido como comunidade*” (Trecho do DSC), ou ainda,

Um grupo de pessoas, que tem uma convivência durante bastante tempo [...]. Que divide o mesmo espaço e que tem interesses em comum. Um bairro é uma comunidade, e dentro da comunidade tem comunidades. A comunidade exterior, a comunidade do bairro, a comunidade escolar. A gente vive em comunidade; a comunidade escolar. Ela engloba os pais, professores, outros trabalhadores da escola, os alunos, bibliotecários, [funcionários da secretaria, faxineiras...]. Todos focados num único objetivo: a educação (Trecho do DSC).

Em acréscimo, o sujeito coletivo entende que “*cada um tem seu papel dentro dessa comunidade*” (Trecho do DSC). Como Elias (1994) entende, a sociedade é uma rede de indivíduos, e estes precisam se relacionar com outros para se constituírem, para crescerem e cada um tem um papel delimitado dentro da ordem social. Neste quesito, o discurso do sujeito coletivo está alinhado com Elias e com a Nova Biblioteconomia, em relação ao conceito de comunidade, que se faz relevante para esta pesquisa.

4.3.8 Nova Biblioteconomia: repensar a Biblioteconomia

Apesar de os bibliotecários participantes desta pesquisa, terem dito que estão formados há algum tempo e de desconhecerem o que seja Nova Biblioteconomia, os entrevistados foram levados a suspeitar tratar-se de um conceito recente. Por si só a expressão “nova”, lhes sugeriu uma nova forma de pensar a Biblioteconomia, portanto contrária à Biblioteconomia tradicional que prende o profissional mais às atividades técnicas. No discurso do sujeito coletivo vemos uma percepção do conceito a algo próximo ao defendido por Lankes.

Biblioteconomia renovada, que não seja tão voltada à técnica, aos códigos, pensar mais nos espaços, nas pessoas que frequentam esses espaços. Um olhar mais social, mais voltado para as pessoas. Numa biblioteca diferenciada, mais humanizada. Você conhecer cada um, tratar com carinho, uma aproximação diferente, perguntar, responder, rir, se importar, contar o que está sentindo. Não é tratar o usuário como um número, só mais um usuário, só mais um empréstimo, é conversa, dar sugestões de livros, perguntar depois (Trecho do DSC).

Há também outras suspeitas do que seja Nova Biblioteconomia: “*eu acho que é sobre a atuação do bibliotecário dentro da biblioteca. Um posicionamento. [...] Precisa desse olhar da cultura, abranger mais do que ser apenas guarda*” (Trecho do DSC, grifo nosso). E mais uma vez, de relacionar-se a um novo posicionamento do bibliotecário, distante da atividade centrada na organização e guarda de livros ou de outros itens do acervo. Para se construir conhecimento também o acervo deve ser colocado em circulação, e também o bibliotecário interagir mais na comunidade.

Outro trecho, também relevante, do pensar do bibliotecário escolar sobre Nova Biblioteconomia, e próximo do que defende Lankes é o uso da tecnologia “*acredito que seja voltada para à tecnologia*” (Trecho do DSC).

Dois bibliotecários participantes expressam que “a gente preenche um monte de campo do [sistema], que eu fico pensando, [...] importa as medidas do livro... quantos centímetros ele tem?” (Partic07, pergunta 10); e que “a biblioteca tem que transformar” (partic06, pergunta 11). Isso deixa a entender que o sujeito coletivo sente a necessidade de se aproximar mais da comunidade, de trabalhar mais em conjunto com seus membros, e para isso precisa sair dos velhos costumes voltados a uma Biblioteconomia mais tecnicista. Esses entendimentos se enquadram ao que Lankes

concebe como Nova Biblioteconomia. A NB é uma reordenação de prioridades, onde a comunidade e o aprendizado estão à frente da parte técnica, e da guarda de livro.

Deste modo, tanto no DSC como nos discursos individuais dos entrevistados é possível perceber que, mesmo desconhecendo os preceitos da Nova Biblioteconomia, muitos bibliotecários trabalham seguindo, de algum modo, o que ela preconiza. Ora, se desconhecendo Nova Biblioteconomia, os bibliotecários entrevistados têm pensado e agido de algum modo próximo a pressupostos da Nova Biblioteconomia, o que se pode esperar quando conhecem, ou quando a Nova Biblioteconomia for inserida no currículo da formação bibliotecária, e mais discutida em eventos da área, como o CBB? E, ainda, pergunta-se: esses bibliotecários têm participado desses eventos? Tem participado de cursos de formação continuada? E se esses cursos colocassem a Nova Biblioteconomia em pauta?

4.4 ANÁLISE DOS DADOS DOS QUESTIONÁRIOS

Como parte da coleta de dados e a fim de obter informações específicas dos entrevistados, das bibliotecas, e das escolas, onde estes atuam, após as entrevistas foi aplicado um questionário situacional (Apêndice B).

O questionário foi organizado com 27 perguntas, duas delas com opções de múltipla escolha e 25 abertas incentivando obter respostas mais completas. Essas perguntas foram divididas em cinco seções: I - Dados pessoais; II - Formação profissional; III - Experiência profissional; IV - Contextualização da biblioteca; e, V- Caracterização da escola.

Alguns bibliotecários não responderam algumas questões, muitas vezes por não lembrarem de ano ou outro dado específico solicitado. Contudo, não se cobrou essas informações, pois o próprio TCLE (Anexo A) explicita que será esclarecido aos participantes sobre não serem obrigados “a responder todas as perguntas de entrevista e do questionário, mas espera-se que o faça”. Por certo que o questionário tem muitas perguntas, tanto que os participantes levaram mais tempo para responder ao questionário do que para conceder entrevista.

Quanto aos dados pessoais, entre oito participantes, sete registraram ser do gênero feminino, o que não causa surpresa, por ser a biblioteconomia uma profissão majoritariamente feminina. Segundo Pires e Paula (2022) a Biblioteconomia nasceu ocupada por homens, considerados pessoas eruditas e cultas, e ao longo do tempo

passou a ser feminilizada. Ao passar a ser associada à profissão feminina, e às mulheres eram destinadas profissões associadas a noções de cuidado e zelo, a profissão bibliotecária passou a ter menor prestígio social.

A faixa etária média dos participantes é entre 40 e 50 anos. Apenas um participante tem menos de 40 e dois acima de 50 anos. A aparência de todos os participantes observada durante a realização das entrevistas, realizada na modalidade face a face, passa longe do perfil estereotipado desse profissional, onde é comum ser visto em filmes e produções midiáticas como uma figura idosa, que tem problema oftalmológico, por isso usa óculos, e “presa” no silêncio da biblioteca.

Dos oito bibliotecários entrevistados, quatro são de Florianópolis, dois de outras cidades em Santa Catarina e dois do Paraná. Portanto, a maioria (seis) é catarinense. Seis bibliotecários são formados pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e dois pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), instituições públicas conceituadas, ambas com os cursos de Biblioteconomia oferecidos há 50 anos em campi localizados em Florianópolis.

O ano de conclusão do curso de Biblioteconomia pelos participantes é entre 2000 e 2013. Quatro bibliotecários possuem uma ou mais especializações, e um possui mestrado. Portanto, de oito, apenas três têm somente a graduação. Contudo, todos citaram ter participado de algum tipo de capacitação e cursos de formação envolvendo as temáticas biblioterapia, contação de história, literatura e Biblioteconomia. Isso revela terem interesse em se atualizar e adquirir novos conhecimentos para aprimorar a atuação.

Sobre a experiência profissional, quatro bibliotecários informaram que trabalham entre cinco e 10 anos, na atual instituição; três deles entre 11 e 20 anos; e um está há mais de 20 anos na instituição. É importante lembrar que um dos critérios para a escolha dos participantes desta pesquisa, foi o de atuar no mínimo por cinco anos na atual instituição de ensino, por entendermos ser um tempo razoável para que o profissional possa estar melhor integrado à comunidade escolar e que a experiência influencia no aprendizado do profissional. Quanto a experiências profissionais anteriores, seis relataram terem experiências com bibliotecas e/ou arquivos.

Quanto à contextualização das bibliotecas, duas delas têm oito anos; duas têm 20 anos; uma tem 32 anos; duas 40 anos; e uma 53 anos. Em relação à equipe de trabalho nessas oito bibliotecas, a maioria (seis) delas tem apenas o bibliotecário e em duas a equipe é formada pelo bibliotecário e um auxiliar. Apenas dois bibliotecários

informaram ter a colaboração de outros profissionais da escola (equipe da limpeza e o monitor quando solicitado) com o trabalho da biblioteca.

No que se refere aos serviços oferecidos nas oito bibliotecas, todos os oito bibliotecários informaram "emprestimo" e "contação de história"; cinco, "pesquisa"; e dois, "atendimento à comunidade". Mesmo sendo citados uma única vez, vemos que a escola julga relevante as bibliotecas escolares oferecerem no espaço "jogos de tabuleiro", "pintura", "clube de leitura", "exibição de curta-metragem" e oferece "[sala] para reuniões". Há também projetos e atividades da biblioteca, como feiras literárias, troca de livros, oficinas de dobraduras e marcadores de livros, clube de leitura, e café literário. Entende-se que os três primeiros serviços (emprestimo, contação de história e pesquisa) apontados pelos bibliotecários participantes são o mínimo que toda biblioteca escolar deve oferecer à sua comunidade. Os demais serviços citados são bons exemplos do que a biblioteca escolar pode oferecer, mas ainda estão dentro do usual. Nenhuma dessas atividades tem uma diferença expressiva. Igualmente, quanto aos projetos e atividades.

Em cinco escolas, o bibliotecário realiza atividades fora do espaço físico da biblioteca, em três escolas é utilizado apenas o espaço da biblioteca. Vemos este último dado com certa preocupação, pois entende-se que limitar a ação do bibliotecário ao espaço da biblioteca, limita o alcance mais amplo desse profissional à comunidade. Contudo, de oito, cinco bibliotecários se misturam mais com os membros da comunidade fora do contexto da biblioteca.

Em relação ao acervo dessas bibliotecas, sete bibliotecários informaram julgar suficiente para atender às necessidades da comunidade, enquanto um bibliotecário respondeu que não, sem mencionar o motivo disto. Este dado é mostrado no DSC. Apesar de desejarem um espaço maior, não há reclamação sobre o acervo. Todos os bibliotecários disseram contar com algum tipo de aporte tecnológico, limitado ao computador disponível para o seu próprio uso profissional, ao projetor, e a coisas básicas (leitor óptico, impressora, telão para projetor) para otimizar o trabalho na biblioteca.

Quanto ao número de alunos matriculados, a escola com menor número tem 400 alunos; e a com mais, 673. É valido lembrar que um dos critérios de escolha dos participantes para a pesquisa, era ser escolas com menor número de alunos matriculados, a partir de 200 matrículas. Isso porque se compreendeu que escolas

com menos alunos podem favorecer ao bibliotecário liberdade para que possa realizar projetos e atividades. A quantidade de turmas varia entre 18 e 29.

Quando se pensa em 18 turmas e 400 alunos, é um número bastante significativo e expressivo, e sendo as equipes das bibliotecas em sua maioria apenas o bibliotecário, muito do tempo deste profissional é gasto atendendo as turmas nos horários semanais. Porém, visto que na rede municipal, por exemplo, há escolas com mil alunos, este número de 400 a 673 alunos mesmo que expressivo, ainda é um privilégio, ainda sobra tempo para realizar atividades, conversar e conhecer a comunidade na qual a biblioteca está inserida.

A partir dos dados obtidos com o questionário, percebe-se que o trabalho dos bibliotecários participantes desta pesquisa é mais desafiador se comparado ao que os mesmos dizem nas entrevistas. Daí a importância de se utilizar nesta pesquisa a entrevista e o questionário como instrumentos de coleta de dados.

Com os dados das entrevistas e dos questionários, se revela a relevância da temática no mestrado profissional em Gestão da Informação e de se pensar em produto que ofereça os resultados da pesquisa aos oito bibliotecários escolares participantes desta pesquisa, e para além deles à todos os bibliotecários, independentemente do tipo de biblioteca ou do serviço de informação que atuam, assim como os acadêmicos de Biblioteconomia e pós-graduandos em Biblioteconomia, gestão da informação, ciência da informação, mas também da pedagogia e licenciaturas, e docentes desses cursos, que queiram conhecer sobre Nova Biblioteconomia, por serem importantes para se pensar e construir uma Nova Biblioteconomia.

4.5 PRODUTO DO MESTRADO PROFISSIONAL

Como cumprimento de um dos objetivos desta pesquisa, e dentro de um contexto de mestrado profissional, apresenta-se como produto uma proposta de formação bibliotecária com a temática Nova Biblioteconomia.

A justificativa desta formação se faz as respostas dadas pelos participantes desta pesquisa, resultando no Discurso do Sujeito Coletivo “bibliotecários escolares situados em Florianópolis” sobre Nova Biblioteconomia. A partir do pensar e agir desses profissionais conhecidos com esta pesquisa, percebeu-se entenderem a necessidade de um novo olhar, de uma maior atenção para a área da biblioteconomia,

mais voltada ao social, e dentro desta, especificamente para as bibliotecas escolares. A falta dessa biblioteconomia é sentida pelos profissionais entrevistados na formação acadêmica desse modo, a formação proposta é pensada como o oferecimento de uma oportunidade para conversar sobre Nova Biblioteconomia com esses profissionais já atuantes em biblioteca escolar, e demais interessados, inclusive os acadêmicos de biblioteconomia, pós-graduandos da Ciência da Informação e docentes desses cursos.

Em considerando que para a Nova Biblioteconomia a conversa e experiências partilhadas favorecem a construção da relação entre profissional e demais membros da comunidade, na formação proposta será incentivado o diálogo, a conversa sobre Nova Biblioteconomia na perspectiva da atuação bibliotecária no contexto escolar. Portanto, vamos nos servir de um princípio básico da Nova Biblioteconomia para se construir conhecimento: incentivar as interações e a conversa.

Para Lankes (2016a, p.97) a conversa está no centro das mudanças, na transformação de sonhos em realidade, e que nunca esqueçamos “que nossas comunidades têm aspirações e sonhos.” O autor expressa que a conversa é algo complexo, a envolver minimamente duas partes, ouvir e falar. As ideias trocadas durante a conversa moldam quem conversa e os outros que participam dela. (Lankes, 2016a, p. 98). Desta forma pode-se dizer que a conversa pode moldar as pessoas, modificar coisas, nesta pesquisa a própria biblioteca. Enquanto Lankes enfatiza a necessidade de conhecermos as aspirações e sonhos das comunidades, a partir da realidade expressa pelos bibliotecários escolares participantes desta pesquisa, suas aspirações e desejos, temos interesse em conversar com os futuros participantes da formação proposta para socializar a pesquisa e seus resultados, para que mais bibliotecários e acadêmicos reflitam como membros e sobre os membros das comunidades atendidas por bibliotecas e bibliotecários escolares.

Formação: “Repensando a biblioteca escolar numa conversa sobre Nova Biblioteconomia”

Ministrante: Khaterim Pessoa Ferreira

Público-alvo: Bibliotecários (as) escolares de Florianópolis, acadêmicos de biblioteconomia, pós-graduandos em Ciência da Informação e em Gestão de Unidades de Informação, e demais interessados;

Local de realização: FAED/ UDESC;

Data: A ser definida com as coordenações do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação (PPGInfo) e do Departamento de Biblioteconomia (DBI) da UDESC;

Recursos necessários: computador, projetor, telão, folhas de papel sulfite, canetas e *post-its*.

Carga horária: 8 horas, em dois encontros de 4 horas. Duas manhãs ou duas tardes. Preferencialmente que a formação seja oferecida para duas turmas em turnos opostos, uma forma de oportunizar a formação para um número maior de pessoas interessadas.

Curriculum do ministrante:

Khaterim Pessoa Ferreira é bacharela em Biblioteconomia pela UDESC, com Habilitação em Gestão da Informação; especialista em Gestão de Bibliotecas Escolares; e Mestra em Gestão de Unidades de Informação pelo PPGInfo/UDESC. Possui experiência profissional em biblioteca escolar, e desde a graduação tem interesse e pesquisa o tema Nova Biblioteconomia.

• **Objetivo Geral da formação:**

Conversar sobre Nova Biblioteconomia e biblioteca escolar com bibliotecários escolares, acadêmicos de biblioteconomia, pós-graduandos em Ciência da Informação e Gestão de Unidades de Informação, e demais interessados pela temática.

• **Conteúdo programático:**

	Carga Horária	ATIVIDADES	METODOLOGIA
Primeiro Encontro	45min.	Introduzir e apresentar a Nova Biblioteconomia	Dinâmica: Pergunta ativadora para interação dos participantes: “Quando você ouve a expressão ‘Nova Biblioteconomia’ o que vem a sua mente?” Solicitar que escrevam as respostas Apresentação em slide
	45min.	Apresentar livros sobre Nova Biblioteconomia	Análise de material

	1h.	Apresentar a dissertação "Nova Biblioteconomia no pensar e agir de bibliotecários escolares em Florianópolis (SC)".	Apresentação em slide
	1h:30min.	Conversar sobre os resultados da referida dissertação relacionando as experiências dos participantes.	Roda de conversa
Segundo Encontro	45min.	Discorrer sobre pesquisas brasileiras com a temática Nova Biblioteconomia.	Apresentação de Slide
	45min.	Elencar exemplos de ações propostas por Lankes envolvendo o bibliotecário e a sua comunidade.	Apresentação de Slide
	1h.	Discutir e planejar ações, com base na Nova Biblioteconomia, a serem aplicadas no contexto profissional dos participantes.	Dinâmica: Propor dividir os participantes em grupos, para que esboçem ações possíveis envolvendo os membros de suas comunidades a partir do conhecimento sobre Nova Biblioteconomia.
	1h.	Convidar os participantes a Socializarem as ações propostas.	Roda de conversa 1
	30min.	Debater sobre a formação, retomando as respostas da primeira dinâmica.	Roda de conversa 2

• **Bibliografia de apoio:**

FERREIRA, Emanuelle Geórgia Amaral. **A "Nova Biblioteconomia" de Lankes no contexto brasileiro.** 2024. 192f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2024.

FERREIRA, Khaterim Pessoa. **Nova Biblioteconomia no pensar e agir de bibliotecários escolares em Florianópolis (SC).** 2024. Dissertação (Mestrado em Gestão de Unidades de Informação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, 2024.

LANKES, Richard David. **Expect more: melhores bibliotecas para um mundo complexo.** São Paulo: Febab, 2016a.

LANKES, Richard David. **The atlas of the new librarianship.** Cambridge: The MIT Press, 2011.

LANKES, Richard David. **The new librarianship field guide.** Cambridge: The MIT Press, 2016b.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho reflete muito sobre a própria experiência da pesquisadora, trabalhando em biblioteca escolar, em ter que passar horas e horas em atividades do processamento técnico, atendendo turmas, organizando a biblioteca, fazendo compra de livros e tendo ao mesmo tempo, também, que se fazer presente na escola, encontrar parcerias, tentar trazer os adolescentes e a comunidade para a biblioteca, para usufruir daquele espaço da melhor forma possível. E como muitas outras bibliotecas, com equipe de uma pessoa só, lidando com a falta de reconhecimento, das próprias instituições, das pessoas responsáveis por elas, em entender o papel do bibliotecário e da importância do espaço da biblioteca dentro da escola.

Em nenhum momento nesta pesquisa, teve-se a intenção de julgar, ou de impor como se deve fazer o trabalho de uma biblioteca escolar, pelo contrário, esta pesquisa pretendeu enaltecer o que o bibliotecário escolar faz, mesmo com todas as adversidades, mesmo com todos os percalços e desafios que se encontram nesse caminho. A Nova Biblioteconomia, como dito por autores na fundamentação teórica, não é algo novo no Brasil, já havia estudos sobre uma Biblioteconomia progressista, voltada ao social, e por isso entende-se que as ideias de David Lankes contribuem para o contexto brasileiro. Na Biblioteconomia brasileira contemporânea, já se discute um olhar para longe da técnica e a guarda do acervo, e se volta ao contexto onde aquela biblioteca está inserida e aberta para a sua comunidade; e como Ferreira (2024) mostra em seu trabalho, alguns bibliotecários brasileiros já são engajados em uma Biblioteconomia mais social, mais voltada a comunidade.

Os participantes da pesquisa, que se identificam dentro do sujeito coletivo “bibliotecários escolares situados em Florianópolis” nos mostram que a Nova Biblioteconomia nos preceitos de Lankes não é praticada, mas que há um caminho sendo percorrido, em estágio inicial, longe da Biblioteconomia tecnicista e tradicional. Eles sentem necessidade de praticar uma Biblioteconomia diferente do que aprenderam, que era centrada muito mais na técnica.

Com esta pesquisa objetivou-se conhecer as ações e o pensar de bibliotecários escolares de Florianópolis, e assim perceber se, de alguma forma exerciam uma Nova Biblioteconomia. Não, não fazem. Mas pode-se perceber que eles estão no caminho, tendo conversa, diálogo e procurando sempre entender e atender sua comunidade e transformar a biblioteca em um espaço acolhedor, representativo, onde os membros

da comunidade vejam a si, e os demais, usando a biblioteca não só para conseguir um livro.

Diante disto, o produto da pesquisa, no formato de uma formação voltada aos bibliotecários escolares e demais interessados, é concebido como uma forma de colocar luz messe caminho. Se os bibliotecários já sinalizam estarem fazendo algo, com essa formação pode-se oferecer informações, ideias que complemente e incentive essa mudança. É promover uma conversa entre os bibliotecários e a Nova Biblioteconomia, para potencializar discussão, reflexão e sua aplicação no contexto brasileiro. Além da formação sugerida, no momento da defesa a pesquisadora e os membros da banca, sinalizaram a intenção de um possível encontro em momento futuro para dialogarem sobre Nova Biblioteconomia, na Faed/UDESC, se convertendo em mais uma oportunidade de conversa sobre Nova Biblioteconomia com bibliotecários catarinenses e em especial os de Florianópolis.

Nas entrevistas, um dos participantes expressa o quanto relevante é ser reconhecido por suas ações pela comunidade referindo-se a uma experiência “para mim esse reconhecimento foi bem importante. Porque [...] eu vi que, eu estar aqui nesse momento, estar aqui nesse ambiente, é importante” (partic03, pergunta 6). O reconhecimento do papel do bibliotecário escolar para fazer da biblioteca um ambiente que faz diferença para a comunidade, para esse profissional que está ali, sendo ativo e participante, é muito gratificante. Se, mesmo sem conhecer a Nova Biblioteconomia, já há um esforço por parte dos bibliotecários ouvidos nesta pesquisa para fazerem o que fazem, e para atuarem próximo ao que defende a Nova Biblioteconomia, então o que esperar da atuação desses profissionais ao conhecê-la?

A biblioteca é um espaço de transformação social e o bibliotecário a frente dela é importante para que isso aconteça. Como comenta Ferreira (2024, p.56), “é necessário que o bibliotecário reconheça o seu papel social de impulsionar a melhoria das comunidades por meio do seu trabalho”. Lankes não quer jogar fora a Biblioteconomia existente, ele quer que a missão do bibliotecário de facilitar a construção de conhecimento dentro da sua comunidade, seja alcançada com bibliotecários querendo mais, entendendo seu papel e seu lugar para que a sociedade se transforme.

Porque se um bibliotecário fica ali, simplesmente fazendo seu trabalho, sentado atendendo turma, sem se atualizar, sem perceber as demandas da sociedade, as atualizações que podem vir a ser úteis ao seu trabalho, ele não está esperando mais

de si mesmo e da sua comunidade. Lankes (2016a, p.49-50) acredita que “se você tirar os bibliotecários e funcionários, mas deixar os livros, computadores e a arquitetura, terá a escultura maravilhosa de uma biblioteca”, porém, esse autor entende que “se você jogar fora os livros e o prédio e deixar um grupo dedicado de profissionais, poderá convidar o público a participar, e eles construirão o futuro”.

Por isso a relevância de o bibliotecário ter oportunidade de conversar com os membros de sua comunidade, ser proativo, e poder identificar as necessidades da sua comunidade, trabalhando em conjunto com ela para que as necessidades encontradas sejam da melhor forma, construindo juntos conhecimento, promovendo conversas produtivas e sentimento de pertencimento. Como diria Lankes, que possamos esperar mais das nossas bibliotecas escolares. Então, que possamos capacitar melhor os bibliotecários escolares para termos mais e melhores bibliotecas escolares.

REFERÊNCIAS

ALESC - ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Comissão de Educação, Cultura e Desporto. **Ata da audiência pública da Comissão de Educação, Cultura e Desporto da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina para tratar o tema “Bibliotecas escolares e públicas em Santa Catarina”**, realizada no dia 18 de abril de 2022 [2023], às 18h30min, no Plenarinho Deputado Paulo Stuart Wright do Palácio Barriga-Verde. Documento transscrito pela Coordenadoria de Taquigrafia das Comissões. [2023]. 37p. Disponível em:
https://transparencia.alesc.sc.gov.br/comissoes_permanentes_atas.php?assunto=biblioteca+escolar&tipo_sessao_id=AUP&periodo=04-2023. Acesso em: 5 nov. 2024.

ALMEIDA, Carlos Cândido de. Discurso do sujeito coletivo (DSC): reconstruindo a fala do “social”. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em ciência da informação**. São Paulo: Polis, 2005. P.59-79.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Biblioteconomia: fundamentos e desafios contemporâneos. **Folha de Rosto**: Revista de Biblioteconomia e Documentação, Ceará, v.3, n. 1, p. 68-79, 2017. Disponível em:
<https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/193>. Acesso em: 3 abr. 2022.

ARAÚJO, Laís Záu Serpa de. Aspectos éticos da pesquisa científica. **Pesquisa Odontológica Brasileira**, 17 (suppl.1), p. 57-63. 2003. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/pob/article/view/43055>. Acesso em: 21 maio 2023.

BARI, Valéria Aparecida; BISPO, Isis Carolina Garcia; SANTOS, Melânia Lima. A biblioteca escolar como espaço de lazer cultural e formação do leitor. **ConCI**: Conv. Ciênc. Inform., São Cristovão/SE, v. 1, número especial, p. 50-57, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/139194>. Acesso em: 20 jul.2023.

BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2004. 248 p.

BRASIL. **Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010**. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm. Acesso em: 2 set. 2024

BRASIL. **Lei nº 14.837, de 08 de abril de 2024**. Altera a Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, que “dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País”, para modificar a definição de biblioteca escolar e criar o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (SNBE). Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2024/Lei/L14837.htm. Acesso em: 2 set. 2024

BRASIL. Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1950-1969/L4084.htm. Acesso em: 2 out. 2024

BRASIL. Lei nº 9.674, de 25 de junho de 1998. Dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário e determina outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9674.htm. Acesso em: 2 out. 2024

CALDIN, Clarice Fortkamp. Reflexões acerca do papel do bibliotecário de biblioteca escolar. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v.10, n. 2, p. 163-168, 2005. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/431>. Acesso em: 20 jul. 2023

CAMARGO, Brigido Vizeu. Serge Moscovici (14/06/1925 - 16/11/2014): um percursor inovador na psicologia social. **Memorandum**: memória e hist. em psi., v. 28, 2015, p. 240-245. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6467/4054>. Acesso em: 27 maio 2023.

CEDEP. Centro de Estudos de Dewey e Pragmatismo: John Dewey, filósofo e pragmatista. 2017. Disponível em: <https://deweypragmatismo.wordpress.com/sobre-john-dewey/>. Acesso em: 18 mar. 2023.

CRUSOÉ, Nilda Margarida de Castro. A teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação. **APRENDER**: Cad. de Filosofia e Pisc. da Educação, Vitória da Conquista, Ano II, n. 2, 2004, p. 105-114. <https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/3065/2559>. Acesso em: 24 maio 2023.

DIORIO, Marieli Sader. **Um olhar sobre a formação do bibliotecário escolar**. Orientador: Elisabete Gonçalves de Souza. 2015. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Biblioteconomia e Documentação) – Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/2666/1/DIORIO%2C%20Marieli.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2024

DUVEEN, Gerard. Introdução: o poder das Ideias. In: MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 11. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 7-28.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1994. 201 p.

FARIAS, Fabíola Ribeiro; BRITTO, Luiz Percival Leme. A lei n. 12.244 e sua concepção de biblioteca escolar: uma análise. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 12, n. 3, p. 826–836, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/19155>. Acesso em: 30 ago. 2023.

FERREIRA, Emanuelle Geórgia Amaral. **A "Nova Biblioteconomia" de Lankes no contexto brasileiro.** 2024. 192f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2024.

FERREIRA, Emanuelle Geórgia Amaral. Contribuições da Nova Biblioteconomia de Lankes para a atuação do bibliotecário. *In:* Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, 28., 2019, Vitória - ES. **Anais** [...]. Vitória - ES: Febab, 2019. p. 1-6. Disponível em:
<https://portal.febab.org.br/cbbd2019/article/view/2368>. Acesso em: 5 abr. 2022.

FERREIRA, Emanuelle Geórgia Amaral. Uma Nova Biblioteconomia para a sociedade contemporânea. **Revista ACB:** Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 50-61, dez./mar., 2018. Disponível em:
<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1500/pdf>. Acesso em: 5 abr. 2022.

FERREIRA, Emanuelle Geórgia Amaral; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Vamos falar de Nova Biblioteconomia? *In:* Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, 27., 2017, Fortaleza. **Anais** [...]. Fortaleza: Febab, 2017. p. 1-5. Disponível em:
<https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1913>. Acesso em: 5 abr. 2022.

FERREIRA, Emanuelle Geórgia Amaral; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Biblioteconomia contemporânea: apontamentos e perspectivas. **Biblionline**, João Pessoa, v. 19, n. 3, p. 32-50, 2023. Disponível em:
<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/67386/38594>. Acesso em: 2. set. 2024.

FIGUEIREDO, Marília Zanon de Andrade; CHIARI, Brasília Maria; GOULART, Bárbara Niegia Garcia de. Discurso do sujeito coletivo: uma breve introdução à ferramenta de pesquisa qualitativa, **DistúrbComun**, São Paulo, 25(1), 2013, p. 129-136. Disponível em:
<https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/14931/11139>. Acesso em: 10 maio 2023.

FIOCRUZ (Fundação Oswaldo Cruz). **Envolvendo seres humanos.** [202?]. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/envolvendo-seres-humanos>. Acesso em: 21 maio 2023.

FIORAVANTE, Eliane. Biblioteca escolar no ocidente. *In:* FIORAVANTE, Eliane. **Biblioteca escolar:** entre livros, descobertas, refúgio e abandono. Curitiba: Appris, 2021. p. 63-103.

GUIMARÃES, Fernanda Xavier; BARREIRA, Maria Isabel de Jesus Sousa; SANTOS, Jaires Oliveira; PEREIRA, Cleyciane Cássia Moreira. A biblioteca escolar e a formação do bibliotecário: uma reflexão a partir da lei 12.244. **Páginas A&B**, S.3, nº especial, 2016, 65-72. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/69980>. Acesso em: 20 jul. 2023

JODELET, Denise. O Movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das Representações Sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 679-712, set./dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/bqm4vwYnbPvPy9dDGMWHqZt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 ago. 2024.

HAQUE, Usman. The architectural relevance of Gordon Pask. In: BULLIVANT, Lucy. **4dsocial**: interactive design environments. John Wiley& Sons: [s.l.], 2007. Disponível em: https://www.haque.co.uk/papers/architectural_relevance_of_gordon_pask.pdf. Acesso em: 9 jun. 2023

LANKES, Richard David. **Expect more**: melhores bibliotecas para um mundo complexo. São Paulo: Febab, 2016a.

LANKES, Richard David. **The atlas of the new librarianship**. Cambridge: The MIT Press, 2011.

LANKES, Richard David. **The new librarianship field guide**. Cambridge: The MIT Press, 2016b.

LEFÈVRE, Fernando; LEVÈFRE, Ana Maria Cavalcanti. Conceituação geral. In: _____. **Depoimentos e discursos**: uma proposta de análise em pesquisa social. Brasília: Liber Livro, 2005a.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **Discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). 2. ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2005b.

LOBO, Marcelo de Souza; VALLS, Valéria Martin. Biblioteconomia social nas produções científicas nacionais: uma abordagem na indexação com a utilização dos termos Biblioteconomia progressista e Nova Biblioteconomia. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 27, n. 3, p. 1-29, set./dez., 2022. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1876>. Acesso em: 8 jun. 2023.

MEDEIROS, Alexsandro Melo. **John Dewey**: pragmatismo, educação e democracia. 2020. Disponível em: <https://www.sabedoriapolitica.com.br/products/john-dewey-pragmatismo-educacao-e-democracia/>. Acesso em: 16 maio 2023.

MOREIRA, Alberto da Silva. A construção social da realidade de Peter Berger e Thomas Luckmann. **Caminhos**, Goiânia, v. 20, n. 1, p. 12-28, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/12212>. Acesso em: 28 maio 2023.

MORO, Eliane Lourdes da Silva; MOTA, Francisca Rosaline Leite; LIMA, Raimundo Martins de; ABATTI, Rosana Chaves. Contextos formativos e operacionais das bibliotecas escolares e públicas brasileiras. In: _____. **Contextos formativos e operacionais das bibliotecas escolares e públicas brasileiras**. Brasília: Conselho Federal de Biblioteconomia, 2015. cap. 1, p. 20-43. Disponível em: <http://repositorio.cfb.org.br:8081/123456789/587>. Acesso em: 5 ago. 2024

OLIVEIRA, Marcio Sergio Batista Silveira de. Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. **Rev. Bras. Ci. Soc.**, v. 19, n. 55, 2004, p. 180-186. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcso/a/hxygmJs8PvY8S54bqn8hdzQ/>. Acesso em: 24 maio 2023.

OLIVEIRA, Thelma Regina Fonseca de; CAVALCANTE, Luciane de Fátima Beckman. Biblioteca escolar: espaço que cria laços de pertencimento. **Biblionline**, João Pessoa, v. 13, n. 3, p. 30-42, jul./set., 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/16292>. Acesso em: 20 jul. 2023

OTTONICAR, Selma Letícia Capinzaiki; CASTRO FILHO, Claudio Marcondes; SALA, Fabiana. A competência em informação aliada as tarefas do bibliotecário escolar. **RDBCi**: Rev. Digit. Bibliotecon. Cienc. Inf., Campinas (SP), v.17, p. 1-23, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/106887>. Acesso em: 9 abr. 2023.

PAJEÚ, Hélio Márcio; ALMEIDA, Arthur Henrique Feijó de. A mediação cultural na biblioteca escolar e o bibliotecário infoeducador. **RDBCi**: Rev. Digit. Bibliotecon. Cienc. Inf., Campinas - SP, v.18, p. 1-17, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/147798>. Acesso em: 9 abr. 2023.

PERES, Cristiane Pereira; PRZYLEPA, Mariclei. Relação entre indivíduo, sociedade e educação: uma leitura a partir de Norbert Elias. **Rev. Contemp. de Educ.**, v. 15, n. 34, set./dez. 2020. p. 118–132. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/36615>. Acesso em: 28 maio 2023.

PIRES, Hugo Avelar Cardoso; PAULA, Claudio Paixão Anastácio de. As mudanças curriculares da Biblioteconomia brasileira e suas relações com a generificação da profissão bibliotecária, **RDBCi**: Rev. Dig. Bibliotec e Ci. Info., v. 20, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbc/article/view/8668097/28126>. Acesso em: 28 ago. 2024

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ermani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Freevale, 2013. E-Book. ISBN 978-85-7717-158-3. Disponível em:<http://www.freevale.br/institucional/editora-freevale/metodologia-do-trabalho-cientifico---2-edicao>. Acesso em: 18 abr. 2022.

SANTOS, Andrea Pereira dos; LIMA, Myriam Martins; RESENDE, Vanessa Ferreira de Almeida. A legislação da biblioteca escolar nos estados pós lei 12.244: o que mudou?. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.17, p. 1-25, 2021. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1490>. Acesso em: 31 jul. 2023.

SANTOS, Andrea Pereira dos; RESENDE, Vanessa Ferreira de Almeida. A formação profissional de Biblioteconomia para atuação em bibliotecas escolares: retrato das universidades federais brasileiras. **Biblioteca Escolar em Revista**, São Paulo, Brasil, v. 7, n. 2, p. 82–101, 2021. DOI: 10.11606/issn.2238-

5894.berev.2021.173390. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/berev/article/view/173390>. Acesso em: 5 ago. 2024.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Teoria e prática científica. In: _____. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007. p. 99–127.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Rev. Atual. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em:

<https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/ppqcb/files/2011/03/Metodologia-da-Pesquisa-3a-edicao.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2023

SILVA, Juceli Aparecida. Sociedade e indivíduo: a sociologia configuracional de Norbert Elias. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Juiz de Fora, n. 29, 2019, p.232-245. Disponível em:

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17586>. Acesso em: 28 maio 2023.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **Biblioteconomia, educação e sociedade**. Florianópolis: UFSC, 1993.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **Modernização e Biblioteconomia Nova no Brasil**. Florianópolis: NUP/UFSC, 2003.

TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho. A Biblioteconomia e a “construção do social”. **Rev. Interam. Bibliot.**, Medellín-Colombia, v. 41, n. 2, maio/ago., p. 167-178, 2018. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br//download/83682>. Acesso em: 30 abr. 2024.

TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho; SILVA, Daniela Cândido da. Biblioteconomia social, crítica e progressista: mapeamento da produção científica nacional e internacional. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, v. 3, p. 1-28, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/informacao/article/view/18371>. Acesso em: 15 ago. 2024

UDESC. **Comitê de ética e pesquisa com seres humanos**. 2023. Disponível em: <https://www.udesc.br/comitedeeticaepesquisacomsereshumanos>. Acesso em: 21 maio 2023.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Construção de Conhecimento Científico. In: _____. **Métodos qualitativos de pesquisa em ciência da informação**. São Paulo: Polis, 2005. p.7-28.

VAZ, Gláucia Aparecida. Biblioteca escolar como espaço para produção do conhecimento. **Múltiplos olhares em ciência da informação**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, 2014. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/16963>. Acesso em: 20 jul. 2023

APÊNDICE A—PERGUNTAS DE ENTREVISTA

- 1) O que você entende por biblioteca escolar?
- 2) Para você, qual a contribuição do bibliotecário na escola?
- 3) A biblioteca dessa escola atende a quem? E como você envolve essas pessoas na biblioteca para atende-las?
- 4) No seu dia a dia como você interage com as pessoas que integram a comunidade escolar?
- 5) De quais formas você percebe que contribui para a construção de conhecimento da sua comunidade?
- 6) A comunidade costuma dar retorno sobre o seu trabalho? O que você acha disso?
- 7) Para você o que significa esse retorno no âmbito pessoal e profissional?
- 8) Você pode mencionar quais os desafios que tem enfrentado atuando na biblioteca desta escola? E, o que tem facilitado a sua atuação nesta escola?
- 9) Você tem aspirações para esta biblioteca? Pode falar sobre elas?
- 10) Ao ouvir a expressão “Nova Biblioteconomia”, o que imediatamente vem a sua mente?
- 11) Para você como a biblioteca escolar pode ser proativa, colaborativa e transformadora?
- 12) Fique à vontade para falar o que desejar envolvendo temas abordados nesta entrevista

**APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO (QUADRO SITUACIONAL: BIBLIOTECÁRIO/A,
BIBLIOTECA E ESCOLA)**

I - DADOS PESSOAIS

1) Gênero: Masculino () Feminino () Outro ()

2) Idade: _____

3) Local de Nascimento (cidade/UF): _____

II - FORMAÇÃO PROFISSIONAL

4) Qual a sua formação? Indique nome do/s curso/s, instituição, ano de conclusão.

5) Você possui curso de especialização e/ou mestrado e/ou doutorado? Se afirmativo, informe o nome do/s curso/s, instituição e ano de conclusão.

6) Você participa ou já participou de capacitações? Se afirmativo, indique qual/is, ano de conclusão, e se com recursos próprios ou pagos pela instituição.

III - EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

7) Há quanto tempo você atua nesta instituição? _____

8) Você sempre atuou nela como bibliotecária? _____

9) Qual a sua carga horária nesta biblioteca:

10) Já atuou ou atua em outra/s instituição/ões? Se afirmativo, indique qual/is instituição/ões, (cidade/UF), por quanto tempo, em qual função/cargo e carga horária:

IV - CONTEXTUALIZAÇÃO DA BIBLIOTECA

11) Quantos anos têm a biblioteca desta escola? _____

12) Quantas pessoas integram a equipe da biblioteca? Indique a formação, funções e carga horária dessas pessoas.

13) Além da equipe da biblioteca, há profissionais que colaboram com o trabalho da biblioteca? Pode indicar quais são e como ocorre essa colaboração?

14) Descreva o espaço físico da biblioteca (por exemplo: m², mobiliário, *layout*, portas, janelas, setores etc).

15) Quais serviços são oferecidos pela biblioteca?

16) As atividades oferecidas pela biblioteca são realizadas apenas no espaço da biblioteca? Como acontece?

17) Qual a quantidade aproximada de livros e de outros materiais disponíveis para consulta e/ou empréstimo?

18) Todos da comunidade fazem empréstimo domiciliar? Há distinção entre usuários? Como ocorre o empréstimo?

19) O acervo desta biblioteca é suficiente para atender as necessidades da comunidade escolar?

20) Qual o aparato tecnológico disponível na biblioteca (computadores, *tablets*, projetores, etc)? E quem faz uso deles?

21) Há na escola espaços específicos para a comunidade escolar fazer uso de aparato tecnológico? Se afirmativo, pode informar qual/is, o que oferece/m e quem faz uso?

22) Descreva brevemente sobre projetos e atividades oferecidas por esta biblioteca.

V - CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

23) Qual o ano de fundação desta escola? _____

24) Qual o número de alunos e turmas na instituição:

25) A escola funciona: manhã () Tarde () Noite ()

26) Aproximadamente, quantos professores e quantos funcionários atuam nesta escola: _____

Obrigado por disponibilizar seu tempo à pesquisa!

Nota: Se necessário, utilize o verso da folha

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Participante 01 – 03/04/2023

Chegada na biblioteca: 09h55

Início da entrevista: 10h36

Saída da escola: 11h25

1. O que você entende por biblioteca escolar?

Partic01: [Suspiro] *biblioteca escolar eu entendo como um espaço, é... social, socializável da escola. Aonde a comunidade se encontra... é... não é só um espaço aonde tem livros, né? e... vai além. Vai além do... de um acervo. O espaço, a escola.*

[Silêncio]

2. Para você qual a contribuição do bibliotecário na escola?

Partic01: *Tá... [vira para o lado e fala com o professor que estava na sala onde estávamos e depois retorna]*

Partic01: *Ele é o mediador, né?... ele faz a mediação, é... entre as necessidades da comunidade escolar, falo ali comunidade escolar: professores, né? alunos, é... ele faz mediação entre o acervo, o conhecimento que tá ali, né?... mas também... outras formas de conhecimento também, que vem das demandas e... das necessidades dos alunos, né? Essa comunidade escolar.*

3. O que você entende por comunidade?

Partic01: *É... todos aqueles que participam ativamente, né? tendo os mesmos objetivos, é... isso seria pra mim, uma comunidade. Então ampliando isso para uma comunidade escolar, seriam todos: professores, alunos, funcionários, é... todos focados num único objetivo, que é a educação, né? Aí lógico, todo o projeto... pedagógico da escola, inserido nesse propósito... porque eu acho que não pode esquecer também do projeto político pedagógico da escola, tem que estar todo alinhado. Funcionários, professores, a direção da escola...*

4. No dia a dia como você se relaciona com as pessoas da comunidade escolar?

Partic01: *Eu tenho... uma boa relação com todos, mas nem todos têm uma boa relação com a biblioteca. [risada] Algumas questões com os alunos, que às vezes a biblioteca é um espaço em que eles foram tirados de sala de aula, né?... ainda existe, persiste é... esse espaço para esse fim, o que eu acho muito triste, então eu tento fazer com que isso não seja desse jeito, né? Mas, infelizmente, ainda é um espaço... que a palavra castigo ela não está explícita... ela*

meio que está implícita, ou tipo: não tem onde levar esse aluno que tá me incomodando então “você pode, posso deixar ele aí na biblioteca?” [risada]

5.De quais formas você percebe que contribui para a construção de conhecimento na comunidade?

Partic01: *Eu acho que... é... uma escuta atenta. É... refaz a pergunta por favor.*

Pesquisadora: Claro. De quais formas você percebe que contribui para a construção de conhecimento na comunidade?

Partic01: *É... uma escuta atenta, é possível, mas eu... o processo do conhecimento do ser humano, esse é um processo que é uma particularidade minha, é um processo que é interno, individual, então... aí, a mediação de novo, do professor em sala de aula, a mediação do bibliotecário na biblioteca. O processo do conhecimento é um processo que está implícito no ser humano, então... já que o espaço escolar, a biblioteca, ela... possui esse viés... de ter alguns conhecimentos ali formatados e disponibilizados, né? é... acho que o conhecimento ele tá em todo lugar dentro da escola, na verdade. Não só exatamente no espaço da biblioteca. Então...*

6.A comunidade costuma dar retorno sobre o seu trabalho? E qual a relevância deste retorno no âmbito pessoal e profissional?

Partic01: *Hã... alguns anos atrás, sim, havia um... na verdade de toda a comunidade, de toda a escola, eu sempre tive os feedbacks... os alunos fazem... é... respondem questionários, e é uma questão até da direção para saber como está o clima... organizacional, né? professores, alunos e tudo mais. E depois essas pesquisas a gente tinha acesso, era... em reuniões, eram publicados assim, eu não sei agora com a nova escola, por que a escola foi vendida, agora é uma rede de educadores, a [...] então... nesse último ano eu não observei isso, mas sim, existia um retorno... [pareceu-me estar tentando lembrar o restante da pergunta]*

Pesquisadora: E qual a relevância deste retorno no âmbito pessoal e profissional?

Partic01: *É... eu acho que é... interessante na questão profissional, saber que o que você está fazendo, seu trabalho, ou a tua presença na biblioteca ou na escola é... ela faz algum sentido, para essa comunidade, né?... de alunos e professores, é....o retorno profissional, porque financeiro, ele... não, não...não é tão relevante assim.*

7.Quais desafios você tem enfrentado atuando na biblioteca desta escola?

Partic01: *Os desafios? ... hã... uma cultura ainda... de que a biblioteca é um espaço que eu posso deixar o aluno que está incomodando [em sala], é um desafio, às vezes é um desafio até pessoal, se eu não entrar em rotinas, né? por que... as demandas da biblioteca te fazem levar por umas certas rotinas né, tentar... meio que se reinventar, criar coisas diferentes,*

chamar a atenção do... dos alunos, é... pra coisas que estão mais no dia a dia, mas de formas diferentes, né? e que eles possam perceber que... o espaço da biblioteca, o espaço físico da biblioteca, ele vai além só de... pesquisa no computador, nos livros, né? é... às vezes é um momento de aula com o professor, então é... ele pode ser expandido, né? então... aquele exemplo do recreio por exemplo [aqui ela está querendo indicar o momento anterior à entrevista] algum tempo atrás não existia isso, né? Então esse ambiente de... da comunidade se socializar.

8.O que tem facilitado a sua atuação nesta escola?

Partic01: *Hã... a direção deixou muito... aberto, é... o teu processo criativo. Então... todas as atividades da escola, da biblioteca, eu... eu é que... os faço, né?... hã... e a escola, a direção, ela deixa bem aberto para esse processo de criar, de inovar sabe? É até... um referencial da escola, né? Tu se tornar protagonista, né? tanto os alunos, professores, tanto... todo o corpo administrativo.*

9.Você tem aspirações para esta biblioteca? Pode falar sobre isto?

Partic01: *Aspirações?... Algumas, mas elas é... elas ainda não estão ainda possíveis de [serem] concretizadas nesse momento, é... não... seriam mais da minha atuação como... como profissional, né? Mas são aspirações mais pessoais, não exatamente na biblioteca como o espaço físico, tá.*

10.Ao ouvir a expressão “Nova Biblioteconomia”, o que imediatamente vem a sua mente?

Partic01: *Hum... esse conceito... é... eu acho, eu não lembro de... de conhecê-lo, pode ser que tenha lido ele de outra forma... eu acredito que é uma forma de ver o profissional bibliotecário, dentro da biblioteca. Não exatamente... é... o conhecimento abarcado por essa ciência Biblioteconomia. Não é exatamente sobre isso. Mas eu acho que... é... atuação do bibliotecário, dentro da biblioteca. Que eu acho que é essa Nova Biblioteconomia. Deve ser, [risadinha] por que a estrutura... as estruturas conceituais da biblioteca... da Biblioteconomia elas estão aí, elas tão... [há] décadas, né? e eu acredito que Nova Biblioteconomia seja isso, acho que é... um posicionamento do bibliotecário. Uma forma dele atuar, eu acredito que... [risada]*

11.Para você como a biblioteca escolar pode ser proativa, colaborativa e transformadora?

Partic01: *Acho que transformando ela num espaço social, sociável. É... se tornando um processo é... de apoio, é... um ambiente de apoio ao processo pedagógico melhor dizendo,*

né? Eu acho que dessa forma, ela caminha sim, junto com a coordenação pedagógica, com direção, com objetivos da escola, ela pode se tornar sim, deveria se tornar, deveria ser assim, um ambiente mais... hã... como você falou ali na pergunta?... Proativo, né? E aí, lógico, junto com... a atividade profissional também, né? não só com o espaço da biblioteca, mas o profissional bibliotecário... observando suas demandas, né? As demandas é... da coordenação pedagógica, então na verdade a biblioteca é um espaço, é... de apoio, pedagógico, né? Para o processo educacional, então é isso que eu vejo. Então... tu tem que estar sempre aberto, pra que isso possa acontecer. E não é só a biblioteca junto, né? coordenação, direção, é um conjunto de coisas que torna a biblioteca, o bibliotecário proativo. Porque eu posso ter milhares de ideias. Mas... se eu não tiver um suporte, que sustente as minhas ideias, o pedagógico por exemplo, essas ideias elas não serão concretizadas. Não sei se respondi...

12. Fique à vontade caso queira falar algo mais sobre a sua atuação na biblioteca desta escola.

Partic01: Então essa foi a primeira escola que eu atuei como bibliotecária, na verdade as minhas experiências eram em arquivos, e eu sempre quis atuar em bibliotecas, é... mas me surpreendeu, é... a biblioteca escolar. Eu gostaria de uma biblioteca especializada, é....na época de graduação e pós-graduação, esse era um dos... dos objetivos, né? Mas... ela me surpreendeu, é... eu pensava uma outra coisa, e ele é um ambiente extremamente ativo, né? que dá inúmeras possibilidades para o profissional bibliotecário atuar. E... é lógico, se a escola te dá essa liberdade, né? de você ser um... proativo, é... sim, e essa escola como experiência dá, essa possibilidade. É bem interessante. Eles... te deixam muito à vontade para você criar. Então, basta o profissional... ter criatividade, querer realmente... atuar. É uma experiência bem interessante. É isso.

Participante 02 - 08/04/2023

Chegada na biblioteca: 10h15

Início da entrevista: 10h49

Saída da escola: 11h55

1. O que você entende por biblioteca escolar?

Partic02: Na minha opinião biblioteca escolar é a mais difícil de todas. É uma biblioteca que atende crianças, adolescentes, que é uma fase bem difícil. E além de todo... a parte de faixa etária, divisão dos livros né, tu tem que ter todo um carinho com essas crianças e adolescentes, né. Então, biblioteca escolar para mim é a principal de todas as bibliotecas. É muito importante.

2. Para você qual a contribuição do bibliotecário na escola?

Partic02: Ah, ele contribui de muitas formas. Principalmente hoje em dia, né, é... quando as crianças têm o contato com o bibliotecário, ele... no caso da biblioteca escolar, ele tem que ter todo um... uma aproximação com eles, assim, é um carinho, um chamar pelo nome, eles... é... [me] tratam como se fosse um professor, na verdade. Eles até confundem muito isso, né, sempre deixo isso claro "Ah, eu não sou professora, sou bibliotecária". Mas para eles é como se [eu] fosse né. Então, eles têm esse amor com a gente, e a gente tem que ter todo esse carinho, essa retribuição de volta. E eles dependem muito do bibliotecário, para tudo. Eles não sabem o livro que eles querem, eles não... têm um nome... Eles... "Ah qual que... que tu quer? Qual que tu acha[...] que eu vou gostar?" Então, eles me perguntam sempre. E tu tem que ter assim... tu conhece o perfil deles, e tu acompanha o crescimento [deles]. Tem essa diferença, também. Porque começa no infantil, e vai até o ensino médio. Então, tu vai acompanhando desde o infantil, até a leitura. Então, esse... é o cuidado maior que a gente tem que ter com eles.

3. O que você entende por comunidade?

Partic02: Comunidade, para mim, é um grupo, né, de pessoas, que têm uma convivência durante, é... bastante tempo, juntos. É... isso para mim é uma comunidade. E que têm os mesmos serviços à disposição desse grupo. Então, tem a comunidade escolar que são os alunos, os professores, são bibliotecários, secretaria, as faxineiras, essa comunidade da escola. Mas tem também a comunidade do [bairro] que é onde a escola está inclusa, né. E essa comunidade a gente sabe que como é, de praia, né, tem um perfil todo... isso para mim isso é comunidade.

4. No dia a dia como você se relaciona com as pessoas da comunidade escolar?

Partic02: Muito bem. Todos me conhecem, eu conheço todo mundo, né. Eu estou trabalhando aqui oito anos, então tem crianças do primeiro ano que já estão no nono ano do ensino fundamental, que eu vi ser alfabetizada, que eu vi pegar os primeiros livros de figuras, que hoje já estão até pegando literatura brasileira... então, assim, tu vai acompanhando todo esse processo deles, né. E... esses jovens, assim, essa... essa comunidade, aqui, escolar, assim, eu acho que sou muito importante para eles como eles também são importantes para mim. Como uma família já.

5. De quais formas você percebe que contribui para a construção de conhecimento na comunidade?

Partic02: Ah, eu percebo pela procura deles, né... assim por mim. Eles vêm me perguntando as coisas. Então... isso eu vejo que sou importante para eles, é o momento que eles chegam “Ai [...] me dá indicação de algum livro” ou “[...] a professora vai fazer um trabalho, qual que tu acha”, “Oh, [...] eu não gosto de ler, o que tu diz para mim?”, daí eu falo pega livro de crônicas, de contos, coisas mais pequeninhas, depois... Então, assim, toda essa percepção faz, sim, eu ver que eu sou muito importante para eles, ainda mais hoje, assim, que o hábito da leitura para mim, assim, é tudo. Eles têm que ter, [e] tento ao máximo colocar na vida deles porque eu sei que vai fazer bem para eles tanto por dentro quanto por fora, também.

6.A comunidade costuma dar retorno sobre o seu trabalho? E qual a relevância deste retorno no âmbito pessoal e profissional?

Partic02: Não é sempre, assim, né, mas, é... eu percebo pelos pais, eu percebo pelos pais dos alunos quando a gente tem comunicação, uma agenda virtual, onde a biblioteca é comunicada, né, do aluno que está com livros, que atrasou livros, é... e para outras situações. E alguns pais me comunicam de alguma história que eu contei que as crianças chegaram em casa falando e eles acharam muito linda, é... os pais falam para mim da importância de levar o livro. Então, eu vejo essa contribuição. E da escola, em si, tem vários projetos que a gente trabalha junto com os professores, né. Então... o retorno da escola, em si, não é muito assim... como assim, a diretora, né, ou a coordenação falar alguma coisa. É mais no tu ver o que que acontece. Então, eu vejo assim... é... superar cada ano o número de empréstimo, se as crianças estão lendo, mesmo, o que está sendo feito, a parceria com os professores. Então, esse é o meu retorno maior, assim, que eu vejo.

7.Quais desafios você tem enfrentado atuando na biblioteca desta escola?

Partic02: Sempre tem muitos desafios, porque a gente nunca vai ser atendido do jeito que a gente gostaria, né. Isso não é só uma realidade da biblioteca escolar, acredito que em todas. Mas... a gente vai tentando e não pode desistir. Um dos desafios espaço físico, porque a escola aumenta, o número de crianças aumenta e a gente quer que o espaço [da biblioteca] seja maior. Atualmente esse é meu maior desafio, assim, que eu estou enfrentando. Eu entendo que a escola cresceu muito rápido, que não tem uma sala maior, que teria que ser construído, entendo toda essa parte burocrática que a diretora tem que passar, né, para conseguir mudar o prédio. Entendo tudo isso, assim. Mas... é uma... é uma coisa que eu gostaria muito. Por causa da sala de aula na biblioteca. Então, tem algumas turmas que são muito grandes, que se torna impossível de trazer aqui, não tem como, né, não tem espaço suficiente. Mas, é... eu acredito, assim, que não devo desistir, que no futuro, assim, eu vou conseguir. Tem o desafio também da aquisição de livros, né... já foi conversado, a gente está tentando, né. Ainda o número não é o quanto eu gostaria, mas eu sempre fico conversando

com a coordenação, com a diretoria, todo ano eu faço inventário, passo para eles o que aconteceu, o que eu gostaria que fosse feito. E eles têm consciência das coisas que eu gostaria, assim, e isso para mim é importante, assim, muito importante que eles saibam também, do que é preciso, para eles tomarem as providências.

8.O que tem facilitado a sua atuação nesta escola?

Partic02: *O que mais facilita minha atuação é a liberdade. [risadinha]. A coordenação, ela, deixa, tanto, assim, os professores como o bibliotecário, assim, bem livres, para você apresentar ideias, né, para você fazer, é... elas só pedem que informem a elas, assim, né, o que você vai fazer, algum projeto, mas sempre apoiam, assim, sempre deixam muito livre. Não tem, a "todo ano vai ser feito isso, isso e isso" não. Cada ano você pode mudar, cada ano você [pode] melhorar, apresenta para ela, diga o que você quer fazer, como você quer melhorar... São bem acessíveis, assim, a coordenação... é muito fácil de lidar com elas, assim, apresentar teus projetos.*

9.Você tem aspirações para esta biblioteca? Pode falar sobre isto?

Partic02: *Eu posso, né [risada]. Uma das aspirações já falei, que é um espaço físico que eu quero aumentar muito, assim, né, queria fazer uma biblioteca bem maior, fazer mais acessível. É... outra parte que eu considero importante seria... a... a parte individual de estudo, que a gente não tem. E hoje em dia eu não considero que um silêncio na biblioteca absoluto. Não existe mais isso. Para mim não existe. Então, eu acredito que o aluno tem que mexer, ele tem que ir ali, ele tem que escutar o que ele quer escutar, ele tem que ficar porque ele quer um ambiente mais tranquilo só para sentar, usa o fone de ouvido, escuta a música dele no silencioso. Isso para mim não importa, ele estando aqui, ele olhando, ele vendo como que é, ele vendo as pessoas pegando livro, ou... ele vai perceber essa importância e com o tempo ele vai indo. Então, eu acredito que quem quer estudar, que tem mais dificuldade, precisa desse lugarzinho silencioso, e essa é uma aspiração que eu quero também para o futuro além do espaço da biblioteca ser maior.*

10.Ao ouvir a expressão “Nova Biblioteconomia”, o que imediatamente vem a sua mente?

Partic02: *Vem... a parte da biblioteca diferenciada, mais humanizada. Eu acho que é isso. Você conhecer cada um, é... e tratar com muito carinho, uma aproximação diferente, assim. Porque biblioteca, quando eu estudei, era um lugar muito silencioso, não poderia ter barulho, não tinha muito contato nem conversa. Era uma coisa mais fria, assim e eu acho que essa parte de humanização, de perguntar, de responder, de rir, de se importar, de contar... é... a gente não é psicólogo, mas muitos vêm conversar, contar, né, o que está sentindo. E a escola*

tem até uma psicóloga, que dessa forma também eu posso ajudar, porque eles me falam alguma coisa que eu acho que é grave, [e] eu levo para psicóloga. Eu não... não falo nada com eles, só escuto, mas levo para a psicóloga porque daí ela fica sabendo, né. É uma forma também. Então... nos dias de hoje, assim, eu percebo que o adolescente, ele tem muita... dificuldade de conversar com os outros adolescentes. Então, tem uns que ficam, assim, mais isolados, alguns parecem ser uma coisa que não são, tem todo esse... é... essa dificuldade na conversa deles. E... a humanização da biblioteca é isso. Não é tratar como um número, é só mais um usuário, é só mais um empréstimo, né. É uma conversa, dar sugestões de livros, perguntar depois, também, né. Não esquecer [de perguntar], como que foi, se gostou, se não gostou, [de verificar] se tem continuação, se tem outro livro que chegou nesse perfil. É uma família na verdade, eu acredito que a biblioteca, [a] Nova Biblioteca é como se fosse uma família, assim.

11.Para você como a biblioteca escolar pode ser proativa, colaborativa e transformadora?

Partic02: *Fazendo esse papel de família, sabe. Sendo um lugar aconchegante, né. Um lugar, um ambiente, assim, gostoso, onde o jovem, o adolescente queira vir, independente se o livro é digital, se o livro é impresso, que ele goste de estar ali. Então, que, que isso, assim, é uma coisa muito importante, de sim a gente conquistar o hábito da leitura. Porque eu acredito, assim, que... não adianta forçar alguém a ler, né, a pessoa tem que ter a vontade de ler. Então, e não vai ganhar nada, "Ah, se tu ler tanto, vai ganhar isso ou aquilo" porque... é... na verdade o ganho já está ali na leitura, né, já está sendo benefício. Então, eu procuro sempre me atualizar muito, de tudo, e sempre fico conversando muito com eles, porque... para mim eles são uma família, né. Eu acompanho eles do infantil até saírem da escola, e... embora seja só eu [risada], tem essa parte boa, né, que é a parte da gente ter, como se fosse uma família, esse acompanhamento, do que fossem separadas as bibliotecas do infantil ou do fundamental. Então, tem o lado bom de ser junto, que é esse lado.*

12.Fique à vontade caso queira falar algo mais sobre a sua atuação na biblioteca desta escola.

Partic02: *Então... a minha atuação na biblioteca... eu acredito, assim, que ninguém sabe tudo. Eu não sei tudo, eu... eu... eu cai aqui de, né, na biblioteca escolar, meio que de cabeça, né. Eu fiz [nome universidade], e [...] não separa biblioteca escolar, é tudo junto. Eu me formei em 2003, entrei em [19]99, e... e desde então sempre trabalhei em biblioteca escolar. Trabalhei mais com os adultos, que eu trabalhei na biblioteca da marinha, durante oito anos, e lá o público, né, adolescente-jovem, né, 18 a 21 anos, e depois na biblioteca escolar que eu já peguei a parte infantil, contação de história, toda essa parte lúdica, né, e... fui aprendendo*

sozinha, né, tipo... tentando ler, é... claro que eu fiz alguns cursos, de contação de história, de biblioterapia, procuro estar sempre me atualizando, mas só que... é... eu acredito que, que não é fácil, sabe? Biblioteca escolar, gente... só vivendo isso. Não tem assim. Meu perfil, sempre achei que era biblioteca universitária, sempre. Sempre, assim, porque meus estágios foram, assim, em biblioteca universitária. Então... é outra coisa, assim. Então, a minha experiência de estagio não valeu muito para o que eu consegui depois, mas também não desisti. A gente tem que se... eu acho que o bibliotecário tem que ir se atualizando, às vezes não tem tempo, mas um cursinho à noite, umas horinhas, né, não custa, assim, né, e também a parte de ler muito, assim, não só... eu leio bastante literatura, claro, para conversar com eles sobre os livros de interesse, mas procuro ver o que que está... os livros mais vendidos, o... o que tem de novo, é... alguma notícia, também. E... e tanto na parte pessoal, né, para você, né, se aprimorar, quanto na parte, também, de ajudar os leitores. Seria isso.

Participante 03 – 09/04/2023

Chegada na biblioteca: 7h40

Início da entrevista: 8h09

Saída da escola: 8h55

1. O que você entende por biblioteca escolar?

Partic03: *A biblioteca escolar é um espaço muito importante, pelo menos vou tirar por base aqui a biblioteca, né. A nossa biblioteca, ela é um organismo vivo dentro dessa escola, e bem importante. Então, todos os projetos, tudo que acontece na escola, tem por base a biblioteca, né. Esse... se eles desenvolvem alguma pesquisa, ou alguma curiosidade em sala, a primeira, o foco é que a pesquisa seja feita aqui, né, antes mesmo de ir para a informática. E eu prezo muito o incentivo à leitura, né. A gente tem uma biblioteca que o acervo é bem... atualizado. Eu trabalho em conjunto com os próprios alunos, nesse sentido, de acordo com o interesse deles, das coisas que eu tenho aqui. Então... a biblioteca sempre foi uma referência, assim, para eles, até para os alunos que saem daqui. Quando eles me encontram eles ficam “ai meu deus que saudade daquela biblioteca, lá era tudo atualizado, lá tinha tudo que eu gostava, agora eu não consigo”. Muitos dos lugares que eles saem eles nem tem acesso a biblioteca, e aqui a biblioteca fica aberta todo o período.*

2. Para você qual a contribuição do bibliotecário na escola?

Partic03: *Muito importante, também. Se o bibliotecário, é... conseguir fazer esse trabalho em conjunto com os professores, né, se torna muito importante, porque aí a gente consegue conciliar essas disciplinas, como eu tinha falado, respondido anteriormente. E aí a gente consegue desenvolver o trabalho em conjunto, e bem mais enriquecedor. Porque tudo que é*

trabalhado em sala, aqui eu amplio esse conhecimento, né. De diversas formas. Por exemplo, se eles estão trabalhando sobre folclore em sala, aí no dia da biblioteca deles, porque todas as turmas têm o seu horário de biblioteca, desde o infantil 2 até o 9º ano. Então, todos passam por aqui. Então, no dia da biblioteca deles, eu vou passar um vídeo sobre aquele tema, depois eu vou disponibilizar aqueles livros sobre aquele assunto. Então, a gente vai... né, intensificar essa aprendizagem, aprimorar ainda mais. Então, é um trabalho bem importante, em conjunto.

3. O que você entende por comunidade?

Partic03: *Comunidade? Tudo que nos cerca, né, a gente aqui, essa escola, a escola, em si. A gente vive em comunidade, a comunidade escolar. E isso engloba tanto os pais, quantos os professores, os outros trabalhadores da escola e os alunos em si, né. E aí levando para um aspecto maior, a nossa sociedade.*

4. No dia a dia como você se relaciona com as pessoas da comunidade escolar?

Partic03: *Eu me relaciono... muito bem. Eu tenho uma boa convivência com todos aqui. É... os alunos gostam muito desse espaço, gostam bastante de mim. Eles usam esse espaço não só para a leitura, que eu sempre... desde que eu entrei aqui, essa era a minha proposta, em si, eu não queria fazer da biblioteca um local simplesmente para que eles entrassem só para ler, que fosse um lugar que a gente costuma ver em algumas bibliotecas, que é um lugar sisudo, um lugar que tu precisa fazer silêncio, que tu precisa... está toda hora chamando a atenção, tanto que eu tenho aqui vários jogos, tem a mesa de xadrez, que estamos usando. Eu comprei vários jogos. Então, no intervalo isso aqui é cheio de muitas crianças que vem ler, muitas vem jogar, muitas vem conversar. Então... é um espaço bem aberto. E é o que eu sempre fiz. Na verdade, a biblioteca é um espaço acolhedor. E a partir desse momento, quando a criança entra aqui, o aluno, o adolescente, ou o pai, que ele vem por interesse qualquer, eu consigo às vezes fazer com que eles saiam daqui com um livro, ou que tenham lido algo. E essa é a finalidade, né, trazer para esse espaço. No primeiro momento, conquistar de alguma forma, para depois conseguir convencê-lo. Em alguns casos, tem gente que eu não preciso fazer, mas tem uns que eu preciso, né. De que leiam, ou levem alguma coisa. Enfim...*

5. De quais formas você percebe que contribui para a construção de conhecimento na comunidade?

Partic03: *É... atualizando o acervo. Tornando a biblioteca um lugar atrativo. E... conversando muito com eles. Estou em constante conversa com eles, interagindo, sabendo o que eles gostam, o que eles querem, o que eles estão vendo, o que estão assistindo, né, para... para estar atualizado. Tanto dos assuntos, de como vou chegar até eles e me comunicar, quanto*

de como vai ser o meu acervo, sabe? Então, eu preciso estar por dentro, né. Se eu não converso com aquele aluno eu não vou saber do que ele gosta. Então, preciso estar por dentro de tudo: desde os pequenos até dos maiores.

6.A comunidade costuma dar retorno sobre o seu trabalho? E qual a relevância deste retorno no âmbito pessoal e profissional?

Partic03: Sim. Costumam. É... não tanto quanto... o que eu acho que deveria ser, porque às vezes, é... eu sinto essa necessidade de um reconhecimento maior, mas... mas... sempre tem, tanto por parte dos alunos, quanto por parte dos pais, e até mesmo da escola. Recentemente ainda aconteceu um fato, que... tem uma família, que... o menino estudava aqui, e no período da pandemia⁶, um pouco antes na verdade, eles se mudaram para a Espanha. E como a gente começou a ter, durante a pandemia, aulas on-line, e... eu continuei dando minha aula de biblioteca, on-line. O horário da biblioteca continuava sempre comigo. Eu... eu fui a única que trabalhou na escola nesse período. A biblioteca ficou aberta, porque eles vinham trocar livro. Com hora marcada, somente a família, mas eles vinham, porque aqui eles gostam tanto de ler, que os pais não aguentavam mais dar conta de comprar livro durante aquele período. Então, precisava circular, né, esse material. E os pais estavam enlouquecidos, já, "Ai meu deus, eu não sei o que faço, meu filho quer ler, e eu não tenho mais onde comprar livro, não sei onde comprar". Enfim, aí a biblioteca abriu nesse período, que eles vinham trocar. E aí o que que aconteceu, acontece. Essa família especial, durante todo o período da pandemia, que tinha aulas on-line, as famílias participavam das aulas, também, né, no caso. E... essa família, em si, a mãe... ficou bem emocionada com uma das aulas que eu dei, naquele período. A gente fez uma reflexão sobre alguns livros, e... depois ela veio comentar comigo sobre isso. E recentemente ela escreveu um livro, e ela me mandou de presente, lá da Espanha, esse livro, e chegou aqui no dia do bibliotecário, me presenteou. Foi bem fofo. E ela me mandou uma cartinha também, bem fofo, depois eu te mostro. Foi bem legal. Aí, assim, foi um reconhecimento que veio bem além, porque eu estou em um momento que eu estou migrando de... profissão. Eu amo minha profissão, mas eu estou indo para radiologia. Eu estou... só aqui nessa escola eu estou aqui há 10 anos. Então, eu estou há mais de 15 nessa profissão. Então, eu estou nesse momento migrando. Então, para mim esse reconhecimento foi bem importante. Porque eu... eu vi que, eu estar aqui nesse momento, estar aqui nesse ambiente, é importante, né. Então... me fez toda diferença.

⁶ Referindo-se à Pandemia de Covid-19, que ocorreu no Brasil de 11/03/2020 à 22/04/2022.

7.Quais desafios você tem enfrentado atuando na biblioteca desta escola?

Partic03:*Ah, um desafio muito grande que eu tenho, que eu percebi dos últimos anos, principalmente depois da pandemia, que foi um período bem... crucial, para a leitura, em si, principalmente dos livros físicos, foi... a conquista do... reconquista dos leitores. Eu perdi muitos leitores, sabe? Nesse período. Porque eu tinha alunos que estavam em processo, eu tinha alunos que já liam eram super leitores, e eu tinha alguns... aqueles que eram mais difíceis de conquistar, não gostavam de ler, que tinham uma resistência maior, e esses aí voltaram com uma resistência absurda, maior ainda, né. E o celular, as redes sociais... do computador, em si, fez com que eles... é, se perdessem nesse caminho, assim, sabe. E fora que, a concentração, em si, está bem difícil, com relação a isso. Eu percebo que a gente faz sempre uma dinâmica, ou umas questões, assim, para... saber como eles estão lendo. Eu preciso saber também, se eles leram, como está o entendimento dessa leitura, até mesmo para poder indicar algum livro para eles. Eu preciso saber do conhecimento dessa criança, né. Não... se o que eu vou indicar vai fazer sentido para ele ou não, e também eu pergunto às vezes, "e aí, tu leu, como é que foi?" Às vezes a gente faz uma dinâmica de roda, cada um conta um pouco da sua história. Eu vejo que a maioria deles "ai eu não lembro" o livro que recém leu. Não lembra o nome do personagem... é aquela coisa que tu leu, mas tu não estava atento a tua leitura. Então... acabou se perdendo muita informação dali. Então, eu vejo que a minha luta agora é essa. É trazer eles... para, né, essa concentração novamente. A gente tem feito várias, agora...tomado várias atitudes aqui na escola em relação a isso. Porque era assim, antes da pandemia, quase nenhuma criança aqui tinha celular. Eles voltaram da pandemia todos tem celular. É uma loucura. Então... o fundamental II a gente tomou algumas atitudes. Agora quando eles entram em sala, os telefones ficam lá dentro de um gabinete, todos ali, para que não atrapalhe durante esse... período de aula, né. E aí, eu vejo que isso melhorou bastante.*

8.O que tem facilitado a sua atuação nesta escola?

Partic03:*Facilitado? A minha comunicação com eles [a comunidade escolar], na verdade. Isso facilita muito o... meu trabalho, em si. A escola também, ela me dá essa... essa abertura, essa possibilidade assim. Eu tenho total autonomia aqui na biblioteca, e isso é muito bom. Como... eu estou aqui há 10 anos, só nessa escola, eu tenho total autonomia, em relação ao acervo, o que fazer, o que tirar. Então...isso é muito bom. Isso facilita muito o meu trabalho, né. Essa autonomia dada pela escola, e a minha comunicação tanto com os professores quanto com os alunos.*

9.Você tem aspirações para esta biblioteca? Pode falar sobre isto?

Partic03: Tenho. Tenho várias. Na verdade, eu queria que ela fosse bem maior. Na verdade... a biblioteca atual, ao meu ver, não comporta mais a quantidade de alunos que a gente tem. Tem turma de 32 alunos, que eu coloco nesse espaço. E... apesar de ser um espaço acolhedor, ele já não é mais tão aconchegante, como eu queria que fosse. Aí eles ampliaram e criaram essa varanda [onde estávamos sentadas], né. Só que...foi muito bom, esse espaço aqui, mas eu ainda precisava de mais. Então, é uma luta diária isso aí. Eu venho há anos tentando conquistar um novo espaço. Já tive algumas propostas de espaços novos, mas aqui também a gente tem um problema com a umidade, assim, o local, porque é um local [onde a escola está localizada] bem úmido. Então... achei inviável. Ali [aponta para uma sala logo atrás dela] aquela sala de ciências foi construída também, ano passado, e a proposta era que a biblioteca fosse lá, mas lá é muito úmido, daí eu acabei desistindo da ideia. E... aí eu disse não, preciso manter aqui por mais um tempo, e vamos ver no que que dá. Mas eu queria que ampliasse, porque o meu acervo é bom, é um organismo crescente. Todo ano eu tenho que fazer um...um remanejamento de livros, e é uma loucura esse período final do ano, [porque] eu sou apegada. Para me desfazer aqui de alguma coisa é um martírio [risada], e geralmente quando eu vou me desfazer de alguma coisa, eles procuram no ano seguinte. É incrível isso [risada]. É, tinha numa coleção ali, "As brumas de Avalon"⁷, assim que eu entrei aqui tinha essa coleção, era uma coleção bem antiga, capa bem velhinha, ninguém pegava. Porque aqui eles têm muito disso, também. Os livros... geralmente os livros mais novos saem com mais facilidade do que uns livros antigos, independente da qualidade do livro. E aí eu comprei uma edição nova, bem bonita, para ver se saia. Nunca pegaram. Aí eu resolvi tirar do acervo, final do ano passado. Esse ano entrou um menino novo na escola, a primeira coisa que ele fez quando entrou na biblioteca ele perguntou assim "Oh, tem brumas de Avalon?" E eu assim, "Ah, não! Ah, não!" [gargalhada]. Aconteceu exatamente o que eu temia. Eu tirei do acervo e alguém pediu. Então, assim, é... é... esse processo todo, assim, de acervo, de retirada, do que colocar, é um processo difícil, sabe. E... às vezes a gente leva bastante tempo, nesse processo.

10.Ao ouvir a expressão “Nova Biblioteconomia”, o que imediatamente vem a sua mente?

Partic03: Nova Biblioteconomia... hã...eu acho que uma Nova Biblioteconomia... seria aprender a lidar com essa... com esse novo mercado que está se abrindo no sentido de que...falando mais de biblioteca escolar, né, dessa diversificação de plataformas... e de meios de... livros, né. Pegar um kindle, ou algo, assim, do gênero. Aqui na escola a gente ainda

⁷ "As Brumas de Avalon", de Marion Zimmer Bradley, foi publicada em 1979, e em quatro volumes.

não... utiliza ainda esses materiais, né. Tem escola que já disponibiliza, que já aceita, né, o uso desse material. A gente ainda não. Então... falando... no sentido de escolar, biblioteca escolar, uma Nova Biblioteconomia seria... essa nova adaptação, né. Para uma nova plataforma. O formato. Talvez isso.

11.Para você como a biblioteca escolar pode ser proativa, colaborativa e transformadora?

Partic03: Proativa, colaborativa e transformadora?... Hã... eu acho que desenvolvendo esse trabalho da forma como eu desenvolvo, eu consigo alcançar todos esses... critérios, todos esses quesitos. Eu acho que a comunicação com os pais, que os pais tenham acesso à biblioteca, e os filhos, alunos, e a comunidade escolar, em si, professores, secretaria, coordenação, que todos tenham acesso ao material, e que aqui tenha material de interesse para todos. É o que eu tento fazer. Nem sempre eu consigo, mas... é como eu falei, através de uma conversa, a gente consegue chegar a um consenso. Quando eles precisam de algum material específico, eu dou conta. Às vezes eu procuro em sebos. Eu tenho contato com todos os sebos daqui de Floripa⁸. Então... se eu não tenho material aqui, eu busco em outro lugar, até em outras bibliotecas. Teve um tempo que a gente tinha esse combinado, e aí "Ai, eu não tenho livro tal" a [biblioteca comunitária] que fechou, ela me servia bastante nesse sentido. Quando não tinha algum livro que o professor precisava, e ah, eu não consigo comparar no momento, ou o livro já estava esgotado, eu usava esse artifício, sabe. Então, eu acho que, nesse sentido, a gente atende esses critérios. E transformadora é... fazer com que a biblioteca seja um lugar... acolhedor, sabe. Aconchegante, acolhedor, para que todos se sintam à vontade para vir, sem ter a obrigação de ler, mas que... ao longo do tempo, né, eles vão acabar fazendo isso. Vão usar esse espaço para leitura.

12.Fique à vontade caso queira falar algo mais sobre a sua atuação na biblioteca desta escola.

Partic03: Tá! Minha atuação aqui... como eu te falei, eu estou... migrando de profissão, mas eu não quero sair daqui... tão, tão... tão agora, sabe. Eu... tenho... meu curso vai até o final desse ano, então eu pretendo ainda, estagiar na outra área para ver como é que vai ser, para quem sabe depois sair daqui. Mas eu queria conciliar as duas áreas. Eu gosto muito da Biblioteconomia, apesar de ter algumas...ressalvas a serem feitas com relação ao...ao salário, ao fato de não ter um sindicato, da classe, em si, não ser tão unida...não ter feito isso ainda... então, eu acho que tem alguns... alguns problemas aí a serem...resolvidos nesse sentido. Só que... a profissão, em si, eu acho muito bonita. É uma profissão bonita, e é uma... na verdade,

⁸ Forma abreviada de chamar a cidade de Florianópolis.

eu vejo que eu faço diferença na vida de algumas pessoas, né. Da comunidade escolar, e de algumas pessoas eu mudei a vida delas, nesse sentido. Então...eu acho isso maravilhoso. E aí...eu tento fazer com que esse espaço aqui seja cada vez mais atuante dentro da escola. De referência, né. Esse sempre foi o meu... quando... desde de que eu entrei aqui, foi minha... prioridade, né. Fazer com que isso aqui seja um organismo vivo dentro dessa escola. Porque não adianta ter uma escola, com acervo bom, se ninguém tem acesso. Então, não faz sentido para mim, né? As portas vão estar sempre abertas, da biblioteca, para que eles venham aqui jogar, conversar, ler... então... eu acho que é fundamental. É isso.

Participante 04 – 09/04/2023

Chegada na biblioteca: 9h05

Início da entrevista: 09h28

Saída da escola: 10h15

1. O que você entende por biblioteca escolar?

Partic04: *Biblioteca escolar eu acho que é um ambiente...é... onde você....cria a vontade da, da leitura nas crianças... nos adolescentes, né. É um ambiente que acolhe, e faz você... é... faz a motivação do... dá vontade pela leitura, né... [um funcionário da escola começa a fazer barulho]. Então, fazer aquele ambiente agradável, gostoso, é... para que as crianças, os adolescentes e até os adultos também, tenham a vontade de vir para a biblioteca, né. Porque não adianta você só ter uma biblioteca, ter um monte de livros, e você não fazer nada daquilo. Então, você tem que motivar, você tem que chamar, você tem que tornar aquele ambiente agradável, né.*

2. Para você qual a contribuição do bibliotecário na escola?

Partic04: *É basicamente isso que eu falei, né. Você tornar a biblioteca um ambiente, é... agradável, bom... só um minutinho. [Um aluno aparece devolvendo livro] é... motivar a leitura, é... [Ela faz o atendimento do aluno e pede para repetir pergunta]. É contribuir para incentivar a leitura, né. Eu acho que é a principal função do bibliotecário. Fazer com que a biblioteca seja um ambiente bom, agradável, conseguir que a gente faça essa interação aluno, professor, adolescente, porque adolescente quase não gosta de vir à biblioteca. E então, a gente tem que estar chamando, tem que estar buscando, fazendo atividade, né. Tornando o ambiente agradável para que ela [a biblioteca] seja frequentada.*

3. O que você entende por comunidade?

Partic04: Comunidade? São todos os grupos, né, que a gente... tem. Seja comunidade exterior, a comunidade do teu bairro, a comunidade escolar, a comunidade de professores. Acredito que sejam grupos.

4. No dia a dia como você se relaciona com as pessoas da comunidade escolar?

Partic04: Não, minha relação é muito boa. É... tem uma relação boa com os professores, que é isso que faz a gente, é... fazer com que a biblioteca seja mais valorizada, né. Tanto professores, quanto direção, quanto meus superiores, né. Então, é uma relação muito boa.

5. De quais formas você percebe que contribui para a construção de conhecimento na comunidade?

Partic04: Incentivando a leitura nas mais variadas formas, né. Fazendo atividade, conversando com os alunos, é... com os professores. Pesquisando, ajudando nas pesquisas. Acho que seria isso.

6. A comunidade costuma dar retorno sobre o seu trabalho? E qual a relevância deste retorno no âmbito pessoal e profissional?

Partic04: [o telefone celular dela toca e ela procura por ele por uns minutos]. É... Então, digamos a comunidade dos professores? É... eu tenho um retorno, quando entro em contato com eles e quero fazer uma atividade, por exemplo, eles me apoiam. Eles me apoiam. Depois da atividade eles me dão retorno dizendo se as crianças gostaram ou não, né, qual foi o... né, a resposta final dos alunos. É... a direção, também, a gente sempre tem um feedback da nossa direção, “como que tá indo o seu trabalho”, “o que tu pode melhorar”, né. Então, seriam esses os retornos. Além, de... também tem a comunidade dos pais... das crianças. Então, eles olham muito nosso trabalho, e aí tão sempre dando um feedback, se é positivo ou negativo.

7. Quais desafios você tem enfrentado atuando na biblioteca desta escola?

Partic04: Meu maior desafio é a questão financeira, porque hoje em dia os livros são muito caros, e aqui a gente é uma escola [...], ensino bilíngue, e a gente precisa de muitos livros em inglês, e os livros em inglês são extremamente caros. Então, esse tem sido meu maior problema aqui.

8. O que tem facilitado a sua atuação nesta escola?

Partic04: A direção. A direção, os meus superiores. A gente tem acesso muito fácil a eles, uma conversa muito boa. É... é tudo muito aberto, é tudo muito fácil, os professores também. Então, a relação interpessoal, aqui, é muito boa e aí faz com que o nosso trabalho flua melhor.

9.Você tem aspirações para esta biblioteca? Pode falar sobre isto?

Partic04: Com certeza. Na verdade, a gente já melhorou um pouco, porque antes a gente trabalhava em conjunto com a [nome de uma universidade privada]. Então, era biblioteca de faculdade e escola junto, então dava muito conflito... [um aluno surge para pegar um livro e ela o atende]. Sim, então, como eu já tinha falado antes, ela já melhorou bastante, porque a nossa biblioteca era bem pequeninha. Aí com a saída da graduação, a gente tomou conta do espaço todo. É... futuramente a gente vai pegar um outro prédio. Então, a biblioteca... a escola está crescendo muito. Então, a minha ideia é ampliar, fazer novas atividades, comprar novos livros, é... conseguir uma auxiliar aqui para a biblioteca também. [Uma aluna pede algo]. E, é... crescer, né. Crescer como profissional, crescer no meu ambiente de trabalho, oferecer um bom trabalho para as pessoas, para os professores e para os nossos alunos, principalmente, né.

10.Ao ouvir a expressão “Nova Biblioteconomia”, o que imediatamente vem a sua mente?

Partic04: Nova Biblioteconomia? Nunca tinha pensado nisso. É... mas eu acredito que seja alguma coisa voltada para a tecnologia... Acho que seria isso.

11.Para você como a biblioteca escolar pode ser proativa, colaborativa e transformadora?

Partic04: É... um exemplo de cada um? Que deve ser?

Pesquisadora: Como você quiser.

Partic04: transformadora? Como que é...

Pesquisadora: como a biblioteca escolar pode ser proativa, colaborativa e transformadora?

Partic04: É... proativa no sentido de você correr atrás, de coisas, de atividades, que você possa desenvolver com as crianças, os alunos, os adolescentes... É... colaboradora... colaboradora?

Pesquisadora: colaborativa.

Partic04: Colaborativa é você ser parceira dos professores, estar sempre disposta a ajudar, colaborar com as atividades em geral, dos professores e alunos, é... com a sociedade também, porque a gente faz muitas atividades fora da biblioteca, no bairro. A gente trás alunos de fora. Então, a gente sempre está participando de tudo. Proativa, nesse sentido também, de estar sempre disposta de participar, né, de tudo. E a última não lembro. Qual que era...?

Pesquisadora: transformadora.

Partic04: Transformadora. Você transformar, é... você fazer com que as crianças gostem, né, porque é difícil, criança gostar da leitura. É... você transformar, por exemplo, uma criança que

não gosta [de ler], fazer essa mudança. É... transformar o ambiente, transformar... né. Enfim, fiquei confusa. Mas é isso.

12.Fique à vontade caso queira falar algo mais sobre a sua atuação na biblioteca desta escola.

Partic04: *Uhum. Bom, eu atuo aqui há 13 anos, só para dar um resuminho pouquinho de mim. Atuo há 13 anos aqui. Já passei por várias mudanças. Já trabalhei como bibliotecária de ensino superior, e ai... é, tinha muita dúvida se eu gostaria de trabalhar com crianças, é... Depois passei a trabalhar com crianças e eu disse, “gente, é isso que eu quero”. Eu amo trabalhar com crianças. E eu acho que é essa nossa função, assim, de você incentivar a leitura, você transformar o seu ambiente, tornar ele um ambiente agradável, é... gostoso, pra que as crianças... tenham os livros que elas gostam, você analisar o que a criança quer. Acho que seria isso.*

Participante 05 – 08/05/2023

Chegada na biblioteca: 8h30

Início da entrevista: 8h59

Saída da escola: 10h

1. O que você entende por biblioteca escolar?

Partic05: *Biblioteca escolar para mim é... um espaço de acesso, a cultura dentro da escola e da comunidade escolar no geral. Então, não é apenas aquele local para guardar livros e fazer simplesmente, simplesmente não, porque é bem importante, o empréstimo, mas é um espaço como se diz, o coração da escola.*

2. Para você qual a contribuição do bibliotecário na escola?

Partic05: *Para mim é fundamental o profissional, o bibliotecário. Ele tem uma visão... ampla. Ele não se restringe apenas à parte pedagógica. Ele tem... como se diz, a gente não sabe tudo, mas a gente sabe aonde buscar. A gente tem às vezes um outro olhar, e complementa... trabalha muito, é... de forma muito... parceira mesmo né, desse... do outro, do pedagogo aqui no caso que temos até o quinto ano [do ensino fundamental] ou do professor de área. É uma... parceria muito importante e a visão do bibliotecário é às vezes diferente e acrescenta muito no trabalho pedagógico também.*

3. O que você entende por comunidade?

Partic05: *Comunidade... eu entendo, pegando um pouquinho a comunidade escolar né, quando se trata, a gente pensa em usuário de uma biblioteca escolar, às vezes pensa só no*

estudante, mas comunidade escolar por exemplo são todos que fazem parte desse processo de aprendizagem, então inclui também a comunidade os pais, a comunidade em torno dessa escola, professores, funcionários, enfim, todo mundo.

4.No dia a dia como você se relaciona com as pessoas da comunidade escolar?

Partic05: *Hã... basicamente a gente, é... permitir que essa biblioteca, é mostrando que essa biblioteca está aberta à comunidade, chamando ela. Aqui a gente faz bem de forma efetiva, chama mesmo. Temos algumas ações que a gente chama essa família para participar, dizer que essa biblioteca também é um espaço acessível a eles, e que... é uma biblioteca também comunitária. Então é mostrando essa abertura de biblioteca, é... se mostrando disponível, não como lugar restrito aos estudantes.*

5.De quais formas você percebe que contribui para a construção de conhecimento na comunidade?

Partic05: *Acho que respondi um pouquinho na outra né, é mostrando mesmo que ela [a biblioteca]é de todo mundo, que aqui eles podem usar, que eles podem... é... que ela também... que eles podem ocupar esse espaço né, que às vezes fica... parece um pouco distante, escola... por isso eu fiz questão que essa biblioteca viesse aqui para o térreo, ela antes era no primeiro piso, então o acesso físico também dificulta, era uma barreira física, ir até o primeiro andar, ir até o final do corredor, e isso vai impedindo também que a comunidade chegue, e ai... e também, junto aqui bem específico, a nossa... aqui dentro da escola né, é estar sempre aberto, é... para todas as atividades de sala, de pesquisa, de se envolver em todas as atividades da escola, não somente no que se pensa em biblioteca né, os assuntos pertinentes claro, mas também estar olhando para o todo da escola.*

6.A comunidade costuma dar retorno sobre o seu trabalho? E qual a relevância deste retorno no âmbito pessoal e profissional?

Partic05: *Ela costuma dar retorno sim. Diretamente aqui, nossos professores né... eles fazem questão mesmo de vir nesses horários que eles têm, já pré-determinando, não só nesse, a gente marca outros momentos. Os estudantes, que quando as vezes a gente não tem... pula um dia de empréstimo, alguma coisa, eles já... abordam a gente nos corredores... então isso é importante, “quando é a biblioteca”, “quando vai ter”, e... os pais assim, que ficam surpresos quando sabem que eles podem também utilizar a biblioteca, né, fazer parte desse espaço. Que daí eu chamo em um café literário, eu chamo numa semana do... cinema, que a gente tem, então eu abro também para outras atividades. E esse retorno me estimula a continuar e fazer também mais né.*

7.Quais desafios você tem enfrentado atuando na biblioteca desta escola?

Partic05: *Eu acho que sempre buscar me atualizar, não me acomodar, não permitir que o cansaço desses anos né [risadinha], que eu já estou aqui há 19 anos, esse tempo aí não me acostume, que eu não me enquadre, que eu não fique mais só no meu espaço aqui só pensando na minha caixinha. Então é se atualizar mesmo, que eu me forme lá atrás, imagina. A gente não tinha também tanta tecnologia, é olhar o que está se pedindo hoje em dia, o que esses jovens, nossos estudantes estão querendo também consumir. Então eu acho que é o maior desafio é se renovar, na área. E... fisicamente, às vezes a gente também tem problemas de estrutura uma ou outra que a gente tem que ser... sanado. Mas é isso. Espaço físico a gente tem uma biblioteca bem pequena, e a gente tem um acervo bem grande, mas fora isso...*

8.O que tem facilitado a sua atuação nesta escola?

Partic05: *Então, ultimamente eu tive uma...grata surpresa que foi a vinda da [...] [olha para a auxiliar] que é a auxiliar aqui na biblioteca, que tem contribuído bastante, tem um outro olhar assim, ela é... pedagoga. Então tem complementado. E também a experiência, vou te falar a verdade, que é bom, ter experiência assim. É... ao mesmo tempo que a gente não pode ficar só com a experiência, se acomodar com ela, mas ela é importante por que às vezes tu já [estala os dedos] tu já sabe o que vai, o que funciona e o que não funciona, isso é bom. Então, acho que a experiência também conta. [risada].*

9.Você tem aspirações para esta biblioteca? Pode falar sobre isto?

Partic05: *Sim, eu tenho. Que continue esse trabalho comunitário...cresça, às vezes também eu fico um pouco... frustrada com o retorno, às vezes não é tão grande como eu gostaria, de querer atingir, a gente tem mais de 505 alunos, estudantes. Eu gostaria de atingir muito mais do que eu atinjo, com as famílias. Os estudantes não, eu estou bem satisfeita. Claro, sempre podemos crescer, desenvolver projetos, fazer mais atividades, atingir mais, formar mais leitores... é uma busca. Mas a comunidade, eu gostaria de... atingir mais. De... abranger mais. E que essa biblioteca fosse referência cultural, na comunidade. Mesmo ela sendo pequena assim, mas que fosse uma referência assim.*

10.Ao ouvir a expressão “Nova Biblioteconomia”, o que imediatamente vem a sua mente?

Partic05: *Eu acho que eu já respondi um pouco nas outras perguntas. Essa nova...como eu disse, eu me forme lá atrás, e a biblioteca escolar era uma... disciplina optativa. Então eu fiz com a professora [...] uma optativa, uma disciplina só de biblioteca escolar, não tinha nem noção. Aprendi bastante nesses anos. E é isso, eu acho que a nova é perceber, que se a biblioteca escolar, as bibliotecas ficarem paradas guardando seus livros, né, que eu não vejo*

mais que exista muito isso, mas se ela continuar assim né, só... ficar muito presa a empréstimo, a controle, a sistemas... eu acho que ela vai... desaparecer não, mas ela vai ficar bem esquecidinha. Que ela precisa desse olhar da cultura, né, ela precisa abranger mais do que ser apenas... apenas não, importante né, essa guarda, essa referência de... literatura, de material bibliográfico é muito importante, mas ela tem que abrir bastante.

11.Para você como a biblioteca escolar pode ser proativa, colaborativa e transformadora?

Partic05: *Acho que passando por aí mesmo, pelo acesso né, primeiro ela sendo acessível. A todos os públicos, a comunidade no geral, e a partir daí buscar também essas parcerias que a gente pode ter né, não apenas aqui dentro da escola, com autores, com universidades, e aí vai fazer a diferença, por que não vai ficar só naquele mundinho, ela vai transformar toda a comunidade né.*

12.Fique à vontade caso queira falar algo mais sobre a sua atuação na biblioteca desta escola.

Partic05: *Não, eu acho que eu já falei bastante, eu já... contribui aí.*

Participante 06 – 14/05/2023

Chegada na biblioteca: 9h28

Início da entrevista: 9h48

Saída da escola: 10h45

1. O que você entende por biblioteca escolar?

Partic06: *É... a participação das crianças, de toda a comunidade escolar né, das famílias, dos professores... é, tem que estar tudo meio que alinhado, para a gente chegar no objetivo final que é os estudantes né. Então não tem como tu trabalhar sozinha, isolada na escola, porque não funciona. É todo um conjunto... a biblioteca escolar é um conjunto na verdade.*

2. Para você qual a contribuição do bibliotecário na escola?

Partic06: *Olha, vai de tudo. A contribuição no aprendizado... a gente é meio pedagógico assim, a gente tenta, é... desvincular, a nossa área do pedagógico, mas é impossível. E além do pedagógico, né, na... influência da leitura, para as crianças, tu tem todo um olhar de... carinho, da vivência deles... tudo interfere. Desde o momento...quando você conhece a criança, o estudante, você... direciona o livrinho que ele vai ler... sugere.... e eles têm uma confiança em ti, quando você fala alguma coisa. E às vezes até foge um pouco do pedagógico, vai para o psicológico, psicólogo, para tudo isso.*

3. O que você entende por comunidade?

Partic06: Então, é esse conjunto né, que nós não trabalhamos sozinhos na escola, é família, é professor, é direção, é equipe pedagógica, é o posto de saúde... que às vezes precisa da..., sair da escola para tu chega nessa comunidade né. Aqui na [nome do bairro] é mais difícil tu ter uma... tu ter.... assim, algum problema com a comunidade, você consegue trabalhar com a comunidade. Mas eu já trabalhei em outra escola que era difícil, assim, tu tem que chamar essa comunidade para dentro da escola, e aí tu tem que... sempre estar com os professores, tu tem...não é fácil, mas a gente tem que tentar né, não tem jeito.

4.No dia a dia como você se relaciona com as pessoas da comunidade escolar?

Partic06: ah eu... [riso] eu adoro. E tanto os estudantes, tanto os professores, os estudantes estão sempre aqui na biblioteca, tanto que eu tive que fechar a porta [risada] [aqui ela comenta sobre ter trancado a sala para não sermos interrompidas] porque eles estão sempre aqui, eles saem da sala, eles precisam... quando eles precisam, e eu tento ajudar no máximo assim, eles, os estudantes, e os professores, os auxiliares, a equipe pedagógica, a gente está sempre, eu estou sempre tentando fazer parte né.

5.De quais formas você percebe que contribui para a construção de conhecimento na comunidade?

Partic06: Eu tento. [risada] não, a gente... eu... eu né, e toda a comunidade escolar, a gente está sempre alinhado a fazer projetos, a... chegar nesses estudantes. Eles estão em uma idade que é difícil alcançar, né. Mas o ano passado por exemplo, eu tive uma grata surpresa, eu acho que foi o ano que eles mais leram. E teve a troca [de informações sobre livros]. Porque como a maioria dos livros que chega eu dou aquela lida rápida, eu... trocava com eles, "ah tu leu? O que tu achou dessa parte?", então teve essa troca com a comunidade, eles... interagem muito com os livros de literatura né, eles estão sempre aqui pegando. Os outros... o outro acervo, eles também... principalmente os pequenos, eles gostam muito de livros paradidáticos, então... eu acho que a gente faz um bom trabalho, assim, de contribuição para a comunidade. Para eles alcançarem os objetivos, na alfabetização... eu acho que é isso que a gente tenta fazer e pelo menos aqui, por enquanto, está dando certo.

6.A comunidade costuma dar retorno sobre o seu trabalho? E qual a relevância deste retorno no âmbito pessoal e profissional?

Partic06: Dão. Eu moro na comunidade, então... é, todo dia eu tenho essa troca com a comunidade. É no mercado, e na padaria, é o pai, é a criança, é a vó... então eu tenho esse retorno direto assim. Na escola, também né, eu tenho uma ótima relação com os professores,

eu... tento deixar eles o mais confortável possível, para acessar o ambiente da biblioteca, porque eu acho que tem que ter uma certa... empatia, um certo... tu tem que estar alinhado com eles, para tu dar esse retorno. Os pais vêm buscar livros para os filhos, porque às vezes acham "ah meu filho levou um muito fininho", eu não gosto muito de interferir na escolha da criança, então os pais também vem buscar, mas essa troca é direto, assim, né, na comunidade. Bem engraçado, até.

7. Quais desafios você tem enfrentado atuando na biblioteca desta escola?

Partic06: *Aí não sei se tenho um desafio assim, mas eu acho que mais... é... a competição entre o tecnológico e o... e a leitura assim. Como eu te falei, eles pegam livros, a gente troca, eu vejo se eles estão lendo ou não, mas eu sei que é difícil assim... eles estão... às vezes eles estão aqui, com o celular no joguinho, daí eu tenho que interferir, eu tenho que falar "ah agora não é o momento" né, e em casa também, os pais me falam que eles estão sempre... tentando puxar a criança para a alfabetização, para a educação, para o ler, para o ler por prazer ou para estudar para a prova. Eu acho que nesse momento, é... e eles, quando estão no celular, eles não estão lendo sei lá, uma fanfic, um livro, não... eles estão no joguinho. Então é uma preocupação da escola, é uma preocupação dos pais, é uma preocupação da biblioteca e eu acho que é mais nesse sentido.*

8. O que tem facilitado a sua atuação nesta escola?

Partic06: *Ah, a parceria, sempre né. Eu acho que aqui, como na outra escola em que eu trabalhei, que era maravilhosa, se não tem parceria, esquece. Tu não consegue trabalhar, tu não consegue desenvolver, tu não consegue fazer projeto... as crianças também... porque se você não tem parceria, o professor não vem. Se o professor não vim, tu não cria vínculo com o aluno né. Um ou outro vai aparecer, aí tu não cria o vínculo. Daí eles não se sentem seguros, para vir na biblioteca, para trocar contigo, para pedir sugestão... então, é com certeza a parceria.*

9. Você tem aspirações para esta biblioteca? Pode falar sobre isto?

Partic06: *ah eu queria [risada]. Eu acho que ela está muito formal assim, nessa coisa da estantezinha assim, só que... não depende, nem de mim e nem da escola né... projeto maior assim, e dizem que... eu gostaria de ter puff, almofada, tapete, é... e mais acessível né. Porque os livros são tudo um atrás do outro né, enfileiradinhos. Tem... até comentei com as crianças esses dias, que eu vou começar a vender livro. Vender no sentido figurado né. Porque tem livros lá no meio e eles não acessam que são maravilhosos, então eu vou começar a vender esses que eles não conseguem acessar. Porque eles vão sempre nos mesmos, o amigo pegou, eu também quero pegar. Então, eu estou pensando em fazer isso. E daí eu acho que*

um acervo mais... mais visual assim, que esse para eles olharem eu acho que seria bem interessante. Mas aí depende né, depende da administração.

10. Ao ouvir a expressão “Nova Biblioteconomia”, o que imediatamente vem a sua mente?

Partic06: *Nova Biblioteconomia... não consigo nem pensar. Eu já estou formada há 20 e tantos anos assim, mas de repente... não sei. Porque não tem como mudar tipo formato... ah eles vão mudar os formatos dos livros, para digital... isso não vai acontecer. Quer dizer, isso pode acontecer, mas eu acredito que não é esse caminho assim sabe. Mas... eu penso que... principalmente na rede assim, apesar da gente estar formado a um certo tempo, a gente está sempre se atualizando, então a gente está sempre buscando essa Nova Biblioteconomia, que eu acho... não sei se isso que tu está... pesquisando. Não sei, não sei te dizer.*

11. Para você como a biblioteca escolar pode ser proativa, colaborativa e transformadora?

Partic06: *É como eu te falei. As parcerias, os projetos, é... a gente está sempre reclamando de tudo né, mas assim, a prefeitura, a escola, tudo que tu propõe, que tu tem de ideia, eles te ajudam a... a colocar para frente os projetos. Ah não tem dinheiro para, sei lá, um mega projeto, mas vai em um projeto menor, mas vai entendeu. E ela tem... e a única coisa que eu acho do proativo né, é que a gente tem que casar mais assim, não só a biblioteca enquanto livro, podia ter... a gente tenta né, mas uma peça de teatro, só que isso acontece lá uma vez ou outra, e... tu podes repetir a outra parte da pergunta, por favor.*

Pesquisadora: *Proativa, colaborativa e transformadora.*

Partic06: *Transformadora. A parte transformadora é como eu te falei, é... tu incentivar o estudante, a comunidade, a buscar informação. Eu sempre estou colocando para eles assim, que a vida, o mundinho deles não acaba aqui né. É além disso tudo né, e quando eu falo com eles “ah uma biblioteca lá... na Ufsc”, eu tento colocar neles essa vontade de não parar. De... a porque tu estás em uma comunidade que você não vai conseguir, então tem que transformar, a biblioteca tem que transformar de algum jeito assim. Eu digo que eu toco o terror né [risada], mas para eles... incutir neles assim, que... não é... eu sou estudante dessa escola né. E eu lembro... aí fico até emocionada [ela fica com os olhos marejados] e eu lembro que um professor [dela, na época de criança] falou que “ah 1% daqui vai para a universidade”, e um dia, na época... hoje em dia as pessoas falam “meu deus, como vocês aceitaram um professor falar isso” mas foi esse 1% que fez eu correr atrás entendeu. Para uns pode contar que... puderam achar que o professor estava sendo, sei lá, estava te dando “vocês não vão conseguir”, mas para mim não, eu pensei “eu quero ser o 1%”. E eu fui esse 1%. Então eu*

tento fazer isso com eles... [risada nervosa enquanto enxuga as lágrimas] eu sou emocionada. E daí eu tento fazer... colocar isso na cabeça deles. Não é fácil. Porque vai ser 1% entendeu.

12.Fique à vontade caso queira falar algo mais sobre a sua atuação na biblioteca desta escola.

Partic06: *Não, eu estou sempre procurando melhorar né. Enquanto profissional, enquanto... com eles. E a gente querendo ou não a gente se envolve. Às vezes eu falo para eles “não me contem nada, não quero saber, não quero saber”, mas eu... mas depois eu fico pensando “não, e se eu for só... se eu for essa única pessoa que eles tem para falar” entendeu, só que ai eu fico desse jeito [aponta para si mesma com os olhos marejados e ri].*

Participante 07 – 16/05/2023

Chegada na biblioteca: 8h56

Início da entrevista: 9h14

Saída da escola: 10h

1. O que você entende por biblioteca escolar?

Partic07: *Vamos lá! Biblioteca escolar para mim é um... ambiente, primeiramente, muito importante dentro da escola. Eu acho que não existe escola, escola como a gente tem, sem a biblioteca escolar. É muito difícil desatrelar essas duas ideias, porque a biblioteca escolar ela tem um papel, assim, muito fundamental na parte de... eu nem digo, ela tem a sua função de ensino e aprendizagem muito forte na formação dos estudantes nessa questão, do consolidar alguns conteúdos, alguma coisa; mas ela tem essa função de formação cidadã desse estudante, ter contato com algumas obras e não só no quesito pedagógico, mas também social, também. Conhecer outras realidades, ter acesso ao livro, entender esse livro como um direito das crianças, né, esse espaço cultural... muitas vezes a criança não tem acesso à cinema, teatro, então às vezes o livro infantil ou o livro ilustrado vai ser o acesso dessa criança a algo mais cultural, uma formação social, ao... tem muito essa questão da interação, um espaço de interação entre os estudantes... eu gosto muito especificamente, daí nessa biblioteca, a gente tem muito isso de ser um espaço, assim, mais social entre os estudantes, um espaço não só para vir e ler um livro porque é obrigatório naquele horário de aula, mas um espaço onde eles possam vir trocar ideias, conversar, ver os livros juntos. Então, para mim biblioteca escolar é muito descolada dessa ideia de que “ai eu tenho uma necessidade de informação”. O que seria outras bibliotecas: eu vou até lá, eu vou ser atendido por alguém, eu vou ter minha dúvida sanada, ou não, e vou embora e pronto, acabou. Um processo meio mecânico. A biblioteca escolar eu já acredito que é uma coisa mais fluída, assim, uma coisa mais... “ai eu vou porque eu estou a fim de ler um gibi, uma revista”, isso*

não chega a ser uma necessidade, mas sim tu está alimentando algo mais, assim, e algo nesse... nesse sentido, assim, de fruição, de prazer, de “eu vou porque eu gosto, não que eu sou obrigado”. Claro que eles [os estudantes] têm um horário semanal na biblioteca e tal, mas para além disso. Eu acho que a biblioteca escolar é... acho que é isso.

2. Para você qual a contribuição do bibliotecário na escola?

Partic07: *Ah, eu acho essencial a presença do bibliotecário. Principalmente na rede de Floripa, onde a gente tem bibliotecário, na maioria das escolas. São pouquíssimas, as que não tem. Quatro ou cinco que não tem, caso de aposentadoria, não chamaram, ainda, de concurso e coisa de tal. E dá de ver a diferença, por exemplo, de alunos, de estudantes que vêm das escolas estaduais, que não tem, por exemplo... a defasagem, a falta que isso faz, a falta de um profissional mediando essa informação, estando responsável por esse espaço. Ter uma referência dentro da escola, tanto para os estudantes quanto para os profissionais e para a comunidade. [Em] nossas escolas são [bibliotecas] escolares e comunitárias. Atende, assim, não atende uma grande demanda comunitária, mas atende também. Então, é legal ter aquela pessoa que é a referência, que vai conseguir tirar o máximo do... aproveitamento da literatura em si, ou do... alguns conteúdos são ministrados lá em sala de aula, mas a gente pode conseguir... fazer um link bem legal com a biblioteca. E, não, eu não gosto dessa história, assim, de “ah, está trabalhando lá, é obrigado... Estão trabalhando poesia, vamos agora todo mundo pegar poesia”. Não, não é isso. Mas é desse complemento e de ser esse profissional que é uma referência dentro da escola quando se fala em livro, literatura. A gente consegue expandir, fazer o... a criança ter essa sensação desse trabalho que... é... extrapola a barreira das paredes da sala de aula. Então tem outros espaços na escola onde eu vou conseguir explorar, onde eu vou ir conhecer. É só possível isso com a presença do bibliotecário, senão não... não seria possível, senão ele é só uma sala cheia de livros, né, uma biblioteca quando não tem o bibliotecário ali. Pode ter até outros profissionais, mas esses profissionais, por não terem a formação, por não terem o entendimento, vão ser os profissionais responsáveis por emprestar livro, por outras atividades, assim, não vão ter... ou um professor readaptado, vai ter um olhar mais pedagógico para esse espaço e não um olhar como bibliotecário, por exemplo. Então eu acho, assim, indispensável, essencial. Tenho muita pena das escolas que não têm bibliotecário, por exemplo.*

3. O que você entende por comunidade?

Partic07: *Comunidade, eu entendo... pensando, trazendo para minha realidade de biblioteca escolar, todas as pessoas que fazem parte, o entorno, assim. Comunidade é um grupo de pessoas que divide o mesmo espaço, na minha opinião, né, e que tem interesses em comum... algo torna eles em comum. Um bairro é uma comunidade, por exemplo. E dentro da*

comunidade tem menos comunidades, a comunidade da escola. A comunidade escolar, por exemplo, vai fazer parte: os estudantes, os funcionários, os professores, os pais dos estudantes, todas as pessoas que circundam nesse ambiente. Todos têm um objetivo em comum, mas cada um tem seu papel dentro dessa comunidade, né. Por exemplo, dentro da escola tem a comunidade de professores, de funcionários, por exemplo, cada um desempenha esse papel, mas é necessário estar alinhado, ali. Então a comunidade escolar está alinhada na questão da aprendizagem das crianças. Mas de que forma que a gente desenvolve essa aprendizagem? É só o professor em sala de aula com o aluno? Não. Os pais também têm sua função dentro de casa, o bibliotecário também tem sua função dentro da biblioteca. Então a comunidade seria esse grupo de pessoas que dividem o mesmo espaço e que têm... não chega a ser interesses em comum, né, mas dividem interesses, né, em comum. Acho que é isso.

4. No dia a dia como você se relaciona com as pessoas da comunidade escolar?

Partic07: Eu, particularmente, tenho uma ótima relação com a comunidade escolar. Então, eu tenho... porque... a comunidade escolar é a minha comunidade, também. Eu sou morador do bairro. Eu estudei nessa escola. Eu já fui diretor dessa escola [risadinha] e estou como bibliotecário. Então, eu tenho uma relação... para além de ser apenas o bibliotecário da escola, tenho uma relação de comunidade, também. Os estudantes... têm estudantes que são membros... ou membros da minha família, ou são pessoas que eu já estudei na época que eu era estudante, ou pessoas que eu tive muito contato quando era diretor, porque eu tinha um contato muito grande com as famílias, daí tem um contato diário, né? Então, eu tenho uma ótima relação com a comunidade escolar. Sou muito respeitado na comunidade escolar. Isso é muito legal, assim. Tenho uma ótima relação com os pais. Então, quando acontece qualquer coisa na biblioteca, eu posso pedir para chamar os pais. Mas é muito raro, porque não tenho problemas, assim. Mas, então, tenho esse... os pais mandam bilhete e às vezes "oh, eu estava pensando... eu queria que o meu filho levasse..." cada aluno leva um livro por semana, "queria que o meu filho levasse mais livros". Ou "ah, eu estou fazendo tal pesquisa". Ex-alunos vêm na escola para fazer pesquisa. "Ah, eu estou no ensino médio. Estou passando dificuldade com tal disciplina". Então, [eu tenho] uma ótima relação com professores, com pais, com os estudantes, com a parte diretiva da escola, também. Com todo o pessoal, né, equipe de limpeza, cozinha. Uma ótima relação e sempre muito linkado à biblioteca. Sou uma pessoa que é meio chata profissionalmente, assim. Bem certinho. Então, tem bem essa questão, assim, de... ser uma referência para a comunidade no que é, faz parte do meu trabalho. Já fiz parte da APP [Associação de Pais e Professores], conselho de escola, conselho local de saúde, fazia parte do grupo de escuta, que é com o posto de saúde. Então, eu sempre tive muita ideia. Eu sou da comissão da formatura, da festa junina, da gincana. Todos os eventos

da escola. Então... eu não sou aquele que... ah, eu não limito à biblioteca. Eu chego, venho para a biblioteca e faço o meu trabalho, dentro da biblioteca, meu trabalho é atender os estudantes na biblioteca, emprestar livro, contar história, não. Tem um além que é fazer parte, realmente, dessa comunidade e alguém que... e para além disso, é alguém que se importa, realmente, por ser da comunidade, também. Isso!

5.De quais formas você percebe que contribui para a construção de conhecimento na comunidade?

Partic07: *De que forma que eu contribuo para a construção de conhecimento na comunidade? Eu acho que do trabalho que eu faço na biblioteca. Eu atendo as turmas semanalmente, de segunda à sexta, todas as turmas de primeiro ao nono têm um horário na biblioteca. De primeiro ao quinto ano eles vêm com a professora regente da turma e de sexto ao nono vem com o professor de português.*

[Entra uma funcionária da escola na biblioteca e ele interage com ela brevemente]

Partic07: *Deixa só voltar aqui... então, o trabalho que eu faço com os estudantes de sexto ao nono vem com o professor de português. Com o de primeiro a quinto a gente conta história semanalmente. E eu... sempre busco nas histórias trazer questões da atualidade, trazer questões para refletir, mas não que eu traga para pedagogizar a história ou achar que texto é pretexto, tem um autor que diz que texto não é pretexto, que é tu usar uma história para falar sobre algo. “Ah, estamos falando sobre a Semana da Consciência Negra, eu vou contar contos africanos. Estamos na Semana Indígena, o dia da árvore, vou contar a história de...”. Não, não é isso. É trazer questões atuais para a história e deixar que os alunos façam essa parte... que é de adquirir o conhecimento... eles fazem. Não fico perguntando depois, não existe, assim, vamos desenhar depois sobre a história, vamos fazer um texto sobre a história... mas trazer para além de histórias clássicas, para além de histórias mais batidas, trazer essa questão... atual. Uma questão que vai falar de amizade, uma questão que vai falar sobre preconceito sobre o bullying, que vai estar naquele texto, às vezes não vai estar explicitamente, não é uma história sobre... é... bullying, especificamente, mas é uma história sobre... tem um personagem que é uma pessoa com deficiência que sofre preconceito naquela história. E daí eles conseguem fazer essas ligações, então, eu acho que essa é a parte da biblioteca, assim. Ou muitas vezes a gente tem que dar, o professor em sala de aula tem que dar conta de um currículo. Na biblioteca a gente não tem essa obrigatoriedade. O professor pode me dizer: “ah [...], a gente está trabalhando conto, as fábulas, ó, eu quero trabalhar... nós vamos trabalhar o continente africano”, e ok. Daí eu dou uma linkada com o que está sendo trabalhado na sala de aula. Mas a biblioteca eu percebo que tem esse potencial de reflexão através da literatura. Eu acho que a literatura é perfeita para fazer isso, porque é muito útil, é muito subliminar às vezes. Mas passa mensagem, sem precisar ser*

aquela coisa expositiva, que às vezes fica... até demagógico para eles. Os grandes, principalmente, assim... [Para] os grandes, a gente lê alguns textos mais... tipo assim, textos curtos, mas que têm uma mensagem mais direta, assim. E eu percebo que tem um efeito legal. Então acho que essa seria a contribuição, assim.

6.A comunidade costuma dar retorno sobre o seu trabalho? E qual a relevância deste retorno no âmbito pessoal e profissional?

Partic07: *A comunidade dá retorno... a comunidade quando a gente pensa num todo, né? Porque tem gente que pensa que a comunidade daí vai pensar da porta para fora, tipo, assim, as pessoas que estão fora. Mas não. Dos estudantes, o retorno é muito legal, é muito interessante, porque a gente consegue fazer muitos... não vou dizer trabalhos, mas a gente consegue fazer muitos links, assim, interessantes. Eles conseguem lembrar, tipo, assim, “pô, lembrei tal história”. Um dia desses aconteceu tal situação na sala. Eu contei a história... para a professora, a história que aconteceu. Os professores também se beneficiam disso, que às vezes o espaço que a gente tem na biblioteca, que é uma aula de 45 minutos, a gente tem pra... eu conto a história, a gente conversa um pouco, eles escolhem o livro, anota o livro... então, é um espaço mais informal, assim, do que a sala de aula, que é o conteúdo e tem... e muitas pessoas não querem dizer, não vai para a aula de matemática para falar sobre um assunto. Deveria, mas não para. Porque tem que dar conta do conteúdo, porque está aí fim de trimestre, tem que dar nota. E a biblioteca já não, tem esse caráter que não é um caráter, eles não são avaliados pela aula da biblioteca, eu odeio quando falo assim, “ah, aula da biblioteca, vamos dar nota, ou quem trouxe o livro, quem não...” Não, não é esse o objetivo da biblioteca, a biblioteca é para vir. Um momento de fruição no meio do dia, um momento de prazer, um momento de leitura, onde eu vou escolher alguma coisa legal para eu ler em casa, uma coisa interessante. Então tem muito esse retorno, assim, dos estudantes, desse, “como esse momento é legal, e tal”. Isso dá uma satisfação profissional muito grande e pessoal, também. Porque a minha abordagem é essa. Eu sei que tem outros colegas bibliotecários que não têm essa abordagem, ou que não vão contar história, ou que não têm essa mesma relação de pertencimento com a escola e com a comunidade, “ah eu vou lá, vou fazer meu trabalho e tchau, vou embora, e pronto”. Eu não, eu tenho uma satisfação pessoal quando eu... Nossa, quando eu penso, assim, eu vou contar essa história, e a gente tem um objetivo quando a gente vai contar a história, e alcança aquele objetivo, eu fico super feliz. Ou quando o professor percebe e consegue fazer outros links, assim, outras... outras coisas, ou consegue explorar mais ainda. Então, é bem legal. Semana... essa última semana eu contei um livro, eu contei para o segundo e terceiro ano que achava que era, “ah, faz o segundo e terceiro ano”. E a resposta foi muito boa, e eu falei assim, “acho que eu vou contar para o quarto e para o quinto, para o primeiro também”. Contei, foi uma sensação... que é um livro, “o quadrado, o*

círculo, e o triângulo”, é uma coleção, assim, muito legal. E ele tem dentro... parece um livro bobinho, assim, só sobre... acontece as coisas, mas ele tem dentro desse texto uma mensagem muito legal, assim. E os alunos pegaram [a mensagem do livro], desde os pequenininhos até os grandes, e eu achei que eles não iam pegar, pensei que alguns iam pegar e outros não, assim. Então existe, sim, uma satisfação pessoal muito grande, quando alcança objetivos, e profissional, também, porque o meu objetivo aqui é isso. Eu não sou aquele bibliotecário, assim, que, “ah, nossa, processamento técnico, catalogação”, não que eu não faça... não. Eu faço, e adoro os livrinhos [aponta e olha para a estante do seu lado] catalogados na estante. Os que não estão eu já fico agoniado... daqui para cá [aponta para a estante atrás dele] não tenho ainda, não terminei ainda, mas a minha satisfação é no atendimento aos estudantes, estar com eles constantemente, trabalhando, atendendo.

7.Quais desafios você tem enfrentado atuando na biblioteca desta escola?

Partic07: *Hum... dessa escola, eu estou há 11 anos né, 12 anos. É o meu 12º ano na [...]. Então, é aí, é o meu sétimo ano nessa escola. Trabalhei cinco anos em outra escola. E na outra escola eu tive muitos desafios porque eu estava começando a carreira, era muito jovem, 23 anos. Não sabia o que era trabalhar em biblioteca escolar. A minha formação não tinha dado conta disso. Então era muito assustador. Eu tinha 23 anos, me achava muito juveníssimo, me achava. A minha idade era mais perto dos alunos do que dos professores, na verdade. Hoje em dia eu tenho aluno que tem 26, 27 anos, eu encontro e digo, “meu deus do céu, quantos anos eu tinha, então?” É certo. Eles tinham 14 anos, eu tinha 23 anos, era nove anos de diferença. É pouco. Então... os desafios, assim, foram essa questão de me alinhar, de entender como funcionava. E eu fui colocado no olho do furacão. Cheguei numa escola que estava oito anos sem bibliotecária. Então todo mundo achava que bibliotecária era contar história para as crianças, e eu nem sabia se eu queria contar história. Comecei a contar, gostei e conto até hoje, semanalmente, religiosamente. Não tem uma semana que eu nãouento história, se eu dizer, “ah professora, hoje pode contar história, hoje não vai ter história”, não acontece há muitos anos, assim. Então, esses foram os desafios no começo da carreira. Quando eu vim para cá, foi... encontrar uma biblioteca, a outra biblioteca, quando eu cheguei, estava meio em reforma. Então eu que organizei essa aqui. Quando eu cheguei era totalmente diferente do que eu trabalhava. Então eu tive que fazer isso. E eles tinham outra relação com o bibliotecário anterior. A biblioteca... os professores não frequentavam tanto, não era semanal, os estudantes não vinham no recreio... eu atendo nos recreios, tem dois recreios: recreio de anos finais e de anos iniciais. Eu... dois dias da semana atendo os pequenos, dois dias atendo os grandes, e um dia para atendimento interno que eu organizo, as coisas, tal, que é sexta-feira. Então eles vêm também no recreio, para além da aula. Eles podem pegar livro na aula, um, cada um [aluno], e no recreio se quiser vir pegar um livro, um gibi para levar*

para casa, pode também. Não vem muitos alunos, nem nada, mas é legal ter essa relação. Então quando eu vim para cá, que eu fiz isso. Na outra escola tinha 28 turmas, então eu só dava conta de atender. Então se eu fosse ficar ainda no recreio, eu não teria vida, não teria um respiro no meio do dia. E aqui não, eu tenho menos turmas, tenho 18 turmas. Então dá de eu ficar aberto no recreio, e daí eu fui conquistando eles. Eu comecei a botar do lado de fora, botei os gibis do lado de fora, na estante do lado de fora, porque eles não entravam, todo mundo era muito estranho, assim, a relação, todo mundo. Então foi uma conquista, então foi o maior desafio: conquistar. E nessa escola, também, que eu passei pela pandemia [da Covid-19], que foi o pior momento, porque foi o reaprender, fazia vídeo para mandar para eles, para não perder. Para mim, naquele momento, o importante era não perder o contato com os estudantes. Então eu fiz um canal no YouTube, e toda semana botava um vídeozinho, contando história. Tem lá 68 vídeos de história, que foi o período, bem dizer, todo da pandemia, que era um vídeo por semana que eu colocava para eles não perderem esse contato, assim, para assistir junto da família. Então acho que é isso, foram os maiores desafios, assim. Mas profissionalmente, quando eu vim para cá, eu já estava muito, assim, certo do que eu sabia, do que eu queria, do que eu acreditava quanto biblioteca. Então foi muito legal, assim. Que eu já cheguei, quando eu transformei o espaço, todo mundo ficou impressionado, assim. Então já ganhei respeito de todo mundo, assim, nossa, que legal! “Tu vai atender toda semana as crianças?” Sim. “Tu vai contar história toda semana?” Sim. Então. Isso daí para as professoras... elas botam a biblioteca no dia que elas têm cinco aulas direto. Imagina tu, das oito ao meio dia, falando direto, fazendo daí...haja estratégias, né? Aí elas colocam lá no meio uma biblioteca, que dá para dar uma relaxada, para descansar, para poupar a voz. Então é bem legal, isso.

8.O que tem facilitado a sua atuação nesta escola?

Partic07: O que tem facilitado a minha atuação na escola, realmente, é a... comunidade escolar. É uma comunidade escolar boa, tranquila, a quantidade de alunos. A gente tem quase 550 aqui 560... quase 600 alunos. Então é bem menor da realidade que eu vim, que era quase mil alunos. Então tem metade dos estudantes. E é uma comunidade tranquila. Não tem grandes problemas, assim, relacionamento entre os estudantes. Os profissionais são muito bons, os professores são excelentes. Nossa grupo de trabalho é muito bom. Então isso tudo facilita o meu trabalho. Porque os professores são engajados, os professores querem participar. Os estudantes são tranquilos, não tem grandes problemas de relacionamento, problemas de violência, problemas de droga no entorno escolar, problemas de uma comunidade muito... assim, muito reacionária, muito com ideias, muito malucas. Não. Uma comunidade boa que participa das reuniões de conselho que a gente tem, tem uma boa adesão dos pais. Quando você trabalha numa escola assim, é muito tranquilo, facilita muito o

trabalho. Que eu não tenho medo de trabalhar nenhuma das obras que eu trabalho na Biblioteca, dos temas que eu exploro na Biblioteca. O que a gente já trabalhou na escola, nunca sofri nenhum tipo de censura, nunca ninguém disse, “não conta essa história”, ou “a sua postura não foi legal”, ou a... Nunca aconteceu. A [direção], por incrível que pareça, nos últimos anos comprou uma boa quantidade de livros. Então a gente recebeu muitos livros. Tem uma verba da escola que é destinada à compra de livros. Todo ano a gente compra dois mil reais, mais ou menos, de livro. Parece que dá muita coisa, mas não dá, dá 40 livros por ano. Mas é 40 livros por ano. Melhor que zero livros por ano. Então, a gente vai... A gente criou um acervo legal de juvenil e de infantil. Infantil até o déficit não é tão grande que o [...] até manda. Mas o juvenil, que é o que a gente gosta de, por exemplo, [olha para a estante atrás dele] Harry Potter, ali a gente tem uns três de cada. Então isso é muito bom. O Diário de uma Banana, ali está vazio. Mas vai até lá a ponta, fica cheia. [Volta a olhar para frente]. E então, é legal os livros que eles gostam. Então isso tudo facilita o trabalho.

9. Você tem aspirações para esta biblioteca? Pode falar sobre isto?

Partic07: Aspirações para a biblioteca... eu tenho uma vontade de voltar com os clubes que eu tinha. Uma época, quando eu entrei, eu fiz o clube de quadrinhos, o clube de mitologia, que é os alunos vir no contra turno e aí a gente lia com as mitologias, a gente falava sobre mitologia, fazia slides, tem todo o material ali, mas eu não consegui mais fazer, porque antigamente eu tinha auxiliar na biblioteca, eu não trabalhava sozinho. É uma escola menor, tem menos alunos, eu tenho menos turmas, só porque é a demanda de atender, demanda bastante. E o restante do tempo que eu tenho, eu tenho para registrar livros que não estão no sistema ainda. Tem toda essa parte de biblioteca que daí eu não dou conta, porque eu não tenho ninguém para carimbar, colar etiqueta, para fazer todo esse trabalho mais manual da biblioteca, registrar... chegou os livros, é conferir todos os livros, carimbar todos os livros. Até mesmo o tempo de pesquisar livros novos, ver o que que eles estão lendo. Eu tenho caderninho de sugestões que eu vou anotando para depois comprar. Mas quando chegar perto de comprar, eu tenho que fazer os orçamentos, porque a gente também não tem gente suficiente na APP. Então três orçamentos de todos os livros para comprar, faço toda essa parte. Então não tem me sobrado mais tempo. A gente tinha os monitores da biblioteca que eles vinham duas vezes na semana, à tarde, ficavam duas, três horinhas, ajudavam também. Ajudavam a atender as turmas, ajudavam a carimbar, coisas mais simples, assim, que são alunos de oitavo e nono ano. Não consegui mais fazer, também, porque precisa para fazer isso precisa de supervisão. Então eu tenho que deixar de fazer o meu trabalho para supervisionar o deles, estar junto com eles, não pode deixar ali solto, senão eles não vão... eles são crianças, também, e não são... empregados, não são estagiários, não são nada. Então não veio mais estagiário, não veio mais auxiliar. Então estou muito sozinho. Até isso

me desanima, porque daí é legal ter outra pessoa que tem ideia. A minha auxiliar que trabalhou... lá... eu trabalhei cinco anos na outra escola com auxiliar, que era excelente, e aqui também eu trabalhei quatro anos com auxiliar, que era maravilhosa. Ela dava ideias, ela fazia o projeto... quando eu fui diretor, fui diretor por um período curto, nove meses só, e não veio substituto para mim, mas daí mandaram um estagiário e tinha a minha auxiliar. Os dois deram conta dos atendimentos. Não deram conta dos outros serviços, que era do bibliotecário e no outro ano eu tive um monte de coisa para registrar, no [sistema], coisa assim. Mas a biblioteca não ficou fechada, que para mim era importantíssimo. Não adianta... cobrir um santo e descobrir outro. Eu vou pegar a direção que era uma necessidade na época da escola, e que foi muito legal a experiência, mas deixar a biblioteca fechada... a minha ideia nunca é... a biblioteca fechou para reforma com esses móveis novos, ela fechou em maio, em junho, julho, eu já estava atendendo. Ficou dois meses fechado, sendo que um mês todo foi a reforma, consegui botar tudo em caixa, e depois botar tudo no lugar para voltar a atender. Eu sou assim, não conseguia ficar aqui, botar livrinho por livrinho devagarzinho. Botei tudo meio rápido e depois fui organizando aos poucos... não deveria? Não deveria, mas fiz. Acho que é isso.

10. Ao ouvir a expressão “Nova Biblioteconomia”, o que imediatamente vem à sua mente?

Partic07: *Hum... deixa eu ver... Nova Biblioteconomia... Ah, eu penso numa Biblioteconomia renovada, numa Biblioteconomia que não seja tão voltada à técnica, aos códigos, à... sabe, catalogação, indexação, à uma coisa... pensar no livro físico e pensar mais nos espaços, nas pessoas que frequentam esses espaços. É isso que eu penso, quando penso, assim, em uma Nova Biblioteconomia, um olhar mais social, um olhar mais voltado para as pessoas, para o atendimento das pessoas, para os serviços da biblioteca. E não só... se a gente vai usar a CDD ou a CDU, ou a AACR2, e estar tudo dentro do código. Nossa, biblioteca escolar, principalmente, a gente usa o [sistema], e a gente preenche um monte de campo do [sistema], que eu fico pensando, assim, são importantes, é claro, são os códigos que a gente segue mais... me importa as medidas do livro... Quantos centímetros ele tem?... Para mim importa título, autor, editora... esses são importantes, são essas coisas importantes, mas algumas coisas a gente perde um tempão... eu demoro um tempo fazendo um livro, e às vezes eu poderia usar outras coisas: a cor da capa, explorar mais os assuntos para depois poder encontrar. A gente usa uma separação com literatura infantil, literatura juvenil, a gente não explora tantos assuntos que poderia ter, às vezes os alunos querem “ah livro de cachorro”, sabe? É muito... é muito... E isso que eu penso nessa Nova Biblioteconomia, de talvez ter esse olhar mais voltado... e para a biblioteca escolar, principalmente. A gente faz igual aqui, faz na UFSC [Universidade Federal de Santa Catarina]. Só que a UFSC é uma biblioteca*

universitária, com um público adulto, jovem adulto. Nós somos a biblioteca escolar até nono ano. Nossos alunos mais velhos têm 14 anos, 15 anos no máximo. A gente tem a EJA [Educação para Jovens e Adultos] à noite, mas não tem bibliotecário, também, na EJA, e na EJA também são estudantes que vão ter essa faixa etária de idade, ou que vão consumir conteúdo que não vai ser... eles não vão ler livros, adultos, também, porque eles estão no processo de alfabetização, também. Então, acho que isso seria a Nova Biblioteconomia.

11. Para você como a biblioteca escolar pode ser proativa, colaborativa e transformadora?

Partic07: Aí, já dei muitos exemplos. Eu acho do que eu faço, acho que eu sou bem proativo, colaborativo e transformador, assim. Porque a biblioteca escolar, eu percebo que ela tem um grande potencial que às vezes não é explorado. E não é explorado, não é o culpa do profissional que está lá. É culpa lá da base da formação, que não mostra esse potencial dessa biblioteca escolar, transformadora... é proativa. É porque a gente tem um déficit na formação, que a gente não tem sobre... a biblioteca escolar, a biblioteca pública, é muito patinho feio da Biblioteconomia. Ninguém dá bola, ninguém quer... não tem recurso público investido, não se tem leis efetivas que sejam cumpridas na biblioteca escolar. Então, escola particular não cumpre, estado não cumpre. Essa realidade é um pouco diferente no [...], porque cumpre há muito tempo que alguém abençoado lá conseguiu. Mas também não é uma coisa, assim, efetiva, não é uma coisa que faz parte, que entende o espaço. Tem o profissional, porque tinha... foi ampliando, ampliando, ampliando quando viu, não dava mais de fechar, né. Então, se tivesse esse olhar na formação, esse olhar dos governantes para esse espaço, eu acho que formaríamos profissionais muito mais proativos, muito mais... eu acho que o déficit está na formação. A biblioteca tem esse potencial sim, dá de... trabalhar com criança é sensacional, porque ele dá esse... esse prazer assim desse espaço que cresce, esse espaço que é dinâmico, esse espaço... hoje de manhã eu ia contar uma história, daí deles “aí tu já contou no ano passado”, eu falei “ah, é verdade, eu contei para essa turma”. Vim aqui na estante, falei “o que eu vou contar, o que eu vou contar...” peguei um livro ali. Sabe, tudo muito dinâmico, assim, não precisou de um super planejamento. “Ah, meu deus, estragou minha aula, porque eu já tinha contado a história no passado”. Não. Eu consegui pegar uma história, os dias estão frios, daí, “é muito quente para abraçar” o nome da história, conta sobre um menino que acha um ovo de dragão, que é quentinho. E aí eles assim “aí essa história até me aqueceu”, tipo, sabe? Tem o potencial lúdico, o potencial dentro da escola de trazer para essa realidade, assim. Às vezes, até de um conforto, assim, às vezes, nossa, a vida dessas crianças é tão difícil, a vida do profissional que está na escola também, e de ter esse espaço que é mais do que um espaço só, mais um espaço da escola, que é o laboratório de informática, o laboratório de ciências que são aulas, assim, que tem aqui também. Tem aula

de teatro que é no auditório, mas continua sendo um espaço meio, com conteúdo, com... sabe? Acho que seria isso.

12.Fique à vontade caso queira falar algo mais sobre a sua atuação na biblioteca desta escola.

Partic07: *Acho que eu consegui falar tudo, falei um pouquinho até da dinâmica que não tinha nas perguntas de como era, sim. E é muito legal revisitar o seu próprio trabalho e ver assim, “ah, não, é muito legal o meu trabalho”, porque eu acabei de atender umas turmas das 8h, às 8h45, e foi muito isso. Tipo, assim, contei a história, ok, era o que eu tinha planejado para eles, não foi! Peguei outra história que combinou, acabou combinando. A gente acaba tendo um aporte de... vai gravando histórias e coisas, assim, e a gente consegue ter... ter essa relação com os estudantes. É muito legal. Inclusive agora é recreio, é aqui perto do refeitório. Hoje não é dia deles, né, é dia dos alunos maiores virem na Biblioteca, oh ninguém veio. Mas se eu vou ali, eu converso com um, converso com outro, então é bem isso. É isso, e só elogiar a pesquisa, parabéns pela pesquisa.*

Participante 08 – 21/05/2023

Chegada na biblioteca: 8h58

Início da entrevista: 9h17

Saída da escola: 10h20

1. O que você entende por biblioteca escolar?

Partic08: *Entendo por biblioteca escolar um espaço... que funciona... dentro da escola para atender as necessidades daquele grupo que está dentro da escola. Professores, alunos, funcionários e pais.*

2. Para você qual a contribuição do bibliotecário na escola?

Partic08: *Dentro da escola, para mim a principal contribuição do bibliotecário é a de apoio, de levar a informação que o estudante, ou que o profissional, ou que a comunidade, precisa. Ser a ponte entre o que a gente tem e a informação que eles precisam.*

3. O que você entende por comunidade?

Partic08: *Comunidade, no sentido que eu estou usando, é as pessoas que estão no meu entorno. Então, eu tenho os nossos alunos e eu tenho os nossos pais, os pais, familiares desses alunos, né? E os funcionários da escola.*

4.No dia a dia como você se relaciona com as pessoas da comunidade escolar?

Partic08: Eu acredito ter um bom relacionamento com todos. [Silêncio]. De uma forma geral, todo mundo é muito simpático, muito atencioso comigo e eu procuro atender a demanda o máximo que eu posso.

5.De quais formas você percebe que contribui para a construção de conhecimento na comunidade?

Partic08: Levando a informação que eles estão precisando no momento. Nesse momento, por exemplo, nós estamos com situações de bullying. E eu estou tentando aqui dentro fazer uma contação de história, com alguma coisa, referência a isso para auxiliar nesse momento. A gente também está com outra questão de as crianças estarem correndo muito na hora do recreio. Correndo, correndo, correndo. Estou tentando fazer um projeto literário no recreio, para mostrar para eles uma outra forma de aproveitar esse momento.

6.A comunidade costuma dar retorno sobre o seu trabalho? E qual a relevância deste retorno no âmbito pessoal e profissional?

Partic08: Algumas pessoas, sim, dão esse retorno, sim, nos reconhecem quando vão apresentar um trabalho que a gente auxiliou... eu acredito que, sim, tem esse reconhecimento, sim.

7.Quais desafios você tem enfrentado atuando na biblioteca desta escola?

Partic08: Eu acho que o principal desafio nesse momento é... trazer o aluno para o momento presente... para o livro. Eles estão muito vinculados à eletrônicos. Trazer ele para o livro, que é uma coisa que demanda um pouco mais de tempo. Eu percebo que a atenção deles é muito rápida. Uma coisa um pouco mais longa já se torna maçante e cansativa para eles.

8.O que tem facilitado a sua atuação nesta escola?

Partic08: Acredito que o tempo que eu estou nessa escola e conhecer bem a minha comunidade. Como eu estou há muito tempo aqui, eu já conheço a maioria e acho que isso facilita na minha interação com eles.

9.Você tem aspirações para esta biblioteca? Pode falar sobre isto?

Partic08: Olha, o meu sonho para esta biblioteca era conseguir um mobiliário novo, que felizmente, ano passado, a gente conseguiu. E o sonho que está um pouquinho mais... A gente está começando já, tem uma grande parte, é a informatização dela, mas de um modo mais efetivo, o acervo já está informatizado... é fazer esse atendimento, é deixar computadores à disposição para pesquisa. Esse é um sonho que eu pretendo realizar ainda.

10.Ao ouvir a expressão “Nova Biblioteconomia”, o que imediatamente vem a sua mente?

Partic08: *Eu vou confessar que é a primeira vez que eu ouvi esse termo e eu estou muito curiosa, que para mim é uma novidade. Eu ainda não sei o que é e fiquei muito curiosa.*

11.Para você como a biblioteca escolar pode ser proativa, colaborativa e transformadora?

Partic08: *Eu tenho a impressão de que a minha resposta está ficando um pouco repetitiva, mas eu acho que dentro da escola... biblioteca tem que ser um ponto de apoio, um ponto de referência. Eu não preciso necessariamente criar um grande projeto, mas eu tenho que apoiar os projetos que acontecem na escola e disponibilizar materiais, acervo, informação para que a escola funcione, para que os projetos da escola funcionem. Esse é o meu principal ponto de vista, assim. Eu acho que a gente tem que ser uma... referência, a gente tem que auxiliar, a gente não precisa necessariamente fazer os projetos, mas a gente tem que apoiar os projetos que acontecem.*

12.Fique à vontade caso queira falar algo mais sobre a sua atuação na biblioteca desta escola.

Partic08: *Ai, eu quero dizer que eu já estou há muito tempo, há mais de 20 anos atuando na mesma escola, na mesma biblioteca. Então eu já passei por muitas situações, muitas situações. [Alguém entra na sala e fala com ela] E...entrei muito verde na escola, sem conhecer uma escola de verdade. Foi muito difícil esse momento de adaptação, de entender o que é realmente uma escola. E agora posso dizer que eu já me encontro bem situada depois de tanto tempo. Mas a gente está passando por uma transformação muito grande, muito grande, assim. É... principalmente na questão da pesquisa e no uso do espaço da biblioteca. E... dentro da escola, o que eu procuro dar mais atenção é para o nosso acervo infantil. Que eu acho que quando a gente consegue pegar... essas crianças na fase inicial da leitura e fazer com que elas peguem esse gostinho da leitura...a gente vai ter um adolescente, um jovem que gosta de ler. E é mais fácil pegar eles no início do que lá na adolescência, que é uma fase já mais conturbada e difícil para eles.*

APÊNDICE D – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 1 – IAD 1:
QUADRODE IDENTIFICAÇÃO DAS E-CH E IC

Pergunta 1: O que você entende por biblioteca escolar?		
Partic	Expressões-chave (E-Ch)	Ideias centrais (IC)
01	<i>Biblioteca escolar eu entendo como um espaço, é... social, socializável da escola. Aonde a comunidade se encontra... é... não é só um espaço aonde tem livros, né? e... vai além. Vai além do... de um acervo. O espaço, a escola.</i>	Lugar de encontro da comunidade (A) Espaço além do acervo (B)
02	<i>Na minha opinião biblioteca escolar é a mais difícil de todas. É uma biblioteca que atende crianças, adolescentes, que é uma fase bem difícil. E além de todo... a parte de faixa etária, divisão dos livros, né, tu tem que ter todo um carinho com essas crianças e adolescentes, né? Então, biblioteca escolar para mim é a principal de todas as bibliotecas. É muito importante.</i>	Espaço Importante (C)
03	<i>A biblioteca escolar é um espaço muito importante, pelo menos vou tirar por base aqui a biblioteca, né. A nossa biblioteca, ela é um organismo vivo dentro dessa escola, e bem importante. Então, todos os projetos, tudo que acontece na escola, tem por base a biblioteca, né. Esse... se eles desenvolvem alguma pesquisa, ou alguma curiosidade em sala, a primeira, o foco é que a pesquisa seja feita aqui, né? antes mesmo de ir para a informática. E eu prezo muito o incentivo à leitura, né. A gente tem uma biblioteca que o acervo é bem... atualizado. Eu trabalho em conjunto com os próprios alunos, nesse sentido, de acordo com o interesse deles, das coisas que eu tenho aqui. Então... a biblioteca sempre foi uma referência, assim, para eles, até para os alunos que saem daqui. Quando eles me encontram eles ficam "ai meu deus que saudade daquela biblioteca, lá era tudo atualizado, lá tinha tudo que eu gostava, agora eu não consigo". Muitos dos lugares que eles saem eles nem tem acesso a biblioteca, e aqui a biblioteca fica aberta todo o período.</i>	Espaço Importante (C) Pesquisa (D) Incentivo à leitura (E) Acervo atualizado (F) Atenção maior aos estudantes (G) Ambiente acessível (H)
04	<i>Biblioteca escolar eu acho que é um ambiente... é... onde você... cria a vontade da, da leitura nas</i>	Incentivo à leitura (E)

	<p><u>crianças... nos adolescentes, né. É um ambiente que acolhe, e faz você... é... faz a motivação do... da vontade pela leitura, né? [...]fazer aquele ambiente agradável, gostoso, é... para que as crianças, os adolescentes e até os adultos também, tenham a vontade de vir para a biblioteca, né. Porque não adianta você só ter uma biblioteca, ter um monte de livros, e você não fazer nada daquilo. Então, você tem que motivar, você tem que chamar, você tem que tornar aquele ambiente agradável, né.</u></p>	Lugar que acolhe a comunidade (I) Espaço além do acervo (B)
05	<p><u>Biblioteca escolar para mim é... um espaço de acesso à cultura dentro da escola e da comunidade escolar no geral. Então, não é apenas aquele local para guardar livros e fazer simplesmente, simplesmente não, porque é bem importante, o empréstimo, mas é um espaço como se diz, o coração da escola.</u></p>	Espaço de acesso à cultura (J) Espaço além do acervo (B)
06	<p><u>É... a participação das crianças, de toda a comunidade escolar, né? Das famílias, dos professores... é, tem que estar tudo meio que alinhado, para a gente chegar no objetivo final que é os estudantes, né. Então não tem como tu trabalhar sozinha, isolada na escola, porque não funciona. É todo um conjunto... a biblioteca escolar é um conjunto, na verdade.</u></p>	Lugar de encontro da comunidade (A)
07	<p><u>Vamos lá! Biblioteca escolar para mim é um... ambiente, primeiramente, muito importante dentro da escola. Eu acho que não existe escola, escola como a gente tem, sem a biblioteca escolar. É muito difícil desatrelar essas duas ideias, porque a biblioteca escolar ela tem um papel, assim, muito fundamental na parte de... eu nem digo, ela tem a sua função de ensino e aprendizagem muito forte na formação dos estudantes nessa questão, do consolidar alguns conteúdos, alguma coisa; mas ela tem essa função de formação cidadã desse estudante, ter contato com algumas obras e não só no quesito pedagógico, mas também social, também. Conhecer outras realidades, ter acesso ao livro, entender esse livro como um direito das crianças, né, esse espaço cultural... muitas vezes a criança não tem acesso à cinema, teatro, então às vezes o livro infantil ou o livro ilustrado vai ser o acesso dessa criança a algo mais cultural, uma formação social, ao... tem muito essa questão da interação, um espaço de interação entre os estudantes... eu gosto muito especificamente, daí nessa biblioteca, a gente tem muito isso de ser um espaço, assim, mais social entre os estudantes, um espaço não só para vir e ler um livro porque é</u></p>	Espaço Importante (C) Ensino e aprendizagem (K) Espaço para a formação cidadã (L) Espaço de acesso à cultura (J) Lugar de encontro da comunidade (A)

	<i>obrigatório naquele horário de aula, mas um espaço onde eles possam vir trocar ideias, conversar, ver os livros juntos. Então, para mim biblioteca escolar é muito descolada dessa ideia de que “ai eu tenho uma necessidade de informação”. O que seria outras bibliotecas: eu vou até lá, eu vou ser atendido por alguém, eu vou ter minha dúvida sanada, ou não, e vou embora e pronto, acabou. Um processo meio mecânico. A biblioteca escolar eu já acredito que é uma coisa mais fluída, assim, uma coisa mais... “ai, eu vou porque eu estou a fim de ler um gibi, uma revista”, isso não chega a ser uma necessidade, mas, sim, tu está alimentando algo mais, assim, e algo nesse... nesse sentido, assim, de fruição, de prazer, de “eu vou porque eu gosto, não que eu sou obrigado”. Claro que eles [os estudantes] têm um horário semanal na biblioteca e tal, mas para além disso. Eu acho que a biblioteca escolar é... acho que é isso.</i>	
08	<i>Entendo por biblioteca escolar um espaço... que funciona... dentro da escola para atender as necessidades daquele grupo que está dentro da escola. Professores, alunos, funcionários e pais.</i>	Lugar que atende as necessidades da comunidade (M)

Pergunta 2: Para você, qual a contribuição do bibliotecário na escola?		
Parte C	Expressões-chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
01	<i>Ele é o mediador, né... ele faz a mediação, é... entre as necessidades da comunidade escolar, falo ali comunidade escolar: professores, né, alunos, é... ele faz mediação entre o acervo, o conhecimento que tá ali, né...mas também... outras formas de conhecimento também, que vem das demandas e... das necessidades dos alunos, né. Essa comunidade escolar.</i>	Mediar informação entre comunidade e a biblioteca (A)
02	<i>Ah, ele contribui de muitas formas. Principalmente hoje em dia, né, é... quando as crianças têm o contato com o bibliotecário, ele... no caso da biblioteca escolar, ele tem que ter todo um... uma aproximação com eles, assim, é um carinho, um chamar pelo nome, eles... é... [me] tratam como se fosse um professor, na verdade. Eles até confundem muito isso, né, sempre deixo isso claro “Ah, eu não sou professora, sou bibliotecária”. Mas para eles é como se [eu] fosse, né. Então, eles têm esse amor com a gente, e a gente tem que ter todo esse carinho, essa retribuição de volta. E eles dependem muito do bibliotecário, para tudo. Eles não sabem o livro que eles querem, eles não... têm um</i>	Se aproximar dos alunos (B) Acompanhar o crescimento (C)

	<p><i>nome... Eles... “Ah qual que... que tu quer? Qual que tu acha [...] que eu vou gostar?”. Então, eles me perguntam sempre. E tu tem que ter assim... tu conhece o perfil deles, e tu acompanha o crescimento [deles]. Tem essa diferença, também. Porque começa no infantil, e vai até o ensino médio. Então, tu vai acompanhando desde o infantil, até a leitura. Então, esse... é o cuidado maior que a gente tem que ter com eles.</i></p>	
03	<p><i>Muito importante, também. Se o bibliotecário, é... conseguir fazer esse <u>trabalho em conjunto com os professores</u>, né, se torna muito importante, porque aí a gente consegue conciliar essas disciplinas, como eu tinha falado, respondido anteriormente. E aí a gente consegue desenvolver o trabalho em conjunto, e bem mais enriquecedor. Porque <u>tudo que é trabalhado em sala</u>, aqui eu amplio esse conhecimento, né. De diversas formas. Por exemplo, se eles estão trabalhando sobre folclore em sala, aí no dia da biblioteca deles, porque todas as turmas têm o seu horário de biblioteca, desde o infantil 2 até o 9º ano. Então, todos passam por aqui. Então, no dia da biblioteca deles, eu vou passar um vídeo sobre aquele tema, depois eu vou disponibilizar aqueles livros sobre aquele assunto. Então, a gente vai..., né, intensificar essa aprendizagem, aprimorar ainda mais. Então, é um trabalho bem importante, em conjunto.</i></p>	Trabalhar em conjunto com professores (D) Contribuir com o aprendizado (E)
04	<p><i>É basicamente isso que eu falei, né. Você tornar a biblioteca um ambiente, é... agradável, bom [...] é... motivar a leitura [...]. É contribuir para <u>incentivar a leitura</u>, né. Eu acho que <u>é a principal função do bibliotecário</u>. Fazer com que a biblioteca seja um ambiente bom, agradável, conseguir que a gente faça essa <u>interação aluno, professor, adolescente</u>, porque adolescente quase não gosta de vir à biblioteca. E então, a gente tem que estar chamando, tem que estar buscando, fazendo atividade, né. Tornando o ambiente agradável para que ela [a biblioteca] seja frequentada.</i></p>	Incentivar à leitura (F) Incentivar o uso da biblioteca (G)
05	<p><i>Para mim é fundamental o profissional, o bibliotecário. Ele tem uma visão... ampla. Ele não se restringe apenas à parte pedagógica. Ele tem... como se diz, a gente não sabe tudo, mas a gente sabe aonde buscar. A gente tem às vezes um outro olhar, e complementa... trabalha muito, é... de forma muito... parceira mesmo, né? desse... do outro, do pedagogo aqui no caso que temos até o quinto ano [do ensino fundamental] ou do professor de área. É uma... parceria muito importante e a visão do bibliotecário é</i></p>	Trabalhar em conjunto com professores (D)

	<p>às vezes <u>diferente e acrescenta muito no trabalho pedagógico</u> também.</p>	
06	<p>Olha, vai de tudo. <u>A contribuição no aprendizado... a gente é meio pedagógico assim, a gente tenta, é... desvincular, a nossa área do pedagógico, mas é impossível. E além do pedagógico, né? na... influência da leitura, para as crianças, tu tem todo um olhar de... carinho, da vivência deles... tudo interfere. Desde o momento... quando você conhece a criança, o estudante, você... direciona o livrinho que ele vai ler... sugere... e eles têm uma confiança em ti, quando você fala alguma coisa. E às vezes até foge um pouco do pedagógico, vai para o psicológico, psicólogo, para tudo isso.</u></p>	<p>Contribuir com o aprendizado (E)</p> <p>Se aproximar dos alunos (B)</p>
07	<p>Ah, eu acho essencial a presença do bibliotecário. Principalmente na rede de Floripa, onde a gente tem bibliotecário, na maioria das escolas. São pouquíssimas, as que não tem. Quatro ou cinco que não tem, caso de aposentadoria, não chamaram, ainda, de concurso e coisa de tal. E dá de ver a diferença, por exemplo, de alunos, de estudantes que vêm das escolas estaduais, que não tem, por exemplo... a defasagem, a falta que isso faz, a falta de um profissional mediando essa informação, estando responsável por esse espaço. Ser uma <u>referência dentro da escola, tanto para os estudantes quanto para os profissionais e para a comunidade</u>. [Em] nossas escolas são [bibliotecas] escolares e comunitárias. Atende, assim, não atende uma grande demanda comunitária, mas atende também. Então, é legal ter aquela pessoa que é a referência, que vai conseguir tirar o máximo do... aproveitamento da literatura em si, ou do... alguns conteúdos são ministrados lá em sala de aula, mas a gente pode conseguir... fazer um link bem legal com a biblioteca. E, não, eu não gosto dessa história, assim, de "ah, está trabalhando lá, é obrigado... Estão trabalhando poesia, vamos agora todo mundo pegar poesia". Não, não é isso. Mas é desse complemento e de ser esse profissional que é <u>uma referência dentro da escola quando se fala em livro, literatura. A gente consegue expandir, fazer o... a criança ter essa sensação desse trabalho que... é... extrapola a barreira das paredes da sala de aula</u>. Então tem outros espaços na escola onde eu vou conseguir explorar, onde eu vou ir conhecer. <u>É só possível isso com a presença do bibliotecário</u>, senão não... não seria possível, senão ele é só uma sala cheia de livros, né? uma biblioteca quando não tem o bibliotecário ali. Pode ter até outros profissionais, mas esses profissionais, por não terem</p>	<p>Ser uma referência para a comunidade (H)</p> <p>Ir além do ambiente escolar (I)</p>

	<i>a formação, por não terem o entendimento, vão ser os profissionais responsáveis por emprestar livro, por outras atividades, assim, não vão ter... ou um professor readaptado, vai ter um olhar mais pedagógico para esse espaço e não um olhar como bibliotecário, por exemplo. Então eu acho, assim, indispensável, essencial. Tenho muita pena das escolas que não têm bibliotecário, por exemplo.</i>	
08	<i>Dentro da escola, para mim a principal contribuição do bibliotecário é a <u>de apoio, de levar a informação</u> que o <u>estudante, ou que o profissional, ou que a comunidade</u> precisa. <u>Ser a ponte entre o que a gente tem e a informação que eles precisam.</u></i>	Mediar entre comunidade e a biblioteca (A)

Pergunta 3: O que você entende por comunidade?		
Partic	Expressões-chave (E-Ch)	Ideias centrais (IC)
01	<i>É... <u>todos aqueles que participam ativamente</u>, né?, <u>tendo os mesmos objetivos</u>, é... isso seria pra mim, uma comunidade. Então ampliando isso para uma <u>comunidade escolar</u>, seriam todos: <u>professores, alunos, funcionários</u>, é... todos <u>focados num único objetivo</u>, que é <u>a educação</u>, né. Aí lógico, todo o projeto... pedagógico da escola, inserido nesse propósito... porque eu acho que não pode esquecer também do projeto político pedagógico da escola, tem que estar todo alinhado. Funcionários, professores, a direção da escola....</i>	Congrega pessoas com Participação ativa (A) Comunidade escolar (B)
02	<i>Comunidade, para mim, é <u>um grupo</u>, né, <u>de pessoas</u>, <u>que têm uma convivência durante</u>, é... <u>bastante tempo</u>, juntos. É... isso para mim é uma comunidade. E que <u>têm os mesmos serviços à disposição</u> desse grupo. Então, tem a <u>comunidade escolar</u> que <u>são os alunos, os professores, são bibliotecários</u>, [funcionários da] secretaria, as faxineiras, essa comunidade da escola. Mas <u>tem</u> também a <u>comunidade do [bairro]</u> que é <u>onde a escola está inclusa</u>, né. E essa comunidade a gente sabe que como é, de praia, né, tem um perfil todo... isso para mim isso é comunidade.</i>	Grupos de pessoas convivendo juntas (C) Comunidade escolar (B) Comunidade externa (D)
03	<i>Comunidade? <u>Tudo que nos cerca</u>, né? a gente aqui, essa escola, a escola, em si. <u>A gente vive em comunidade, a comunidade escolar</u>. E isso engloba tanto <u>os pais, quantos os professores, os outros trabalhadores da escola e os alunos em si</u>, né. E aí levando para <u>um aspecto maior, a nossa sociedade</u>.</i>	Grupos de pessoas convivendo juntas (C) Comunidade escolar (B)

		Comunidade externa (D)
04	<p><i>Comunidade? São todos os grupos, né, que a gente...tem. Seja comunidade exterior, a comunidade do teu bairro, a comunidade escolar, a comunidade de professores. Acredito que sejam grupos.</i></p>	Grupos de pessoas convivendo juntas (C)
05	<p><i>Comunidade... eu entendo, pegando um pouquinho a comunidade escolar, né, quando se trata, a gente pensa em usuário de uma biblioteca escolar, às vezes pensa só no estudante, mas comunidade escolar por exemplo são todos que fazem parte desse processo de aprendizagem, então inclui também a comunidade, os pais, a comunidade em torno dessa escola, professores, funcionários, enfim, todo mundo.</i></p>	Comunidade escolar (B)
06	<p><i>Então, é esse conjunto, né, que nós não trabalhamos sozinhos na escola, é família, é professor, é direção, é equipe pedagógica, é oposto de saúde... que às vezes precisa da... é, sair da escola para tu chega nessa comunidade, né. Aqui na [nome do bairro] é mais difícil tu ter uma... tu ter.... assim, algum problema com a comunidade, você consegue trabalhar com a comunidade. Mas eu já trabalhei em outra escola que era difícil, assim, tu tem que chamar essa comunidade para dentro da escola, e aí tu tem que... sempre estar com os professores, tu tem...não é fácil, mas a gente tem que tentar, né, não tem jeito.</i></p>	Comunidade escolar (B)
07	<p><i>Comunidade, eu entendo... pensando, trazendo para minha realidade de biblioteca escolar, todas as pessoas que fazem parte, o entorno, assim. Comunidade é um grupo de pessoas que divide o mesmo espaço, na minha opinião, né, e que tem interesses em comum... algo torna eles em comum. Um bairro é uma comunidade, por exemplo. E dentro da comunidade tem [...] comunidades, a comunidade da escola. A comunidade escolar, por exemplo, vai fazer parte: os estudantes, os funcionários, os professores, os pais dos estudantes, todas as pessoas que circundam nesse ambiente. Todos têm um objetivo em comum, mas cada um tem seu papel dentro dessa comunidade, né. Por exemplo, dentro da escola tem a comunidade de professores, de funcionários, por exemplo, cada um desempenha esse papel, mas é necessário estar alinhado, ali. Então a comunidade escolar está alinhada na questão</i></p>	Grupos de pessoas convivendo juntas (C) Comunidade escolar (B)

	<p><i>da aprendizagem das crianças. Mas de que forma que a gente desenvolve essa aprendizagem? É só o professor em sala de aula com o aluno? Não. Os pais também têm sua função dentro de casa, o bibliotecário também tem sua função dentro da biblioteca. Então a comunidade seria esse grupo de pessoas que dividem o mesmo espaço e que têm... não chega a ser interesses em comum, né, mas dividem interesses, né, em comum. Acho que é isso.</i></p>	
08	<p><i>Comunidade, no sentido que eu estou usando, é <u>as pessoas que estão no meu entorno</u>. Então, eu tenho <u>os nossos alunos</u> e eu tenho os nossos pais, <u>os pais familiares</u> desses alunos, né? E os <u>funcionários da escola</u>.</i></p>	Comunidade escolar (B)

Pergunta 4: No dia a dia como você se relaciona com as pessoas da comunidade escolar?

Partic	Expressões-chave (E-Ch)	Ideias centrais (IC)
01	<p><i><u>Eu tenho... uma boa relação com todos, mas nem todos têm uma boa relação com a biblioteca.</u> [risada] Algumas questões com os <u>alunos</u>, que às vezes a biblioteca é um espaço em que eles foram <u>tirados de sala de aula</u>, né... <u>ainda existe</u>, persiste é... <u>esse espaço para esse fim</u>, o que eu acho <u>muito triste</u>, então eu tento fazer com que isso não seja desse jeito, né. Mas, infelizmente, ainda é um espaço... <u>e apalavra castigo ela não está explícita... ela meio que tá implícita</u>, ou tipo: não tem onde levar esse aluno que tá me incomodando então “você pode, posso deixar ele aí na biblioteca?”</i></p>	Tendo bom relacionamento com todos (A) Discorda do uso da biblioteca para castigar estudantes (B)
02	<p><i><u>Muito bem. Todos me conhecem, eu conheço todo mundo</u>, né. Eu estou trabalhando aqui oito anos, então <u>tem crianças</u> do primeiro ano que já estão no nono ano do ensino fundamental, <u>que eu vi ser alfabetizada</u>, que eu vi pegar os primeiros livros de figuras, que <u> hoje já estão até pegando literatura brasileira</u>... então, assim, <u>tu vai acompanhando todo esse processo</u> deles, né. E... esses jovens, assim, essa... essa comunidade, aqui, escolar, assim, eu acho que <u>sou muito importante para eles</u> como eles também <u>são importantes para mim</u>. Como uma família já.</i></p>	Tendo bom relacionamento com todos (A) Acompanhando crescimento dos alunos (C) Bibliotecário/biblioteca sendo referência na comunidade (D)
03	<p><i><u>Eu me relaciono... muito bem. Eu tenho uma boa convivência com todos</u> aqui. E... os alunos gostam muito desse espaço, gostam bastante de mim. Eles usam esse espaço não só para a leitura, que eu sempre... desde que eu entrei aqui, essa era a</i></p>	Tendo bom relacionamento com todos (A)

	<p><i>minha proposta, em si, eu não queria fazer da biblioteca um local simplesmente para que eles entrassem só para ler, que fosse um lugar que a gente costuma ver em algumas bibliotecas, que é um lugar sisudo, um lugar que tu precisa fazer silêncio, que tu precisa... estar toda hora chamando a atenção, tanto que eu tenho aqui vários jogos, tem a mesa de xadrez, que estamos usando. Eu comprei vários jogos. Então, <u>no intervalo</u> isso aqui é cheio de muitas crianças que vem ler, muitas vem jogar, muitas vem conversar. Então... é um espaço bem aberto. E é o que eu sempre fiz. Na verdade, a biblioteca é um espaço acolhedor. E a partir desse momento, quando a criança entra aqui, o aluno, o adolescente, ou o pai, que ele vem por interesse qualquer, eu consigo às vezes fazer com que eles saiam daqui com um livro, ou que tenham lido algo. E essa é a finalidade, né? trazer para esse espaço. No primeiro momento, conquistar de alguma forma, para depois conseguir convencê-lo. Em alguns casos, tem gente que eu não preciso fazer, mas tem uns que eu preciso, né. De que leiam, ou levem alguma coisa.</i></p>	Fazendo a biblioteca ser acolhedora e acessível (E)
04	<p><i>Não, <u>minha relação é muito boa</u>. É... tem uma relação boa <u>com os professores</u>, que é isso que faz a gente, é... fazer <u>com que a biblioteca seja mais valorizada</u>, né. <u>Tanto professores, quanto direção, quanto meus superiores</u>, né. Então, é uma relação muito boa.</i></p>	Tendo bom relacionamento com todos (A)
05	<p><i>Hã... basicamente a gente, é... permitir que essa biblioteca, é <u>mostrando que essa biblioteca está aberta à comunidade, chamando ela</u>. Aqui a gente faz bem de forma efetiva, chama mesmo. Temos algumas ações que a gente chama essa família para participar, dizer que essa biblioteca também é um espaço acessível a eles, e que... é <u>uma biblioteca também comunitária</u>. Então é mostrando essa abertura de biblioteca, é... se mostrando disponível, não como lugar restrito aos estudantes.</i></p>	Fazendo a biblioteca ser acolhedora e acessível (E)
06	<p><i>Ah eu... [riso] eu adoro. E tanto os estudantes, tanto os professores, os estudantes <u>estão sempre aqui na biblioteca</u>, tanto que eu tive que fechar a porta [risada] [aqui ela comenta sobre ter trancado a sala para não sermos interrompidas] porque eles estão sempre aqui, eles saem da sala, eles precisam... quando eles precisam, e eu <u>tento ajudar no máximo assim</u>, eles, <u>os estudantes, e os professores, os auxiliares, a equipe pedagógica</u>, a gente está sempre, eu estou sempre tentando fazer parte, né.</i></p>	Bibliotecário/biblioteca sendo referência na comunidade (D)

07	<p><i>Eu, particularmente, tenho uma ótima relação com a comunidade escolar. Então, eu tenho... porque... a comunidade escolar é a minha comunidade, também. Eu sou morador do bairro. Eu estudei nessa escola. Eu já fui diretor dessa escola [risadinha] e estou como bibliotecário. Então, eu tenho uma relação... para além de ser apenas o bibliotecário da escola, tenho uma relação de comunidade, também. Os estudantes... têm estudantes que são membros... ou membros da minha família, ou são pessoas que eu já estudei na época que eu era estudante, ou pessoas que eu tive muito contato quando era diretor, porque eu tinha um contato muito grande com as famílias, daí tem um contato diário, né? Então, eu tenho uma ótima relação com a comunidade escolar. Sou muito respeitado na comunidade escolar. Isso é muito legal, assim. Tenho uma ótima relação com os pais. Então, quando acontece qualquer coisa na biblioteca, eu posso pedir para chamar os pais. Mas é muito raro, porque não tenho problemas, assim. Mas, então, tenho esse... os pais mandam bilhete e às vezes "oh, eu estava pensando... eu queria que o meu filho levasse..." cada aluno leva um livro por semana, "queria que o meu filho levasse mais livros". Ou "ah, eu estou fazendo tal pesquisa". Ex-alunos vêm na escola para fazer pesquisa. "Ah, eu estou no ensino médio. Estou passando dificuldade com tal disciplina". Então, [eu tenho] uma ótima relação com professores, com pais, com os estudantes, com a parte diretiva da escola, também. Com todo o pessoal, né, equipe de limpeza, cozinha. Uma ótima relação e sempre muito linkado à biblioteca. Sou uma pessoa que é meio chata profissionalmente, assim. Bem certinho. Então, tem bem essa questão, assim, de... ser uma referência para a comunidade no que é, faz parte do meu trabalho. Já fiz parte da APP [Associação de Pais e Professores], conselho de escola, conselho local de saúde, fazia parte do grupo de escuta, que é com o posto de saúde. Então, eu sempre tive muita ideia. Eu sou da comissão da formatura, da festa junina, da gincana. Todos os eventos da escola. Então... eu não sou aquele que... ah, eu não limito à biblioteca. Eu chego, venho para a biblioteca e faço o meu trabalho, dentro da biblioteca, meu trabalho é atender os estudantes na biblioteca, emprestar livro, contar história, não. Tem um além que é fazer parte, realmente, dessa comunidade e alguém que... e</i></p>	<p>Tendo bom relacionamento com todos (A)</p> <p>Bibliotecário/biblioteca sendo referência na comunidade (D)</p>
----	--	--

	<i>para além disso, é alguém que se importa, realmente, por ser da comunidade, também. Isso!</i>	
08	<i>Eu acredito ter um bom relacionamento com todos.[Silêncio]. De uma forma geral, todo mundo é muito simpático, muito atencioso comigo e eu procuro atender a demanda o máximo que eu posso.</i>	Tendo bom relacionamento com todos (A)

Pergunta 5: De quais formas você percebe que contribui para a construção de conhecimento na comunidade?

Partic	Expressões-chave (E-Ch)	Ideias centrais (IC)
01	<i>É... uma escuta atenta, é possível, mas eu... o processo do conhecimento do ser humano, esse é um processo que é uma particularidade minha, é um processo que é interno, individual, então... aí, a mediação de novo, do professor em sala de aula, a mediação do bibliotecário na biblioteca. O processo do conhecimento é um processo que está implícito no ser humano, então... já que o espaço escolar, a biblioteca, ela... possui esse viés... de ter alguns conhecimentos ali formatados e disponibilizados, né, é... acho que o conhecimento ele tá em todo lugar dentro da escola, na verdade. Não só exatamente no espaço da biblioteca. Então...</i>	Pela escuta atenta ao usuário (A) Pela mediação do bibliotecário (B)
02	<i>Ah, eu percebo pela procura deles, né... assim por mim. Eles vêm me perguntando as coisas. Então... isso eu vejo que sou importante para eles, é o momento que eles chegam “Ai [...] me dá indicação de algum livro” ou “[...] a professora vai fazer um trabalho, qual que tu acha”, “Oh, [...] eu não gosto de ler, o que tu diz para mim?”, daí eu falo pega livro de crônicas, de contos, coisas mais pequeninhas, depois... Então, assim, toda essa percepção faz, sim, eu ver que eu sou muito importante para eles, ainda mais hoje, assim, que o hábito da leitura para mim, assim, é tudo. Eles têm que ter, [e] tento ao máximo colocar na vida deles porque eu sei que vai fazer bem para eles tanto por dentro quanto por fora, também.</i>	Pela importância dada ao bibliotecário (C) Por incentivar à leitura (D)
03	<i>É... atualizando o acervo. Tornando a biblioteca um lugar atrativo. E... conversando muito com eles. Estou em constante conversa com eles, interagindo, sabendo o que eles gostam, o que eles querem, o que eles estão vendo, o que estão assistindo, né, para... para estar atualizado. Tanto dos assuntos, de como vou chegar até eles e me comunicar, quanto de como vai ser o meu acervo, sabe? Então, eu preciso estar por dentro, né. Se eu</i>	Por ter acervo atualizado (E) Pela escuta atenta ao usuário (A)

	<i>não converso com aquele aluno eu não vou saber do que ele gosta. Então, preciso estar por dentro de tudo: desde os pequenos até dos maiores.</i>	
04	<i>Incentivando a leitura nas mais variadas formas, né. Fazendo atividade, conversando com os alunos, é... com os professores. Pesquisando, ajudando nas pesquisas. Acho que seria isso.</i>	Por incentivar à leitura (D) Pela mediação do bibliotecário (B)
05	<i>Acho que respondi um pouquinho na outra, né?, é mostrando mesmo que ela [a biblioteca] é de todo mundo, que aqui eles podem usar, que eles podem... é... que ela também... que eles podem ocupar esse espaço, né?, que às vezes fica... parece um pouco distante, escola... por isso eu fiz questão que essa biblioteca viesse aqui para o térreo, ela antes era no primeiro piso, então o acesso físico também dificulta, era uma barreira física, ir até o primeiro andar, ir até o final do corredor, e isso vai impedindo também que a comunidade chegue, e ai... e também, junto aqui bem específico, a nossa... aqui dentro da escola, né?, é estar sempre aberto, é... para todas as atividades de sala, de pesquisa, de se envolver em todas as atividades da escola, não somente no que se pensa em biblioteca, né?, os assuntos pertinentes claro, mas também estar olhando para o todo da escola.</i>	Por estar sempre disponível a comunidade (F)
06	<i>Eu tento. [risada] não, a gente... eu... eu, né?, e toda a comunidade escolar, a gente está sempre alinhado a fazer projetos, a... chegar nesses estudantes. Eles estão em uma idade que é difícil alcançar, né? Mas o ano passado por exemplo, eu tive uma grata surpresa, eu acho que foi o ano que eles mais leram. E teve a "troca" [de informações sobre livros e as leituras]. Porque como a maioria dos livros que chega eu dou aquela lida rápida, eu... trocava com eles, "ah tu leu? O que tu achou dessa parte?", então teve essa troca com a comunidade, eles... interagem muito com os livros de literatura, né?, eles estão sempre aqui pegando. Os outros... o outro acervo, eles também... principalmente os pequenos, eles gostam muito de livros paradidáticos, então... eu acho que a gente faz um bom trabalho, assim, de contribuição para a comunidade. Para eles alcançarem os objetivos, na alfabetização... eu acho que é isso que a gente tenta fazer e pelo menos aqui, por enquanto, está dando certo.</i>	Por estar sempre disponível a comunidade (F)

	<p><i>De que forma que eu contribuo para a construção de conhecimento na comunidade? Eu acho que <u>do trabalho</u> que eu faço na biblioteca. Eu atendo as turmas semanalmente, de segunda à sexta, todas as turmas de primeiro ao nono têm um horário na biblioteca. De primeiro ao quinto ano eles vêm com a professora regente da turma e de sexto ao nono vem com o professor de português [...]. Deixa só voltar aqui... então, o trabalho que eu faço com os estudantes de sexto ao nono vem com o professor de português. Com o de primeiro a quinto a gente conta história semanalmente. E eu... <u>sempre busco nas histórias trazer questões da atualidade</u>, trazer questões <u>para refletir</u>, mas não que eu traga para pedagogizar a história ou achar que texto é pretexto, tem um autor que diz que texto não é pretexto, que é tu usar uma história para falar sobre algo. "Ah, estamos falando sobre a Semana da Consciência Negra, eu vou contar contos africanos. Estamos na Semana Indígena, o dia da árvore, vou contar a história de..." não, não é isso. É trazer questões atuais para a história <u>e deixar que os alunos façam essa parte... que é de adquirir o conhecimento</u>... eles fazem. Não fico perguntando depois, não existe, assim, vamos desenhar depois sobre a história, vamos fazer um texto sobre a história... mas trazer para além de histórias clássicas, para além de histórias mais batidas, trazer essa questão... atual. Uma questão que vai falar de amizade, uma questão que vai falar sobre preconceito sobre o bullying, que vai estar naquele texto, às vezes não vai estar explicitamente, não é uma história sobre... é... bullying, especificamente, mas é uma história sobre... tem um personagem que é uma pessoa com deficiência que sofre preconceito naquela história. E daí eles conseguem fazer essas ligações, então, eu acho que essa é a parte da biblioteca, assim. Ou muitas vezes a gente tem que dar, <u>o professor em sala de aula tem que dar conta de um currículo</u>. Na biblioteca a gente não tem essa obrigatoriedade. O professor pode me dizer: "ah [...], a gente está trabalhando conto, as fábulas, ó, eu quero trabalhar... nós vamos trabalhar o continente africano", e ok. Daí eu dou uma linkada com o que está sendo trabalhado na sala de aula. Mas a biblioteca eu percebo que tem esse potencial de reflexão através da literatura. Eu acho que a literatura é perfeita para fazer isso, porque é muito sutil, é muito subliminar às vezes. Mas passa mensagem, sem precisar ser aquela</i></p>	<p>Pela mediação do bibliotecário (B)</p> <p>Por incentivar à leitura (D)</p>
07		

	<p>coisa expositiva, que às vezes fica... até demagógico para eles. Os grandes, principalmente, assim... [Para] os grandes, a gente lê alguns textos mais... tipo assim, textos curtos, mas que têm uma mensagem mais direta, assim. E eu percebo que tem um efeito legal. Então acho que essa seria a contribuição, assim.</p>	
08	<p><u>Levando a informação que eles estão precisando no momento.</u> Nesse momento, por exemplo, nós estamos com situações de bullying. E eu estou tentando aqui dentro fazer uma contação de história, com alguma coisa, referência a isso para auxiliar nesse momento. A gente também está com outra questão de as crianças estarem correndo muito na hora do recreio. Correndo, correndo, correndo. Estou tentando fazer um projeto literário no recreio, para mostrar para eles uma outra forma de aproveitar esse momento.</p>	Pela mediação do bibliotecário (B)

Pergunta 6: A comunidade costuma dar retorno sobre o seu trabalho? E qual a relevância deste retorno no âmbito pessoal e profissional?

Partic	Expressões-chave (E-Ch)	Ideias centrais (IC)
01	<p>Hã... alguns <u>anos atrás</u>, sim, havia um... na verdade de toda a comunidade, de toda a escola, <u>eu sempre tive os feedbacks</u>... os alunos fazem... é... respondem questionários, e é <u>uma questão</u> até <u>da direção para saber</u> como está o <u>clima organizacional</u>, né, <u>professores, alunos e tudo mais</u>. E depois essas pesquisas a gente tinha acesso, era ... em reuniões, eram publicados assim, eu não sei agora com a nova escola, por que a escola foi vendida, agora é uma rede de educadores, a [...] então... <u>nesse último ano eu não observei isso</u>, <u>mas sim, existia um retorno</u>... é... eu acho que é... <u>interessante na questão profissional</u>, <u>saber que o que você está fazendo, seu trabalho</u>, ou <u>a tua presença na biblioteca ou na escola</u> é... ela <u>faz algum sentido, pra essa comunidade</u>, né... de alunos e professores, é....o retorno profissional, <u>porque financeiro</u>, ele... não, não.... <u>não é tão relevante assim</u>.</p>	Sim, tem retorno (A) É interessante profissionalmente (B)
02	<p><u>Não é sempre</u>, assim, né, <u>mas</u>, é... eu percebo pelos pais, <u>eu percebo pelos pais dos alunos quando</u> a gente tem comunicação, uma agenda virtual, onde <u>a biblioteca é comunicada</u>, né, <u>do aluno que está com livros, que atrasou livros</u>, é... e para <u>outras situações</u>. E alguns <u>pais me comunicam de alguma história que eu contei que as crianças chegaram em casa falando e eles</u></p>	Não é sempre, mas percebe pelos membros da comunidade (C)

	<p><i>acharam muito linda, é... os pais falam para mim <u>da importância de levar o livro</u>. Então, eu vejo essa contribuição. E da escola, em si, tem vários projetos que a gente trabalha junto com os professores, né. Então... <u>o retorno da escola, em si, não é muito assim...</u> como assim, a diretora, né, ou a coordenação falar alguma coisa. É mais no tu ver o que que acontece. Então, eu vejo assim... é... <u>superar cada ano o número de empréstimo, se as crianças estão lendo mesmo, o que está sendo feito, a parceria com os professores</u>. Então, esse é o meu retorno maior, assim, que eu vejo.</i></p>	<p>Pouco retorno abertamente da escola (D)</p> <p>Reconhecimento no trabalho sendo melhorado a cada ano (E)</p>
03	<p><i>Sim. Costumam. É... não tanto quanto... o que eu acho que deveria ser, porque <u>às vezes</u>, é... <u>eu sinto essa necessidade de um reconhecimento maior</u>, mas...mas... <u>sempre tem, tanto por parte dos alunos</u>, quanto por parte <u>dos pais</u>, e até mesmo <u>da escola</u>. Recentemente ainda aconteceu um fato, que... tem uma família, que... o menino estudava aqui, e no período da pandemia, um pouco antes na verdade, eles se mudaram para a Espanha. E como a gente começou a ter, durante a pandemia, aulas on-line, e... eu continuei dando minha aula de biblioteca, on-line. O horário da biblioteca continuava sempre comigo. Eu... eu fui a única que trabalhou na escola nesse período. A biblioteca ficou aberta, porque eles vinham trocar livro. Com hora marcada, somente a família, mas eles vinham, porque aqui eles gostam tanto de ler, que os pais não aguentavam mais dar conta de comprar livro durante aquele período. Então, precisava circular, né, esse material. E os pais estavam enlouquecidos, já, “Ai meu deus, eu não sei o que faço, meu filho quer ler, e eu não tenho mais onde comprar livro, não sei onde comprar”. Enfim, aí a biblioteca abriu nesse período, que eles vinham trocar. E aí o que que aconteceu, acontece. Essa família especial, durante todo o período da pandemia, que tinha aulas on-line, as famílias participavam das aulas, também, né, no caso. E... essa família, em si, a mãe... ficou bem emocionada com uma das aulas que eu dei, naquele período. A gente fez uma reflexão sobre alguns livros, e... depois ela veio comentar comigo sobre isso. E recentemente ela escreveu um livro, e ela me mandou de presente, lá da Espanha, esse livro, e chegou aqui no dia do bibliotecário, me presenteou. Foi bem fofo. E ela me mandou uma cartinha também, bem fofo, depois eu te mostro. Foi bem</i></p>	<p>Sim, tem retorno (A)</p> <p>Mas há necessidade de retorno maior (F)</p>

	<p>legal. Aí, assim, foi um reconhecimento que veio bem além, porque eu estou em um momento que eu estou migrando de... profissão. Eu amo minha profissão, mas eu estou indo para radiologia. Eu estou... só aqui nessa escola eu estou aqui há 10 anos. Então, eu estou há mais de 15 nessa profissão. Então, para mim esse <u>reconhecimento</u> foi bem importante. Porque eu... eu vi que, <u>eu estar aqui nesse momento, estar aqui nesse ambiente, é importante</u>, né. Então... me fez toda diferença.</p>	O reconhecimento é importante (G)
04	<p>É... Então, digamos a comunidade <u>dos professores</u>? É... <u>eu tenho um retorno, quando entro em contato com eles e quero fazer uma atividade, por exemplo, eles me apoiam</u>. Eles me apoiam. <u>Depois da atividade eles me dão retorno dizendo se as crianças gostaram ou não</u>, né, qual foi o... né? a resposta final dos alunos. É... a direção, também, a gente <u>sempre tem um feedback da nossa direção</u>, “como que tá indo o seu trabalho”, “o que tu pode melhorar”, né. Então, seriam esses os retornos. Além, de... <u>também tem a comunidade dos pais das crianças</u>. Então, eles <u>olham muito nosso trabalho, e aí tão sempre dando um feedback, se é positivo ou negativo</u>.</p>	Sim, tem retorno (A)
05	<p>Ela <u>costuma dar retorno sim</u>. Diretamente aqui, <u>nossos professores</u>, né... eles <u>fazem questão mesmo de vir nesses horários que eles têm</u>, já pré-determinando, não só nesse, a gente marca outros momentos. <u>Os estudantes</u>, que quando as vezes a gente não tem... pula um dia de empréstimo, alguma coisa, eles já... <u>abordam a gente nos corredores</u>... então isso é <u>importante</u>, “quando é a biblioteca”, “quando vai ter”, e... <u>os pais</u> assim, que <u>ficam surpresos quando sabem que eles podem também utilizar a biblioteca, né?</u>, <u>fazer parte desse espaço</u>. Que daí eu chamo em um café literário, eu chamo numa semana do... cinema, que a gente tem, então eu abro também para outras atividades. <u>E esse retorno me estimula a continuar e fazer também mais</u>, né.</p>	Sim, tem retorno (A)
06	<p>Dão. Eu moro na comunidade, então... é, <u>todo dia eu tenho essa troca com a comunidade</u>. É <u>no mercado, e na padaria</u>, é o pai, é a criança, é a vó... então eu <u>tenho esse retorno direto assim</u>. <u>Na escola</u>, também, né, eu <u>tenho uma ótima relação com os professores</u>, eu... tento deixar eles o mais confortável possível, <u>para acessar o ambiente da biblioteca</u>, porque eu acho que tem que ter uma certa... <u>empatia, um certo... tu tem que estar</u></p>	Sim, tem retorno (A)

	<p><i>alinhado com eles, para tu dar esse retorno. Os pais vêm buscar livros para os filhos, porque às vezes acham “ah meu filho levou um muito fininho”, eu não gosto muito de interferir na escolha da criança, então os pais também vêm buscar, mas essa troca é direto, assim, né, na comunidade. Bem engracado, até.</i></p>	
07	<p><i>A comunidade dá retorno... a comunidade quando a gente pensa num todo, né? Porque tem gente que pensa que a comunidade daí vai pensar da porta para fora, tipo, assim, as pessoas que estão fora. Mas não. Dos estudantes, o retorno é muito legal, é muito interessante, porque a gente consegue fazer muitos... não vou dizer trabalhos, mas a gente consegue fazer muitos links, assim, interessantes. Eles conseguem lembrar, tipo, assim, “pô, lembrei tal história”. Um dia desses aconteceu tal situação na sala. Eu contei a história... para a professora, a história que aconteceu. Os professores também se beneficiam disso, que às vezes o espaço que a gente tem na biblioteca, que é uma aula de 45 minutos, a gente tem pra... eu conto a história, a gente conversa um pouco, eles escolhem o livro, anota o livro... então, é um espaço mais informal, assim, do que a sala de aula, que é o conteúdo e tem... e muitas pessoas não querem dizer, não vai para a aula de matemática para falar sobre um assunto. Deveria, mas não para. Porque tem que dar conta do conteúdo, porque está aí fim de trimestre, tem que dar nota. E a biblioteca já não, tem esse caráter que não é um caráter, eles não são avaliados pela aula da biblioteca, eu odeio quando falo assim, “ah, aula da biblioteca, vamos dar nota, ou quem trouxe o livro, quem não...” Não, não é esse o objetivo da biblioteca, a biblioteca é para vir. Um momento de fruição no meio do dia, um momento de prazer, um momento de leitura, onde eu vou escolher alguma coisa legal para eu ler em casa, uma coisa interessante. Então tem muito esse retorno, assim, dos estudantes, desse, “como esse momento é legal, e tal”. Isso dá uma satisfação profissional muito grande e pessoal, também. Porque a minha abordagem é essa. Eu sei que tem outros colegas bibliotecários que não têm essa abordagem, ou que não vão contar história, ou que não têm essa mesma relação de pertencimento com a escola e com a comunidade, “ah eu vou lá, vou fazer meu trabalho e tchau, vou embora, e pronto”. Eu não, eu tenho uma satisfação pessoal quando eu... Nossa, quando eu penso, assim, eu</i></p>	<p>Sim, tem retorno (A)</p> <p>Entende a biblioteca como espaço de fruição (H)</p> <p>O reconhecimento é importante (G)</p>

	vou contar essa história, e <u>a gente tem um objetivo</u> quando a gente vai contar a história, <u>e alcança</u> aquele objetivo, eu <u>fico super feliz</u> . Ou quando o professor percebe e consegue fazer outros <i>links</i> , assim, outras... outras coisas, ou consegue explorar mais ainda. Então, é bem legal. Semana... essa última semana eu contei um livro, eu contei para o segundo e terceiro ano que achava que era, "ah, faz o segundo e terceiro ano". E a resposta foi muito boa, e eu falei assim, "acho que eu vou contar para o quarto e para o quinto, para o primeiro também". Contei, foi uma sensação... que é um livro, "o quadrado, o círculo, e o triângulo", é uma coleção, assim, muito legal. E ele tem dentro... parece um livro bobinho, assim, só sobre... acontece as coisas, mas ele tem dentro desse texto uma mensagem muito legal, assim. E os alunos pegaram [a mensagem do livro] desde os pequenininhos até os grandes, e euachei que eles não iam pegar, pensei que alguns iam pegar e outros não, assim. Então existe, sim, uma satisfação pessoal muito grande, quando alcança objetivos, e profissional, também, porque o meu objetivo aqui é isso. Eu não sou aquele bibliotecário, assim, que, "ah, nossa, processamento técnico, catalogação", não que eu não faça... não. Eu faço, e adoro os livrinhos [aponta e olha para a estante do seu lado] catalogados na estante. Os que não estão eu já fico agoniado... daqui para cá [aponta para a estante atrás dele] não tenho ainda, não terminei ainda, mas <u>a minha satisfação é no atendimento aos estudantes, estar com eles constantemente, trabalhando, atendendo.</u>	
08	Algumas pessoas, sim, <u>dão esse retorno</u> , sim, <u>nos reconhecem</u> quando vão apresentar um trabalho que a gente auxiliou... eu acredito que, sim, tem esse reconhecimento, sim.	Sim, tem retorno (A)

Pergunta 7: Quais desafios você tem enfrentado atuando na biblioteca desta escola?

Partic	Expressões-chave (E-Ch)	Ideias centrais (IC)
01	Os desafios? ... hã... uma <u>cultura</u> ainda... <u>de que a biblioteca é um espaço que eu posso deixar o aluno que está incomodando</u> [em sala], é um desafio, às vezes é um <u>desafio até pessoal</u> , se eu <u>não entrar em rotinas</u> , né? Por que... as demandas da	Uso da biblioteca como espaço de castigo (A)

	<p><i>biblioteca te fazem levar por umas certas rotinas, né, tentar... meio que <u>se reinventar, criar coisas diferentes, chamar a atenção do... dos alunos</u>, é... <u>pra coisas que estão mais no dia a dia, mas de formas diferentes</u>, né, e que eles <u>possam perceber que...</u> o espaço da biblioteca, <u>o espaço físico da biblioteca</u>, ele <u>vai além só de...</u> pesquisa no computador, nos livros, né, é... às vezes é um momento de aula com o professor, então é... ele pode ser expandido, né? então... aquele exemplo do recreio por exemplo [...] algum tempo atrás não existia isso, né? Então esse <u>ambiente</u> de... <u>da comunidade se socializar</u>.</i></p>	<p>Poder se atualizar para não se acomodar (B)</p> <p>Mostrar que a biblioteca vai além do acervo (C)</p>
02	<p><i>Sempre tem muitos desafios, porque a gente nunca vai ser atendido do jeito que a gente gostaria, né. Isso não é só uma realidade da biblioteca escolar, acredito que em todas. Mas... a gente vai tentando e não pode desistir. Um dos desafios <u>espaço físico</u>, porque a escola aumenta, o número de crianças aumenta e a gente quer que o espaço [da biblioteca] seja maior. <u>Atualmente esse é meu maior desafio</u>, assim, que eu estou enfrentando. Eu entendo que <u>a escola cresceu muito rápido, que não tem uma sala maior</u>, que teria que ser construído, entendo toda essa parte burocrática que a diretora tem que passar, né, para conseguir mudar o prédio. Entendo tudo isso, assim. Mas... é uma... é uma coisa que eu gostaria muito. Por causa da sala de aula na biblioteca. Então, <u>tem algumas turmas que são muito grandes, que se torna impossível de trazer aqui, não tem como</u>, né? <u>Não tem espaço suficiente</u>. Mas, é... eu acredito, assim, que não devo desistir, que no futuro, assim, eu vou conseguir. <u>Tem o desafio também da aquisição de livros</u>, né... já foi conversado, a gente está tentando, né. Ainda <u>o número não é o quanto eu gostaria, mas eu sempre fico conversando com a coordenação, com a diretoria</u>, todo ano eu faço inventário, <u>passo para eles o que aconteceu, o que eu gostaria que fosse feito</u>. E <u>eles têm consciência das coisas</u> que eu gostaria, assim, e <u>isso para mim é importante</u>, assim, muito importante que eles saibam também, do que é preciso, <u>para eles tomarem as providências</u>.</i></p>	<p>Espaço físico insuficiente (D)</p> <p>Adquirir livros (E)</p> <p>Mostrar as demandas para a escola e ser atendida (F)</p>
03	<p><i>Ah, <u>um desafio</u> muito grande que eu tenho, que eu percebi dos últimos anos, <u>principalmente depois da pandemia</u>, que foi um período bem... crucial, para a leitura, em si, principalmente dos livros físicos, foi... a conquista do... <u>reconquista dos leitores</u>. Eu</i></p>	<p>Relação com a comunidade após a</p>

	<p><u>perdi muitos</u> leitores, sabe? Nesse período. Por que eu tinha alunos que estavam em processo, eu tinha alunos que já liam eram super leitores, e eu tinha alguns... <u>aqueles que eram mais difíceis de conquistar, não gostavam de ler, que tinham uma resistência maior</u>, e esses aí voltaram com uma resistência absurda, <u>maior ainda</u>, né. E o celular, as redes sociais... do computador, em si, fez com que eles... é, <u>se perdessem nesse caminho</u>, assim, sabe. E fora que, <u>a concentração</u>, em si, está bem difícil, com relação a isso. Eu percebo que a gente faz sempre uma dinâmica, ou umas questões, assim, para... saber como eles estão lendo. Eu preciso saber também, se eles leram, como está o entendimento dessa leitura, até mesmo para poder indicar algum livro para eles. Eu preciso saber do conhecimento dessa criança, né. Não... se o que eu vou indicar vai fazer sentido para ele ou não, e também eu pergunto às vezes, “e aí, tu leu” como é que foi?” às vezes a gente faz uma dinâmica de roda, cada um conta um pouco da sua história. Eu vejo que a maioria deles “ai eu não lembro” o livro que recém leu. Não lembra o nome do personagem... é aquela coisa que tu leu, mas tu não estava atento a tua leitura. Então... acabou se perdendo muita informação dali. Então, eu vejo que <u>a minha luta agora</u> é essa. É trazer eles... para, né, essa concentração novamente. A gente tem feito várias, agora...tomado várias atitudes aqui na escola em relação a isso. Por que era assim, antes da pandemia, quase nenhuma criança aqui tinha celular. <u>Eles voltaram da pandemia todos tem celular</u>. É uma loucura. Então... o fundamental II a gente tomou algumas atitudes. Agora quando eles entram em sala, os telefones ficam lá dentro de um gabinetinho, todos ali, para que não atrapalhe durante esse... período de aula, né. E aí, eu vejo que isso melhorou bastante.</p>	pandemia da Covid19 (G)
04	<p><u>Meu maior desafio</u> é a questão financeira, porque hoje em dia <u>os livros são muito caros</u>, e aqui a gente é uma escola [...], ensino bilíngue, <u>e a gente precisa de muitos livros em inglês</u>, e os livros em inglês são <u>extremamente caros</u>. Então, esse tem sido meu maior problema aqui.</p>	Adquirir livros (E)
05	<p><u>Eu acho que sempre buscar me atualizar, não me acomodar</u>, não permitir que o cansaço desses anos, né? [risadinha], que eu já estou aqui a 19 anos, esse tempo aí não me acostume, <u>que eu não me enquadre, que eu não fique mais só no meu</u></p>	Poder se atualizar para não se acomodar (B)

	<p><u>espaço aqui só pensando na minha caixinha.</u> Então é se atualizar mesmo, que eu me formei lá atrás, imagina. A gente não tinha também tanta tecnologia, é <u>olhar o que está se pedindo hoje em dia, o que</u> esses jovens, nossos <u>estudantes estão querendo</u> também <u>consumir</u>. Então eu acho que é o maior desafio é se renovar, na área. E... fisicamente, às vezes a gente <u>também tem problemas de estrutura</u> uma ou outra que a gente tem que ser... sanado. Mas é isso. Espaço físico a gente <u>tem uma biblioteca bem pequena, e a gente tem um acervo bem grande, mas</u> fora isso...</p>	Espaço físico insuficiente (D)
06	<p>Aí não sei se tenho um desafio assim, mas eu acho que mais... é... <u>a competição entre o tecnológico e o... e a leitura</u> assim. Como eu te falei, eles pegam livros, a gente troca, eu vejo se eles estão lendo ou não, mas eu sei que é difícil assim... eles estão... <u>às vezes eles estão aqui, com o celular no joguinho</u>, daí eu tenho que interferir, eu <u>tenho que</u> falar "ah agora não é o momento", né? e em casa também, os pais me falam que eles estão sempre... tentando <u>puxar</u> a criança para a alfabetização, para a educação, para o ler, <u>para o ler</u> por prazer ou para estudar para a prova. Eu acho que nesse momento, é... e eles, quando estão no celular, eles não estão lendo sei lá, uma fanfic, um livro, não... eles estão no joguinho. Então é uma preocupação da escola, é uma preocupação dos pais, é uma preocupação da biblioteca e eu acho que é mais nesse sentido.</p>	Uso das tecnologias (H)
07	<p>Hum... dessa escola, eu estou há 11 anos, né, 12 anos. É o meu 12º ano na [...]. Então, é aí, é o meu sétimo ano nessa escola. Trabalhei cinco anos em outra escola. E na outra escola eu tive muitos desafios porque <u>eu estava começando a carreira, era muito jovem, 23 anos. Não sabia o que era trabalhar em biblioteca escolar.</u> A <u>minha formação não tinha dado conta disso</u>. Então era muito assustador. Eu tinha 23 anos, me achava muito juveníssimo, me achava. A minha idade era mais perto dos alunos do que dos professores, na verdade. Hoje em dia eu tenho aluno que tem 26, 27 anos, eu encontro e digo, "meu deus do céu, quantos anos eu tinha, então?" é certo. Eles tinham 14 anos, eu tinha 23 anos, era nove anos de diferença. É pouco. Então... os desafios, assim, foram essa questão de me alinhar, de entender como funcionava. E eu fui colocado no olho do furacão. Cheguei numa escola que estava oito anos sem bibliotecária. Então todo mundo achava que bibliotecária era contar história para as crianças, e</p>	Se atualizar, pois o currículo não deu conta (I)

<p><i>eu nem sabia se eu queria contar história. Comecei a contar, gostei e conto até hoje, semanalmente, religiosamente. Não tem uma semana que eu não conto história, se eu dizer, “ah professora, hoje pode contar história, hoje não vai ter história”, não acontece há muitos anos, assim. Então, esses foram os desafios no começo da carreira. Quando eu vim para cá, foi... encontrar uma biblioteca, a outra biblioteca, quando eu cheguei, estava meio em reforma. Então eu que organizei essa aqui. Quando eu cheguei era totalmente diferente do que eu trabalhava. Então eu tive que fazer isso. E eles tinham outra relação com o bibliotecário anterior. A biblioteca... os professores <u>não frequentavam tanto</u>, não era semanal, os estudantes não vinham no recreio... eu atendo nos recreios, tem dois recreios: recreio de anos finais e de anos iniciais. Eu... dois dias da semana atendo os pequenos, dois dias atendo os grandes, e um dia para atendimento interno que eu organizo, as coisas, tal, que é sexta-feira. Então eles vêm também no recreio, para além da aula. Eles podem pegar livro na aula, um, cada um [aluno], e no recreio se quiser vir pegar um livro, um gibi para levar para casa, pode também. Não vem muitos alunos, nem nada, mas é legal ter essa relação. Então quando eu vim para cá, que eu fiz isso. Na outra escola tinha 28 turmas, então eu só dava conta de atender. Então se eu fosse ficar ainda no recreio, eu não teria vida, não teria um respiro no meio do dia. E aqui não, eu tenho menos turmas, tenho 18 turmas. Então dá de eu ficar aberto no recreio, e daí eu fui conquistando eles. Eu comecei a botar do lado de fora, botei os gibis do lado de fora, na estante do lado de fora, porque eles não entravam, todo mundo era muito estranho, assim, a relação, todo mundo. Então foi uma conquista, então foi o maior desafio: conquistar. E nessa escola, também, que eu <u>passei pela pandemia</u> [da Covid-19], que foi o pior momento, porque <u>foi o reaprender</u>, fazia vídeo para mandar para eles, <u>para não perder</u>. Para mim, naquele momento, o importante era <u>não perder o contato com os estudantes</u>. Então eu fiz um canal no YouTube, e toda semana botava um vídeozinho, contando história. Tem lá 68 vídeos de história, que foi o período, bem dizer, todo da pandemia, que era um vídeo por semana que eu colocava para eles não perderem esse contato, assim, para assistir junto da família. Então acho que é isso, foram os maiores desafios, assim. Mas profissionalmente,</i></p>	<p>Conquistar os estudantes (J)</p> <p>Relação com a comunidade após a pandemia da Covid19 (G)</p>
---	--

	<p>quando eu vim para cá, eu já estava muito, assim, certo do que eu sabia, do que eu queria, do que eu acreditava quanto biblioteca. Então foi muito legal, assim. Que eu já cheguei, quando eu transformei o espaço, todo mundo ficou impressionado, assim. Então já ganhei respeito de todo mundo, assim, nossa, que legal! "Tu vai atender toda semana as crianças?" Sim. "Tu vai contar história toda semana?" Sim. Então. Isso daí para as professoras... elas botam a biblioteca no dia que elas têm cinco aulas direto. Imagina tu, das oito ao meio dia, falando direto, fazendo daí...haja estratégias, né? Aí elas colocam lá no meio uma biblioteca, que dá para dar uma relaxada, para descansar, para poupar a voz. Então é bem legal, isso.</p>	
08	<p><u>Eu acho que o principal desafio nesse momento é... trazer o aluno para o momento presente... para o livro. Eles estão muito vinculados à eletrônicos.</u> Trazer ele para o livro, que é uma coisa que demanda um pouco mais de tempo. Eu percebo que a atenção deles é muito rápida. Uma coisa um pouco mais longa já se torna maçante e cansativa para eles.</p>	Uso das tecnologias (H)

Pergunta 8: O que tem facilitado a sua atuação nesta escola?		
Partic	Expressões-chave (E-Ch)	Ideias centrais (IC)
01	<p>Hã... a direção deixou muito... aberto, é... o teu processo criativo. Então... todas as atividades da escola, da biblioteca, eu... eu é que... os faço, né... hã... e a escola, <u>a direção, ela deixa bem aberto para esse processo de criar, de inovar</u> sabe? É até... um referencial da escola, né? Tu se tornar protagonista, né, tanto os alunos, professores, tanto... todo o corpo administrativo.</p>	Apoio da escola para atuar da forma que quiser (A)
02	<p>O que mais facilita minha atuação <u>é a liberdade</u>.[risadinha]. A <u>coordenação, ela, deixa, tanto, assim, os professores como o bibliotecário, assim, bem livres, para você apresentar ideias</u>, né, para você <u>fazer</u>, é... elas só <u>pedem que informem</u> a elas, assim, né?, o que você vai fazer, algum projeto, <u>mas sempre apoiam, assim, sempre deixam muito livre</u>. Não tem, a "todo ano vai ser feito isso, isso e isso" não. Cada ano você pode <u>mudar, cada ano você [pode] melhorar</u>, apresenta para ela, diga o que você quer fazer, como você quer melhorar... São bem acessíveis, assim, <u>a</u></p>	Apoio da escola para atuar da forma que quiser (A)

	<i>coordenação... é muito fácil de lidar com elas, assim, apresentar teus projetos.</i>	
03	<p><i>A minha comunicação com eles [a comunidade escolar], na verdade. Isso facilita muito o... meu trabalho, em si. A escola também, ela me dá essa... essa abertura, essa possibilidade assim. Eu tenho total autonomia aqui na biblioteca, e isso é muito bom. Como... eu estou aqui há 10 anos, só nessa escola, eu tenho total autonomia, em relação ao acervo, o que fazer, o que tirar. Então... isso é muito bom. Isso facilita muito o meu trabalho, né. Essa autonomia dada pela escola, e a minha comunicação tanto com os professores quanto com os alunos.</i></p>	Apoio da escola para atuar da forma que quiser (A) A comunicação com a comunidade (B)
04	<p><i>A direção. A direção, os meus superiores. A gente tem acesso muito fácil a eles, uma conversa muito boa. É... é tudo muito aberto, é tudo muito fácil, os professores também. Então, a relação interpessoal, aqui, é muito boa e aí faz com que o nosso trabalho flua melhor.</i></p>	A comunicação com a comunidade (B)
05	<p><i>Então, ultimamente eu tive uma... grata surpresa que foi a vinda da [...] [olha para a auxiliar que estava numa mesa atrás] que é a auxiliar aqui na biblioteca, que tem contribuído bastante, tem um outro olhar assim, ela é... pedagoga. Então tem complementado. E também a experiência, vou te falar a verdade, que é bom, ter experiência assim. É... ao mesmo tempo que a gente não pode ficar só com a experiência, se acomodar com ela, mas ela é importante por que às vezes tu já [estala os dedos] tu já sabe o que vai, o que funciona e o que não funciona, isso é bom. Então, acho que a experiência também conta. [risada].</i></p>	Equipe (C) Experiência profissional (D)
06	<p><i>Ah, a parceria, sempre, né. Eu acho que aqui, como na outra escola em que eu trabalhei, que era maravilhosa, se não tem parceria, esquece. Tu não consegue trabalhar, tu não consegue desenvolver, tu não consegue fazer projeto... as crianças também... porque se você não tem parceria, o professor não vem. Se o professor não vim, tu não cria vínculo com o aluno, né. Um ou outro vai aparecer, aí tu não cria o vínculo. Daí eles não se sentem seguros, para vir na biblioteca, para trocar contigo, para pedir sugestão... então, é com certeza a parceria.</i></p>	Parceria (E)
07	<p><i>O que tem facilitado a minha atuação na escola, realmente, é a... comunidade escolar. É uma comunidade escolar boa, tranquila, a quantidade de</i></p>	

	<p>alunos. A gente tem quase 550 aqui 560... quase 600 alunos. Então é bem menor da realidade que eu vim, que era quase mil alunos. Então tem metade dos estudantes. E é uma comunidade tranquila. Não tem grandes problemas, assim, relacionamento entre os estudantes. Os profissionais são muito bons, os professores são excelentes. <u>Nosso grupo de trabalho é muito bom.</u> Então isso tudo facilita o meu trabalho. Porque <u>os professores são engajados</u>, os professores <u>querem participar</u>. Os estudantes são tranquilos, não tem grandes problemas de relacionamento, problemas de violência, problemas de droga no entorno escolar, problemas de uma comunidade muito... assim, muito reacionária, muito com ideias, muito malucas. Não. Uma comunidade boa que participa das reuniões de conselho que a gente tem, tem uma boa adesão dos pais. Quando você trabalha numa escola assim, é muito tranquilo, facilita muito o trabalho. Que <u>eu não tenho medo de trabalhar nenhuma das obras que eu trabalho na Biblioteca</u>, dos temas que eu exploro na Biblioteca. O que a gente já trabalhou na escola, nunca sofri nenhum tipo de censura, nunca ninguém disse, “não conta essa história”, ou “a sua postura não foi legal”, ou a... nunca aconteceu. A [direção], por incrível que pareça, nos últimos anos comprou uma boa quantidade de livros. Então a gente recebeu muitos livros. Tem uma <u>verba</u> da escola que é <u>destinada à compra de livros</u>. Todo ano a gente compra dois mil reais, mais ou menos, de livro. Parece que dá muita coisa, mas não dá, dá 40 livros por ano. Mas é 40 livros por ano. Melhor que zero livros por ano. Então, a gente vai... A gente <u>criou um acervo legal</u> de juvenil e de infantil. Infantil até o déficit não é tão grande que o [...] até manda. Mas o juvenil, que é o que a gente gosta de, por exemplo, [olha para a estante atrás dele] Harry Potter, ali a gente tem uns três de cada. Então isso é muito bom. O Diário de uma Banana, ali está vazio. Mas vai até lá a ponta, fica cheia. [Volta a olhar para frente]. E então, é legal os livros que eles gostam. Então isso tudo facilita o trabalho.</p>	A comunicação com a comunidade (B)
08	<p>Acredito que o <u>tempo que eu estou nessa escola</u> e <u>conhecer bem a minha comunidade</u>. Como eu estou há muito tempo aqui, eu já <u>conheço a maioria</u> e acho que <u>isso facilita na minha interação com eles</u>.</p>	Experiência profissional (D) A comunicação com a comunidade (B)

Pergunta 9: Você tem aspirações para esta biblioteca? Pode falar sobre isto?		
Partic	Expressões-chave (E-Ch)	Ideias centrais (IC)
01	<i>Aspirações? ... Algumas, mas elas é ... elas ainda não estão ainda possíveis de [serem] concretizadas nesse momento, é ... não... seriam mais da minha atuação como... como profissional, né? Mas são aspirações mais pessoais, não exatamente na biblioteca como o espaço físico, tá.</i>	Algumas. Aspirações pessoais quanto a atuação profissional (A)
02	<i>Uma das aspirações já falei, que é um espaço físico que eu quero aumentar muito, assim, né? Queria fazer uma biblioteca bem maior, fazer mais acessível. É... outra parte que eu considero importante seria... a... a parte individual de estudo, que a gente não tem. E hoje em dia eu não considero que um silêncio na biblioteca absoluto. Não existe mais isso. Para mim não existe. Então, eu acredito que o aluno tem que mexer, ele tem que ir ali, ele tem que escutar o que ele quer escutar, ele tem que ficar porque ele quer um ambiente mais tranquilo só para sentar, usa o fone de ouvido, escuta a música dele no silencioso. Isso para mim não importa, ele estando aqui, ele olhando, ele vendo como que é, ele vendo as pessoas pegando livro, ou... ele vai perceber essa importância e com o tempo ele vai indo. Então, eu acredito que quem quer estudar, que tem mais dificuldade, precisa desse lugarzinho silencioso, e essa é uma aspiração que eu quero também para o futuro além do espaço da biblioteca ser maior.</i>	Ampliação do espaço físico (B)
03	<i>Tenho. Tenho várias. Na verdade, eu queria que ela fosse bem maior. Na verdade... a biblioteca atual, ao meu ver, não comporta mais a quantidade de alunos que a gente tem. Tem turma de 32 alunos, que eu coloco nesse espaço. E... apesar de ser um espaço acolhedor, ele já não é mais tão aconchegante, como eu queria que fosse. Aí eles ampliaram e criaram essa varanda [onde estávamos sentadas], né. Só que... foi muito bom, esse espaço aqui, mas eu ainda precisava de mais. Então, é uma luta diária isso aí. Eu venho há anos tentando conquistar um novo espaço. Já tive algumas propostas de espaços novos, mas aqui também a gente tem um problema com a umidade, assim, o local, por que é um local [onde a escola está localizada] bem úmido. Então... achei inviável. Ali [aponta para uma sala logo atrás dela] aquela sala de ciências foi construída também, ano</i>	Ampliação do espaço físico (B)

	<p><i>passado, e a proposta era que a biblioteca fosse lá, mas lá é muito úmido, daí eu acabei desistindo da ideia. E... aí eu disse não, preciso manter aqui por mais um tempo, e vamos ver no que que dá. Mas eu queria que ampliasse, porque o meu acervo é bom, é um organismo crescente. Todo ano eu tenho que fazer um...um remanejamento de livros, e é uma loucura esse período final do ano, [porque] eu sou apegada. Para me desfazer aqui de alguma coisa é um martírio [risada], e geralmente quando eu vou me desfazer de alguma coisa, eles procuram no ano seguinte. É incrível isso [risada]. É, tinha numa coleção ali, "As brumas de Avalon", e assim que eu entrei aqui tinha essa coleção, era uma coleção bem antiga, capa bem velhinha, ninguém pegava. Porque aqui eles têm muito disso, também. Os livros... geralmente os livros mais novos saem com mais facilidade do que uns livros antigos, independente da qualidade do livro. E aí eu comprei uma edição nova, bem bonita, para ver se saia. Nunca pegaram. Aí eu resolvi tirar do acervo, final do ano passado. Esse ano entrou um menino novo na escola, a primeira coisa que ele fez quando entrou na biblioteca ele perguntou assim "Oh, tem brumas de Avalon?" E eu assim, "Ah, não! Ah, não!" [gargalhada]. Aconteceu exatamente o que eu temia. Eu tirei do acervo e alguém pediu. Então, assim, é... é... Esse processo todo, assim, de acervo, de retirada, do que colocar, é um processo difícil, sabe. E... às vezes a gente leva bastante tempo, nesse processo.</i></p>	Ampliação para melhoria do acervo (C)
04	<p><i>Com certeza. Na verdade, a gente já melhorou um pouco, porque antes a gente trabalhava em conjunto com a [nome de uma universidade privada]. Então, era biblioteca de faculdade e escola junto, então dava muito conflito [...] ela já melhorou bastante, porque a nossa biblioteca era bem pequenininha. Aí com a saída da graduação, a gente tomou conta do espaço todo. É... futuramente a gente vai pegar um outro prédio. Então, a biblioteca... a escola está crescendo muito. Então, a minha ideia é ampliar, fazer novas atividades, comprar novos livros, é... conseguir uma auxiliar aqui para a biblioteca também. [...]. E, é... crescer, né. Crescer como profissional, crescer no meu ambiente de trabalho, oferecer um bom trabalho para as pessoas, para os professores e para os nossos alunos, principalmente, né.</i></p>	<p>Ampliação do espaço físico (B)</p> <p>Ter auxiliar de biblioteca (D)</p> <p>Crescimento profissional para atender a comunidade (E)</p>
05		

	<p><i>Sim, eu tenho. Que continue esse trabalho comunitário...cresça, às vezes também eu fico um pouco... frustrada com o retorno, às vezes não é tão grande como eu gostaria, de querer atingir, a gente tem mais de 505 alunos, estudantes. Eu gostaria de atingir muito mais do que eu atinjo, com as famílias. Os estudantes não, eu estou bem satisfeita. Claro, sempre podemos crescer, desenvolver projetos, fazer mais atividades, atingir mais, formar mais leitores... é uma busca. Mas a comunidade, eu gostaria de... atingir mais. De... abranger mais. E que essa biblioteca fosse referência cultural, na comunidade. Mesmo ela sendo pequena assim, mas que fosse uma referência assim.</i></p>	<p>Conquistar ainda mais a comunidade (F)</p> <p>Biblioteca como espaço de referência (G)</p>
06	<p><i>Ah eu queria [risada]. Eu acho que ela está muito formal assim, nessa coisa da estantezinha assim, só que... não depende, nem de mim e nem da escola, né... projeto maior assim, e dizem que... eu gostaria de ter puff, almofada, tapete, é... e mais acessível, né. Porque os livros são tudo um atrás do outro, né? enfileiradinhas. Tem... até comentei com as crianças esses dias, que eu vou começar a vender livro. Vender no sentido figurado, né. Porque tem livros lá no meio e eles não acessam que são maravilhosos, então eu vou começar a vender esses que eles não conseguem acessar. Porque eles vão sempre nos mesmos, o amigo pegou, eu também quero pegar. Então, eu estou pensando em fazer isso. E daí eu acho que um acervo mais... mais visual assim, que esse para eles olharem eu acho que seria bem interessante. Mas aí depende, né, depende da administração.</i></p>	<p>Um espaço acolhedor e convidativo (H)</p>
07	<p><i>Aspirações para a biblioteca... eu tenho uma vontade de voltar com os clubes que eu tinha. Uma época, quando eu entrei, eu fiz o clube de quadrinhos, o clube de mitologia, que é os alunos vir no contra turno e aí a gente lia com as mitologias, a gente falava sobre mitologia, fazia slides, tem todo o material ali, mas eu não consegui mais fazer, porque antigamente eu tinha auxiliar na biblioteca, eu não trabalhava sozinho. É uma escola menor, tem menos alunos, eu tenho menos turmas, só porque é a demanda de atender, demanda bastante. E o restante do tempo que eu tenho, eu tenho para registrar livros que não estão no sistema ainda. Tem toda essa parte de biblioteca que daí eu não dou conta, porque eu não tenho ninguém para carimbar, colar etiqueta, para fazer todo esse trabalho mais manual da biblioteca, registrar... chegou os livros, é conferir todos os livros, carimbar</i></p>	<p>Ter mais tempo para projetos (I)</p>

todos os livros. Até mesmo o tempo de pesquisar livros novos, ver o que que eles estão lendo. Eu tenho caderninho de sugestões que eu vou anotando para depois comprar. Mas quando chegar perto de comprar, eu tenho que fazer os orçamentos, porque a gente também não tem gente suficiente na APP. Então três orçamentos de todos os livros para comprar, faço toda essa parte. Então não tem me sobrado mais tempo. A gente tinha os monitores da biblioteca que eles vinham duas vezes na semana, à tarde, ficavam duas, três horinhas, ajudavam também. Ajudavam a atender as turmas, ajudavam a carimbar, coisas mais simples, assim, que são alunos de oitavo e nono ano. Não consegui mais fazer, também, porque precisa para fazer isso precisa de supervisão. Então eu tenho que deixar de fazer o meu trabalho para supervisionar o deles, estar junto com eles, não pode deixar ali solto, senão eles não vão... eles são crianças, também, e não são... empregados, não são estagiários, não são nada. Então não veio mais estagiário, não veio mais auxiliar. Então estou muito sozinho. Até isso me desanima, porque daí é legal ter outra pessoa que tem ideia. A minha auxiliar que trabalhou... lá... eu trabalhei cinco anos na outra escola com auxiliar, que era excelente, e aqui também eu trabalhei quatro anos com auxiliar, que era maravilhosa. Ela dava ideias, ela fazia o projeto... quando eu fui diretor, fui diretor por um período curto, nove meses só, e não veio substituto para mim, mas daí mandaram um estagiário e tinha a minha auxiliar. Os dois deram conta dos atendimentos. Não deram conta dos outros serviços, que era do bibliotecário e no outro ano eu tive um monte de coisa para registrar, no [sistema], coisa assim. Mas a biblioteca não ficou fechada, que para mim era importantíssimo. Não adianta... cobrir um santo e descobrir outro. Eu vou pegar a direção que era uma necessidade na época da escola, e que foi muito legal a experiência, mas deixar a biblioteca fechada... a minha ideia nunca é... a biblioteca fechou para reforma com esses móveis novos, ela fechou em maio, em junho, julho, eu já estava atendendo. Ficou dois meses fechado, sendo que um mês todo foi a reforma, consegui botar tudo em caixa, e depois botar tudo no lugar para voltar a atender. Eu sou assim, não conseguia ficar aqui, botar livrinho por livrinho devagarzinho. Botei tudo meio rápido e depois fui organizando aos

Ter auxiliar de
biblioteca (D)

	<i>poucos... não deveria? Não deveria, mas fiz. Acho que é isso.</i>	
08	<i>Olha, o meu sonho para esta biblioteca era conseguir um mobiliário novo, que felizmente, ano passado, a gente conseguiu. E o sonho que está um pouquinho mais... A gente está <u>começando</u> já, tem uma grande parte, é a <u>informatização</u> dela, mas de um modo mais efetivo, o acervo já está informatizado... é fazer esse atendimento, é <u>deixar computadores à disposição para pesquisa</u>. Esse é um sonho que eu pretendo realizar ainda.</i>	Trazer tecnologias para a biblioteca (J)

Pergunta 10: Ao ouvir a expressão “Nova Biblioteconomia”, o que imediatamente vem a sua mente?

Partic	Expressões-chave (E-Ch)	Ideias centrais (IC)
01	<i>Hum... esse conceito... é... eu acho, eu não lembro de... de conhecê-lo, pode ser que tenha lido ele de outra forma... eu acredito que é <u>uma forma de ver o profissional bibliotecário</u>, dentro da biblioteca. Não exatamente... é... o conhecimento abarcado por essa ciência Biblioteconomia. Não é exatamente sobre isso. <u>Mas eu acho que... é... atuação do bibliotecário, dentro da biblioteca</u>. Que eu acho que é essa Nova Biblioteconomia. Deve ser, [risadinha] por que a estrutura... as estruturas conceituais da biblioteca.... da Biblioteconomia elas estão aí, elas tão... [há] décadas, né?, e eu acredito que Nova Biblioteconomia seja isso, acho que é... <u>um posicionamento</u> do bibliotecário. Uma forma dele atuar, eu acredito que...</i>	Nova forma de atuação do bibliotecário (A)
02	<i>Vem... a parte da <u>biblioteca diferenciada, mais humanizada</u>. Eu acho que é isso. <u>Você conhecer cada um</u>, é... <u>E tratar com muito carinho, uma aproximação diferente</u>, assim. Porque biblioteca, quando eu estudei, era um lugar muito silencioso, não poderia ter barulho, não tinha muito contato nem conversa. Era uma coisa mais fria, assim e eu acho que essa parte de humanização, de <u>perguntar, de responder, de rir, de se importar, de contar</u>... é... A gente não é psicólogo, mas muitos vêm conversar, contar, né, o <u>que está sentindo</u>. E a escola tem até uma psicóloga, que dessa forma também eu posso ajudar, porque eles me falam alguma coisa que eu acho que é grave, [e] eu levo para psicóloga. Eu não... não falo nada com eles, só escuto, mas levo para a psicóloga porque daí ela fica sabendo, né. É uma forma também. Então... nos dias de hoje, assim, eu percebo que o adolescente, ele tem muita... dificuldade de</i>	Uma aproximação com o usuário (B)

	<p><i>conversar com os outros adolescentes. Então, tem uns que ficam, assim, mais isolados, alguns aparentam ser uma coisa que não são, tem todo esse... é... essa dificuldade na conversa deles. E... a humanização da biblioteca é isso. Não é tratar como um número, é só mais um usuário, é só mais um empréstimo, né. É uma conversa, dar sugestões de livros, perguntar depois, também, né. Não esquecer [de perguntar], como que foi, se gostou, se não gostou, [de verificar] se tem continuação, se tem outro livro que chegou nesse perfil. É uma família na verdade, eu acredito que a biblioteca, [a] Nova Biblioteca é como se fosse uma família, assim.</i></p>	
03	<p><i>Nova Biblioteconomia... hã...eu acho que uma Nova Biblioteconomia... seria aprender a lidar com essa... com esse novo mercado que está se abrindo no sentido de que...falando mais de biblioteca escolar, né? dessa diversificação de plataformas... e de meios de... livros, né. Pegar um kindle, ou algo, assim, do gênero. Aqui na escola a gente ainda não... utiliza ainda esses materiais, né. Tem escola que já disponibiliza, que já aceita, né, o uso desse material. A gente ainda não. Então... falando... no sentido de escolar, biblioteca escolar, uma Nova Biblioteconomia seria...essa nova adaptação, né. Para uma nova plataforma. O formato. Talvez isso.</i></p>	Adaptação da biblioteca para novas plataformas (C)
04	<p><i>Nova Biblioteconomia? Nunca tinha pensado nisso. É... mas eu acredito que seja alguma coisa voltada para à tecnologia... Acho que seria isso.</i></p>	Uso das novas tecnologias para bibliotecas (D)
05	<p><i>Eu acho que eu já respondi um pouco nas outras perguntas. Essa nova...como eu disse, eu me formei lá atrás, e a biblioteca escolar era uma... disciplina optativa. Então eu fiz com a professora [...] uma optativa, uma disciplina só de biblioteca escolar, não tinha nem noção. Aprendi bastante nesses anos. E é isso, eu acho que a nova é perceber, que se a biblioteca escolar, as bibliotecas ficarem paradas guardando seus livros, né, que eu não vejo mais que exista muito isso, mas se ela continuar assim, né, só... ficar muito presa a empréstimo, a controle, a sistemas... eu acho que ela vai... desaparecer não, mas ela vai ficar bem esquecidinha. Que ela precisa desse olhar da cultura, né, ela precisa abranger mais do que ser apenas... apenas não, importante, né, essa guarda, essa referência de... literatura, de material</i></p>	Nova forma de atuação do bibliotecário (A)

	<i>bibliográfico é muito importante, mas ela tem que abrir bastante.</i>	
06	<i>Nova Biblioteconomia... não consigo nem pensar. Eu já estou formada a 20 e tantos anos assim, mas de repente... não sei. Porque não tem como mudar tipo formato... ah eles vão mudar os formatos dos livros, para digital... isso não vai acontecer. Quer dizer, isso pode acontecer, mas eu acredito que não é esse caminho assim sabe. Mas... eu penso que... principalmente na rede assim, apesar da gente estar formado há um certo tempo, a gente está sempre se atualizando, então <u>a gente está sempre buscando essa Nova Biblioteconomia</u>, que eu acho... não sei se isso que tu está... pesquisando. Não sei, não sei te dizer.</i>	<p style="text-align: right;">Não sabe dizer (E)</p>
07	<i>Hum... deixa eu ver ... Nova Biblioteconomia... ah, eu <u>penso numa Biblioteconomia renovada, numa Biblioteconomia que não seja tão voltada à técnica, aos códigos</u>, à ... sabe, catalogação, indexação, à uma coisa... pensar no livro físico e <u>pensar mais nos espaços, nas pessoas que frequentam esses espaços</u>. É isso que eu penso, quando penso, assim, em uma Nova Biblioteconomia, um <u>olhar mais social, um olhar mais voltado para as pessoas</u>, para o atendimento das pessoas, para os serviços da biblioteca. E não só... se a gente vai usar a CDD ou a CDU, ou a AACR2, e estar tudo dentro do código. Nossa, biblioteca escolar, principalmente, a gente usa o [sistema], e a gente preenche um monte de campo do [sistema], que eu fico pensando, assim, são importantes, é claro, são os códigos que a gente segue mais... me importa as medidas do livro... quantos centímetros ele tem? ... para mim importa título, autor, editora... esses são importantes, são essas coisas importantes, mas algumas coisas a gente perde um tempão... eu demoro um tempo fazendo um livro, e às vezes eu poderia usar outras coisas: a cor da capa, explorar mais os assuntos para depois poder encontrar. A gente usa uma separação com literatura infantil, literatura juvenil, a gente não explora tantos assuntos que poderia ter, às vezes os alunos querem "ah livro de cachorro", sabe? É muito... é muito... E isso que eu penso nessa Nova Biblioteconomia, de talvez ter esse olhar mais voltado... e para a biblioteca escolar, principalmente. A gente faz igual aqui, faz na UFSC [Universidade Federal de Santa Catarina]. Só que a UFSC é uma biblioteca universitária, com um público adulto, jovem adulto. Nós somos a</i>	<p style="text-align: right;">Uma aproximação com o usuário (B)</p>

	<i>biblioteca escolar até nono ano. Nossos alunos mais velhos têm 14 anos, 15 anos no máximo. A gente tem a EJA [Educação para Jovens e Adultos] à noite, mas não tem bibliotecário, também, na EJA, e na EJA também são estudantes que vão ter essa faixa etária de idade, ou que vão consumir conteúdo que não vai ser... eles não vão ler livros, adultos, também, porque eles estão no processo de alfabetização, também. Então, acho que isso seria a Nova Biblioteconomia.</i>	
08	<i>Eu vou confessar que é a primeira vez que eu ouvi esse termo e <u>eu estou muito curiosa, que para mim é uma novidade</u>. Eu ainda não sei o que é e <u>fiquei muito curiosa</u>.</i>	Não sabe dizer (E)

Pergunta 11: Para você como a biblioteca escolar pode ser proativa, colaborativa e transformadora?		
Partic	Expressões-chave (E-Ch)	Ideias centrais (IC)
01	<i>Acho que <u>transformando ela num espaço social, sociável</u>. É... se tornando um processo é... de apoio, é... um ambiente de apoio ao processo pedagógico melhor dizendo, né. Eu acho que dessa forma, ela caminha sim, junto com a coordenação pedagógica, com direção, com objetivos da escola, ela pode se tornar sim, deveria se tornar, deveria ser assim, um ambiente <u>mais... hâ...</u> como você falou ali na pergunta?... <u>Proativo</u>, né. E aí, lógico, junto com... a atividade profissional também, né, não só com <u>o espaço da biblioteca, mas o profissional bibliotecário... observando suas demandas</u>, né?? <u>As demandas</u> é... da coordenação pedagógica, então na verdade a biblioteca é <u>um espaço, é... de apoio, pedagógico, né, para o processo educacional</u>, então é isso que eu vejo. Então... tu tem que estar sempre aberto, para que isso possa acontecer. E não é só a biblioteca junto, né? Coordenação, direção, é um conjunto de coisas que torna a biblioteca, o bibliotecário proativo. Porque eu <u>posso ter milhares de ideias</u>. <u>Mas... se eu não tiver um suporte, que sustente as minhas ideias, o pedagógico por exemplo, essas ideias elas não serão concretizadas</u>. Não sei se respondi.</i>	Sendo um espaço social (A) Com atividade profissional do bibliotecário (B) Dando apoio ao processo educacional (C) Bibliotecário sendo proativo (D)
02	<i>Fazendo esse papel de família, sabe. <u>Sendo um lugar aconchegante</u>, né. Um lugar, um ambiente, assim, gostoso, <u>onde o jovem, o adolescente queira vir, independente se o livro é digital, se o livro é impresso, que ele goste de estar ali</u>. Então, que, que isso, assim, é <u>uma coisa muito importante</u>, de</i>	Sendo aconchegante (E) Incentivando a leitura

	<p><i>sim a gente conquistar o hábito da leitura. Porque eu acredito, assim, que... não adianta forçar alguém a ler, né? a pessoa tem que ter a vontade de ler. Então, e não vai ganhar nada, "Ah, se tu ler tanto, vai ganhar isso ou aquilo" porque... é... na verdade o ganho já está ali na leitura, né?, já está sendo benefício. Então, eu procuro sempre me atualizar muito, de tudo, e sempre fico conversando muito com eles, porque... para mim eles são uma família, né. Eu acompanho eles do infantil até saírem da escola, e... embora seja só eu [risada], tem essa parte boa, né?, que é a parte da gente ter, como se fosse uma família, esse acompanhamento, do que fossem separadas as bibliotecas do infantil ou do fundamental. Então, tem o lado bom de ser junto, que é esse lado.</i></p>	(F) Conversando com a comunidade escolar (G)
03	<p><i>Proativa, colaborativa e transformadora? ... HÃ... eu acho que desenvolvendo esse trabalho da forma como eu desenvolvo, eu consigo alcançar todos esses... critérios, todos esses quesitos. Eu acho que a comunicação com os pais, que os pais tenham acesso à biblioteca, e os filhos, alunos, e a comunidade escolar, em si, professores, secretaria, coordenação, que todos tenham acesso ao material, e que aqui tenha material de interesse para todos. É o que eu tento fazer. Nem sempre eu consigo, mas... é como eu falei, através de uma conversa, a gente consegue chegar a um consenso. Quando eles precisam de algum material específico, eu dou conta. Às vezes eu procuro em sebos. Eu tenho contato com todos os sebos daqui de Floripa. Então... se eu não tenho material aqui, eu busco em outro lugar, até em outras bibliotecas. Teve um tempo que a gente tinha esse combinado, e aí "Ai, eu não tenho livro tal" a [biblioteca comunitária] que fechou, ela me servia bastante nesse sentido. Quando não tinha algum livro que o professor precisava, e ah, eu não consigo comparar no momento, ou o livro já estava esgotado, eu usava esse artifício, sabe. Então, eu acho que, nesse sentido, a gente atende esses critérios. E transformadora é... fazer com que a biblioteca seja um lugar... acolhedor, sabe. Aconchegante, acolhedor, para que todos se sintam à vontade para vir, sem ter a obrigação de ler, mas que... ao longo do tempo, né, eles vão acabar fazendo isso. Vão usar esse espaço para leitura.</i></p>	Conversando com a comunidade escolar (G) Bibliotecário sendo proativo (D) Sendo um espaço social (A)
04	<p><i>Proativa no sentido de você correr atrás de coisas, de atividades, que você possa desenvolver com as</i></p>	

	<p><u>crianças, os alunos, os adolescentes [...] colaborativa é você ser parceira dos professores, estar sempre disposto a ajudar, colaborar com as atividades em geral, dos professores e alunos, é... com a sociedade também, porque a gente faz muitas atividades fora da biblioteca, no bairro. A gente trás alunos de fora. Então, a gente sempre está participando de tudo. Proativa, nesse sentido também, de estar sempre disposto de participar, né? de tudo [...] Transformadora. Você transformar, é... você fazer com que as crianças gostem, né?, porque é difícil, criança gostar da leitura. É... você transformar, por exemplo, uma criança que não gosta [de ler], fazer essa mudança. É... transformar o ambiente, transformar...né. Enfim, fiquei confusa. Mas é isso.</u></p>	Bibliotecário sendo proativo (D)
05	<p><u>Acho que passando por aí mesmo, pelo acesso, né, primeiro ela sendo acessível. A todos os públicos, a comunidade no geral, e a partir daí buscar também essas parcerias que a gente pode ter, né? não apenas aqui dentro da escola, com autores, com universidades, e ai vai fazer a diferença, porque não vai ficar só naquele mundinho, ela vai transformar toda a comunidade, né.</u></p>	Conversando com a comunidade escolar (G)
06	<p><u>É como eu te falei. As parcerias, os projetos, é... a gente está sempre reclamando de tudo, né?, mas assim, a [...], a escola, tudo que tu propõe, que tu tem de ideia, eles te ajudam a... a colocar para frente os projetos. Ah não tem dinheiro para, sei lá, um mega projeto, mas vai em um projeto menor, mas vai entendeu. E ela tem... e a única coisa que eu acho do proativo, né, é que a gente tem que casar mais assim, não só a biblioteca enquanto livro, podia ter... a gente tenta, né?, mas uma peça de teatro, só que isso acontece lá uma vez ou outra, e... tu podes repetir a outra parte da pergunta, por favor. [...] Transformadora. A parte transformadora é como eu te falei, é... tu incentivar o estudante, a comunidade, a buscar informação. Eu sempre estou colocando para eles assim, que a vida, o mundinho deles não acaba aqui, né. É além disso tudo, né, e quando eu falo com eles "ah uma biblioteca lá... na UFSC", eu tento colocar neles essa vontade de não parar. De... a porque tu estás em uma comunidade que você não vai conseguir, então tem que transformar, a biblioteca tem que transformar de algum jeito assim. Eu digo que eu toco o terror, né? [risada], mas para eles...incutir neles assim, que...não é... eu sou estudante dessa escola, né. E eu lembro... aí fico até emocionada</u></p>	Tendo parcerias (H)

	<p>[ela fica com os olhos marejados] e eu lembro que um professor [dela, na época de criança] falou que “ah 1% daqui vai para a universidade”, e um dia, na época... hoje em dia as pessoas falam “meu deus, como vocês aceitaram um professor falar isso” mas foi esse 1% que fez eu correr atrás entendeu. Para uns pode contar que... puderam achar que o professor estava sendo, sei lá, estava te dando “vocês não vão conseguir”, mas para mim não, eu pensei “eu quero ser o 1%”. E eu fui esse 1%. Então eu tento fazer isso com eles... [risada nervosa enquanto enxuga as lágrimas] eu sou emocionada. E daí eu tento fazer... colocar isso na cabeça deles. Não é fácil. Porque vai ser 1% entendeu.</p>	
07	<p>Aí, já dei muitos exemplos. Eu acho do que eu faço, acho que eu sou bem proativo, colaborativo e transformador, assim. Porque a <u>biblioteca escolar</u>, eu percebo que ela <u>tem um grande potencial que às vezes não é explorado</u>. E não é explorado, não é o culpa dor profissional que está lá. <u>É culpa lá da base da formação, que não mostra esse potencial</u> dessa biblioteca escolar, transformadora... é proativa. É porque a gente tem um déficit na formação, que a gente não tem sobre... a biblioteca escolar, a biblioteca pública, é muito patinho feio da Biblioteconomia. Ninguém dá bola, ninguém quer... não tem recurso público investido, não se tem leis efetivas que sejam cumpridas na biblioteca escolar. Então, escola particular não cumpre, estado não cumpre. Essa realidade é um pouco diferente no [...], porque cumpre há muito tempo que alguém abençoado lá conseguiu. Mas também não é uma coisa, assim, efetiva, não é uma coisa que faz parte, que entende o espaço. Tem o profissional, porque tinha... foi ampliando, ampliando, ampliando quando viu, não dava mais de fechar, né. Então, <u>se tivesse esse olhar na formação</u>, esse olhar dos governantes para esse espaço, eu <u>acho que formaríamos profissionais muito mais proativos</u>, muito mais... eu acho que o déficit está na formação. A biblioteca tem esse potencial sim, dá de... trabalhar com criança é sensacional, porque ele dá esse... esse prazer assim desse <u>espaço que cresce</u>, esse espaço <u>que é dinâmico</u>, esse espaço... hoje de manhã eu ia contar uma história, daí deles “ai tu já contou no ano passado”, eu falei “ah, é verdade, eu contei para essa turma”. Vim aqui na estante, falei “o que eu vou contar, o que eu vou contar...” peguei um livro ali. Sabe, tudo muito dinâmico, assim, não precisou de um super</p>	<p>Melhorando a formação basilar sobre BE (I)</p> <p>Sendo um espaço social (A)</p>

	<p><i>planejamento. “Ah, meu deus, estragou minha aula, porque eu já tinha contado a história no passado”. Não. Eu consegui pegar uma história, os dias estão frios, daí, “é muito quente para abraçar” o nome da história, conta sobre um menino que acha um ovo de dragão, que é quentinho. E aí eles assim “aí essa história até me aqueceu”, tipo, sabe? <u>Tem o potencial lúdico</u>, o potencial dentro da escola de trazer para essa realidade, assim. Às vezes, até de um conforto, assim, às vezes, nossa, a vida dessas crianças é tão difícil, a vida do profissional que está na escola também, e de ter esse espaço que é mais do que um espaço só, mais um espaço da escola, que é o laboratório de informática, o laboratório de ciências que são aulas, assim, que tem aqui também. Tem aula de teatro que é no auditório, mas continua sendo um espaço meio, com conteúdo, com... sabe? Acho que seria isso.</i></p>	
08	<p><i>Eu tenho a impressão de que a minha resposta está ficando um pouco repetitiva, mas eu acho que dentro da escola... <u>biblioteca tem que ser um ponto de apoio, um ponto de referência</u>. Eu não preciso necessariamente criar um grande projeto, mas <u>eu tenho que apoiar os projetos que acontecem na escola e disponibilizar materiais, acervo, informação para que a escola funcione</u>, para que os projetos da escola funcionem. Esse é o meu principal ponto de vista, assim. Eu acho que a gente <u>tem que ser uma... referência</u>, a gente tem que auxiliar, a gente não precisa necessariamente fazer os projetos, mas a gente tem que apoiar os projetos que acontecem.</i></p>	Dando apoio ao processo educacional (C)

Pergunta 12: Fique à vontade caso queira falar algo mais sobre a sua atuação na biblioteca desta escola.

Partic	Expressões-chave (E-Ch)	Ideias centrais (IC)
01	<p>Então, essa foi a primeira escola que eu atuei como bibliotecária, na verdade as minhas experiências eram em arquivos, e eu sempre quis atuar em bibliotecas, é... mas me surpreendeu, é... <u>a biblioteca escolar</u>. Eu gostaria de uma biblioteca especializada, é....na época de graduação e pós-graduação, esse era um dos... dos objetivos, né. Mas... ela me surpreendeu, é... eu pensava uma outra coisa, e ele <u>é um ambiente extremamente ativo</u>, né?, que <u>dá inúmeras possibilidades para o profissional bibliotecário atuar</u>. E... é lógico, <u>se a escola te dá essa liberdade</u>, né?, de <u>você ser um... proativo</u>, é... sim, e essa escola como experiência dá, essa possibilidade. É bem interessante. Eles... te deixam muito à vontade para você criar. Então, <u>basta o profissional... ter criatividade, querer realmente... atuar</u>. É uma experiência bem interessante. É isso.</p>	<p>BE dá inúmeras possibilidades de atuação (A)</p>
02	<p>A minha atuação na biblioteca... eu acredito, assim, que ninguém sabe tudo. Eu não sei tudo, eu... eu... eu cai aqui de, né, <u>na biblioteca escolar, meio que de cabeça</u>, né. Eu fiz [nome universidade], e [...] <u>não separa biblioteca escolar, é tudo junto</u>. Eu <u>me formei</u> em 2003, entrei em [19]99, e... e desde então <u>sempre trabalhei em biblioteca escolar</u>. Trabalhei mais com os adultos, que eu trabalhei na biblioteca da marinha, durante oito anos, e lá o público, né, adolescente-jovem, né, 18 a 21 anos, e depois na biblioteca escolar que eu já peguei <u>a parte infantil, contação de história, toda essa parte lúdica</u>, né? e... <u>fui aprendendo sozinha</u>, né?, tipo... tentando ler, é... claro que eu <u>fiz alguns cursos, de contação de história, de biblioterapia, procuro estar sempre me atualizando</u>, mas só que... é... eu acredito que, que <u>não é fácil, sabe?</u> <u>Biblioteca escolar, gente... só vivendo isso</u>. Não tem assim. Meu perfil, sempre achei que era biblioteca universitária, sempre. Sempre, assim, porque meus estágios foram, assim, em biblioteca universitária. Então... é outra coisa, assim. Então, a minha experiência de estágio não valeu muito para o que eu consegui depois, mas também não desisti. A gente tem que se... eu acho que <u>o bibliotecário tem que ir se atualizando</u>, às vezes não tem tempo, mas um cursinho à noite, umas horinhas, né?, não custa, assim, né?, e também <u>a parte de ler muito</u>, assim, não só... eu leio <u>bastante literatura</u>, claro,</p>	<p>Falta de base na graduação para atuar em biblioteca escolar (B)</p> <p>Proatividade do profissional em estar atualizado (C)</p>

	<p><u>para conversar com eles sobre os livros de interesse, mas procuro ver o que que está... os livros mais vendidos, o... o que tem de novo, é... alguma notícia,</u> também. E... e tanto na parte pessoal, né?, para você, né?, se aprimorar, quanto na parte, também, de ajudar os leitores. Seria isso.</p>	
03	<p><u>Minha atuação aqui... como eu te falei, eu estou... migrando de profissão, mas eu não quero sair daqui... tão, tão... tão agora, sabe. Eu... tenho... meu curso vai até o final desse ano, então eu pretendo ainda, estagiar na outra área para ver como é que vai ser, para quem sabe depois sair daqui. Mas eu queria conciliar as duas áreas. Eu gosto muito da Biblioteconomia, apesar de ter algumas...ressalvas a serem feitas com relação ao...ao salário, ao fato de não ter um sindicato, da classe, em si, não ser tão unida...não ter feito isso ainda... então, eu acho que tem alguns... alguns problemas aí a serem...resolvidos nesse sentido.</u></p> <p>Só que... a profissão, em si, eu acho muito bonita. <u>É uma profissão bonita,</u> e é uma... na verdade, eu vejo que <u>eu faço diferença na vida de algumas pessoas,</u> né? <u>Da comunidade escolar, e de algumas pessoas eu mudei a vida delas, nesse sentido.</u> Então...eu acho isso <u>maravilhoso.</u> E aí...eu <u>tento fazer com que esse espaço aqui seja cada vez mais atuante dentro da escola.</u> De referência, né? Esse sempre foi o meu... quando desde de que eu entrei aqui, foi minha... prioridade, né? <u>Fazer com que isso aqui [a biblioteca] seja um organismo vivo dentro dessa escola.</u> Porque <u>não adianta ter uma escola, com acervo bom, se ninguém tem acesso.</u> Então, não faz sentido para mim..., né? <u>As portas vão estar sempre abertas, da biblioteca, para que eles venham aqui jogar, conversar, ler...</u> então... eu acho que é fundamental. É isso.</p>	<p>Gosta da profissão apesar de ter ressalvas (D)</p> <p>Sente orgulho em saber que faz diferença na vida das pessoas (E)</p> <p>A biblioteca é um organismo vivo na escola (F)</p>
04	<p>Bom, eu atuo aqui há 13 anos, só para dar um resuminho pouquinho de mim. Atuo há 13 anos aqui. Já passei por várias mudanças. Já trabalhei como bibliotecária de ensino superior, e ai... é, tinha muita dúvida se eu gostaria de trabalhar como crianças, é... Depois passei a trabalhar com crianças e eu disse, "gente, é isso que eu quero". Eu amo trabalhar com crianças. E eu acho que é essa nossa função, assim, de você incentivar a leitura, você transformar o seu ambiente, tornar ele um ambiente agradável, é... gostoso, pra que as crianças... tenham os livros que elas gostam, você analisar o que a criança quer. Acho que seria isso.</p>	<p>A biblioteca é um organismo vivo na escola (F)</p>

05	<p>Não, eu acho que eu já falei bastante, eu já... contribui aí.</p>	
06	<p>Não, eu estou <u>sempre procurando melhorar</u>, né. <u>Enquanto profissional</u>, enquanto... com eles. E a gente querendo ou não a gente se envolve. Às vezes eu falo para eles “não me contem nada, não quero saber, não quero saber”, mas eu... mas depois eu fico pensando “não, e se eu for só... se eu for essa única pessoa que eles tem para falar” entendeu, só que ai eu fico desse jeito [aponta para si mesma com os olhos marejados e ri].</p>	Proatividade do profissional em estar atualizado (C)
07	<p>Acho que eu consegui falar tudo, falei um pouquinho até da dinâmica que não tinha nas perguntas de como era, sim. E <u>é muito legal revisitar o seu próprio trabalho</u> e ver assim, “ah, não, é muito legal o meu trabalho”, porque eu acabei de atender umas turmas das 8h, às 8h45, e foi muito isso. Tipo, assim, contei a história, ok, era o que eu tinha planejado para eles, não foi! Peguei outra história que combinou, acabou combinando. <u>A gente acaba tendo um aporte de... vai gravando histórias e coisas</u>, assim, e a gente consegue ter... ter essa <u>relação com os estudantes</u>. É muito legal. Inclusive agora é recreio, é aqui perto do refeitório. Hoje não é dia deles, né, é dia dos alunos maiores virem na Biblioteca, oh ninguém veio. Mas se eu vou ali, eu converso com um, converso com outro, então é bem isso.</p>	Gostou de relembrar sua trajetória (G)
08	<p>Ai, eu quero dizer que eu já estou há muito tempo, há mais de 20 anos atuando na mesma escola, na mesma biblioteca. Então eu já passei por muitas situações, muitas situações. [Alguém entra na sala e fala com ela] E... <u>entrei muito verde na escola, sem conhecer uma escola de verdade</u>. <u>Foi muito difícil esse momento de adaptação</u>, de entender o que é realmente uma escola. E agora posso dizer que eu já me encontro bem situada depois de tanto tempo. Mas <u>a gente está passando por uma transformação muito grande</u>, muito grande, assim. E... <u>principalmente na questão da pesquisa e no uso do espaço da biblioteca</u>. E... dentro da escola, o que eu procuro dar mais atenção é para o nosso acervo infantil. Que <u>eu acho que quando a gente consegue pegar</u>... essas <u>crianças na fase inicial da leitura e fazer com que elas peguem esse gostinho da leitura</u>... a gente <u>vai ter um adolescente, um jovem que gosta de ler</u>. E é mais fácil pegar eles no início do que lá na adolescência, que é uma fase já mais conturbada e difícil para eles.</p>	Falta de base na graduação para atuar em biblioteca escolar (B)

APÊNDICE E –INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2 – IAD 2:
QUADRODOS GRUPAMENTOS DAS E-CH POR IC

Pergunta 1: O que você entende por biblioteca escolar?	
Grupamento das expressões-chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
Partic01 – <i>Espaço social, [...] socializável da escola. Aonde a comunidade se encontra</i>	
Partic06 – <i>É [...] a participação das crianças, de toda a comunidade escolar, [...] das famílias, dos professores [...] tudo [...] alinhado, para [...] objetivo final [...] os estudantes [...] trabalhar sozinha, isolada na escola, [...] não funciona [...] biblioteca escolar é um conjunto,</i>	Lugar de encontro da comunidade
Partic07 – <i>Espaço de interação [...] vir trocar ideias, conversar, ver os livros</i>	
Partic01 – <i>Livros [...] vai além do [...] acervo</i>	Espaço além do acervo
Partic05 – <i>Não é apenas [...] local para guardar livros e fazer [...] o empréstimo, [...] o coração da escola</i>	
Partic02 – <i>É a mais difícil de todas [...] atende crianças, adolescentes [...] uma fase bem difícil. [...] faixa etária, divisão dos livros, [...] tem que ter [...] carinho [...] é a principal de todas as bibliotecas. É muito importante.</i>	
Partic03 – <i>É um espaço muito importante [...] um organismo vivo dentro [...] escola [...] os projetos, tudo que acontece na escola, tem por base a biblioteca</i>	Espaço Importante
Partic07 – <i>Ambiente, [...] muito importante [...] da escola</i>	
Partic03 – <i>Pesquisa, [...] curiosidade em sala, [...] o foco é que [...] seja feita aqui</i>	Pesquisa
Partic03 – <i>Incentivo à leitura</i>	
Partic04 – <i>Ambiente [...] onde [...] cria a vontade [...] da leitura nas crianças [...] nos adolescentes</i>	Incentivo à leitura
Partic03 – <i>Acervo [...] atualizado.</i>	Acervo atualizado
Partic03 – <i>Trabalho em conjunto com os [...] alunos, [...] de acordo com o interesse deles, [...] biblioteca [...] uma referência [...] para os alunos</i>	Atenção maior aos estudantes
Partic03 – <i>Aberta todo o período.</i>	Ambiente acessível
Partic04 – <i>Ambiente que acolhe [...] para que [...] até os adultos [...] tenham [...] vontade de vir</i>	Lugar que acolhe a comunidade

Partic05 – Espaço de acesso à cultura dentro da escola e da comunidade [...] no geral	Espaço de acesso à cultura
Partic07 – Acesso [...] a algo [...] cultural	
Partic07 – Tem [...] papel [...] fundamental [...] ensino e aprendizagem [...] na formação dos estudantes [...] do consolidar [...] conteúdos	Ensino e aprendizagem
Partic07 – Formação cidadã [...] conhecer outras realidades, ter acesso ao livro, [...] como um direito	Espaço para a formação cidadã
Partic08 – Espaço [...] que funciona [...] dentro da escola para atender as necessidades [...] Professores, alunos, funcionários e pais.	Lugar para atender as necessidades da comunidade

DSC DA PERGUNTA 1:

A biblioteca escolar é a mais difícil de todas [...] atende crianças, adolescentes [...] uma fase bem difícil. [...] Há a faixa etária, a divisão dos livros, [...] tem que ter [...] carinho para com os estudantes [...]. É a principal de todas as bibliotecas. É muito importante. É [...] um organismo vivo dentro [...] da escola [...]. Os projetos, tudo que acontece, tem por base a biblioteca [...]. É um espaço social, [...] socializável da escola. Aonde a comunidade se encontra, [...] há a participação das crianças, de toda a comunidade escolar, [...] das famílias, dos professores [...] tudo [...] alinhado, para [...] o objetivo final: [...] os estudantes [...]. Portanto, trabalhar sozinha, isolada na escola, [...] não funciona [...]. Biblioteca escolar é um conjunto [...]. Um espaço de interação [...], vir trocar ideias, conversar, ver os livros. [...]. Requer trabalho em conjunto com os [...] alunos, [...] de acordo com o interesse deles. [...] A biblioteca [...] tem que ser uma referência [...] para os alunos [...]. Ambiente que acolhe [...] para que [...] até os adultos [...] tenham [...] vontade de vir [...], espaço [...] que funciona [...] dentro da escola para atender as necessidades [...] de professores, alunos, funcionários e pais [...]. Deve ter acervo [...] atualizado [...]. Ser ambiente [...] onde [...] se cria à vontade [...] da leitura nas crianças [...] e nos adolescentes [...]. Local de incentivo à leitura [...]. A pesquisa, [...] curiosidade em sala, [...] o foco é que [...] seja feita na biblioteca [...]. Ela tem [...] papel [...] fundamental [...] no ensino e aprendizagem [...], na formação dos estudantes [...], no consolidar [...] conteúdos [...]. É espaço de acesso à cultura dentro da escola e da comunidade [...] no geral [...]. Por isso, favorece a formação cidadã [...], conhecer outras realidades, ter acesso ao livro [...] como um direito. [...] Mas, vai além do [...] acervo [...]. Não é apenas [...] local para guardar livros e fazer [...] empréstimo, [...] é o coração da escola [...]. Logo, deve permanecer aberta todo o período de aula.

Pergunta 2: Para você, qual a contribuição do bibliotecário na escola?	
Grupamento das expressões-chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
Partic01 – A mediação, [...] entre as necessidades da comunidade escolar [...] professores [...] alunos [...] o acervo, [...] mas também [...] outras formas de conhecimento [...] que vem das demandas [...] dos alunos	Mediar informação entre comunidade e a biblioteca
Partic08 – É [...] de apoio, de levar a informação [...] estudante, [...] o profissional, [...] comunidade precisa. Ser a ponte entre o que a gente tem e a informação que eles precisam.	

Partic02 – Quando as crianças têm o contato com o bibliotecário [...] tem que ter [...] uma aproximação [...] carinho [...] dependem [...] do bibliotecário, para tudo	Se aproximar dos alunos
Partic06 – Na [...] influência da leitura [...] carinho [...] quando você conhece a criança, o estudante [...] eles têm uma confiança em ti	
Partic02 – Tu conhece o perfil deles [...] acompanha o crescimento [...] infantil [...] até o ensino médio	Acompanhar o crescimento
Partic03 – Trabalho em conjunto com os professores	
Partic05 – É uma [...] parceria muito importante e a visão do bibliotecário é [...] diferente e acrescenta muito no trabalho pedagógico	Trabalhar em conjunto com professores
Partic03 – Tudo que é trabalhado em sala, [...] a gente vai [...] intensificar essa aprendizagem,	Contribuir com o aprendizado
Partic06 – A contribuição no aprendizado [...] a gente tenta [...] desvincular, a nossa área do pedagógico, mas é impossível.	
Partic04 – Incentivar a leitura, [...] é a principal função do bibliotecário.	Incentivar à leitura
Partic04 – Fazer com que a biblioteca seja um ambiente bom, agradável, conseguir [...] a [...] interação aluno, professor, [...] porque adolescente quase não gosta de vir à biblioteca [...] gente tem que estar chamando, tem que estar buscando, fazendo atividade	Incentivar o uso da biblioteca
Partic07 – Referência dentro da escola, tanto para os estudantes quanto [...] os profissionais e [...] a comunidade.	Ser uma referência para a comunidade
Partic07 – É uma referência [...] quando se fala em livro, literatura. A gente consegue [...] fazer o [...] trabalho que [...] extrapola a barreira das paredes da sala. É só possível [...] com a presença do bibliotecário	Ir além do ambiente escolar

DSC PERGUNTA 2:

A minha contribuição tem sido a mediação [...] entre as necessidades da comunidade escolar [...] professores [...] alunos [...] com o acervo, [...] mas também [...] outras formas de conhecimento [...] que vem das demandas [...] dos alunos [...]. O trabalho é de apoio, [...] levar a informação que a [...] comunidade precisa. Ser a ponte entre o que a gente tem e a informação que eles precisam. Também, um trabalho em conjunto com os professores [...]. Uma [...] parceria muito importante e a visão do bibliotecário é [...] diferente e acrescenta muito no trabalho pedagógico. Tudo que é trabalhado em sala, [...] a gente vai [...] intensificar essa aprendizagem [...]. A gente tenta [...] desvincular, a nossa área do pedagógico, mas é impossível. Incentivar a leitura [...] é [...] função do bibliotecário, ser uma referência [...] quando se fala em livro. A gente consegue [...] fazer o [...] trabalho que [...] extrapola a barreira das paredes da sala. Isso é só possível [...] com a presença do bibliotecário. E quando as crianças têm o contato com o bibliotecário [...], tem que ter [...] uma aproximação [...] um carinho [...] porque dependem [...] do bibliotecário para tudo. Quando você conhece a criança, o estudante [...] eles têm uma confiança em ti, [...] tu conhece o perfil deles [...] acompanha o crescimento [...] desde o infantil [...] até o ensino médio. É preciso fazer com que a biblioteca seja um

ambiente bom, agradável, conseguir [...] a [...] interação aluno, professor, [...] porque adolescente quase não gosta de vir à biblioteca [...] tem que estar chamando, tem que estar buscando, fazendo atividade. Ser referência dentro da escola, tanto para os estudantes quanto [...] os profissionais e [...] a comunidade.

Pergunta 3: O que você entende por comunidade?	
Grupamento das expressões-chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
Partic01 – Todos [...] que participam ativamente [...] tendo os mesmos objetivos	Congrega pessoas com Participação ativa
Partic01 – Comunidade escolar, [...] professores, alunos, funcionários, [...] todos focados num único objetivo, [...] a educação	
Partic02 – Comunidade escolar [...] são os alunos, [...] professores, [...] bibliotecários, [funcionários da] secretaria, [...] faxineiras	
Partic03 – A gente vive em comunidade, a comunidade escolar. [...] engloba [...] os pais, [...] professores, [...] outros trabalhadores da escola e os alunos	
Partic05 – Comunidade escolar [...] estudante [...] os pais, [...] comunidade em torno dessa escola, professores, funcionários	Comunidade escolar
Partic06 – É família, é professor, é direção, é equipe pedagógica	
Partic07 – A comunidade escolar, [...] os estudantes, os funcionários, [...] professores, [...] pais dos estudantes, todas as pessoas que circundam nesse ambiente. [...] mas cada um tem seu papel dentro dessa comunidade,	
Partic08 – As pessoas que estão no meu entorno. [...] os [...] alunos [...] os pais, familiares [...] e [...] funcionários da escola	
Partic02 – Um grupo, [...] de pessoas, que têm uma convivência durante, [...] bastante tempo, [...] têm os mesmos serviços à disposição	
Partic03 – Tudo que nos cerca	Grupos de pessoas convivendo juntas
Partic04 – Todos os grupos [...] comunidade exterior, a comunidade do [...] bairro, a comunidade escolar, a comunidade de professores	
Partic07 – Um grupo de pessoas que divide o mesmo espaço [...] e que tem interesses em comum [...]. Um bairro é uma	

<i>comunidade, [...] E dentro da comunidade tem [...] comunidades</i>	
Partic02 – <i>Tem [...] a comunidade do [bairro][...] onde a escola está inclusa</i>	Comunidade externa
Partic03 – <i>E [...] um aspecto maior, a nossa sociedade</i>	

DSC PERGUNTA 3:

Todos [...] que participam ativamente [...] tendo os mesmos objetivos pode ser definido como comunidade [...]. Um grupo [...] de pessoas, que tem uma convivência durante [...] bastante tempo, [...] tem os mesmos serviços à disposição [...]. Que divide o mesmo espaço [...] e que tem interesses em comum [...]. Um bairro é uma comunidade, [...] e dentro da comunidade tem [...] comunidades. A [...] comunidade exterior, a comunidade do [...] bairro, a comunidade escolar. A gente vive em comunidade; a comunidade escolar [...]. Ela engloba [...] os pais, [...] professores, [...] outros trabalhadores da escola [...] os alunos [...] bibliotecários, [funcionários da] secretaria, [...] faxineiras [...] [...] todos focados num único objetivo: [...] a educação. [...] São todas as pessoas que circundam nesse ambiente, [...] as pessoas que estão no meu entorno [...] em torno dessa escola. E [...] cada um tem seu papel dentro dessa comunidade.

Pergunta 4: No dia a dia como você se relaciona com as pessoas da comunidade escolar?	
Grupamento das expressões-chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
Partic01 – <i>Eu tenho [...] uma boa relação com todos, mas nem todos têm uma boa relação com a biblioteca</i>	
Partic02 – <i>Muito bem. Todos me conhecem, eu conheço todo mundo</i>	
Partic03 – <i>Eu me relaciono [...] muito bem. [...] tenho [...] boa convivência com todos [...] os alunos gostam muito desse espaço, gostam bastante de mim.</i>	
Partic04 – <i>Minha relação é muito boa. [...] com os professores, [...] faz [...] com que a biblioteca seja mais valorizada [...]. Tanto professores, quanto direção [...] meus superiores</i>	Tendo bom relacionamento com todos
Partic07 – <i>Tenho uma ótima relação [...] a comunidade escolar é a minha comunidade, também</i>	
Partic08 – <i>Um bom relacionamento com todos. [...] todo mundo é muito simpático [...] atencioso. [...] eu [...] procuro atender a demanda o máximo que eu posso.</i>	
Partic01 – <i>Alunos, [...] tirados de sala de aula, [...] ainda existe, [...] esse espaço para esse fim, [...] muito triste [...] e a palavra castigo [...] está [...] implícita</i>	Discorda do uso da biblioteca para castigar estudantes
Partic02 – <i>Tem crianças [...] que eu vi ser alfabetizada [...] hoje [...] estão [...] pegando literatura brasileira [...] tu vai acompanhando todo esse processo</i>	Acompanhando crescimento dos alunos

<p>Partic02 – Sou muito importante para eles como eles [...] são [...] para mim. Como uma família.</p> <p>Parti06 – Estão sempre aqui na biblioteca [...] tento ajudar no máximo [...] os estudantes, [...] os professores, os auxiliares, a equipe pedagógica</p> <p>Partic07 – Eu tenho uma relação [...] para além de ser [...] o bibliotecário da escola [...]. Sou muito respeitado na comunidade escolar [...] ser uma referência para a comunidade no que é, faz parte do meu trabalho [...] é alguém que se importa, [...] por ser da comunidade</p>	Bibliotecário/biblioteca sendo referência na comunidade
<p>Partic03 – Usam esse espaço não só para a leitura, [...] no intervalo [...] é cheio de muitas crianças que vem ler, [...] jogar [...] conversar [...] é um espaço bem aberto. [...] acolhedor</p> <p>Partic05 – Mostrando que essa biblioteca está aberta à comunidade, chamando ela. [...] é uma biblioteca também comunitária.</p>	Fazendo a biblioteca ser acolhedora e acessível

DSC PERGUNTA 4:

Eu me relaciono muito bem com a comunidade. Todos me conhecem, eu conheço todo mundo, [...] tenho [...] boa convivência com todos, [...] e os alunos gostam muito desse espaço, gostam bastante de mim. [...]. Todo mundo é muito simpático [...] atencioso [...]. Eu [...] procuro atender a demanda o máximo que eu posso [...]. Minha relação [...] com os professores ... [...] tanto professores, quanto direção [...] meus superiores, [...] faz [...] com que a biblioteca seja mais valorizada [...]. A comunidade escolar [...] é a minha comunidade, também [...]. Eu tenho uma relação [...] para além de ser [...] o bibliotecário da escola [...]. Sou muito respeitado na comunidade escolar [...], uma referência para a comunidade no que é, faz parte do meu trabalho, [...] alguém que se importa, [...] por ser da comunidade [...]. Sou muito importante para eles como [...] são [...] para mim. Como uma família [...]. Tem crianças [...] que eu vi ser alfabetizada [...] e hoje [...] estão [...] pegando literatura brasileira [...]. Tu vai acompanhando todo esse processo [...]. Estão sempre aqui na biblioteca [...]. Tento ajudar no máximo [...] os estudantes, [...] os professores, os auxiliares, a equipe pedagógica [...]. Usam esse espaço não só para a leitura. [...] No intervalo [...] é cheio de muitas crianças que vem ler, [...] jogar [...] conversar [...] ...é um espaço bem aberto e [...] acolhedor [...]. You mostrando que essa biblioteca está aberta à comunidade, chamando ela [...]. É uma biblioteca também comunitária. Eu só não gosto de ver os alunos, [...] tirados de sala de aula. [...] Ainda existe [...] esse espaço para esse fim [...]. É muito triste [...] e a palavra castigo [...] está [...] implícita.

Pergunta 5: De quais formas você percebe que contribui para a construção de conhecimento na comunidade?	
Grupamento das expressões-chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
Partic01 – Uma escuta atenta	
Partic03 – Conversando muito com eles [...] interagindo, sabendo o que [...] gostam, [...] querem, o que [...] estão vendendo, [...] assistindo	Pela escuta atenta ao usuário

<p>Partic01 – Mediação [...] já que [...] a biblioteca [...] possui [...] conhecimentos [...] formatados e disponibilizados, né, [...] o conhecimento [...] está em todo lugar [...] da escola</p> <p>Partic04 – Fazendo atividade, conversando com os alunos, [...] com os professores. Pesquisando, ajudando nas pesquisas</p> <p>Partic07 – Do trabalho [...] na biblioteca. [...] sempre busco nas histórias trazer questões da atualidade, [...] para refletir [...] e deixar que os alunos façam essa parte... que é [...] adquirir [...] conhecimento</p> <p>Partic08 – Levando [...] informação que [...] estão precisando no momento.</p>	Pela mediação do bibliotecário
<p>Partic02 – Pela procura deles [...] por mim [...] me perguntando as coisas. Então [...] sou importante para eles</p> <p>Partic02 – Ainda mais hoje [...] que o hábito da leitura [...], é tudo. Eles têm que ter</p>	Pela importância dada ao bibliotecário
<p>Partic04 – Incentivando a leitura</p> <p>Partic07 – O professor em sala de aula tem que dar conta de um currículo. Na biblioteca a gente não tem essa obrigatoriedade. [...] a biblioteca [...] tem [...] potencial de reflexão através da literatura.</p>	Por incentivar à leitura
<p>Partic03 – Atualizando o acervo. Tornando a biblioteca um lugar atrativo</p> <p>Partic05 – É mostrando [...] que [...] [a biblioteca] é de todo mundo, [...] que [...] podem ocupar esse espaço, [...] é estar sempre aberto, [...] para todas as atividades de sala, de pesquisa [...] da escola [...] olhando para o todo</p>	Por ter acervo atualizado
<p>Partic06 – A gente está sempre alinhado a fazer projetos, [...] ano passado [...] foi o ano que eles mais leram. E teve [...] “troca” [de informações sobre livros e as leituras] [...] com a comunidade, [...] a gente faz um bom trabalho, [...] para a comunidade</p>	Por estar sempre disponível a comunidade

DSC PERGUNTA 5:

A minha contribuição na construção de conhecimento vem do trabalho [...] na biblioteca. [...]. Pela mediação, [...] já que [...] a biblioteca [...] possui [...] conhecimentos [...] formatados e disponibilizados, mas [...] o conhecimento [...] está em todo lugar [...] da escola [...]. Fazendo atividade, conversando com os alunos, [...] com os professores. Pesquisando, ajudando nas pesquisas [...]. Sempre busco nas histórias trazer questões da atualidade, [...] para refletir [...] e deixar que os alunos façam essa parte... que é [...] adquirir [...] conhecimento, [...] levando [...] informação que [...] estão precisando no momento [...]. Com uma escuta atenta [...] conversando muito com eles [...] interagindo, sabendo o que [...] gostam, [...] querem, o que [...] estão vendo, [...] assistindo [...]. Atualizando o acervo. Tornando a biblioteca um lugar

atrativo [...] incentivando a leitura [...], ainda mais hoje [...] que o hábito da leitura [...], é tudo. Eles têm que ter [...]. O professor em sala de aula tem que dar conta de um currículo. Na biblioteca a gente não tem essa obrigatoriedade [...]. A biblioteca [...] tem [...] potencial de reflexão através da literatura [...]. Há a procura deles [...] por mim, [...] me perguntando as coisas. Então, [...] sou importante para eles [...]. Mostrando [...] que [...] [a biblioteca] é de todo mundo, [...] que [...] podem ocupar esse espaço. [...] É estar sempre aberto, [...] para todas as atividades de sala, de pesquisa [...] da escola [...] olhando para o todo [...]. A gente está sempre alinhado a fazer projetos, [...] ano passado [...] foi o ano que eles mais leram. E teve [...] “troca” [de informações sobre livros e as leituras] [...] com a comunidade [...]. A gente faz um bom trabalho [...] para a comunidade.

Pergunta 6: A comunidade costuma dar retorno sobre o seu trabalho? E qual a relevância deste retorno no âmbito pessoal e profissional?

Grupamento das expressões-chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
Partic01 – Anos atrás, [...] eu [...] tive os feedbacks [...] uma questão [...] da direção para saber [...] o clima [...] organizacional, [...] professores, alunos e tudo mais. [...] nesse último ano [...] não observei isso, mas [...] existia um retorno	
Partic03 – Costumam.	
Partic04 – Dos professores [...] eu tenho [...] retorno, quando entro em contato [...] e quero fazer uma atividade, [...] eles me apoiam [...] depois [...] me dão retorno [...] se as crianças gostaram ou não [...] sempre tem um feedback da [...] direção [...] também tem a comunidade dos pais das crianças. [...] olham muito nosso trabalho, e [...] sempre dando um feedback, [...] positivo ou negativo.	
Partic05 – Costuma dar retorno [...]. Nossos professores, [...] fazem questão [...] de vir [...] horários que eles têm [...] os estudantes [...] abordam a gente nos corredores [...] os pais [...] ficam surpresos quando sabem que [...] podem [...] fazer parte desse espaço	Sim, tem retorno
Partic06 – Todo dia eu tenho essa troca com a comunidade. [...] no mercado, e na padaria [...] tenho esse retorno direto [...]. Na escola, [...] tenho [...] ótima relação com os professores, [...] para acessar o ambiente da biblioteca, [...] os pais vêm buscar livros para os filhos,	
Partic07 – Dos estudantes, o retorno é muito legal	
Partic08 – Algumas [...] dão [...] retorno, [...] nos reconhecem	
Partic01 – Interessante na questão profissional, saber que o [...] seu trabalho, [...] a tua presença na biblioteca [...] escola [...] faz [...] sentido, para [...] comunidade, [...] porque financeiro, [...] não é tão relevante	É interessante profissionalmente

Partic02 – Não é sempre, [...] mas, [...] eu percebo pelos pais dos alunos quando [...] a biblioteca é comunicada, [...] do aluno [...] que atrasou livros [...] e [...] outras situações. [...] pais me comunicam de [...] história que [...] contei que as crianças chegaram em casa falando e [...] da importância de levar o livro	Não é sempre, mas percebe pelos membros da comunidade
Partic02 – O retorno da escola, [...] não é muito	Pouco retorno abertamente da escola
Partic02 – Superar cada ano o número de empréstimo, se as crianças estão lendo mesmo, o que está sendo feito, a parceria com os professores.	Reconhecimento no trabalho sendo melhorado a cada ano
Partic03 – Às vezes, [...] eu sinto essa necessidade de um reconhecimento maior, [...] mas [...] sempre tem, [...] por parte dos alunos, [...] dos pais, e [...] da escola.	Mas há necessidade de retorno maior
Partic03 – Reconhecimento [...] eu estar aqui [...] nesse ambiente, é importante	
Partic05 – E esse retorno me estimula a continuar e fazer [...] mais	O reconhecimento é importante
Partic07 – Dá uma satisfação profissional muito grande e pessoal, [...] a minha abordagem é essa [...] tem [...] essa [...] relação de pertencimento com a escola e com a comunidade [...] quando [...] a gente tem um objetivo [...] e alcança [...] fico super feliz [...]. A minha satisfação é no atendimento aos estudantes, estar com eles constantemente, trabalhando, atendendo	
Partic07 – Eles não são avaliados pela aula da biblioteca, [...], a biblioteca é para vir. Um momento de fruição [...] de prazer, [...] de leitura.	Entende a biblioteca como espaço de fruição

DSCs PERGUNTA 6:

DSC1

Dos professores [...] eu tenho [...] retorno quando entro em contato [...] e quero fazer uma atividade, [...] eles me apoiam [...]. Depois [...] me dão retorno [...] se as crianças gostaram ou não [...]. Sempre tem um feedback da [...] direção, [...] também tem a comunidade dos pais das crianças. [...] olham muito nosso trabalho, e [...] sempre dando um feedback, [...] positivo ou negativo [...]. Nossos professores, [...] fazem questão [...] de vir [...] nos horários que eles têm, [...] os estudantes [...] abordam a gente nos corredores, [...] o retorno deles é muito legal [...]. Os estudantes não são avaliados pela aula da biblioteca, [...], a biblioteca é para vir. Um momento de fruição [...] de prazer, [...] de leitura. [...]. Os pais [...] ficam surpresos quando sabem que [...] podem [...] fazer parte desse espaço, [...] dão [...] retorno, [...] nos reconhecem [...]. Todo dia eu tenho essa troca com a comunidade [...]. No mercado, [...] na padaria ... [...] tenho esse retorno direto [...]. Na escola, [...] tenho [...] ótima relação com os professores, [...] para acessar o ambiente da biblioteca, [...] os pais vêm buscar livros para os filhos [...]. Dá uma satisfação profissional muito grande e pessoal [...]. A minha abordagem é essa, [...] tem [...] essa [...] relação de pertencimento com a escola e com a comunidade [...]. Quando [...] a

gente tem um objetivo [...] e alcança [...] fico super feliz [...]. A minha satisfação é no atendimento aos estudantes, estar com eles constantemente, trabalhando, atendendo [...]. O reconhecimento, [...] por eu estar aqui [...] nesse ambiente, é importante [...]. E esse retorno me estimula a continuar e fazer [...] mais.

DSC2

Anos atrás, [...] eu [...] tive os feedbacks [...], uma questão [...] da direção para saber [...] o clima [...] organizacional, [...] entre professores, alunos e tudo mais [...]. Nesse último ano [...] não observei isso, mas [...] existia um retorno [...]. Não é sempre, [...] mas [...] eu percebo pelos pais dos alunos quando [...] a biblioteca é comunicada, [...] do aluno [...] que atrasou livros [...] e [...] outras situações [...]. Pais me comunicam de [...] história que [...] contei que as crianças chegaram em casa falando e [...] da importância de levar o livro [...]. O retorno da escola [...] não é muito [...]. Às vezes, [...] eu sinto essa necessidade de um reconhecimento maior, [...] mas [...] sempre tem, [...] por parte dos alunos, [...] dos pais, e [...] da escola [...]. É interessante na questão profissional, saber que o [...] seu trabalho, [...] a tua presença na biblioteca, [...] na escola [...] faz [...] sentido para a [...] comunidade, [...] porque financeiro, [...] não é tão relevante [...]. Mas superar cada ano o número de empréstimo, se as crianças estão lendo mesmo, o que está sendo feito, é a parceria com os professores.

Pergunta 7: Quais desafios você tem enfrentado atuando na biblioteca desta escola?

Grupamento das expressões-chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
Partic01 – Cultura [...] de que a biblioteca é [...] espaço que [...] posso deixar o aluno que está incomodando [em sala]	Uso da biblioteca como espaço de castigo
Partic01 – Desafio [...] pessoal [...] não entrar em rotinas, né? [...] reinventar, criar coisas diferentes, chamar a atenção [...] dos alunos [...] pra coisas que estão mais no dia a dia [...] de formas diferentes	Poder se atualizar para não se acomodar
Partic05 – Sempre buscar me atualizar, não me acomodar, [...] que [...] não me enquadre, [...] não fique [...] só no meu espaço [...] pensando na minha caixinha [...] olhar o que está se pedindo hoje em dia, o que [...] estudantes estão querendo [...] consumir.	
Partic01 – Possam perceber que [...] o espaço [...] da biblioteca [...] vai além [...] de [...] pesquisa no computador, nos livros [...] ambiente [...] da comunidade [...] socializar.	Mostrar que a biblioteca vai além do acervo
Partic02 – Sempre tem [...] espaço físico, [...] atualmente [...] maior desafio, [...] a escola cresceu muito rápido, [...] não tem uma sala maior, [...] tem [...] turmas que são [...] grandes, [...] impossível de trazer	Espaço físico insuficiente
Partic05 – Também [...] problemas de estrutura [...] tem uma biblioteca bem pequena, e [...] um acervo bem grande	
Partic02 – Tem [...] aquisição de livros [...] o número não é o quanto [...] gostaria	Adquirir livro

Partic04 – A questão financeira [...] os livros são muito caros, [...] e a gente precisa de [...] livros em inglês [...] são extremamente caros	
Partic02 – Fico conversando com a coordenação, com a diretoria, [...] passo [...] o que [...] gostaria que fosse feito. [...] eles têm consciência das coisas [...] isso [...] é importante [...] para [...] tomarem as providências	Mostrar as demandas para a escola e ser atendida
Partic03 – Um desafio [...] principalmente depois da pandemia [...] reconquista dos leitores [...] perdi muitos [...] aqueles que eram mais difíceis de conquistar, não gostavam de ler, [...] tinham uma resistência maior, [...] voltaram com uma [...] maior ainda	Relação com a comunidade após a pandemia da Covid19
Partic07 – Passei pela pandemia [...] foi o reaprender [...] para não [...] perder o contato com os estudantes	
Partic03 – O celular, as redes sociais [...] computador, [...] fez com que [...] se perdessem nesse caminho, [...] a concentração, [...] a [...] luta agora é essa [...]. Eles voltaram da pandemia todos tem celular.	
Partic08 – Trazer o aluno para o momento presente [...] para o livro [...]. Estão muito vinculados à eletrônicos	Uso das tecnologias
Partic06 – A competição entre o tecnológico e [...] a leitura [...] às vezes eles estão [...] com o celular no joguinho, [...] tenho que [...] puxar [...] para o ler	
Partic07 – Eu estava começando a carreira, era muito jovem, [...] não sabia o que era trabalhar em biblioteca escolar. [...] minha formação não tinha dado conta disso	Se atualizar, pois o currículo não deu conta
Partic07 – Quando eu cheguei era totalmente diferente do que eu trabalhava [...] não frequentavam tanto [...] eu fui conquistando eles [...] eles não entravam	Conquistar os estudantes

DSC PERGUNTA 7:

Aqui, o desafio [...] pessoal [...] é não entrar em rotinas, né? [...] Se reinventar, criar coisas [...], chamar a atenção [...] dos alunos [...] pra coisas que estão mais no dia a dia, [...] de formas diferentes [...]. Sempre buscar me atualizar, não me acomodar, [...] que [...] não me enquadre, [...] não fique [...] só no meu espaço [...] pensando na minha caixinha [...]é olhar o que está se pedindo hoje em dia, o que [...]os estudantes estão querendo [...] consumir [...]. Outro desafio é a cultura [...] de que a biblioteca é [...] espaço que [...] posso deixar o aluno que está incomodando [em sala] [...]. O celular, as redes sociais, [...] computador, [...] a competição entre o tecnológico e [...] a leitura [...] que fez com que [...] se perdessem nesse caminho, da [...] concentração, e [...] a [...] luta agora é essa [...]. Eles voltaram da pandemia todos tem celular [...]. Trazer o aluno para o momento presente, [...] para o livro [...]. Estão muito vinculados à eletrônicos [...]. Às vezes eles estão [...] com o celular no joguinho, [...] tenho que [...] puxar [...] para o ler [...]. Tem [...] aquisição de livros [...] que o número não é o quanto [...] gostaria [...]. A questão financeira [...] os livros são muito caros, [...] e a gente precisa de [...] livros em inglês [...] que são extremamente caros [...]. Espaço físico, [...] é o maior desafio, [...] a escola cresceu muito rápido, [...] não tem uma sala maior, [...] tem [...] turmas que são [...] grandes, [...] impossível de trazer. [...] Problemas de estrutura [...] ter uma biblioteca bem pequena, e [...] um acervo bem grande [...]. Um desafio [...] principalmente

depois da pandemia, [...] é a reconquista dos leitores, [...] perdi muitos [...]. Aqueles que eram mais difíceis de conquistar, não gostavam de ler, [...] tinham uma resistência maior, [...] voltaram com uma [...] maior ainda, e [...] o reprender [...] para não [...] perder o contato com os estudantes [...]. Quando estava começando a carreira, era muito jovem, [...] não sabia o que era trabalhar em biblioteca escolar [...]. Minha formação não tinha dado conta disso, e quando eu cheguei era totalmente diferente do que eu trabalhava [...] não frequentavam tanto [...]. Eu fui conquistando eles, [...] porque não entravam [...]. Fico conversando com a coordenação, com a diretoria, [...] passo [...] o que [...] gostaria que fosse feito. [...] eles têm consciência das coisas [...] e isso [...] é importante [...] para [...] tomarem as providências. Para que possam perceber que [...] o espaço [...] da biblioteca [...] vai além [...] de [...] pesquisa no computador, nos livros, ...é um [...] ambiente [...] para a comunidade [...] socializar.

Pergunta 8: O que tem facilitado a sua atuação nesta escola?	
Grupamento das expressões-chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
Partic01 – <i>A direção, [...] deixa bem aberto [...] esse processo de criar, [...] inovar</i>	
Partic02 – <i>É a liberdade [...] coordenação [...] deixa [...] os professores [...] o bibliotecário [...] bem livres, para [...] apresentar ideias, [...] fazer, [...] pedem que informem [...] mas sempre apoiam, [...] Cada ano você pode mudar, [...] melhorar [...] a coordenação [...] é muito fácil de lidar</i>	Apoio da escola para atuar da forma que quiser
Partic03 – <i>A escola [...] me dá [...] abertura, [...] possibilidade [...] tenho [...] autonomia, em relação ao acervo, o que fazer, o que tirar.</i>	
Partic03 – <i>A minha comunicação tanto com os professores quanto com os alunos.</i>	
Partic04 – <i>A direção [...] a gente tem acesso [...] a eles [...] a relação interpessoal [...], é muito boa e [...] faz com que o nosso trabalho flua melhor.</i>	
Partic07 – <i>É a [...] comunidade escolar [...]. Nossa grupo de trabalho é muito bom [...] os professores são engajados [...] querem participar [...]. Eu não tenho medo de trabalhar nenhuma das obras que eu trabalho</i>	A comunicação com a comunidade
Partic08 – <i>Conheço a maioria [...] isso facilita na minha interação</i>	
Partc05 – <i>Tive [...] auxiliar [...] na biblioteca [...] tem contribuído bastante [...] pedagoga [...] tem complementado</i>	Equipe
Partic05 – <i>A experiência [...] conta</i>	Experiência profissional
Partic08 – <i>Tempo que eu estou nessa escola</i>	
Partic06 – <i>A parceria, [...] se não tem [...] não consegue trabalhar, [...] desenvolver, [...] fazer projeto</i>	Parceria
Partic07 – <i>Verba destinada à compra de livros [...] criou um acervo legal</i>	A aquisição de livros

DSC PERGUNTA 8:

A escola [...] me dá [...] abertura, [...] possibilidade, [...] tenho [...] autonomia, em relação ao acervo, o que fazer, o que tirar [...]. A direção, [...] deixa bem aberto [...] esse processo de criar, [...] inovar [...] deixa [...] os professores [...] o bibliotecário [...] bem livres, para [...] apresentar ideias, [...] fazer [...]. Pedem que informem [...], mas sempre apoiam [...]. Cada ano você pode mudar, [...] melhorar [...]. A coordenação [...] é muito fácil de lidar [...]. A gente tem acesso [...] a eles, [...] a relação interpessoal [...] é muito boa e [...] faz com que o nosso trabalho flua melhor [...]. A verba destinada à compra de livros [...] criou um acervo legal [...]. Parceria, [...] se não tem [...] não consegue trabalhar, [...] desenvolver, [...] fazer projeto [...]. Nossa grupo de trabalho é muito bom, [...] os professores são engajados e [...] querem participar [...]. Eu não tenho medo de trabalhar nenhuma das obras que eu trabalho [...]. Isso facilita na minha interação [...], minha comunicação tanto com os professores quanto com os alunos [...]. Eu tive [...] auxiliar [...] na biblioteca [...] contribuiu bastante [...]. E o tempo que eu estou nessa escola [...]. A experiência [...] conta.

Pergunta 9: Você tem aspirações para esta biblioteca? Pode falar sobre isto?	
Grupamento das expressões-chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
Partic01 –Algumas, mas [...] ainda não [...] possíveis de [serem] concretizadas [...] são aspirações mais pessoais	Algumas. Aspirações pessoais quanto a atuação profissional
Partic02 – Uma [...] espaço físico [...] quero [...] fazer uma biblioteca bem maior, [...] mais acessível [...]. Outra [...] a parte individual de estudo, [...] quem quer estudar, [...] tem mais dificuldade, precisa desse lugarzinho silencioso,	
Partic03 – Que ela fosse bem maior. [...] a biblioteca [...] não comporta mais a quantidade de alunos que a gente tem. [...] apesar de ser um espaço acolhedor, [...] não é mais tão aconchegante, [...] ampliaram [...] já tive [...] propostas de espaços novos, mas aqui [...] bem úmido. Então [...] inviável	Ampliação do espaço físico
Partic04 – A [...] biblioteca era bem pequenininha. [...] a escola está crescendo muito. [...] a [...] ideia é ampliar, fazer novas atividades, comprar novos livros	
Partic03 – Queria que ampliasse, [...] o [...] acervo é bom, é [...] crescente. Todo ano [...] tenho que fazer [...] remanejamento de livros, [...] uma loucura [...] me desfazer [...] geralmente [...] eles procuram no ano seguinte. É incrível. [...] então, [...] esse processo todo [...], de acervo, de retirada, do que colocar, é um processo difícil	Ampliação para melhoria do acervo
Partic04 – Conseguir [...] uma auxiliar [...] para a biblioteca	Ter auxiliar de biblioteca
Partic07 – Estou muito sozinho. [...] é legal ter outra pessoa	

Partic04 – Crescer como profissional, [...] oferecer um bom trabalho [...] para os professores e para os nossos alunos, principalmente	Crescimento profissional para atender a comunidade
Partic05 – Que continue [...] trabalho comunitário [...] gostaria de atingir muito mais do que eu atinjo, com as famílias	Conquistar ainda mais a comunidade
Partic05 – Que essa biblioteca fosse referência cultural, na comunidade.	Biblioteca como espaço de referência
Partic06 – Eu gostaria de ter puff, almofada, tapete, [...] mais acessível, [...] um acervo [...] mais visual [...] para eles olharem	Um espaço acolhedor e convidativo
Partic07 – Voltar com os clubes que [...] tinha. [...] não consegui mais fazer, [...] eu não tenho ninguém [...] para fazer todo [...] trabalho mais manual da biblioteca	Ter mais tempo para projetos
Partic08 – O sonho que está [...] começando [...] é a informatização [...] deixar computadores à disposição para pesquisa	Trazer tecnologias para a biblioteca

DSC PERGUNTA 9:

Tenho aspirações. Algumas [...], não [...] possíveis de [serem] concretizadas [...]. Aspirações mais pessoais [...] crescer como profissional, [...] oferecer um bom trabalho [...] para os professores e para os nossos alunos, principalmente [...]. Espaço físico [...]. Quero [...] fazer uma biblioteca bem maior, [...] mais acessível [...]. Outra [...] é a parte individual de estudo, [...] quem quer estudar, [...] tem mais dificuldade, precisa desse lugarzinho silencioso [...]. Que ela fosse bem maior [...]. A biblioteca [...] não comporta mais a quantidade de alunos que a gente tem [...]. Apesar de ser um espaço acolhedor, [...] não é mais tão aconchegante [...]. Já ampliaram, [...] já tive [...] propostas de espaços novos, mas é [...] bem úmido. Então [...] inviável [...]. A [...] biblioteca era bem pequeninha. [...] a escola está crescendo muito [...]. A [...] ideia é ampliar, fazer novas atividades, comprar novos livros [...]. Queria que ampliasse, [...] porque o [...] acervo é bom, é [...] crescente. Todo ano [...] tenho que fazer [...] remanejamento de livros, [...] é uma loucura [...] me desfazer, [...] e geralmente [...] eles procuram no ano seguinte. É incrível. [...] então, [...] esse processo todo [...], de acervo, de retirada, do que colocar, é um processo difícil [...]. Eu gostaria de ter puff, almofada, tapete, [...] ter a biblioteca mais acessível, [...] um acervo [...] mais visual [...] para eles olharem [...]. Conseguir [...] uma auxiliar [...] para a biblioteca [...], porque estou muito sozinho, [...] é legal ter outra pessoa [...]. Voltar com os clubes que [...] tinha, que [...] não consegui mais fazer, [...] pois eu não tenho ninguém [...] para fazer todo [...] trabalho mais manual da biblioteca [...]. O sonho que está [...] começando [...] que é a informatização, [...] deixar computadores à disposição para pesquisa [...]. Que continue [...] o trabalho comunitário, [...] gostaria de atingir muito mais do que eu atinjo, com as famílias [...] e que essa biblioteca fosse referência cultural, na comunidade.

Pergunta 10: Ao ouvir a expressão “Nova Biblioteconomia”, o que imediatamente vem a sua mente?	
Grupamento das expressões-chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
Partic01 – <i>Uma forma de ver o profissional bibliotecário [...], mas eu acho que [...] é [...] atuação do bibliotecário, dentro da biblioteca [...] um posicionamento</i>	Nova forma de atuação do bibliotecário
Partic05 – <i>Perceber, que se [...] as bibliotecas ficarem paradas guardando seus livros, [...] ela vai ficar bem esquecidinha [...]. Precisa desse olhar da cultura, [...] abranger mais do que ser apenas [...] guarda.</i>	
Partic02 – <i>Biblioteca diferenciada, mais humanizada [...]. Você conhecer cada um, [...] tratar com [...] carinho, uma aproximação diferente [...] perguntar, de responder, [...] rir, [...] se importar, [...] contar [...] o que está sentindo [...] não é tratar como um número, é só mais um usuário, [...] mais um empréstimo, [...] é [...] conversa, dar sugestões de livros, perguntar depois, [...] acredito que a biblioteca, [a] Nova Biblioteca é como se fosse uma família</i>	Uma aproximação com o usuário
Partic07 – <i>Penso numa Biblioteconomia renovada, [...] que não seja tão voltada à técnica, aos códigos, [...] pensar mais nos espaços, nas pessoas que frequentam esses espaços. [...] olhar mais social [...] mais voltado para as pessoas</i>	
Partic03 – <i>Seria aprender a lidar com [...] esse novo mercado que está se abrindo no sentido de [...] diversificação de plataformas [...] de [...] livros [...] pegar um kindle, ou algo [...] do gênero. [...] no sentido, [...] biblioteca escolar, uma Nova Biblioteconomia seria [...] essa nova adaptação, [...] para uma nova plataforma</i>	Adaptação da biblioteca para novas plataformas
Partic04 – <i>Mas eu acredito que seja [...] voltada para à tecnologia</i>	Uso das novas tecnologias para bibliotecas
Partic06 – <i>A gente está sempre buscando essa Nova Biblioteconomia</i>	
Partic08 – <i>Eu estou muito curiosa, que para mim é uma novidade [...] fiquei muito curiosa.</i>	Não sabe dizer

DSC PERGUNTA 10:

“Nova Biblioteconomia”, penso numa Biblioteconomia renovada, [...] que não seja tão voltada à técnica, aos códigos, [...] pensar mais nos espaços, nas pessoas que frequentam esses espaços [...]. Um olhar mais social [...] mais voltado para as pessoas [...]. Biblioteca diferenciada, mais humanizada [...]. Você conhecer cada um, [...] tratar com [...] carinho, uma aproximação diferente [...] perguntar, responder, [...] rir, [...] se importar, [...] contar [...] o que está sentindo [...]. Não é tratar o usuário como um número, é só mais um usuário, [...] só mais um empréstimo, [...] é [...] conversa, dar sugestões de livros, perguntar depois [...]. Acredito que a biblioteca, [a] Nova Biblioteca é como se fosse uma família. Uma nova forma de ver o

profissional bibliotecário [...], mas eu acho que [...] é [...] sobre a atuação do bibliotecário, dentro da biblioteca [...]. Um posicionamento [...]. Perceber, que se [...] as bibliotecas ficarem paradas guardando seus livros, [...] ela vai ficar bem esquecidinha [...]. Precisa desse olhar da cultura, [...] abranger mais do que ser apenas [...] guarda [...]. Ou eu acredito que seja [...] voltada para à tecnologia [...]. Seria aprender a lidar com [...] esse novo mercado que está se abrindo no sentido de [...] diversificação de plataformas [...] de [...] livros [...] pegar um kindle, ou algo [...] do gênero [...]. No sentido, [...] biblioteca escolar, uma Nova Biblioteconomia seria [...] essa nova adaptação, [...] para uma nova plataforma [...]. A gente está sempre buscando essa Nova Biblioteconomia [...], eu estou muito curiosa, que para mim é uma novidade.

Pergunta 11: Para você como a biblioteca escolar pode ser proativa, colaborativa e transformadora?	
Grupamento das expressões-chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
Partic01 – Transformando ela num espaço social, sociável	
Partic03 – Fazer com que a biblioteca seja um lugar [...] aconchegante, acolhedor, [...] que todos se sintam à vontade para vir, sem [...] obrigação de ler, mas [...] ao longo do tempo, [...] vão usar esse espaço para leitura.	Sendo um espaço social
Partic07 – Espaço que cresce, [...] que é dinâmico [...] tem o potencial lúdico	
Partic01 – Mais [...] proativo, [...] o espaço da biblioteca, [...] o profissional bibliotecário [...] observando [...] as demandas	Com atividade profissional do bibliotecário
Partic01 – Um espaço, [...] de apoio, pedagógico [...] para o processo educacional	
Partic08 – Biblioteca tem que ser um ponto de apoio, um ponto de referência [...] eu tenho que apoiar os projetos que acontecem na escola e disponibilizar materiais, acervo, informação para que [...] funcione, [...] tem que ser uma [...] referência	Dando apoio ao processo educacional
Partic01 – Posso ter milhares de ideias. Mas [...] se [...] não tiver um suporte, que sustente [...] elas não serão concretizadas	
Partic03 – Que [...] tenham [...] acesso [...] e que aqui tenho material de interesse para todos [...]. Nem sempre, [...] mas [...] através de uma conversa, [...] consegue chegar a um consenso. Quando [...] precisam de algum material específico, [...] se eu não tenho [...] aqui, eu busco em outro lugar, até em outras bibliotecas.	Bibliotecário sendo proativo
Partic04 – Proativa no sentido de [...] correr atrás de coisas, de atividades, que [...] possa desenvolver com [...] os alunos, [...] colaborativa é [...] ser parceira [...] estar sempre disposta a ajudar, colaborar com as atividades em geral, dos professores	

<i>e alunos, [...] com a sociedade também [...] sempre [...] participando de tudo [...]. sempre disposto [...] participar</i>	
Partic02 – <i>Sendo um lugar aconchegante, [...] onde o jovem, [...] adolescente queira vir, independente se o livro é digital, [...] impresso, que ele goste de estar ali.</i>	Sendo aconchegante
Partic02 – <i>É [...] muito importante [...] a gente conquistar o hábito da leitura [...]. Não adianta forçar alguém [...] tem que ter a vontade de ler</i>	Incentivando a leitura
Partic04 – <i>Fazer com que as crianças gostem, [...] porque é difícil, criança gostar da leitura [...] transformar, [...] fazer essa mudança.</i>	
Partic02 – <i>Procuro sempre me atualizar [...] de tudo, [...] fico conversando muito com eles [...] acompanho eles do infantil até saírem da escola [...] tem [...] parte boa</i>	
Partic03 – <i>Esse trabalho da forma como eu desenvolvo, [...] consigo alcançar todos esses [...] quesitos. [...] a comunicação com os pais, [...] e os filhos, alunos, e a comunidade escolar, em si</i>	Conversando com a comunidade escolar
Partic05 – <i>Sendo acessível [...] a comunidade no geral, [...] buscar [...] parcerias [...] não apenas [...] dentro da escola, com autores, com universidades</i>	
Partic06 – <i>Incentivar o estudante, a comunidade, a buscar informação [...]. Tento colocar neles essa vontade de não parar.</i>	
Partic06 – <i>As parcerias, os projetos, [...] casar mais [...] não só a biblioteca enquanto livro</i>	Tendo parcerias
Partic07 – <i>Biblioteca escolar, [...] tem um grande potencial que às vezes não é explorado [...]. É culpa lá da base da formação, que não mostra esse potencial [...] se tivesse esse olhar na formação, [...] acho que formaríamos profissionais muito mais proativos</i>	Melhorando a formação basilar sobre BE

DSC PERGUNTA 11:

A biblioteca escolar pode ser proativa, colaborativa e transformadora sendo um lugar aconchegante, [...] onde o jovem, [...] adolescente queira vir, independente se o livro é digital, [...] impresso, que ele goste de estar ali [...]. Fazer com que a biblioteca seja um lugar [...] aconchegante, acolhedor, [...] que todos se sintam à vontade para vir, sem [...] obrigação de ler, mas [...] ao longo do tempo, [...] vão usar esse espaço para leitura [...]. Transformando ela num espaço social, sociável, [...] porque é um espaço que cresce, [...] que é dinâmico [...] tem [...] potencial lúdico [...]. É [...] muito importante [...] a gente conquistar o hábito da leitura [...]. Não adianta forçar alguém [...] tem que ter a vontade de ler [...]. É preciso fazer com que as crianças gostem, [...] porque é difícil, criança gostar da leitura [...]. É preciso transformar, [...] fazer essa mudança [...], nesse espaço [...] de apoio pedagógico [...] para o processo educacional [...]. Biblioteca tem que ser um ponto de apoio, [...] de referência [...], eu tenho que apoiar os projetos que acontecem na escola e disponibilizar materiais, acervo, informação

para que [...] funcione [...]. Tem que ser uma [...] referência [...]. Que [...] tenham [...] acesso [...] e que aqui tenha [...] material de interesse para todos [...]. Nem sempre terá, [...] mas [...] através de uma conversa, [...] deve-se chegar a um consenso. Quando [...] precisam de algum material específico, [...] se eu não tenho [...] aqui, eu busco em outro lugar, até em outras bibliotecas [...]. A biblioteca escolar é proativa no sentido de [...] correr atrás de coisas, de atividades, que [...] possa desenvolver com [...] os alunos [...]. Colaborativa é [...] ser parceira [...] estar sempre disposto a ajudar, colaborar com as atividades em geral, dos professores e alunos, [...] com a sociedade também, [...] sempre [...] participando de tudo [...]. Ter [...] as parcerias, os projetos, [...] mais [...] não só a biblioteca enquanto livro [...]. Posso ter milhares de ideias. Mas [...] se [...] não tiver um suporte, que sustente, [...] elas não serão concretizadas [...]. Sendo acessível [...] a comunidade no geral, [...] buscar [...] parcerias [...] não apenas [...] dentro da escola, mas com autores, com universidades [...]. Acho que esse trabalho da forma como eu desenvolvo, [...] consigo alcançar todos esses [...] quesitos [...]. Procuro sempre me atualizar [...] de tudo, [...] fico conversando muito com eles [...] e acompanho eles do infantil até saírem da escola [...]. Para ser mais [...] proativo, [...] o espaço da biblioteca, [...] o profissional bibliotecário [...] deve estar observando [...] as demandas [...]. Incentivar o estudante, a comunidade, a buscar informação [...]. Colocar neles essa vontade de não parar [...]. E a biblioteca escolar, [...] tem um grande potencial que às vezes não é explorado [...]. É culpa lá da base da formação, que não mostra esse potencial [...]. Se tivesse esse olhar na formação, [...] acho que formaríamos profissionais muito mais proativos.

Pergunta 12:Fique à vontade caso queira falar algo mais sobre a sua atuação na biblioteca desta escola.

Grupamento das expressões-chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
Partic01 – A biblioteca escolar [...]é um ambiente extremamente ativo, [...] dá inúmeras possibilidades para o profissional bibliotecário atuar. [...] se a escola te dá [...] liberdade, [...] você ser [...] proativo, [...], basta o profissional [...] ter criatividade, querer realmente [...] atuar. É uma experiência bem interessante.	BE dá inúmeras possibilidades de atuação
Partic02 – Eu cai [...] na biblioteca escolar, meio que de cabeça, [...] eu fiz [nome universidade], e [...] não separa biblioteca escolar, é tudo junto [...]. Me formei [...] e [...] sempre trabalhei em biblioteca escolar [...]. A parte infantil, contação de história, [...] essa parte lúdica, [...] fui aprendendo sozinha, [...] fiz alguns cursos, de contação de história, de biblioterapia, procuro estar sempre me atualizando, [...] não é fácil, sabe? Biblioteca escolar, [...] só vivendo isso.	Falta de base na graduação para atuar em biblioteca escolar
Partic08 – Entrei muito verde na escola, sem conhecer uma escola de verdade. Foi muito difícil esse momento de adaptação [...] a gente está passando por uma transformação muito grande [...] principalmente na questão da pesquisa e no uso do espaço da biblioteca	
Partic02 – O bibliotecário tem que ir se atualizando [...] e também [...] ler muito [...] bastante literatura [...] para conversar com eles sobre os livros de interesse, [...] ver [...] os livros mais vendidos, [...] o que tem de novo, [...] alguma notícia,	Proatividade do profissional em estar atualizado

Partic06 – Sempre procurando melhorar [...] enquanto profissional	
Partic03 – Eu gosto muito da Biblioteconomia, apesar de ter [...] ressalvas [...] com relação [...] ao salário, ao fato de não ter um sindicato, da classe, [...] não ser tão unida [...] tem [...] alguns problemas aí a serem [...] resolvidos nesse sentido.	Gosta da profissão apesar de ter ressalvas
Partic03 – É uma profissão bonita, [...] eu faço diferença na vida de algumas pessoas [...] da comunidade escolar [...] maravilhoso.	Sente orgulho em saber que faz diferença na vida das pessoas
Partic08 – Eu acho que quando a gente consegue pegar [...] crianças na fase inicial da leitura e fazer com que elas peguem esse gostinho [...] vai ter um adolescente, um jovem que gosta de ler.	
Partic03 – Tento fazer [...] esse espaço [...] cada vez mais atuante dentro da escola. [...] fazer [...] [a biblioteca] [...] um organismo vivo dentro [...] escola. [...] não adianta ter uma [...], com acervo bom, se ninguém tem acesso [...]. As portas [...] sempre abertas, [...] para que [...] venham [...] jogar, conversar, ler... [...] fundamental.	A biblioteca é um organismo vivo na escola
Partic04 – É essa [...] função, [...] de [...] incentivar a leitura, [...] transformar o seu ambiente, tornar ele [...] agradável, é [...] para que as crianças [...] tenham os livros que [...] gostam, [...] analisar o que a criança quer.	
Partic07 – É muito legal revisitar o seu próprio trabalho [...]. A gente acaba tendo um aporte [...] vai gravando histórias e coisas, [...] gente consegue ter [...] relação com os estudantes [...]. Entrei muito verde na escola, sem conhecer uma [...] de verdade. Foi muito difícil esse momento de adaptação [...]. Eu cai [...] na biblioteca escolar, meio que de cabeça, [...] eu fiz [nome universidade], e [...] não separa biblioteca escolar, é tudo junto [...]. Me formei [...] e [...] sempre trabalhei em biblioteca escolar [...]. A parte infantil, contação de história, [...] essa parte lúdica, [...] fui aprendendo sozinha [...]. Fiz alguns cursos, de contação de história, de biblioterapia, e procuro estar sempre me atualizando [...]. Não é fácil, sabe? Biblioteca escolar, [...] só vivendo isso. E [...] a gente está passando por uma transformação muito grande, [...] principalmente na questão da pesquisa e no uso do espaço da biblioteca [...]. O bibliotecário tem que ir se atualizando [...] e também [...] ler muito, [...] bastante literatura [...] para conversar com eles, os estudantes, sobre os livros de interesse, [...] ver [...] os livros mais vendidos, [...] o que tem de novo, [...] alguma notícia, [...] e sempre procurando melhorar [...] enquanto profissional [...]. Tento fazer [...] esse espaço [...] cada vez mais atuante dentro da escola [...]. Fazer [...] [a biblioteca] [...] um organismo vivo [...]. Não adianta ter uma [...] biblioteca com acervo bom, se ninguém tem acesso [...]. As portas [...] sempre abertas, [...] para que [...] venham [...] jogar, conversar, ler... [...] é fundamental [...]. Essa [...] função, [...] de [...] incentivar a leitura, [...] transformar o seu ambiente, tornar ele [...] agradável, [...] é para que as crianças [...] tenham os livros que [...] gostam, [...] e analisar o que a criança quer [...]. Eu acho que quando a gente consegue pegar [...] crianças na fase inicial da leitura e fazer com que elas peguem esse gostinho, [...] vai ter um adolescente, um jovem que gosta de ler [...]. É uma profissão bonita,	Gostou de relembrar sua trajetória

DSC PERGUNTA 12:

É muito legal revisitar o seu próprio trabalho [...]. A gente acaba tendo um aporte [...] vai gravando histórias e coisas, [...] consegue ter [...] relação com os estudantes [...]. Entrei muito verde na escola, sem conhecer uma [...] de verdade. Foi muito difícil esse momento de adaptação [...]. Eu cai [...] na biblioteca escolar, meio que de cabeça, [...] eu fiz [nome universidade], e [...] não separa biblioteca escolar, é tudo junto [...]. Me formei [...] e [...] sempre trabalhei em biblioteca escolar [...]. A parte infantil, contação de história, [...] essa parte lúdica, [...] fui aprendendo sozinha [...]. Fiz alguns cursos, de contação de história, de biblioterapia, e procuro estar sempre me atualizando [...]. Não é fácil, sabe? Biblioteca escolar, [...] só vivendo isso. E [...] a gente está passando por uma transformação muito grande, [...] principalmente na questão da pesquisa e no uso do espaço da biblioteca [...]. O bibliotecário tem que ir se atualizando [...] e também [...] ler muito, [...] bastante literatura [...] para conversar com eles, os estudantes, sobre os livros de interesse, [...] ver [...] os livros mais vendidos, [...] o que tem de novo, [...] alguma notícia, [...] e sempre procurando melhorar [...] enquanto profissional [...]. Tento fazer [...] esse espaço [...] cada vez mais atuante dentro da escola [...]. Fazer [...] [a biblioteca] [...] um organismo vivo [...]. Não adianta ter uma [...] biblioteca com acervo bom, se ninguém tem acesso [...]. As portas [...] sempre abertas, [...] para que [...] venham [...] jogar, conversar, ler... [...] é fundamental [...]. Essa [...] função, [...] de [...] incentivar a leitura, [...] transformar o seu ambiente, tornar ele [...] agradável, [...] é para que as crianças [...] tenham os livros que [...] gostam, [...] e analisar o que a criança quer [...]. Eu acho que quando a gente consegue pegar [...] crianças na fase inicial da leitura e fazer com que elas peguem esse gostinho, [...] vai ter um adolescente, um jovem que gosta de ler [...]. É uma profissão bonita,

[...] eu faço diferença na vida de algumas pessoas [...] da comunidade escolar [...]. É maravilhoso [...]. Eu gosto muito da Biblioteconomia, apesar de ter [...] ressalvas [...] com relação [...] ao salário, ao fato de não ter um sindicato, da classe [...] não ser tão unida [...]. Tem [...] alguns problemas aí a serem [...] resolvidos nesse sentido. Mas, a biblioteca escolar [...] é um ambiente extremamente ativo, [...] dá inúmeras possibilidades para o profissional bibliotecário atuar [...]. Se a escola te dá [...] liberdade, [...] e você ser [...] proativo, [...], basta o profissional [...] ter criatividade, querer realmente [...] atuar. É uma experiência bem interessante.

ANEXO A –TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O/a senhor/a está sendo convidado/a para participar de uma pesquisa de mestrado intitulada “NOVA BIBLIOTECONOMIA NO PENSAR E AGIR DE BIBLIOTECÁRIOS ESCOLARES EM FLORIANÓPOLIS (SC): UMA ESCUTA”, que fará entrevista e aplicará questionário presencialmente, tendo como objetivo geral investigar se nas ações realizadas pelos bibliotecários escolares atuantes em Florianópolis, há indícios de alinhamento aos princípios da Nova Biblioteconomia, ou seja, se há um movimento que reflete em um novo pensar e fazer Biblioteconomia escolar, e específicos: a) Conhecer as ações de bibliotecários escolares de Florianópolis, relacionadas à sua comunidade; b) Identificar pressupostos da Nova Biblioteconomia no pensar e agir desses bibliotecários; c) Propor um produto sobre a temática investigada a partir de demandas expressas nos discursos dos bibliotecários participantes da pesquisa.

Serão previamente marcados a data e horário para a coleta de dados, composta por um roteiro de perguntas, para entrevista face a face, e de um questionário situacional que será respondido presencialmente, logo após a entrevista. Estas medidas serão realizadas na instituição onde atua o entrevistado, preferencialmente na biblioteca.

O/a senhor/a não terá despesas e nem será remunerado/a pela participação na pesquisa. Todas as despesas decorrentes de sua participação serão resarcidas. Em caso de danos, decorrentes da pesquisa será garantida indenização.

Os riscos para participar desta pesquisa serão mínimos, podendo ocorrer cansaço, estresse por falta de tempo do/a participante, irritabilidade por conta de barulho interno e externo do ambiente onde os dados serão coletados, e desconforto ao responder as perguntas. Para evitar estes riscos, para a coleta de dados serão marcados dia e horário de melhor conveniência do/a participante; se tentará ao máximo, a escolha de local silencioso para a coleta dos dados; e será lembrado ao/as participantes, de forma clara, que o/a mesmo/a não é obrigado/a a responder todas as perguntas de entrevista e do questionário, mas espera-se que o faça.

Durante a aplicação do questionário, a pesquisadora estará disponível para esclarecer quaisquer dúvidas que por ventura possam ocorrer. Os documentos da pesquisa serão mantidos guardados por cinco anos, pela pesquisadora em sua casa, em um arquivo digital dentro de um HD externo, junto à informação de confidencialidade do/a entrevistado/a. Decorridos os cinco anos, estes documentos serão devidamente descartados. Sua identidade será preservada, pois cada participante será identificado/a na pesquisa por um código composto por números e letras. O estudo não trará benefícios e vantagens imediatas ao/à participante. Entretanto, a médio e longo prazo poderá contribuir na sua reflexão e no seu fazer profissional junto à comunidade onde atua. Quanto à comunidade escolar, o compromisso da pesquisadora nesse mestrado profissional, ao propor um produto final, a partir da análise dos dados coletados, a médio e a longo prazo poderá trazer vantagens e benefícios à comunidade, despertando novos referenciais e olhares para a biblioteca escolar, e uma maior proximidade e compreensão da realidade do espaço escolar e a sua relação com a comunidade. Para a sociedade, o estudo contribuirá para o desenvolvimento de novos conhecimentos envolvendo a educação, a Biblioteconomia, a ciência da informação e áreas correlatas, numa perspectiva de melhorar a formação das pessoas das comunidades e da própria sociedade. A pessoa que estará acompanhando os procedimentos de coleta de dados será a pesquisadora estudante de mestrado Khaterim Pessoa Ferreira.

Ao final da pesquisa, os resultados serão divulgados aos participantes por e-mail, com convite para participar da banca de defesa, da dissertação na base pergamum da UDESC e com o envio e/ou convite para participar do produto final.

O/a senhor/a poderá se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento.

Solicitamos, ainda, a sua autorização para o uso dos dados coletados referentes à entrevista e ao questionário para a produção de artigos técnicos e científicos. A sua privacidade será mantida através da não-identificação do seu nome e da unidade escolar onde atua.

Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o participante da pesquisa.

NOME DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL PARA CONTATO: Khaterim Pessoa Ferreira

NÚMERO DO TELEFONE: (48)984962489

ENDEREÇO: Servidão Cisne Real, número 40, Ingleses do Rio Vermelho, Florianópolis – SC. 88058430.

ASSINATURA DA PESQUISADORA:

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEPSH/UDESC

Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi – Florianópolis – SC -88035-901

Fone/Fax: (48) 3664-8084 / (48) 3664-7881 - E-mail: cep.udesc@gmail.com

CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

SRTV 701, Via W 5 Norte – lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte - Brasília-DF -

70719-040

Fone: (61) 3315-5878/ 5879 – E-mail: [conepe@sauda.gov.br](mailto:conep@sauda.gov.br)

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos.

Eu comprehendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso

Assinatura _____

Local: _____

Data: ____ / ____ / ____

ANEXO B–CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES**CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES**

Permito que sejam realizadas () fotografia, () filmagem ou (X) gravação de minha pessoa para fins da pesquisa científica intitulada **“Nova Biblioteconomia no pensar e agir de bibliotecários escolares em Florianópolis (SC): uma escuta”**, e concordo que o material e informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados eventos científicos ou publicações científicas. Porém, a minha pessoa não deve ser identificada por nome ou rosto em qualquer uma das vias de publicação ou uso.

As () fotografias, () vídeos e (X) gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e, sob a guarda dos mesmos.

_____, ____ de _____ de _____
Local e Data

Nome do/a Participante da Pesquisa

Assinatura do/a Participante ou responsável